

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

CYNTHIA CRISTINA DE MORAIS MOTA

**AS LIÇÕES DE HISTÓRIA UNIVERSAL DA *BIBLIOTECA
HISTÓRICA* DE DIODORO DE SICÍLIA COMO PROCESSO
EDUCATIVO DA HUMANIDADE**

SÃO PAULO
DEZEMBRO 2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**AS LIÇÕES DE HISTÓRIA UNIVERSAL DA *BIBLIOTECA
HISTÓRICA* DE DIODORO DE SICÍLIA COMO PROCESSO
EDUCATIVO DA HUMANIDADE**

Cynthia Cristina de Moraes Mota

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História Social do
Departamento de História da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Doutora em
História.

Orientador: Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello

SÃO PAULO
DEZEMBRO 2008

AGRADECIMENTOS

Em 1977, algo aconteceu na vida de minha mãe que afetou minha vida para sempre. Depois de doze anos sem estudar, ela resolvera prestar vestibular para Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora. Esse acontecimento teve em sua vida um sabor especial de vitória, pois ela era a primeira filha de meu avô (pai de vinte filhos de dois casamentos) a entrar para a universidade. Ela sempre considerou isso uma vitória pessoal estrondosa e nunca cessou de se “vangloriar” de ter estudado em uma “universidade pública e federal”. Naquela época, nossa vida era difícil, ela me criava sozinha e era professora primária no estado de Minas Gerais. Ela sempre dizia que a coisa mais importante do mundo era ter uma “formação, um curso superior de qualidade”. Quantas vezes, diante das agruras de uma existência extremamente modesta, eu queria era poder ter condições parecidas com as de meus colegas, mas, uma vez mais ela dizia “os bens materiais vêm e vão, mas o estudo fica para sempre”. E assim foi. No meio do caos financeiro a que uma professora primária e mãe sozinha estava submetida, ela sempre buscou ótimas escolas para mim. Não importava o quanto tinha que correr atrás de pessoas ou contatos. Tive então, não roupas ou *status* de classe média, mas boas escolas. Foi assim que, em meio às nossas dificuldades cotidianas, comecei a amar os livros e os estudos de maneira indelével e para sempre. Sim, eu devo isso a minha mãe, guerreira, que sempre acreditou na escola pública e gratuita, e que foi professora durante trinta anos e nunca deixou de dizer isso a seus alunos também. Para quem saiu de um povoado em Minas chamado Japão Grande e chegou à universidade é, realmente, uma trajetória espantosa e que me dá orgulho. O que veio depois é fruto de sua dedicação e amor para comigo: ela me ensinou a não se contentar com pouco (não em termos materiais): por isso me lembro com carinho de quando passei no vestibular na UFMG e de como nós comemoramos, no mestrado, também na UFMG, mas que, infelizmente ela não pôde ver o final. E cá estou eu na USP, outro sonho quase infantil, mas que também se concretizou. Eu sei que ela teria enorme orgulho de ver onde cheguei. Na corrida de obstáculos para se ter uma boa formação escolar e acadêmica em nosso país de desigualdades gritantes, é um sonho ter podido

estudar História Antiga! Agradeço à minha mãe de todo o meu coração, por ter me ensinado o valor da *res publica*.

Agradeço ainda a CAPES e ao DAAD a oportunidade de ter ficado um ano e meio na Alemanha, ao professor Martin Hose da Ludwigs-Maximilians Universität por ter me recebido. Pude freqüentar bibliotecas maravilhosas e conhecer lugares e outros modos de vida que muito contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal. Meus professores têm também um lugar especial na minha vida: José Antônio Dabdab Trabulsi e Jacyntho Lins Brandão, que foram minhas primeiras portas para a Grécia antiga, para o rigor acadêmico, para o desejo de buscar sempre a excelência acadêmica. Minha querida professora Maria Efigênia Lage de Resende, que sempre me incentivou a pesquisar e a superar as dificuldades: uma mestra e amiga. Para meu orientador Norberto, muito mais do que simples agradecimentos: além de admirá-lo profundamente por sua inteligência, brilhantismo e rigor acadêmicos, descobri nele um ser humano de primeiríssima grandeza, capaz de “me aceitar duas vezes”, de compreender minhas fraquezas ao longo dessa caminhada (que, aliás, foram muitas), de me levar para cima quando eu estava para baixo, de me acalmar com seu tom de voz suave quando eu era toda agitação. Em suma, uma pessoa maravilhosa daquelas que desejamos que permaneçam para sempre em nossas vidas. Agradeço ainda de maneira especial e carinhosa ao professor Marcelo Cândido, “colega” da UFMG, que me apoiou também nessa caminhada dentro e fora da vida acadêmica. Suas contribuições para minha tese foram valiosas.

Não poderia deixar de agradecer à USP, local que sempre “namorei” desde minha graduação em Minas: pelas bibliotecas, pelos museus, pelos professores, pelos funcionários, pela diversidade de pessoas que aqui encontrei, pelo ambiente sempre agradável, por ser uma universidade que acolhe gente do Brasil todo.

E os amigos, o que dizer das pessoas que acompanham esse longo processo que para mim foi, na maior parte das vezes, angustiante? Beth, Maria Lúcia, Francisco, Fabiana, Alba, Soélis, Lúcio, Tiago, Evaldo, Eunice, Roberto, Humberto, Eustáquio (Taquinho), Lidiane (que me ouvia falar de Epaminondas com toda a emoção e também aprendeu a gostar dele tanto quanto eu), Marluce, Flávia, Moisés e Filipe: obrigada por tudo. E o Breno? Mais do que um médico, foi um amigo que me ajudou a sair das “crises” dizendo inúmeras vezes que eu iria conseguir. Minhas “sete

irmãs” que estão na minha vida desde sempre: Carminha, Cida, Zara, Bel, Gorete, Cláudia e Telminha. Meus muitos “sobrinhos”, que agradecerei nas pessoas de Raquel e Eugênio, como amo vocês! Meu tio-pai Osmani que criou minha mãe e a mim mesma: que privilégio tê-lo em minha vida! Que orgulho o senhor se orgulhar de mim! Minha tia-mãe Clarice sempre me acompanhou na minha trajetória de vida e tornou minha caminhada mais agradável. Obrigada milhões de vezes! Tia Zita, Toninho, Samuel e Júlia, pelo carinho de nossas férias junto da família, da acolhida amorosa e calorosa! Janaína, Juarez e Cibele, amo vocês! Sérgio, Magda, Anelise e tia Bel, uma família que ganhei de presente há vinte anos e que me deu amor e carinho ao longo desses anos. Para Ricardo, pai da minha filha, que se tornou um grande amigo e acreditou nos meus projetos, obrigada!

E minha filha adorada e amada Amanda? Essa tese é sua querida: você teve amor, paciência e compreensão ao longo de todos esses anos, mesmo sabendo que me “perdeu” muitas vezes, mas sempre soube que era o que eu queria e aceitou. Espero que escreva seu livro *Como sobreviver a uma mãe fazendo uma tese*, seria sensacional!

Meus alunos que acompanharam todo o processo de feitura desse trabalho: riram e choraram comigo e suportaram meus “brancos” inúmeras vezes. Gostaria de agradecê-los nas pessoas de Vivian e Nelson, pessoas brilhantes, seres humanos maravilhosos e com um futuro promissor. Amo todos vocês! À Faculdade Asa de Brumadinho, ao Cid e ao Breno e a todas as meninas da secretaria: realmente perdi a conta de quantas vezes me ajudaram (de todas as maneiras). À Sofia, pela revisão do meu trabalho, pelo desprendimento e o carinho com que tratou da minha tese e pela nossa agradável convivência de colegas. À Faculdade de Pedro Leopoldo, onde primeiro trabalhei como professora universitária, na pessoa de D. Zélia, que sempre compreendeu e incentivou a vida acadêmica com apoio emocional e material. Agradeço à instituição com muita gratidão por tudo que por mim fizeram.

Para Kika, Wolfie, Teofrasto, Kitty, os amigos felinos que foram comigo para todos os lugares no Brasil e na Alemanha, que estavam por perto na mesa do computador e em cima de livros e cadernos, que calma me transmitiram, que alegria tê-los sempre comigo!

Para Amanda, luz e guia da minha vida há quatorze anos, com
todo o amor do mundo.

Quando cito, extraio, mutilo, desenraizo. Há um objeto primeiro, colocado diante de mim, um texto que li, que leio; e o curso de minha leitura se interrompe numa frase. Volto atrás: releio. A frase relida torna-se fórmula autônoma dentro do texto. A releitura a desliga do que lhe é anterior e do que lhe é posterior. O fragmento escolhido converte-se ele mesmo em texto, não mais fragmentado de texto, membro de uma frase ou discurso, mas trecho escolhido, membro da frase ou do discurso, mas trecho escolhido, membro amputado; ainda não enxerto, mas já é órgão recortado e posto em reserva. Porque minha leitura não é monótona nem unificadora; ela faz explodir o texto, desmonta-o, dispersa-o. É por isso que, quando não sublinho alguma frase nem a transcrevo na minha caderneta, minha leitura já procede de um ato de citação que desagrega o texto e o destaca do contexto.

O trabalho da citação

Antoine Compagnon

SUMÁRIO

RESUMO	10
INTRODUÇÃO	13
PARTE I - DIODORO DE SICÍLIA: O HISTORIADOR REVISITADO.....	19
CAPÍTULO 1 - DIODORO E O MUNDO HELENÍSTICO.....	20
1.1. Diodoro de Sicília e sua <i>Biblioteca Histórica</i>	20
1.2. A <i>Quellerforschung</i> e os estudos sobre Diodoro	22
1.3. <i>Parádoxa</i> , <i>Tychē</i> e <i>Koinē História</i> : o modelo de história para Diodoro ..	27
1.4. O helenismo, os sábios pesquisadores de Alexandria e a <i>Biblioteca Histórica</i> de Diodoro de Sicília	37
PARTE II – A <i>OIKOUMÉNĒ</i> E SEUS HABITANTES: FONTE INESGOTÁVEL DE <i>PARÁDOXA</i>	51
CAPÍTULO I – O MARAVILHOSO PRESENTE NA <i>BIBLIOTECA HISTÓRICA</i> NOS RELATOS ANTERIORES À GUERRA DE TRÓIA	53
1 – A tradição etnográfica grega de descrever povos, costumes bárbaros e a geografia de lugares longínquos	53
A. A etnografia	53
B. A geografia	61
3 – O gênero paradoxográfico	65
4 – O processo civilizador da humanidade e o papel dos deuses e heróis	67
5 – Os monumentos excepcionais criados pelos homens e a vida dos sábios que a construiram	75
6 – Os animais	90
7 – Os povos bárbaros	102
7 – Fenômenos extraordinários	111
8 – Lugares imaginários: a Ilha de Jâmbulo	112

PARTE III – PARÁDOXA E TÝCHĒ NA BIBLIOTECA HISTÓRICA	121
CAPÍTULO I - O <i>PORTRAIT</i> MORAL E POLÍTICO DE GRANDES FIGURAS DA HISTÓRIA	123
1 – A guerra, forjadora de Grandes Homens: o papel de <i>parádoxa</i> (inesperado) e da Fortuna (<i>týchē</i>) na compreensão da história	123
2 – Modelos humanos na <i>Biblioteca Histórica</i>	130
Epaminondas e o destino de Tebas	130
Filipe da Macedônia e Alexandre Magno	142
A. Filipe	142
B. Alexandre	154
Intervenções da Fortuna e do Inesperado: a História, verdadeiro tribunal da Humanidade	176
CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
REFERÊNCIAS	199

RESUMO

Diodoro de Sicília historiador que viveu no século I antes da época comum escreveu uma obra intitulada *Biblioteca Histórica* constituída de quarenta volumes dos quais restaram integrais apenas dos livros I ao V (fragmentos dos livros VI ao X), e dos livros XI ao XX (fragmentos dos livros XXI ao XL). O autor escreveu em sua monumental obra a história universal desde os primórdios (incluindo história egípcia, história dos povos bárbaros, história grega e romana) até à sua própria época (última data citada por Diodoro diz respeito à colonização de Tauromênion, empreendida no reinado de Otávio [XVI, VII, 1]). Entretanto, Diodoro nunca foi considerado, nem em sua própria época, nem em épocas posteriores, um historiador original: sua obra foi considerada uma cópia incessante de outros autores. O centro da controvérsia nos tempos modernos (a partir do século XIX) foi a *Quellerforschung* (pesquisa das fontes) que intentou buscar no texto diodoriano autores perdidos (que ele cita explicitamente em sua *Biblioteca*) da época helenística como se o mesmo apenas os tivesse copiado. Essa pesquisa teve por objetivo resgatar a originalidade da *Biblioteca Histórica* buscando conferir a seu autor a *autoria* de seus escritos. Longe de ser um mero copista, Diodoro é um historiador-educador que busca instruir seus leitores dando um caráter de *utilidade* no aprendizado de uma vida *correta* e *justa*. Pode-se dividir a *Biblioteca* em duas partes: a primeira (livros I ao V), de cunho etnográfico-geográfico, narra como os homens foram capazes de caminhar rumo à vida civilizada (ou não, no caso dos bárbaros). A recorrência dos termos *parádoxa* e *thaumázein* significando espanto, admiração e maravilhamento mostram como a humanidade foi capaz de superar as dificuldades de uma existência difícil e hostil tornando-se capaz de viver em sociedade. A segunda parte (livros XI ao XX) da *Biblioteca*, Diodoro dedica-se a narrar a história do mundo (especialmente a da Grécia) mostrando o exemplo dos grandes homens, sobretudo nos campos de batalha. *Parádoxa* deixa de significar maravilha ou espanto e, aliada à Fortuna (*týchē*), ganha o sentido de “contrário a toda expectativa”. Assim, Diodoro mostra que a Divina Providência (*theia pronoía*) interfere nos assuntos humanos e cabe ao historiador mostrar como os grandes homens se comportaram diante dos sucessos

ou revezes da existência. O caráter moralizante da *Biblioteca* confere à história papel dos mais importantes, pois cabe a ela mostrar quem merece figurar na glória ou no opróbrio na perenidade que somente ela, a História, confere. Diodoro comporta-se como um juiz que mostra quem errou ou quem acertou em seus atos não somente narrando os fatos, mas incitando seu leitor a um comportamento *virtuoso* e a uma *aretē* moral.

Palavras-chave: Grécia antiga; Período helenístico; historiografia antiga; Diodoro de Sicília.

ABSTRACT

Diodorus Siculus a historian that lived in the first century before the Common Era wrote a work entitled *Library of History* constituted of forty volumes from which remained intact only the books I through V (fragments of the books VI through X), and from the books XI through XX (fragments of the books XXI through XL). The author wrote in this monumental work of universal history since the primordial times (including egyptian history, barbaric peoples history, greek and roman history) through his own (last date mentioned by Diodorus concerns the Tauromenion colonization that took place during the reign of Octavian [XVI, VII, 1]). However, Diodorus has never been considered, not even on his own time, nor in the eras after that, an original historian: His writings were considered an inexorable copy of others authors. The focus of this controversy in modern times (starting in the XIX century) was the *Quelleforschung* (sources research) that intended to search on the diodorian texts for lost authors (that he explicitly quotes in his *Library*) from the Hellenistic era as if they were solely copied. This research had for objective to reclaim the originality of the *Library of History* seeking to confer to its author the authorship of his writings. Far from being a mere copyist, Diodorus is a historian-educator that seeks to instruct his readers giving a *utility* character in the learning of a *correct and just* life. The *Library* can be divided in two parts: the first one (books I to V), of ethnographic-geographical connotation, narrates how humankind was able to walk towards civilization (or not, in the case of the barbarians). The recurrent terms *parádoxa* and *thaumázein* meaning amazement, admiration and marvelous-ment, show how

humanity was capable of overcoming the difficulties of a hostile existence and becoming apt to live in society. The second part (books XI to XX) of the *Library*, Diodorus dedicates into narrating the history of the world (specially Greece), by setting the example of great men, especially in the battle field. *Parádoxa* does not signify marvelous or amazed and, allied to Fortune (*týchē*), it gains the meaning of “contrary to all expectations”. Hence, Diodorus shows that the Divine Providence (*theia pronoía*) interfere in human business and its up to the historian demonstrate how the great men behaved facing the success and failures of existence. The moralizing character from the *Library* attributes to history an extremely important role, for it is up to it demonstrate who deserves to figurate in glory or abasement through the perennially that only history can confer. Diodorus behaves as a judge that points out those who, in their acts, have succeeded and made mistakes, not only narrating the facts, but incentivizing his reader to a *virtuous* behavior and to a moral *aretē*.

Keywords: Ancient Greece; Hellenistic period; Historiography; Diodorus of Sicily.

INTRODUÇÃO

Diodoro de Sicília, o historiador *mal-amado*. Assim François Chamoux denominou o autor de uma obra monumental, composta originalmente por quarenta volumes, que abordava a história da humanidade em sua totalidade e que, em grande parte, se perdeu. Essa expressão resume bem a imagem da recepção da obra diodoriana ao longo do tempo. Por que essa marca tão pejorativa? Diodoro é considerado, desde que Plínio chamou sua obra de mera “estante da história”, como alguém sem qualquer originalidade, que apenas citou outros autores em um processo de “recortar e colar” de *outros* “melhores” do que ele. Por trás desse desprezo, talvez se encontre certo desalento por parte, principalmente, da historiografia do século XIX, da imensa perda de quase toda a produção historiográfica do período helenístico. O mais estranho em toda a discussão capitaneada por grandes e eruditos historiadores modernos é que, como Diodoro citou nominalmente os autores com os quais trabalhou, pensou-se, na realidade, que ele apenas os copiara.

Nos *Fragments dos Historiadores Gregos*, veremos uma série de autores antigos recortados da *Biblioteca Histórica* como Ctésias de Cnido, Agatárquides, Éforo, Teopompo, Timeu e uma infinidade que Diodoro citou explicitamente em seu trabalho, que lhe custou trinta anos de sua vida (é provável que tenha vivido cerca de sessenta anos; portanto, à sua *Biblioteca*, dedicou metade de sua vida). Como alguém que se dedica a um trabalho de tamanha envergadura pôde ser simplesmente um mero copista? Essa foi a primeira pergunta que fiz a mim mesma quando comecei esse trabalho. Mas Diodoro contribuiu para responder a algumas perguntas iniciais: seu próêmio é um manifesto de suas idéias acerca da história e do que ele acreditava ser o ofício do historiador. Extremamente didático, ele dá ao leitor a chave para a compreensão de seus objetivos (e de como ler a *Biblioteca*). Primeiramente, ele queria ser *compreendido e efetivamente lido*.¹ Para realizar uma obra de proporções tão gigantescas, elaborou um roteiro que, em grande parte, seguiu à risca. No que consistia? Essencialmente, ir a arquivos e bibliotecas para pesquisar, escolhendo com rigor quais autores utilizar. Na sua concepção, não bastava apenas reunir tais autores, mas, acima de tudo, interferir nas escolhas e no

¹ É uma grande ironia que não tenha sido compreendido, embora tenha sido efetivamente lido.

que efetivamente narrar. Como se preocupa com seu público, esforça-se em manter o senso da simetria, ou seja, procura não tratar dos assuntos de forma desequilibrada para que o leitor não perca de vista o tema em questão.²

Da leitura da *Biblioteca Histórica* depreendemos que ele de fato segue seu propósito inicial com muito êxito. Mas, no meio de um turbilhão de informações contidas em sua obra, como poderíamos compreender o conjunto da *Biblioteca Histórica*? Quais seriam seus objetivos e interesses como historiador? Formular tal pergunta e, principalmente, tentar respondê-la, mostra-se essencial, tendo em vista que a *Biblioteca Histórica* não foi ainda estudada em seu conjunto. É importante ressaltar que a *Biblioteca Histórica* não chegou até nós de maneira integral: restam completos os livros de I a V e de XI a XX (os livros de VI a X e de XXI a XL são fragmentários; a qualidade dos mesmos é variável). Os assuntos abordados por Diodoro são os mais variados, incluindo descrição de animais, plantas, fenômenos da natureza, mitologia dos gregos e de povos bárbaros, costumes de muitos povos e culturas diferentes; além de, é claro, história grega (em sua maioria) e, também, história romana (a partir do livro XX a história romana ocupa papel de destaque).³ O que realmente nos chama a atenção em Diodoro é a sua preocupação *educativa*. Todos os assuntos abordados, desde a descrição de uma serpente nos confins da África ou a narrativa da morte gloriosa do grande estrategista tebano Epaminondas, sempre contem uma *lição*. Suas descrições são plenas de moralismo, pois pretende influir no comportamento *individual* de seus leitores. Lens Tuero⁴ já havia notado “o caráter profundamente moralizante e pietista da *Biblioteca*”, embora o mesmo autor veja nesse moralismo algo necessariamente negativo. A questão é que a história diodoriana não é “neutra”: o autor toma partido em todos os momentos de sua narrativa, seja na primeira parte (antes da Guerra de Tróia) ou na segunda (a parte histórica, cronologicamente datada, depois da Guerra de Tróia). O moralismo de

² Não deixa de ser prazeroso e instigante ler uma obra em que o autor conversa com o leitor. Diodoro demonstra grande sensibilidade ao perceber o que realmente poderia ser motivo para uma reflexão para seu público. Como leitora de Diodoro, pude realmente *sentir* isso diversas e diversas vezes.

³ Nesse sentido, Diodoro não difere de seus antecessores. Os assuntos abordados pelos historiadores antigos abrigavam uma diversidade espantosa.

⁴ LENS TUERO. Introducción. p. 11.

Diodoro serve de instrumental teórico e prático para passar suas lições de história para seu público leitor.

Posto isto, como poderíamos encontrar uma chave interpretativa para compreender uma obra por si só tão monumental? O próprio Diodoro enceta sua obra situando-a em períodos cronológicos lineares e, na medida do possível, sincronicamente. Os fatos devem seguir um encadeamento temporal, mas também de idéias.⁵ A primeira parte contém relatos etnográficos e geográficos que mostram claramente sua opção pela história universal: narra sobre todos os povos conhecidos da “terra habitada” (*oikouménē*). A narrativa procura mostrar a “normalidade” e a “singularidade” dos povos que compõem o *mundo*.⁶ O relato é marcado pela diversidade de povos e costumes e a amplitude da *oikouménē* e de como os homens procuraram resolver seus problemas diante de tantas paisagens distintas e muitas vezes, aterradoras, o que poderia ter tornado impossível que a vida humana florescesse. *Thaumázein* e *parádoxa* são, a meu ver, os elementos chave que permitem compreender o foco da narrativa diodoriana: encontraremos as referidas palavras com frequência para abordar relatos etnográficos (sessenta e três vezes),⁷ maravilhas geográficas (vinte e nove vezes),⁸ fenômenos da natureza (quarenta e nove vezes)⁹, monumentos (dezenove vezes)¹⁰, animais (vinte e cinco vezes)¹¹. Já a segunda parte possui um novo direcionamento na abordagem; praticamente

⁵ Poucas vezes Diodoro não segue a cronologia. Somente quando sente que algo é importante demais, sua ansiedade não permite narrar no devido tempo. Mas ele mesmo arremata: “no devido tempo retomaremos essa narrativa”.

⁶ Obviamente do ponto de vista grego.

⁷ Narrativas de costumes egípcios, de povos bárbaros: etíopes (tanto os da “Líbia” [África] quanto os da Península Arábica) e celtas (no sentido amplo do termo: tanto os das Ilhas Britânicas, quanto da França e da Península Ibérica) [ele mesmo utiliza a palavra *barbaroi*], indianos, uma grande infinidade de povos do norte da Europa (como os hiperbóreos), citas e povos do antigo império aquemênida.

⁸ Descrição de lugares no mundo bárbaro (tal como na nota acima referida), a Península Itálica (local da *gesta* de Hércules, incluindo a beleza de Agírión, terra natal de Diodoro), paisagens do antigo império aquemênida e, também, da Grécia.

⁹ Descrição de chuvas monumentais e assustadoras, terremotos, fenômenos climáticos (sol escaldante ou ainda, temperaturas baixíssimas) e ainda, a existência de um gêiser na Sicília.

¹⁰ Monumentos descritos, sobretudo no Egito, mas inclui também templos maravilhosos na Grécia.

¹¹ A maioria dos animais descritos encontra-se no Egito e na Líbia: as serpentes têm destaque especial, mas encontramos descrição de elefantes (tanto o africano quanto o indiano), hipopótamos, macacos, cachorros, hienas, crocodilos, gatos, mangustos.

desaparecem os relatos etnográficos e geográficos e Diodoro se concentra em narrar os acontecimentos históricos calcados, sobretudo, nas grandes figuras da história. *Parádoxa* aparece também de maneira significativa não com o sentido de *maravilhoso* ou *espantoso*, mas aliada à Fortuna (*týchēs*) e seu significado é, quase sempre “contrário a toda expectativa”: em números podemos perceber a importância que Diodoro dá à junção dessas duas palavras que, interligadas na narrativa, contém um significado todo especial: são cento e sessenta e três aparições na *Biblioteca*. Aliado ao fato de que Diodoro não professa a neutralidade, nosso autor procura mostrar algo que é caro à sua concepção histórica: a história é um tribunal, o historiador faz o papel de juiz e aponta seu dedo para os grandes com sentimento não somente inquisidor, mas, sobretudo, de alguém que faz *justiça*. Quem merece figurar na perenidade da história e, principalmente, na glória ou no opróbrio? Seu leitor jamais terá dúvidas de que lado ficar. Não há e não pode haver dúvidas em relação ao conteúdo que o *mestre* quer ensinar a seus alunos-leitores. Nesse sentido, a obra, além de ser um excelente *manual* igual aqueles que líamos quando crianças ou adolescentes e que nossos pais se esforçavam para que aprendêssemos algo de *útil*, é também fonte de aprendizado de história também. Por isso, percebemos também o quanto Diodoro se esforça em *elogiar* aqueles que, de alguma maneira, contribuíram com algo de *bom* ou *útil* para a humanidade: contamos sessenta e cinco referências seja a deuses ou a homens que nos tornaram *melhores*.¹²

Em suma, Diodoro foi um grande incompreendido. Sua obra foi “recortada e colada” da mesma maneira que o acusaram de fazê-lo. Se ele é lido não é devido à sua originalidade, ou por causa de sua escrita agradável (a ele também foi negado o título de bom escritor), por eventuais contribuições que tenha dado à historiografia, mas porque a produção historiográfica do século III se perdeu. Com isso, perdeu-se a oportunidade de compreender um historiador, que tendo produzido uma obra de fôlego, foi ignorado no interior da corrente historiográfica da Antiguidade, mas também usado como “trampolim” para compreender outros, esses sim, efetivamente perdidos. Por mais que possamos ter uma idéia de como escreveu Ctésias ou

¹² Além de elogiar os grandes, Diodoro elogia também atletas que ganharam jogos olímpicos, legisladores cuja contribuição com a criação de leis tornaram a vida em comunidade sem dissensões, ou ainda, pessoas abnegadas que realizaram algo sem esperar nada em troca (parece-me que o melhor exemplo de abnegação para Diodoro seja o herói grego Hércules “que não esperava salário pelos bens concedidos à humanidade”).

Agatárquides, os mesmos são o Ctésias e Agatárquides *de Diodoro*. Os “reais” não existem mais e cabe a nós, no presente, aceitar essa perda e enxergar em Diodoro sua própria escrita *do jeito que ele escreveu com seus méritos e deméritos*. Pretendi nesse trabalho exatamente isso: colocar Diodoro em seu devido lugar: um grego culto que viveu no século I da época comum, que realizou viagens de estudo, pesquisou em bibliotecas e arquivos, tinha um objetivo claro em mente e que, na medida do possível, procurou cumprir. Não podemos tirar isso de Diodoro, pois seria uma imensa desonestidade intelectual para alguém que sempre foi tão sincero e claro em suas escolhas pessoais.

Seria uma incompreensão do meu propósito considerar que, com esta idéia de uma história do mundo (*Weltgeschichte*), que de certo modo tem um fio condutor *a priori*, eu quisesse excluir a elaboração da história (*Historie*) propriamente dita, composta apenas empiricamente; isto é somente um pensamento do que uma cabeça filosófica (que, de resto, precisaria ser muito versada em história) poderia tentar ainda de outro ponto de vista. Além disso, o louvável cuidado com os detalhes com que se escreve a história de seu tempo deve levar cada um naturalmente à seguinte inquietação: como nossos descendentes longínquos irão arcar com o fardo da história que nós lhes deixaremos depois de alguns séculos. Sem dúvida eles avaliarão a história dos tempos mais antigos, do qual os documentos poderiam estar perdidos há muito, somente do ponto de vista daquilo que lhes interessa, ou seja, o que povos e governos fizeram de positivo e prejudicial de um ponto de vista cosmopolita. Prestar atenção nisto, bem como na ambição dos chefes de Estado e também na de seus servidores, para indicar-lhes o único meio em que sua lembrança gloriosa possa ser levada à mais distante posteridade, pode fornecer além disso mais um *pequeno* motivo para a tentativa de uma tal história filosófica.

Immanuel Kant. *Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita.*

PARTE I

DIODORO DE SICÍLIA: O HISTORIADOR REVISITADO

CAPÍTULO 1

DIODORO E O MUNDO HELENÍSTICO

1 DIODORO DE SICÍLIA E SUA *BIBLIOTECA HISTÓRICA*

Diodoro de Sicília nasceu em Agírión, na Sicília, a oeste do Etna (também conhecido como Diodoro de Agírión, conforme alguns autores),¹³ em torno do ano 90.¹⁴ Por intermédio de seus contatos com os romanos que habitavam a ilha, aprendeu a língua latina, o que facilitou suas pesquisas nos arquivos (I, IV, 4). Praticamente tudo o que sabemos sobre sua vida nos é relatado por ele mesmo na *Biblioteca Histórica (BH)*.¹⁵ Diodoro levou trinta anos para escrever sua obra, o que lhe custou muitas dificuldades (I, IV, 1). Farrington supõe que ele tenha sido um homem independente economicamente, já que podia dispor de tempo livre para pesquisas e viagens. Conheceu o Egito, onde permaneceu por quatro anos e pesquisou na mais importante biblioteca do mundo antigo: Alexandria.¹⁶

Diodoro se refere à sua estada no Egito em diferentes momentos da *BH*.¹⁷ Ele mesmo afirma que esteve naquele país na 180ª Olimpíada (60/56), no reinado de

¹³ Como SCHWARTZ. Diodoros von Agyrion. In: *Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*. O referido artigo foi publicado originalmente em 1903, mas foi reeditado em outra obra com outros artigos inicialmente escritos para a *RE* (assim a abreviarei a partir de agora). SCHWARTZ. *Griechische Geschichtsschreiber*. ALBRECHT. Diodor aus Agyrion. In: *Der kleine Pauly*. (DKP). SPOERRI. Diodorus Siculus von Agyrion (Sizilien). In: *Lexikon der Alten Welt*. (LAW). Números romanos nas citações de capítulos da *Biblioteca Histórica* se referem aos textos das Edições Budé; números arábicos aos da Edição da Loeb Classical.

¹⁴ Todas as datas citadas no presente trabalho são anteriores à época comum, salvo quando ditas explicitamente.

¹⁵ Nome dado por Plínio, O Velho, de forma bastante jocosa, procurando descaracterizar a importância de Diodoro como historiador: "Estante da história"; "Entre os gregos, foi Diodoro que deixou as extravagâncias de lado e intitulou sua história de *Biblioteca*". Citado por CANFORA. *A biblioteca desaparecida*. Histórias da Biblioteca de Alexandria, p. 61. Canfora, aliás, aceita a tese integral dos antigos ao retirar de Diodoro qualquer qualidade de historiador, colocando-o apenas como um copista servil. Mais adiante retomarei esta questão.

¹⁶ FARRINGTON. *Diodorus Siculus*. Universal historian. Swansea, 1937, p. 5 *apud* LENS-TUERO. Sobre la naturaleza histórica de la *Biblioteca Histórica* de Diodoro de Sicília, p. 33.

¹⁷ Como em III, XI, 3 e III, XXXVIII, 1.

Ptolomeu, o “novo Dioniso”, também conhecido com Auleta, “tocador de flauta”. (*BH*, I, XLIV, 1). Além disso, presenciou um episódio narrado no Livro I (LXXXIII, 8): a morte acidental de um gato provocada por um romano que fazia parte de uma embaixada no Egito. Segundo a narrativa, o homem acabou sendo linchado pela multidão, não obstante as interferências egípcia e romana. Na época, os egípcios estavam em delicadas negociações com Roma, quanto ao reconhecimento do referido rei, que havia subido ao trono no ano 80 e aguardava, há vinte anos, um pronunciamento do Senado. Procuravam, por isso, cortejar os romanos e evitar a ocorrência de qualquer tipo de conflito ou incidente diplomático. Graças aos esforços de Pompeu e César (que recompensaram o Senado por tal gesto), havia uma embaixada, no ano de 59, que precedera ao reconhecimento do reinado e fixara suas bases.¹⁸

A *Biblioteca* de Diodoro era constituída de 40 livros, cuja estrutura é explicada pelo próprio autor no próêmio (*BH*, I, I-VI): os seis primeiros tratam das narrativas míticas anteriores à Guerra de Tróia: os três primeiros são consagrados inteiramente aos povos não-gregos e os três últimos, quase que exclusivamente, aos gregos; os próximos onze livros tratam da história universal da Guerra de Tróia até a morte de Alexandre Magno, os vinte e três livros restantes narram os acontecimentos relativos à sucessão de Alexandre e à partilha do Império até a Guerra das Gálias, empreendida por Júlio César (I Consulado).¹⁹ A última data citada por Diodoro diz respeito à colonização de Tauromênion, empreendida no reinado de Otávio (XVI, VII, 1), podendo ser provavelmente datada em torno dos anos 36/21 antes da época comum.²⁰ Parte considerável da *Biblioteca Histórica*²¹ não chegou até nós. Restam, de forma integral, os livros I de a VI e de XI a XX, mas há fragmentos de quase todos os outros livros perdidos, conforme atesta a edição inglesa da *Loeb Classical*. Os fragmentos e excertos (excertos de Constantinopla, *Excerpta Hoescheliana* para os

¹⁸ BURTON. *Diodorus Siculus*. Book I. A commentary, p. 39.

¹⁹ SPOERRI. *LAW*, p. 739.

²⁰ O ano correto seria, provavelmente, 21 a.C. para ALBRECHT em *DKP*, v. 2, Dicta Catonis-Iuno, p. 41; mas 36 a.C. para MEISTER em *DNP*, v. 3, p. 592. Aliás, a questão das datações na *Biblioteca Histórica* também é motivo de controvérsias entre os estudiosos. Várias datas citadas por Diodoro estão incorretas.

²¹ Segundo uma tradição, uma cópia completa da *Biblioteca Histórica* foi destruída quando do saque de Constantinopla pelos turcos, em 1453. Ver HOWATSON (Dir.). *Dizionario delle letterature classiche*.

livros de XXI a XXVI e Fócio, a partir do volume XXXI)²² e toda a obra de Diodoro são motivos de controvérsia para o estabelecimento das fontes utilizadas por ele. A erudição alemã estuda a *Biblioteca Histórica* desde o século XIX e viu na obra nada mais do que uma incessante cópia de outros autores.

2 A QUELLERFORSCHUNG E OS ESTUDOS SOBRE DIODORO

O centro dessa controvérsia pode ser nomeado pela conhecida *Einquellentheorie*. Volquardsen mostrou o estado da questão dos estudos sobre Diodoro em sua tese de doutorado, publicada em 1868, citando os trabalhos de Niebuhr, Mommsen, Droysen e Nissen. A obra de Diodoro é nomeada, sem o menor pudor, de “ignorante”, “sem largueza de espírito” ou “dotada de pequena estatura”. Neste trabalho, ele foi relegado à categoria de “compilador”. Em seguida, Volquardsen começa sua pesquisa buscando descobrir quais fontes Diodoro utilizou para escrever a *Biblioteca Histórica*.²³ Os ataques da erudição alemã foram particularmente cruéis: poucas vezes (ou talvez nunca) um autor antigo foi tão desqualificado. Mommsen, retomando Willamowitz, decretou: “*ein so Miserabler Skribent!*”.²⁴ Tais preocupações com a busca incessante das fontes (*Quellerforschung*) retiraram de Diodoro qualquer mérito. Eduard Schwartz, no artigo da *RE*, decretou: “Diodoro, o compilador — de obra não se pode nomear este livro.”²⁵

Os eruditos modernos imaginaram que Diodoro só se informou de fontes de segunda mão. H. Leopoldi publicou, em 1848, sua tese de doutorado, *De Agatharchide Cnidio*, sustentando que Diodoro utilizara Heródoto, através de Éforo de Cumas, via Agatárquides de Cnido! Jacoby, em *Fragmente der griechischen Historiker*, incluiu longas passagens de Diodoro sob os nomes de Timeu, Calístenes,

²² MEISTER. *DNP*, v. 3, Cl-Epi.

²³ VOLQUARSDEN. *Untersuchungen über die Quellen der Griechischen und Sicilischen Geschichten bei Diodor, Buch XI bis XVI*, p. 1-2.

²⁴ Citado por CHAMOUX; BERTRAC. Notice. In: *Bibliothèque Historique*, v. I, p. XXI.

²⁵ “*Diodors Kompilation – ein Werk kann man das Buch nicht nennen.*” In: *RE*, v. 9, p. 663. Segundo Lens-Tuero, em seu artigo “Sobre la naturaleza de la *Biblioteca Histórica* de Diodoro de Sicília”, p. 43, n. 77, o artigo de Schwartz, na *RE*, representaria o ápice da *Quellenkritik* iniciada no século XIX na Alemanha. Em função do prestígio alcançado pela Pauly-Wissowa, seu artigo permaneceu praticamente inatacável durante longos anos.

Hecateu de Abdera e Posidônio.²⁶ Os pesquisadores acusaram-no de ser meramente um intermediário de suas fontes, de tê-las compreendido mal e, ainda, de tê-las encurtado. O veredicto, como sempre, é acusador: *dumm, aber consequent*.²⁷

A *Quellerforschung* foi, sem dúvida, bastante negativa para os estudos diodorianos, uma vez que de Diodoro foi retirada qualquer possibilidade de ser visto como um historiador ou dotado de espírito crítico. Paul Goukowsky,²⁸ em seu prefácio para a edição do Livro XVII pela *Collection des Universités de France* — que narra a história de Alexandre Magno —, diz que a *Quellerforschung* provocou uma verdadeira aberração, no sentido de que, na busca incessante das fontes de Diodoro, lhe retirou qualquer possibilidade de dispor das mesmas e adaptá-las conforme seus desejos de escritor e historiador. Goukowsky vai ainda mais longe em suas críticas à *Quellerforschung*: segundo ele, mesmo um compilador imprime sua marca em sua obra. Assim, chama a atenção do leitor para as notas complementares à sua edição do Livro XVIII de Diodoro: “[as notas] ajudarão o leitor a formar uma *opinião* — porque é de uma opinião que se trata, e bastante subjetiva. Se existem, com efeito, pontos de contato inegáveis entre Diodoro e o resto da tradição, está-se longe desses encontros contínuos e sempre literais que se observam, por exemplo, entre o Livro XVII e a *História de Alexandre* de Quinto Cúrcio.” Dito em outras palavras, a *Biblioteca Histórica* não pode ser considerada apenas uma cópia mecânica e servil de uma infinidade de autores contemporâneos ou anteriores ao autor.

As edições recentes da obra de Diodoro pela Loeb e CUF mostram bem o estado da questão em relação à credibilidade do autor entre os estudiosos. Na contracapa da Loeb,²⁹ lê-se que Diodoro foi um “compilador acrítico, mas usou ótimas fontes e as reproduziu de modo sincero” e, por isso, pode-se ter acesso a autores como Éforo, Apolodoro, Agatárquides, Filisto e Timeu. Pode-se acompanhar através das edições Budé — publicadas ao longo dos últimos trinta anos —, a mudança de perspectiva em relação à Diodoro. No Livro XIX, editado em 1975, François Bizière afirma que Diodoro realizou um resumo dos outros autores, “sem imprimir a marca da reflexão pessoal”, e que levará em conta tal asserção para

²⁶ Ver anexo final onde cito os historiadores que Diodoro pesquisou para escrever sua *Biblioteca Histórica*.

²⁷ LAQUEUR. Diodorea. «estúpido, mas consequente».

²⁸ GOUKOWISKY. Introduction. In: *Bibliothèque Historique*.

²⁹ Editada entre os anos 1933/1967.

discutir os problemas apresentados no Livro XIX.³⁰ O Livro I da mesma coleção, editado em 1993 por Chamoux e Bertrac, já assimila a mudança de perspectiva da crítica em relação à Diodoro: os editores vêem nele “uma real independência de pensamento”, “um erudito consciencioso, laborioso e perseverante, que não objetivava mais do que ser útil”. Para eles, a obra também consegue traduzir a simpatia que, naturalmente, os autores usados possuíam pela grande aventura humana e a curiosidade que Diodoro compartilhava com seus contemporâneos cultivados; a *BH* possui ainda uma “riqueza documental e charme discreto”.³¹ A mesma linha seguem os editores do Livro II (Bernard Eck, 2003) e do Livro XIV (Martine Bonnet e Eric Bennet, 2002).

Em 1994, foi realizado na Universidade de Granada um importante colóquio sobre Diodoro e sua *Biblioteca Histórica*, posteriormente publicado em livro.³² Lens-Tuero ressalta que, quando do início das investigações sobre Diodoro, uma *nova ortodoxia* estava se firmando em meio aos estudiosos da obra diodoriana. Desde a década de 50 do século XX, estudos importantes foram publicados sobre a *BH*. O pioneiro da nova concepção foi J. Palm, com seu clássico *Ueber Sprache und Stil des Diodoros von Sizilien: Ein Beitrag zur Beleuchtung der Hellenistischen Prosa*, de 1955. Palm mostrou, através de uma minuciosa investigação do texto, que a *Biblioteca*, antes de ser uma mera cópia de outros autores, possuía uma construção interna, conferindo a Diodoro a confecção de uma concepção historiográfica própria. O texto diodoriano, segundo o autor, possui uma homogeneidade estilística que lhe garante uma escrita de próprio punho e não é uma simples cópia. Walter Spoerri se tornou, com sua tese de doutorado, publicada em 1959, uma das maiores autoridades em Diodoro de Sicília: *Spaeterhellenistische Berichte ueber Welt, Kultur und Goetter, Untersuchungen zu Diodor von Sizilien*. Spoerri mostra as influências do pensamento sincrético do período helenístico, comum aos homens cultos da época de Diodoro. O livro de Anne Burton, *Diodorus Siculus, Book I, A commentary*, publicado em 1972 (tese de doutorado defendida em Bristol no ano de 1968), reconhece originalidade no próêmio da *BH*, ainda que Diodoro tenha recebido influências da historiografia

³⁰ BIZIÈRE. Notice. In: *Bibliothèque Historique*, l. XIX. p. IX et seq.

³¹ CHAMOUX; BERTAC. Notice. In: *Bibliothèque Historique*, p. XXVII-LXXVI.

³² *Estudios sobre Diodoro de Sicília*, organizado por Jesús Lens-Tuero, publicado pela Universidade de Granada, em 1994.

helenística e de Políbio. Para a referida autora, as fontes utilizadas por Diodoro, para escrever o Livro I, não podem ser determinadas de maneira satisfatória, discordando ela, portanto, da *Quellerforschung* alemã.

Camajo Rojo e Jesús Lens-Tuero perguntam se seria possível a um historiador, ou mesmo a um mero compilador, ser totalmente desprovido de convicções internas próprias, a ponto de simplesmente copiar mecanicamente suas fontes, sem o mínimo de crítica. Vários estudiosos do texto diodoriano se questionam se tudo o que o autor escreveu foi, de fato, mera cópia de outros autores. Bigwood, em seu artigo sobre Diodoro e Ctésias, afirma que a questão sobre as fontes utilizadas pelo primeiro pode ser mais complexa do que alguns de fato admitiriam: "Poderia haver mais de Diodoro em Diodoro do que com frequência se supõe".³³ Raramente Diodoro foi visto como alguém que tenha contribuído com idéias próprias para sua obra, além de apenas ter "canibalizado" outros autores. François Chamoux vai ainda mais longe ao analisar a escrita da história universal: para ele, a compilação é o único meio de realizar uma tarefa monumental e de escrever algo de tamanha envergadura.³⁴

Portanto, a *nova ortodoxia* contempla o esforço de Diodoro não apenas como mero "copista", mas com um estatuto próprio de historiador. O resumo da questão é bem colocado por Klaus Meister.³⁵ Dentre os aspectos positivos encontrados em Diodoro, podemos destacar: ao contrário das críticas negativas empreendidas por Schwartz na *RE*, o fato de ter trabalhado durante trinta anos em sua obra não o colocaria certamente como um mero copista ou compilador mecânico, mas como um historiador consciencioso, que realizou um trabalho complexo e refinado. De seu trabalho, nos legou vasto conhecimento da historiografia helenística, que teria permanecido completamente obscura para a posteridade, não fosse o fato de Diodoro mencioná-la. Para assuntos centrais do período helenístico, como a história da Sicília, o período dos diádocos (os sucessores de Alexandre Magno) ou dos inícios da história romana, Diodoro continua sendo referência inquestionável.³⁶

³³ BIGWOOD. *Phoenix*. The Journal of the Classical Association of Canada, p. 207.

³⁴ CHAMOUX; BERTAC. Notice. In: *Bibliothèque Historique*, p. XXI.

³⁵ MEISTER. *Die griechische Geschichtsschreibung*, p. 180-181.

³⁶ Como atesta a obra clássica de Édouard Will, *Histoire politique du monde hellénistique*, publicada originalmente em 1966/67 e editada em formato de bolso, em 2002. Will realizou exaustivo trabalho de pesquisa de fontes e de bibliografia do período helenístico, e Diodoro ocupa papel dos mais importantes. *A Nouvelle Histoire de l'Antiquité*, da Éditions du Seuil,

Entretanto, falta ainda, aos estudos diodorianos, uma visão de conjunto da obra que permita compreendê-la *per se* e que leve em consideração os objetivos do autor no projeto que lhe tomou grande parte da existência. Como ressalta Sacks,³⁷ praticamente todos os estudos sobre a obra de Diodoro trataram explicitamente da identificação de suas fontes; ainda procura-se provar que não houve “plágio”, ou que sua inspiração foi “bem intencionada”. A moderna crítica ainda o utiliza para estudar pontos localizados da história greco-romana do período helenístico, porque, e este me parece o ponto fundamental, grande parte da historiografia do período não chegou até nós. Na realidade, a história desse período é a história do imenso naufrágio da literatura antiga: segundo Herman Bergston, “a tradição histórica do primeiro século após a morte de Alexandre é um vasto campo de ruínas. Das grandes obras históricas contemporâneas, nenhuma se conservou por inteiro.”³⁸ Tal drama, ou melhor, a tragédia da recepção dos textos antigos mostra os interesses que motivaram a sobrevivência de determinados autores e a completa desaparecimento de outros. Comporta, ainda, uma pergunta importante: quais interesses — sejam eles ideológicos, políticos, conjunturais ou mesmo o acaso — levaram a essa sobrevivência? Embora não se pretenda responder a essa questão diretamente, ela deve ser pensada como pano de fundo para se analisar o estado da questão dos estudos diodorianos, cuja obra, infelizmente, não conseguiu ainda (não obstante a

destaca a importância capital de Diodoro para a compreensão não somente do período helenístico, mas de toda a história grega.

³⁷ SACKS. *Diodorus Siculus and the first century*, p. 9-10. Enumero aqui as principais obras sobre Diodoro de Sicília: Christian August Volquardsen. *Untersuchungen über die Quellen der griechischen und sicilischen Geschichten bei Diodor, Buch XI bis XVI*, 1868; L. O. Bröker. *Untersuchungen über Diodor*, 1879; Eduard Schwartz. *Diodorus von Agyrion*. In: *Real-Encyclopädie*, 1903; M. Kunz. *Zur Beurteilung der Prooemien in Diodorus historischer Bibliothek*, 1935; J. Palm. *Über Sprache und Stil des Diodoros von Sizilien*, 1955; G. Perl. *Kritische Untersuchungen zu D. von Sizilien römischer Jahrzahlung*, 1957; Walter Spoerri. *Späthellenistische Berichte über Welt, Kultur und Götter. Untersuchung zu Diodor von Sizilien*, 1959; Klaus Meister. *Die sizilische Geschichte bei Diodor von den Anfängen bis zum Tod des Agatokles. Quellforschung zu Buch IV-XXI*, 1967; Anne Burton. *Diodorus Siculus. Book I. A commentary*, 1972; E. Galvano und C. Molè Ventura. *Mito Storia Tradizione. Diodoro Siculo e la storiografia classica*, 1984; Richard Laqueur. *Diodors Geschichtswerk: die Überlieferung von Buch I-IV*, 1992; Gerhard Wirth. *Diodor und das Ende des Hellenismus*, 1993; Jésus Lens-Tuero. *Estudios sobre Diodoro de Sicilia*, 1997; P. J. Stylianou. *A Historical commentary on Diodorus Siculus. Book 15*, 1998; Luciano Canfora. *A biblioteca desaparecida*, 2000.

³⁸ CABANES. *Le monde hellénistique. De la mort d'Alexandre à la paix d'Apamée*, p. 177.

nova ortodoxia) descolar-se do enorme peso da *Quellerforschung*, dificultando, assim, uma visão realista dos méritos e deméritos da *Biblioteca Histórica*.

3 PARÁDOXA, TÝCHĒ E KOINĒ HISTORÍA: O MODELO DE HISTÓRIA PARA DIODORO

Ao se propor escrever uma história de proporções monumentais, Diodoro tem um plano que segue à risca para não se perder no meio de uma tarefa que consumiu metade de sua existência. A coerência criada visa dar um sentido para a leitura de sua obra, de forma que nada seja antecipado antes do momento que julga adequado narrar. Sua preocupação com a simetria da narrativa visa não cansar seu leitor com informações que julga desnecessárias (*tês symmetrias*, *BH*, I, VIII, 9), sem, contudo, exaurir o estado da questão.

Nosso autor não é um viajante (embora tenha feito viagens), no sentido herodotiano do termo, que procura confirmar aquilo de que ouviu falar. É, acima de tudo, um erudito de gabinete que viaja para conhecer livros, bibliotecas e arquivos.³⁹ Esses homens de estudo (*philomathês*) se dedicavam, na biblioteca, a realizar uma nova representação de um mundo (*diágramma*) sensivelmente alargado pelas conquistas de Alexandre Magno. A proposta que fez a si mesmo implicava construir uma narrativa enxuta, mas que possibilitasse a um público cultivado manter-se informado sobre os acontecimentos que, à sua própria época, corriam com uma velocidade espantosa. Não bastava apenas juntar todos os acontecimentos em uma grande obra: era necessário também conduzir o leitor pelo

³⁹ Neste sentido, a crítica alemã tradicional a Diodoro se torna inócua, tendo em vista que ele mesmo não pretendeu viajar para ver *in loco* os acontecimentos. Ele afirma claramente no próêmio seu desejo de pesquisar em outros autores os acontecimentos do passado, comparando os diversos métodos utilizados por cada um, a fim de poder escolher sua própria maneira de trabalhar. Tornar-se-ia impossível escrever uma história universal sem ter se apoiado em outros autores e na tradição. É possível, ainda, recuperar grande parte dos autores pesquisados por Diodoro, uma vez que ele os cita claramente. Portanto, não pretende se “apropriar” de maneira “indevida” de suas fontes. Antes de pretender escrever uma história absolutamente original, seu interesse maior é o de trabalhar com os autores que o precederam de maneira que os mesmos se encaixassem em seu projeto inicial tão bem explicitado no próêmio. Ironicamente, Diodoro temia ser vítima de futuras cópias que viessem a mutilar seu trabalho, pois muitos compilam livros dos quais não são os autores. (*BH*, I, V, 2.) Ver também HARTOG. *Mémoire d’Ulysse. Récits sur la frontière en Grèce ancienne*, p. 114 *et seq.*

caminho seguro da explicação de um erudito que não pretendia tornar sua narrativa demasiadamente difícil. Os fatos não acontecem de maneira aleatória e necessitam de uma explicação clara que não confunda o leitor no emaranhado de acontecimentos aparentemente sem sentido. O tom do prólogo mostra que importância tem a História para os negócios humanos, como “benfeitora do gênero humano inteiro”. (*BH*, I, II, 2). Além disso, ela é, ao mesmo tempo, “profetisa da verdade, metrópole de toda a filosofia, que exerce sobre o homem o progresso moral” (*Idem*), proporcionando aos leitores um vasto campo de experiência. A *BH* não é um manual de política no sentido tucidiano do termo, uma “aquisição para sempre”. A *BH* pressupunha um leitor heterogêneo, que tinha uma vivência urbana e de conforto, que era ávido e curioso por informações dos mais variados tipos e que, longe de ser erudito, prefere a comodidade da consulta a uma única obra em que possa encontrar todas as informações de que necessita. A tarefa de homens eruditos e de “biblioteca”, como Diodoro, é dar a esse leitor o que ele necessita, não sem antes instruí-lo de que aquilo que ele quer ler não precisa ser meramente uma diversão sem conseqüências, e, sobretudo, pode ser também um importante instrumento de formação moral.

Portanto, por demonstrar tão grande preocupação com a formação dos leitores e com o aproveitamento moral adquirido através da leitura da obra, percebe-se, ao longo da *BH*, a recorrência de várias palavras que, penso, acabaram por adquirir um sentido próprio conferido pelo autor. Considero três vocábulos que se tornaram conceitos capitais na sua busca incessante pelo “esclarecimento moral do mundo”: *parádoxa* (*thaumázein*), *tychē* e *koinē historía*. O fio condutor de sua obra requer, portanto, uma compreensão clara do que cada um desses termos significa para o autor. A leitura atenta do texto diodoriano ⁴⁰ mostrou que tais palavras permeiam toda a narrativa e contribuem decisivamente para a compreensão dos objetivos propostos pelo autor em seu prólogo.

Os vocábulos *thaumásios* e *thaumázein* possuem o significado de extraordinário, maravilhoso, admirável, excelente, estranho, absurdo, maravilhoso por natureza (Liddell/Scott/Jones, *Greek-English Lexicon*). E, ainda, segundo

⁴⁰ Vide anexo final, onde elenco todas as passagens onde as respectivas palavras aparecem na *BH*.

Chantraine: ⁴¹ “Maravilha, objeto de espanto, admiração, [...] significando também espanto, admiração.” É bastante conhecida a passagem da *Metafísica* de Aristóteles, quando este discute os inícios da filosofia:

Foi, com efeito, pela admiração (*tò thaumázein*) que os homens, assim hoje como no começo, foram levados a filosofar, sendo primeiro abalados pelas dificuldades mais óbvias. [...] Ora, quem duvida e se admira julga ignorar: por isso, também quem ama os mitos é de certa maneira, filósofo, porque o mito resulta do maravilhoso. (Aristóteles. *Metafísica*, II, 8.)

O sentimento do insólito presente no âmbito do maravilhoso não se restringe somente às ações fora do “ordinário”, mas abarca também o comportamento de quem se vê diante de acontecimentos que ora provocam “maravilhamento”, ora “contemplação”. Portanto, o *thaumázein* se encontra em dois planos: o do ator e o do espectador. ⁴² Aquilo que se encontra fora do “ordinário” nem sempre está ligado a um mundo sobrenatural ou do além: muitas vezes reflete aquilo que não pode ser expresso por palavras e gera uma incapacidade diante de uma situação que não se pode compreender. Como um fenômeno onipresente em quase todas as culturas, é possível perceber a presença do maravilhoso em todos os âmbitos do tecido social, tanto em contextos políticos quanto religiosos e culturais. De cunho claramente etnográfico nos seis primeiros livros, o texto diodoriano reflete, portanto, esse estranhamento diante do outro, que resulta no processo de maravilhamento que se traduz no aparecimento de *thaumázein* e seus derivados. Sua descrição dos costumes egípcios retoma Heródoto, mas acrescenta também dados desconhecidos pelo autor das *Histórias*. É o caso, por exemplo, do processo de mumificação que Diodoro descreve em I, XCI e XCII: “Se nos questionarmos sobre os costumes dos egípcios concernentes aos mortos, nos espantaremos (*thaumásai*) pela singularidade de suas práticas”. (I, XCI, 1) O Livro I comporta a descrição dos costumes egípcios, sua religião e ciência, história, além das influências egípcias na cultura e religião gregas. O relato é todo acompanhado de admiração pela sabedoria e inteligência que se reflete nas recorrências de

⁴¹ CHANTRAINE. *Dictionnaire étymologique de la langue grec*.

⁴² MESLIN. *Le merveilleux*. L’imaginaire et les croyances en Occident, p. 7.

thaumázein e de seus derivados.⁴³ Portanto, nos seis primeiros livros *thaumázein* e *paradóxos* possuem as características de “maravilhoso” e “espantoso” acima mencionadas. Os povos da *oikouménē* são descritos de maneira vívida, juntamente com seus costumes, hábitos de alimentação, descrição geográfica e cultos religiosos.

O gênero paradoxográfico floresceu na época helenística, em torno da Biblioteca de Alexandria. Teve como maior expoente o poeta e bibliotecário Calímaco (c. 310/243), sendo dedicado a relatos de feitos e fenômenos maravilhosos, com larga aceitação nesse período. Segundo Gómez Espelosín,⁴⁴ o fluxo de novidades que tomou conta do período só pode ser comparado, em termos históricos, à época Moderna, com os descobrimentos. Eram tantas as novidades, que as pessoas tinham dificuldades de assimilar as informações. Logo se promoveu uma sistematização do “maravilhoso”, através da produção de catálogos, contendo maravilhas que o público cultivado tinha ávido interesse em consumir. Praticamente, a tradição etnográfica grega de relatar costumes e hábitos de outros povos obriga Diodoro a abordar também o tema, mesmo que, às vezes, ele próprio se sintia incomodado em fazê-lo.

Infelizmente, pouco desse gênero sobreviveu; temos citações incluídas em outros autores, o que, na verdade, não é muita coisa. Contudo, os fragmentos nos permitem vislumbrar um pouco do que o gênero comportava, nas suas mais diversas possibilidades que, muitas vezes, tinha uma aura “científica”. Existia uma incerteza epistemológica que se refletia, por exemplo, em relação às obras de Aristóteles: nas escolas que professavam a teoria aristotélica, existiam cerca de 38 livros (século III), imensos catálogos assinados apenas como “Problemas”. A escola de Teofrasto produziu obras do gênero *thaumázion*, *parádoxon*, *atópon*, *perítton*, demonstrando que, mesmo quem não pretendia escrever sobre assuntos maravilhosos, acabava por se dobrar ao tema. Gómez Espelosín afirma que a superstição crescente e a larga influência de cultos orientais fizeram com que “uma

⁴³ Mais adiante retomarei a questão ao discutir sobre a visão de Diodoro sobre o Egito, embora essa visão não seja exceção na corrente de pensamento grego. Todos os eruditos e viajantes tinham uma opinião ou um comentário a fazer sobre o Egito, uma vez que o país constituía modelo de sabedoria para os gregos.

⁴⁴ GÓMEZ ESPELOSÍN. Introducción. In: *Paradoxógrafos griegos*. Rarezas e maravillas, p. 9 et seq.

nova concepção do extraordinário, entendido agora como um sintoma mais do que um mistério insondável de uma natureza que aparecia regida por uma divindade em todas as suas manifestações”.⁴⁵

Mas Diodoro não utiliza somente *thaumázein* para descrever seu espanto e maravilhamento diante do mundo que descreve. Outra palavra recorrente é *paradoxos*. Segundo Chantraine,⁴⁶ “alguns empregos [do prefixo *pará*] que parecem divergentes se tornam claros se pensamos que, em francês, *à côté* exprime proximidade e a idéia de que as coisas não se passaram como deveria ser”. Logo, *paradoxos* possui o sentido de contrário ao esperado, incrível (Liddel/Scott/Jones. *A Greek-English Lexicon*). Todos os derivados de *paradoxos* implicam o conceito de extraordinário, objeto de admiração, estranho, maravilhoso e, ainda, um estilo literário, a paradoxografia ou narrativa de coisas extraordinárias. Percebe-se, também, a utilização de *paradoxos* conforme a explicação de Chantraine: não somente como maravilhoso ou incrível, mas “contrário ao esperado”, ou, como freqüentemente utiliza Diodoro, a partir do livro XI (sobre as narrativas após a tomada de Tróia, ou seja, os eventos que podem ser datados historicamente), “contra toda expectativa”. O termo vem, muitas vezes, acompanhado da palavra Fortuna (*týchē*) e de seus derivados, além de descrever comportamentos dos grandes homens em ocasiões decisivas, geralmente narrativas de batalhas. O autor não esconde sua identificação com determinados personagens históricos e emite opiniões, favoráveis ou desfavoráveis, como em sua narrativa sobre Ptolomeu I.

A imagem do primeiro faraó lágida é pintada de maneira extremamente favorável. Apesar das diversas tentativas por parte de seus inimigos de eliminá-lo, os “deuses, que estavam a seu lado, o salvaram miraculosamente (*paradoxos*) dos mais graves perigos, em razão de seu valor e de sua amabilidade para com seus amigos”. (*BH*, XVIII, XXVIII, 6). Após a morte de Alexandre em 323, seus generais iniciaram uma luta fratricida pelo legado do Conquistador. O irmão de Alexandre, Filipe Arrideu, embora estivesse sem condições de assumir o trono (por problemas de saúde, ele era considerado incapaz), se torna o regente do império até que

⁴⁵ GÓMEZ ESPELOSÍN. Introducción. In: *Paradoxógrafos griegos*. Rarezas e maravillas, p. 24.

⁴⁶ CHANTRAINE. *Dictionnaire étymologique de la langue grec*.

nascesse o filho de Alexandre com a princesa persa Roxane. O restante do império foi dividido em satrapias (com exceção do Egito). Os persas, que Alexandre pretendia integrar ao império, foram sumariamente descartados, e os macedônios dividiram o poder, cabendo o Egito a Ptolomeu,⁴⁷ a Trácia a Lisímaco, a Europa a Antípatros (que já a assumira na prática desde que Alexandre partira em conquista da Ásia), ficando Pérdicas como quiliarco⁴⁸ da Ásia. O único grego entre os diádocos era Eumeno de Cárdia que ficou com a Capadócia e a Panfígônia. (BH, XVIII, XIX.) O destino de Eumeno é narrado por Diodoro nos Livros XVIII e XIX com toda a dramaticidade de uma vida repleta de reviravoltas da Fortuna. As palavras *paradoxos*, *thaumázein* e *týchē* aparecem abundantemente, entremeando a narrativa, seja com o sentido de “maravilhoso”, “miraculoso” ou ainda “contrário a toda expectativa”. A confusão instalada nos domínios macedônios é explicada pela intervenção da Divina Providência, que faz com que determinados personagens sejam salvos ou mortos em batalhas sangrentas. O caso de Eumeno parece-me exemplar. Como único não-macedônico entre os diádocos, Diodoro mostra a fragilidade a que estava submetido.⁴⁹

Eumeno era dotado das mais altas qualidades físicas e intelectuais e, embora fosse de origem humilde, chamou a atenção de Filipe II, quando esteve em sua cidade, Cárdia, e o tomou sob sua proteção, nomeando-o secretário (*grammateús*). Tornou-se amigo de Alexandre e o Conquistador procurou inseri-lo no círculo da Assembléia macedônica, mas nunca, de fato, foi considerado como um deles. Quando da morte de Alexandre, apenas Pérdicas, dentre os generais, ficou do seu lado. Ainda assim, na primeira partilha efetuada pelos diádocos, só conseguiu ocupar os territórios recebidos após serem devidamente “tratados” por Pérdicas (BH, XVIII, XVI, 3) com uma violência inaudita. Tais arranjos efetuados no calor das disputas não podiam funcionar de maneira longa e satisfatória, uma vez que as ambições pessoais impediam qualquer tipo de estabilidade. Logo Pérdicas enviou

⁴⁷ Cleomenes de Náucratis, que ficara encarregado por Alexandre, no Egito, de providenciar os preparativos de fundação de Alexandria, simplesmente foi deixado de lado, e o Lágida assumiu seu lugar sem maiores problemas (no contexto das lutas fratricidas). Os Livros XVIII e XIX de Diodoro são dedicados a tais acontecimentos. Ver também o clássico de Édouard Will, *Histoire politique du monde hellénistique*. 323-30 av. J.-C.

⁴⁸ Segundo WILL. *Histoire politique du monde hellénistique* 330-30 av. J.-C., p. 21. v. I, tradução grega de um termo persa que significa “o primeiro após o rei”.

⁴⁹ Plutarco também escreveu uma *vita* de Eumeno, mas não a abordarei aqui.

Eumeno para impedir a passagem de Cratero e Antípatros para a Ásia, mandando com ele seus próprios irmãos, Alcetas e Neoptólemo. Um complô foi realizado por Neoptólemo, que tinha inveja (*phthonésa*) de Eumeno. Após sangrentos combates, Eumeno mata Cratero e Neoptólemo, eliminando, de uma só vez, dois grandes inimigos, momento em que alcançou grande glória (*megáles dóxes*, *BH*, XVIII, XXXX), embora Diodoro ressalte que tenha sido enganado pelos macedônios. Portanto, sua situação sempre fora difícil e implicava constantes movimentos de fuga e preocupações com sua segurança pessoal. Além disso, precisava de grandes quantidades de dinheiro para comprar soldados e torná-los favoráveis aos seus projetos. A morte de Pérdicas em luta contra Ptolomeu (este foi assassinado de maneira dramática pelas suas próprias tropas) complica a situação de Eumeno e um novo encontro entre os diádocos (sem sua presença) é realizado em Triparadisos, Alta Síria. Nova partilha é efetuada, e Eumeno é condenado à morte. O encarregado de executar a tarefa é Antígono Monoftalmo (*BH*, XVIII, XXXIX *et seq*), que recebe poderes inesperados e, antes de executar a tarefa, procura entrar em acordo com Eumeno e não obedecer a nenhuma ordem. (*BH*, XVIII, XLI, 4.) Entrementes, Eumeno reflete sobre sua própria condição, procurando buscar vantagens no presente, uma vez que a Fortuna (*tèn týchēn*) muda rápido. (*BH*, XVIII, XLI, 4.) Ele percebera que as variações em sua vida eram incessantes e procura estabelecer diálogo com Antípatros, o poderoso estrategista da Europa, ao mesmo tempo em que treina suas tropas e procura agir com seus soldados como igual.

Uma visão extraordinária (*parádoxon*), contudo, muda temporariamente a situação. Alexandre aparece vivo, vestido de seus atributos reais, dando ordens militares e administrativas, resolvendo todos os casos de interesse governamental. Solicitara, nessa visão, que se providenciasse a construção de um trono de ouro com recursos retirados do tesouro real e se depositassem ainda um cetro, uma coroa e outros atributos dignos da condição real. Ao amanhecer o dia, todos os seus generais deveriam queimar incenso em sua honra, próximos desse trono, recebendo ordens como se ainda estivesse vivo. Eumeno sentia que isso era extremamente importante para o estabelecimento da concórdia geral entre todos. Suas palavras encontraram eco na assembléia macedônica e foi providenciada a

construção de tão magnífico objeto que possibilitou a Eumeno deixar de ser *persona non grata* e tornar-se um dos mais importantes membros entre os sucessores. (BH, XVIII, LIX-LXII).

Com efeito, aquele que toma em consideração os altos e baixos da condição humana, não estaria estupefato diante do fluxo e refluxo da Fortuna (*tês týchēs*)? Quem se fiaria nas vantagens que se conhecem na prosperidade a ponto de conceber um orgulho abaixo da fraqueza da condição humana? Com efeito, era como se alguma divindade tivesse o comando e a vida alternasse o bem com o mal, e toda a eternidade. É porque o extraordinário (*parádoxon*) não produz mais do que acontecimentos inesperados (*anélpistōn*), desde que tudo que aconteça não seja inesperado (*parálogon*). É por isso que se pode, a justo título, dar um prêmio à História: relacionando os altos e os baixos e as mudanças que afetam as ações humanas; ela corrige a arrogância (*anomalía*) dos afortunados (*eutychoúnton*) deste mundo e o infortúnio (*atychían*) dos miseráveis. (BH, XVIII, LIX, 5-6.)

A construção do *portrait* de Eumeno e de outros importantes personagens históricos mostra que, antes de serem palavras aparentemente neutras, *parádoxon*, *thaumázein* e *týchē* são categorias próprias do pensamento de Diodoro que mostram o sentido que a história tem para ele. Seu desejo de escrever uma história universal, *koinē historía*, justifica o proveito moral e político que seus leitores poderão retirar de seus escritos. A História é, para Diodoro, *magistra vitae*, como se pode observar no longo discurso em que louva os proveitos de se aprendê-la:

[...] De fato, é belo (*kalòn*) poder utilizar a ignorância alheia como exemplo para corrigir-se, e, para o acaso variado da existência, não buscar os fatos, mas imitar os sucessos. Com efeito, todo mundo prefere, nas deliberações, os mais avançados em idade aos jovens, pela experiência que o tempo lhes transmite; ora, o ensinamento que provém da história costumam ultrapassar essa experiência, à medida que reconhecemos que ela se avanteja pela grande quantidade de fatos. Também por isso se julgaria que a aquisição da história é utilíssima para todas as circunstâncias da vida. Ela fornece, com efeito, aos jovens, a compreensão dos que envelheceram, e, para os velhos, multiplica a experiência adquirida; ela torna os indivíduos dignos de comandar e incita os comandantes, pela imortalidade da fama, a ocuparem-se dos mais belos trabalhos; além disso, torna os soldados mais dispostos, graças aos elogios posteriores a sua morte, a afrontar perigos pela pátria e desvia os perversos, graças às maldições eternas, da propensão para o mal. De uma perspectiva de conjunto, é graças à lembrança do bem que dela deriva que uns se esforçaram em se tornar fundadores de

idades, outros em introduzir leis que implicaram em segurança para a vida comunitária — e muitos ainda empenharam-se em descobrir conhecimentos e técnicas para o bem-estar do gênero humano. E se, a partir de tudo isso, se atinge uma felicidade completa, é à história que se devem atribuir as primícias do elogio como sua causa máxima. Com efeito, é preciso considerá-la tanto guardiã da virtude dos que são dignos de consideração, quanto testemunha dos vícios dos medíocres e benfeitora da comunidade do gênero humano. (*BH*, I, 4-5.)⁵⁰

O próêmio⁵¹ mostra claramente quais os objetivos de Diodoro ao encetar uma obra de proporções universais. Percorrendo a *BH*, percebe-se sempre o tom moralizante de suas palavras, lembrando aos leitores seus ensinamentos e a sua vontade de incitá-los a uma *aretē* moral.⁵² Diodoro pensa e descreve a realidade histórica em termos de juízos morais sobre indivíduos e povos. Seus comentários têm finalidade claramente didática e edificante.⁵³ A descrição que faz de indivíduos, de cidades ou de acontecimentos históricos reprova a “arrogância” e a “cupidez” dos homens, como no caso da Tirania dos Trinta em Atenas, após a Guerra do Peloponeso:

É por isso que cada um deve se defender de agir mal, e, sobretudo, aqueles que aspiram ao poder ou que se beneficiam de algum favor manifesto da Fortuna (*Týchē*); porque sua vida e seus feitos, expostos a todos os olhares, não lhes permitem dissimular sua própria cegueira. Assim, quem quer que ocupe alguma posição importante não deve esperar, caso cometa graves faltas, escapar indefinidamente das críticas; porque mesmo durante a vida, se ele se subtrai aos julgamentos severos, deve esperar voltar-se contra ele a verdade que, com franqueza, tornará públicas suas ações durante muito tempo tidas como secretas. (*BH*, XIV, I, 1-2.)

A Fortuna é também um elemento que dá ao relato coerência na explicação dos acontecimentos, uma vez que as ações (*práxeis*) dos homens estão sujeitas a bruscas mudanças. Encontramos numerosas passagens onde, “contra toda

⁵⁰ Essa tradução foi feita por Jacyntho Lins Brandão do livro de François Hartog, *A história de Homero a Santo Agostinho*.

⁵¹ O próêmio foi, provavelmente, escrito por Diodoro no final. É tido pelos estudiosos como um resumo dos pensamentos do autor acerca da história.

⁵² LENS-TUERO. Sobre la naturaleza de la *Biblioteca Histórica* de Diodoro de Sicília, p. 58.

⁵³ VIAL. Claude. Notice. In: *Bibliothèque Historique*, p. XVI.

expectativa" (*paradoxos/anelpístōs*), os acontecimentos ⁵⁴ mudam completamente de perspectiva. Cabe, portanto, ao historiador chamar a atenção do leitor para tais mudanças, dando a elas um enfoque dramatizante, a fim de suscitarem emoções que façam aprender com a história. A Fortuna (*týchē*) interfere nos negócios humanos em momentos dramáticos da narrativa. A História, para Diodoro, não pode ser neutra: o historiador tem por obrigação mostrar o que é certo e o que é errado, e como os grandes homens agem no triunfo e na adversidade. O inesperado mostra que mesmo eles estão sujeitos a reveses, e saber se comportar diante das situações da vida é prerrogativa de poucos. ⁵⁵ Por isso, a Fortuna aparece juntamente com *paradoxos*, uma vez que o inesperado, "contrário a toda expectativa", é, muitas vezes, acompanhado da Divina Providência (*Theías Pronoías*). Com efeito, Diodoro observa os astros e percebe a relação direta entre a multiplicidade da natureza humana e o lote que cada um recebe de acordo com seu destino (*BH*, I, I, 3). Aqueles que agem com bom senso na vitória saberão como se comportar na derrota. Assim, os *mytholegoúmena* funcionam também como *exempla* que contribuem para a articulação da narrativa, mostrando o caminho que a humanidade percorreu para chegar à vida civilizada. É impossível, para Diodoro, escrever separadamente os acontecimentos humanos, tendo em vista o parentesco da humanidade. Só é possível chegar a uma história que abarque e compreenda aquilo que o homem realizou, partindo daquilo que é o princípio de tudo: a criação do mundo. Nessa perspectiva, não é possível separar as coisas antigas, *tàs palaiás*, dos "acontecimentos históricos", a partir da queda de Tróia. Os deuses e os heróis exerceram papel significativo e

⁵⁴ Como em XVI, 75, 1-4, que descreve o cerco de Felipe II a Perinto: "contra toda a expectativa", *paradoxon*.

⁵⁵ Assim é a descrição vívida do comportamento de Alexandre Magno, após a vitória de Issos, em 333. As mulheres da família de Dario III foram capturadas juntamente com todos os bens e riquezas persas. A descrição de Diodoro da cena comporta quatro vezes a palavra "Fortuna" e duas vezes "infortúnio" (XVII, XXXV-XXXVI). "A mãe de Dario, sua mulher, suas duas jovens filhas e seu filho — uma criança! — incitaram particularmente a todas as pessoas presentes a derramarem lágrimas de compaixão. Quando se viu sob seus olhos o reverso da fortuna (*tês tychēs*) da qual elas eram vítimas assim como os grandes males que as aguardavam nesta situação imprevista (*anelpístos*), esse espetáculo inspirou piedade por esses infortunados (*hetuchyksi*)".(XVII, XXXVI, 2) O Conquistador se compadeceu delas e afastou as tropas que, por pouco, não as violentaram e mataram. Alexandre, portanto, segundo a visão de Diodoro, é o protótipo do homem prudente e sensato, possuidor de valores imortais como a clemência, eqüidade e sabedoria, sobretudo nos momentos prósperos. Sabe que a Fortuna é inconstante, o homem, fraco, e o destino, cruel.

capital na instrução da humanidade nos caminhos da civilização. Adepto da doutrina do filósofo grego Evêmero (final do século III), Diodoro acreditava que os deuses e heróis não eram mais do que seres humanos divinizados, e que, pelo respeito e admiração provocados nos homens comuns, acabaram por se tornar objeto de culto.⁵⁶ Dessa forma, é absolutamente natural que se proponha escrever sobre acontecimentos que a tradição guardou, embora não fosse possível precisar corretamente a data em que tais eventos teriam se dado.

O parentesco comum da humanidade justifica, portanto, a escrita de uma história universal: isso fica claro quando Diodoro inclui na sua história os mitos fundadores da humanidade, com ênfase na figura do herói civilizador grego, Hércules. O herói vai a todos os lugares onde habitam feras e livra a humanidade de suas desgraças. Assim, percorre todo o Ocidente europeu, chegando à Espanha, Itália e ilhas adjacentes.⁵⁷ Toda a *oikouménē* é incluída na *BH*: Egito, Pérsia, Etiópia, Arábia, Babilônia, Índia, incluindo a descrição de animais como o rinoceronte (e sua luta contra o elefante), a esfinge (babuíno), os cinocéfalos, os touros carnívoros e invencíveis, as hienas (que para Diodoro eram animais híbridos, metade cachorro e metade lobo). Na descrição incansável de acontecimentos extraordinários, envolvendo animais e homens, o autor da *BH* teme que o público não acredite em sua narrativa: “Que nos seja suficiente então ter dado esses exemplos daquilo que é estranho (*parádoxa*) nestes relatos históricos (*tàs historías*), pois eles podem parecer inacreditáveis”. (*BH*, II, XXX, 4.)

4 O HELENISMO, OS SÁBIOS PESQUISADORES DE ALEXANDRIA E A BIBLIOTECA HISTÓRICA DE DIODORO DE SICÍLIA

Embora haja consenso sobre a periodização política da história do período helenístico — delimitada pelos anos que se seguem da morte de Alexandre Magno à

⁵⁶ MESLIN. *Le merveilleux*. L’imaginaire et les croyances en Occident. CHAMOIX. Diodore de Sicile et la Lybie. *Quaderni di Archeologia della Lybia*, p. 57-65. GIOVANELLI-JOUANNA. La monographie consacrée à Héraclès dans le Livre IV de la *Bibliothèque Historique* de Diodore de Sicile: tradition et originalité. *Supplément au Bulletin de l’Association Guillaume Budé*, p. 83-109.

⁵⁷ Hércules visita, também, Agírión, cidade natal de Diodoro e lá estabelece culto a ele mesmo. *BH*, IV, 44.

batalha de Actium, no ano 30 —, o mesmo não se pode afirmar em relação aos aspectos sócio-culturais da época. Édouard Will, autor do clássico *Histoire politique du monde hellénistique*, considera que “a história política do mundo helenístico não se interrompe em 188/7. Ela não se interrompe também em 168/7, com a desapareção do reino Macedônico, nem com o fim das liberdades gregas, nem mesmo em 133 com o fim do reino de Pérgamo; somente a eliminação do império lágida lhe coloca um fim.”⁵⁸ Os gregos começaram a tomar consciência do poderio das legiões romanas após 190, quando os Cipiões passaram pela primeira vez na Ásia e Antíoco III é derrotado em Magnésia. O tão discutido alargamento do mundo da época provocado pela expansão macedônica não causou uma “homogeneização cultural” com predomínio dos gregos sobre as demais culturas, mas, antes, uma “mistura de etnias”, promovendo uma “coexistência” entre culturas diferentes.⁵⁹ Segundo Cabanes, o mundo helenizado, mesmo tendo se estendido de maneira extraordinária com Alexandre, não fez com que o conjunto de todos esses povos resultasse em um produto da fusão de todos os elementos reunidos.⁶⁰ A única unidade conseguida pelo mundo grego foi, de fato, cultural.

Ao otimismo do século V com a vitória sobre os persas, seguiu-se, com o término da Guerra do Peloponeso em 404 e com a capitulação de Atenas, a destruição das muralhas, o estabelecimento de uma guarnição espartana na cidade e a imposição do governo dos 30 Tiranos, uma mudança na configuração política da Grécia. O período de 404 a 355, data da ascensão de Filipe II da Macedônia, é nomeado por Pierre Lévêque de “50 anos de lutas fratricidas”.⁶¹ A derrota de Atenas implicou, ainda, na redução do corpo cívico a 3.000 cidadãos. Várias das principais cidades da Grécia se colocaram contra Esparta, como Atenas e Tebas, juntamente com seus aliados, o que redundou na Guerra de Corinto (394-395). A intervenção da Pérsia na figura do Grande Rei Artaxerxes II (404-359) proclamou os direitos persas sobre toda a Ásia Menor, além de ter ordenado a divisão da Grécia em confederações (Paz do Rei, 386). Para Lévêque,⁶² a referida paz era a

⁵⁸ WILL, Édouard *apud* CABANES. *Le monde hellénistique*. De la mort d’Alexandre à la paix d’Apamée, p. 231.

⁵⁹ Hans-Joachim Gehrke na edição de *Geschichte des Hellenismus*, p. X.

⁶⁰ CABANES. *Le monde hellénistique*. De la mort d’Alexandre à la paix d’Apamée, p. 68.

⁶¹ LÉVÊQUE. *L’aventure grecque*, p. 427.

⁶² LÉVÊQUE. *L’aventure grecque*, p. 429.

“vergonhosa antítese da Paz de Cálias, representava a segunda traição de Esparta à causa do helenismo: incapaz de lutar em duas frentes, ela preferiu se aliar ao Bárbaro, para melhor sujeitar à Grécia”; e mais ainda: “o monstruoso egoísmo da Lacedemônia, seu recurso somente à violência”, acabou por levá-lo também à ruína, visto ser sua constituição arcaica e imenso seu imobilismo social. A aliança com os persas iniciou uma nova discussão acerca da identidade grega, e a ameaça de perda da autonomia introduziu novas inquietações na Grécia continental. Ainda na Magna Grécia e na Sicília, a ascensão dos tiranos, a contínua contratação de mercenários (que desestabilizavam a organização política e cultural tradicional das *póleis*), a luta contra Cartago e, posteriormente, o confronto com os romanos, deram novo sentido à identidade dos gregos.

Convulsionados por todas estas crises, historiadores, filósofos, comentaristas políticos e artistas questionaram o papel das cidades gregas no contexto de um mundo que se alargava cada vez mais. Nunca fora discutida com tamanha intensidade a identidade da Grécia frente ao mundo bárbaro e em que medida os gregos ainda poderiam manter sua autonomia; existiria alguma cidade grega que ainda poderia exercer a hegemonia sobre a Grécia? A angustiada busca desta resposta levou a tentativas de sistematizações filosóficas, políticas e historiográficas, no intuito de compreender que papel a Hélade poderia ocupar nesse mundo que mudava tão velozmente. Para Vidal-Naquet, a idéia de história universal nasceu exatamente neste período, momento de intercâmbios em um mundo em rápida mutação.⁶³ A partir do século IV, nota-se uma mudança de perspectiva na relação entre gregos e bárbaros, criando-se uma definição menos política, fruto das mudanças internas vividas pelas *póleis*. Uma vez que no século V havia uma união da Hélade contra o “bárbaro”, agora se buscava pensar quem era o bárbaro no contexto de mudança e fragmentação política. Seriam, por exemplo, os macedônicos gregos ou “bárbaros”? As contradições internas em relação a Filipe da Macedônia mostraram o quão difícil era fazer essa síntese. Isócrates, o orador grego, viu na figura do rei e depois na de seu filho Alexandre um *hegémon* que pudesse unir finalmente as cidades gregas. Sem pudores, exortou Alexandre a

⁶³ VIDAL-NAQUET. Diodoro e o Velho de Creta, p. 152-153.

transformar os persas em “hilotas dos gregos”.⁶⁴ O historiador Éforo (c. 400/330) tinha também opinião semelhante à de Isócrates, de oposição instintiva em relação ao bárbaro. Sua história, ressaltada por Políbio e Diodoro (*BH*, XV, 1) como “universal”, concebeu uma narrativa que abrangisse o retorno dos heráclidas (invasão dórica) até o advento de Filipe II. Éforo defendia que a paz e a união entre os gregos, proporcionadas por Filipe, superavam a perda de autonomia. Isócrates e Éforo desconfiavam da democracia ateniense e jogaram suas esperanças em Filipe. As opiniões de ambos contribuíram para que houvesse a aceitação ou até mesmo a aceleração da dominação macedônica.⁶⁵ A busca incessante por um *hegémon*, no momento imediatamente anterior à ascensão de Filipe II, mostra as contradições em que se viam imbuídas as *póleis*. Diante dessa desunião, Isócrates buscou, na figura de Filipe II, o árbitro imparcial que poderia conciliar e unir os gregos. Na conquista da Ásia, o Argeada poderia se tornar “o benfeitor dos gregos, o rei dos macedônicos, o mestre dos bárbaros”.⁶⁶ No *Panegírico*, 50, ele já afirmara que os gregos, mais do que uma raça, eram uma civilização.⁶⁷ Essa maneira de lidar com a própria identidade passou por transformações ao longo da história grega. Nos anos que se seguiram à euforia da vitória sobre os persas, houve uma politização do *nómos*: a lei era o signo da “auto-instituição” política. Heródoto definiu a identidade grega no século V como “a unidade de todos os helenos pelo sangue e pela língua, e os templos dos deuses e os sacrifícios oferecidos em comum, e a semelhança de nossa maneira de viver”. (Heródoto, *Histórias*, VIII, 144.) Segundo Hartog,⁶⁸ as viagens de Heródoto não contribuíram, efetivamente, para a construção da sua representação do mundo, mas, antes, confirmavam e completavam aquilo que ele já pensava. Tucídides compara os antigos costumes da Grécia com o atual modo de vida dos bárbaros (Tucídides, I, I, 6). A insegurança e

⁶⁴ MOMIGLIANO. *Philippe de Macédoine*. Essai sur l'histoire grecque au quatrième siècle, p. 202-203. Não pretendo discutir o debate travado em Atenas antes da conquista macedônica. A posição de Demóstenes e Isócrates em relação à conquista macedônica é demasiado complexa para ser discutida e não cabe no escopo deste trabalho.

⁶⁵ Embora não tenha, evidentemente, proporcionado o silêncio dos “túmulos”. As cidades gregas continuaram a se revoltar durante a época de Felipe, Alexandre e após a morte do último.

⁶⁶ LÉVÊQUE. *L'aventure grecque*, p. 481.

⁶⁷ LÉVÊQUE. *L'aventure grecque*, p. 325.

⁶⁸ HARTOG. *Mémoire d'Ulysse*. Récits sur la frontière en Grèce ancienne. Utilizei para estas reflexões o capítulo III: Invention du barbare et inventaire du monde, p. 87-115.

os temores de uma nova época provocaram novas inquietações, como a nostalgia de seus antigos valores e o desenvolvimento de um certo individualismo, e sensações como o medo provocaram a modificação do estatuto da biografia. Se, antes, a etnografia se voltava para a compreensão dos próprios valores gregos diante do mundo (e sua superioridade diante dos demais povos ⁶⁹), com a instabilidade política cada vez maior modifica-se, também, o papel do “bárbaro”, o *outro* por excelência.

A iminência de outro confronto joga luz sobre qual papel caberia à Grécia exercer nesse momento crítico. Heródoto mostrara que os macedônios reivindicavam a pertença ao mundo grego desde a época das guerras pérsicas. (Heródoto, *Histórias*, V, 22.) Não isento de contradições, tal pertencimento ou os colocava a favor, ou contra os gregos. De fato, os reis macedônicos foram vassallos de Dario I e de seu filho Xerxes. Tais contradições dos macedônicos, ora apoiando os persas, ora demonstrando-se favoráveis aos gregos, foram destacadas por Momigliano ⁷⁰ em sua biografia de Filipe II. Segundo o autor, esse prestígio dos gregos junto aos macedônicos e a aparente contradição dos relatos herodotianos deveram-se ao prestígio conseguido pelos gregos nos campos de batalha. Isso fez com que houvesse interesse por parte dos macedônicos de proceder a uma “grecização” do país, mais no nível técnico que no espiritual: ou seja, como um instrumento de governo mais do que “uma renovação política e social incluída nas autonomias comunais e nos conflitos entre oligarcas e democratas”. ⁷¹ O programa principal de Alexandre Filo Heleno (495-450/440) era construir uma monarquia sólida e unitária que a colocasse em uma situação de vantagem face aos vizinhos próximos: Grécia, Tessália e Pérsia.

⁶⁹ Penso aqui em Aristóteles em sua obra *Política*: “Alguns alegam que a escravidão, na guerra, contém, em si, um elemento de direito, pelo simples fato de ser legal; mas nem sempre dizem isso, uma vez que é bem possível que, em primeiro lugar, a guerra seja injusta. Além disso, ninguém poderia usar a palavra escravo apropriadamente para quem fosse indigno de sê-lo. Se não encontraríamos, entre escravos e seus descendentes, até mesmo homens de berço nobre, caso um deles fosse capturado e vendido. Por esse motivo eles não empregam o termo escravo para pessoas, mas usam-no apenas para os bárbaros.” (*Política* I-23.)

⁷⁰ MOMIGLIANO. *Philippe de Macédoine*. Essai sur l’histoire grecque au quatrième siècle, p. 26-27.

⁷¹ MOMIGLIANO. *Philippe de Macédoine*. Essai sur l’histoire grecque au quatrième siècle, p. 27.

O interesse em determinados pontos da cultura grega em detrimento de outros reflete como a transmissão de valores culturais ocorre. A “herança” grega foi, desde o princípio de sua longa recepção, uma *escolha*. À longa tradição grega da etnografia seguiu-se, no período helenístico, um interesse mútuo dos gregos para com os povos com os quais mantiveram contato, sejam romanos, partos, babilônios, fenícios, celtas, judeus e egípcios (que se achavam sob o controle direto dos greco-macedônicos). O drama vivido pelos judeus, na revolta dos Macabeus, mostra os limites da helenização. A cultura grega foi vista como inimiga dos valores tradicionais judeus e como uma imposição violenta de costumes e religião estranhos à sua própria identidade. Havia, desde o século III, um helenismo romano, com largas influências da cultura grega, como bem mostra o clã Fabii,⁷² cujos membros exerceram papel de embaixadores e negociadores dos romanos no Oriente e foram *experts* em língua e cultura gregas. A helenização de gostos e valores afetou praticamente todos os setores da sociedade romana, mas dentro da idéia de equilíbrio e moderação para evitar uma guerra social entre Roma e seus aliados. O regime democrático, por exemplo, nunca foi adotado ou admirado pelos romanos, como Cícero mostrou:

Da mesma forma, sem falarmos da Grécia de hoje, há muito tempo abatida e arruinada por deliberações, a Grécia antiga, que brilhou com um vivo esplendor pelo seu poderio, pela amplitude da sua dominação e por sua glória, deveu sua ruína unicamente por um vício: a liberdade sem limites e a licença nas suas assembléias. Homens universalmente incompetentes, frustrados e ignorantes reuniam-se no anfiteatro; decidiam sobre guerras inúteis; conferiam o governo a sediciosos, baniam cidadãos que melhor haviam servido à sua pátria. [...] Nossas assembléias são muitas vezes perturbadas por homens desse feitio.⁷³

Assim, um determinado passado era assimilado pelos romanos, enquanto outros costumes eram severamente criticados; os gregos eram considerados indolentes ou

⁷² Foi descoberto em Taormina um catálogo de uma biblioteca pública no qual figura o nome de Fábio Pictor que escreveu em grego nos meios cultivados da Sicília, mostrando, também, uma influência “filoromana” sobre os gregos. No campo das influências culturais, é sempre preciso pensar em uma via de mão dupla. BONNET; BENNET. Notice. In: DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique*, L. XIV, p. XIII.

⁷³ CÍCERO. Para Flaccus *apud* ROULAND. *Roma, democracia impossível?* Os agentes do poder na urbe romana, p. 118-119.

“moles” pela aristocracia romana.⁷⁴ Os romanos se reconheceram filo helenos para melhor celebrar seus sucessos no campo militar e na dominação da *oikouménē*. Os gregos já não questionavam os sucessos romanos, mas apenas sua *hýbris* na condução dos povos dominados. A admiração de artistas e intelectuais gregos pelos romanos acabou por contribuir para que a sua dominação se impusesse no mundo helênico. Políbio louvou a sagacidade dos romanos e sua constituição política, a seu ver, grande responsável pelo seu sucesso avassalador. A influência grega, portanto, era já da época helenística, momento em que o sistema democrático grego não era mais modelo de boa vida e as *póleis* haviam perdido sua autonomia.

A nova forma de organização do poder estabelecida pelos monarcas helenísticos levou a novas aspirações religiosas e políticas. As guerras entre os monarcas helenísticos mostraram também, os limites do que significava realmente a “posse” de determinados reinos ou territórios. As populações locais sofriam com as batalhas intermináveis entre as diversas facções e a ameaça mercenária constante. Graças ao afluxo enorme de riquezas que permitiam a contratação de grandes contingentes de soldados, podia-se prescindir da colaboração direta das populações locais (pelo menos para fazer a guerra). Tais populações se viam completamente desprotegidas e à mercê de quem detinha o poder no momento e, portanto, tinham que agradar ao monarca do momento. Fenômeno típico do helenismo, o *evergetismo* (do grego *euergetéu*, fazer o bem, *euergetés*, benfazejo) está na raiz do culto monárquico. O poder monárquico provinha muito mais da posição de guerreiro e líder vitorioso do rei nas batalhas, que conseguia conquistar territórios “na ponta de sua lança”, que efetivamente da colaboração dessas populações. Paradoxalmente, o alargamento da *oikouménē*, sem precedentes na época helenística, muitas vezes não vinha acompanhado da assimilação dos povos indígenas. Muitas culturas se mostraram impermeáveis à cultura grega, mantendo seus costumes locais. A unidade conseguida pelo soberano era, portanto, muito

⁷⁴ ROULAND. *Roma, democracia impossível?* Os agentes do poder na urbe romana, p. 118. Rouland afirma também que, enquanto os gregos no século VI instauraram a democracia em Atenas, os romanos, quando confrontados com os mesmos problemas da *pólis* grega, fizeram uma revolução de direita com a criação da República. Paradoxal que os gregos também tenham considerado os bárbaros “indolentes” devido às suas riquezas. Aristóteles também não deixou passar em branco sua “teoria sobre o clima” na conformação dos povos. (Aristóteles. *Política*, 7.7, 1327b.)

frágil e suscetível de ser mudada de acordo com os resultados nos campos de batalha. O menor revés era estopim para que as culturas locais ressurgissem. O culto oficial ao soberano se desenvolvia juntamente com a fragilidade de funcionamento do sistema tradicional da *pólis* grega e da solidariedade das comunidades que dependiam, por isso, da benemerência de figuras importantes. Os atenienses instituíram novas tribos em homenagem a Antígono Monoftalmo e a seu filho Demétrio Poliocerta, no final do século IV, uma vez que se colocaram como protetores e libertadores da cidade. Longe de ter o apoio popular, os monarcas buscavam garantir seu poder acrescentando, através de hábil propaganda política, epicleses a seus nomes garantindo o engrandecimento da herança recebida de seus antepassados: assim vemos Demétrio, o Poliocerta, “o tomador de cidades”; Ptolomeu Sóter “o salvador”; Ptolomeu Filopátor “que ama seu pai”.

A monarquia lágida logo se aproveitou da instituição do culto real, uma vez que Ptolomeu I organizara, em Mênfis, pomposa cerimônia de transferência do corpo de Alexandre, construindo um mausoléu, onde o corpo foi solenemente mumificado, seguindo as tradições egípcias. O culto ao soberano defunto contribuía para que todos soubessem quem era, de fato, o legítimo herdeiro. Embora a primeira geração de herdeiros não se intitulasse “deuses”, lentamente se estabeleceu o culto soberano quando Ptolomeu II, Filadelfo, proclamou deus seu pai, defunto em 283, e divinizou sua irmã Arsinoé Filadelfa (que ama seu irmão): doravante, o rei e sua esposa defunta deveriam ser venerados como *theoi adelfoi*; Ptolomeu III, Ervegeta foi qualificado ainda em vida juntamente com sua esposa-irmã, *theoi euergetaí*. Já no império selêucida, embora os monarcas recebessem honras divinas de diversas cidades, não se proclamavam deuses em vida, contentando-se com a apoteose depois de mortos. Outro fator que contribuiu para o culto monárquico foi a doutrina evemerista que distinguia o culto dos deuses imortais (astros) dos terrestres (os do Olimpo), que, acreditava-se, eram antigos soberanos divinizados facilitando a passagem do rei para o estágio divino.⁷⁵

Pensar o helenismo é, portanto, pensar nos seus aspectos multiculturais e como as diversas culturas, inclusive a grega, lidaram com este alargamento da *oikouménē*. Segundo Gehrke, ainda é preciso se desprender da visão de um

⁷⁵ ROULAND. *Roma, democracia impossível?* Os agentes do poder na urbe romana, p. 55-56.

“Estado Central Absolutista” e compreender a época helenística como da existência de “Múltiplos Estados com populações distintas” (*Vielvölkerstaat*). Considerando tais Estados (selêucida, lágida, antigônida e também o romano) como organizações políticas que visavam, sobretudo, assegurar poder e permitir a administração nos seus diversos níveis — tanto local quanto no nível mais amplo de vastos territórios conquistados —, que papel representava as diversas populações indígenas com suas amplas diversidades lingüísticas, culturais e religiosas nessas relações de poder entre os diversos soberanos e reinos? Como a compreensão de alargamento da *oikouménē* afetou tais populações e como reagiram diante desses encontros? Como os gregos lidavam com estas transformações, uma vez que a configuração geopolítica já havia mudado de maneira tão rápida? Que paradigma (ou paradigmas) foi utilizado, para que fosse possível a compreensão desse novo mundo? A mudança rápida do quadro político-social e a maneira como as pessoas tiveram que lidar com estas novas reorganizações pressupõe uma especificidade na maneira de lidar com suas próprias identidades.

No âmbito da coexistência entre culturas diferentes, desde as conquistas de Alexandre, houve um interesse maior por parte dos gregos em conhecer estes novos povos incorporados à *oikouménē* (mas havia uma tradição etnográfica grega que remontava ao século VI com Hecateu de Mileto). A compreensão desse novo mundo com seus povos e culturas diferentes gerou uma massa de informações sem precedentes. O fluxo de novidades acerca de lugares longínquos incentivou estudos e sistematizações que alargaram a compreensão dos diversos campos do conhecimento. O lugar central dessas pesquisas estava localizado em Alexandria e em sua espetacular biblioteca. Sábios de toda a Grécia para lá confluíam sob os auspícios dos lágidas.

A fundação de Alexandria do Egito (332-331) ⁷⁶ e sua localização estratégica e privilegiada atraíram judeus, gregos das mais diversas cidades, macedônicos e trácios, transformando-a, desde o início, em lugar cosmopolita com a presença do Museu e da Biblioteca. De fato, a presença de egípcios na cidade era muito reduzida e, Ptolomeu, o primeiro soberano lágida do Egito, adotou costumes locais, além de

⁷⁶ Diodoro narra sobre a fundação de Alexandria no Livro XVII, L (consagrado a Alexandre Magno).

promover cultos sincréticos com o objetivo de legitimar seu poder. A cidade logo se tornou cosmopolita e diversos historiadores, filósofos, geógrafos, astrônomos orbitaram em torno de sua famosa biblioteca, organizada por Demétrio de Falera, ex-tirano de Atenas que se refugiara na corte lágida. O objetivo era reunir todos “os livros da terra”, um sonho similar ao de Alexandre *tês tôn hólon monarchías* (BH, XVII, LIV, 6): “De cada povo, recrutaram-se doutos que, além do domínio sobre sua língua, conheciam profundamente o grego; a cada grupo foram confiados os respectivos textos, e assim preparou-se uma tradução grega para tudo.”⁷⁷ A tradução grega do Antigo Testamento mostra bem a importância de se promover a aquisição de novos livros:

O segundo soberano de Alexandria depois de Ptolomeu, isto é, o chamado Filadelfo, foi um amante do belo e da cultura. Fundou uma biblioteca na mesma cidade de Alexandre, no bairro chamado Brúquion, e confiou sua direção a um tal de Demétrio Falereu, com a ordem de reunir os livros de toda a terra. [...] Dando andamento ao trabalho e a partir de então recolhendo os livros de todas as regiões, um dia o rei perguntou quantos livros haviam sido reunidos. Ele respondeu: “São mais ou menos 54.800”. Mas ouvimos dizer que existe uma grande quantidade deles entre os etíopes, indianos, persas, elamitas, babilônios, assírios, caldeus, romanos, fenícios, siríacos. [...] Mas também em Jerusalém, na Judéia, existem livros que falam de Deus. (*Patrologia graeca*, v. 43, col. 250 e 252.)⁷⁸

A biblioteca ficava localizada no mais importante distrito: o bairro real abrigava o Museu e a Biblioteca ocupando quase um terço da cidade; os cientistas e homens de letras viviam naquela instituição e recebiam moradia e alimentação, o que permitia uma dedicação total aos estudos. Tal medida atraiu para Alexandria grande quantidade de pessoas que se dedicavam a estudos de toda natureza, inclusive a medicina (era permitido fazer dissecações de cadáveres), botânica, sendo Teofrasto considerado fundador da botânica científica. Herófilo da Ásia Menor

⁷⁷ CANFORA. *A biblioteca desaparecida*. Histórias da Biblioteca de Alexandria, p. 27. Citação atribuída a um tratadista bizantino não nomeado no texto. Demétrio de Falera quis aumentar a coleção da biblioteca para meio milhão de livros, segundo a *Carta de Aristetas a Filócrates*: “[Demétrio] recebeu grandes somas de dinheiro para adquirir, até onde fosse possível, todos os livros do mundo”. Citado por BAÉZ. *História universal da destruição dos livros*. Das tábuas sumérias à guerra do Iraque, p. 63. Essa obra tem importantes capítulos sobre a história dos livros (e infelizmente de sua destruição) na Antigüidade.

⁷⁸ Citado por CANFORA. *A biblioteca desaparecida*. História da Biblioteca de Alexandria, p. 112.

chegara ao Egito na primeira metade do século III e descobrira a relação entre os batimentos do coração e o pulso e estabeleceu a diferença entre artérias e veias.

A historiografia dos séculos III e II refletiu as preocupações sistematizadoras do conhecimento dos gregos em relação à compreensão do mundo. Alexandre, que havia sido criado na boa escola grega da investigação, levava consigo, em sua expedição à Ásia, numerosos cientistas, poetas, historiadores, agrimensores e geógrafos. Ele percorreria a Pérsia e o Oriente (Irã, fronteira do Turcomenistão, Uzbequistão, Afeganistão, Paquistão e Índia), atravessando mares, lagos, montanhas elevadíssimas e locais extremamente acidentados e perigosos. Muitas vezes, avançava com suas tropas sem saber exatamente em que direção estava seguindo. Todo esse conhecimento acumulado serviu tanto para seus projetos de conquista, quanto para o conhecimento do “mundo habitado”. Tais relatos de viagem e os resultados das pesquisas começaram a circular quase no mesmo período em que foram produzidos. A chamada *Primärberichte* iniciou nova época nos estudos etnográficos e científicos.⁷⁹

A biblioteca era o centro de encontro e produção desse conhecimento; uma nova época se iniciara para a historiografia, etnografia e ciências gregas: o trabalho de gabinete em detrimento das viagens. Organizados em rolos, os livros continham os *pínakes*,⁸⁰ um resumo do conteúdo de cada obra. Os *pínakes* influenciavam os autores na hora da escrita, pois, por meio de seus resumos, era possível escrever sobre qualquer assunto de interesse do pesquisador. Conforme ressalta Ch. Jacob,⁸¹ os *pínakes* formavam uma verdadeira “base de dados” à disposição dos autores. Para dar maior veracidade aos escritos citavam-se as fontes utilizadas, o que dava credibilidade ao trabalho. Assim, tinha-se à disposição uma infinidade de material de pesquisa e podia-se escrever sobre qualquer assunto a um público, que incluía entre seus gostos pessoais a leitura. É imensa a quantidade de autores que produziram no período, mas que, infelizmente, não chegaram até nós. Na

⁷⁹ Os autores da *Primärberichte* são: Calístenes de Olinto (sobrinho de Aristóteles), Cares de Mítilene, Nearco (comandante da frota de Alexandre), Onesícrito, Ptolomeu (fundador da dinastia ptolomaica no Egito), Aristóbulo (grupo de técnicos e engenheiros) e Clitarco (que não participou da expedição de Alexandre à Ásia).

⁸⁰ Tablete para escrever, reunião de tabletes, obra manuscrita.

⁸¹ Gómez ESPELOSÍN. Introducción. *Paradoxógrafos griegos*. Rarezas e maravillas. Calímaco organizou um catálogo em 120 volumes de tudo o que a Biblioteca continha.

biblioteca, era possível encontrar todo tipo de material para se escreverem obras de toda natureza: relatos de viagem, informações oficiais de exploração, trabalhos científicos, mapas e histórias locais.

Exemplo da erudição da época pode ser compreendido através da obra de Éforo de Cumas (c. 400-330); além de escrever uma história universal abrangendo os acontecimentos políticos e militares de toda a Grécia, desenvolveu a organização de “livros feitos de livros”, ou seja, a compilação. Éforo era o protótipo do “erudito de gabinete”: escreveu uma história geográfica em dois livros e representou a Terra como um retângulo,⁸² situando os celtas a oeste, os citas ao norte, os indianos a leste e os etíopes ao sul. Uma Rosa dos Ventos acompanhava esta representação. Seus interesses se voltaram para os mais diferentes temas, como o livro *Epichórios logos*, tratado em que advogava a tese de que Homero teria nascido em sua cidade natal Cumas. Sua história universal *Peri lexeos* possuía 29 volumes que continha um prêmio para cada livro. Para escrever sua história universal utilizou quase todos os historiadores antigos como Hecateu de Mileto, Heródoto de Halicarnasso, Xenofonte, Helânico de Lesbos, Xanto de Lídia, Tucídides, a coleção Helênica de Oxirhyncos, Filístenes, Timônides, Teopompo de Quios e Calístenes. Foi o primeiro historiador a se afastar da autópsia e a explorar as fontes primárias, e partir para utilização de fontes secundárias escritas. O interesse desses pesquisadores era variado e ia da História à Biologia — com descrição de plantas, animais conhecidos e desconhecidos e mesmo fabulosos —, incluindo costumes de povos ainda desconhecidos do grande público helênico. O componente quase sempre presente em tais obras era seu caráter fabuloso e exótico que atraía quase sempre grande número de leitores. A geografia física e a descrição de novos lugares também atraíram o interesse dos pesquisadores. O grande inovador da área foi Eratóstenes de Cirene (c. 295-215), “um gênio que encontrou uma biblioteca”. Escreveu e pesquisou sobre praticamente todos os ramos do conhecimento: foi filósofo, matemático, astrônomo, gramático (se intitulava “filólogo”, amigo das palavras) e

⁸² MOMIGLIANO. *Sagesses barbares*. Les limites de l'hellénisme; WIRTH. Éphoros von Kyme. In: SCHMITT; VOGT. *Kleines Lexicon des Hellenismus*; SCHWABACHER. Ephoros von Kyme. In: *Lexicon der Alten Welt*; GÄRTNER. Ephoros. In: *Der Kleine Pauly*. Lexicon der Antike in fünf Bänden; PÉDECH. *La géographie des grecs*; MEISTER. *Die griechische Geschichtsschreibung*. Von den Anfängen bis zum Ende des Hellenismus. Utilizei estes autores para tratar sobre os historiadores do século III e II e o próprio Diodoro de Sicília.

geógrafo. Aluno do grande poeta e bibliotecário de Alexandria, Calímaco (c. 310-243), seus múltiplos interesses se refletem em sua vasta obra. Escreveu *Cronographíai*, composto de 12 livros que se inicia com a queda de Tróia, datando no ano 1184/3, até a morte de Alexandre.⁸³ Utilizou, para o estabelecimento da cronografia dos tempos mais antigos, a lista dos reis espartanos, e, dos tempos mais recentes, a lista dos vencedores nas Olimpíadas (*Olympionikai*, iniciada por Hípias de Élis, Aristóteles e Timeu). Tentou fazer um mapa racional da *oikouménē*, estabelecendo, para isto, um novo método para medir a Terra. Rejeitou, portanto, todas as categorias de informações anteriores a Alexandre; escarneceu em particular com a geometria de Homero e de seus adeptos, propondo novas observações astronômicas na zona tropical. A geografia proposta por Eratóstenes “deveria ser uma ciência precisa fundada sobre a astronomia e a geografia euclidiana, e, a partir dele, cada geógrafo deveria se esforçar por retificar e melhorar os resultados cartográficos de seus predecessores”.⁸⁴ Estrabão, em sua *Geografia*, mostra que Eratóstenes, em seu mapa da *oikouménē*, incluíra como limites as Colunas de Hércules no Ocidente; e no Levante, montanhas que delimitavam o lado setentrional da Índia. (II, 1, 1)

As conquistas de Alexandre, portanto, transformaram a maneira como a *oikouménē* foi percebida pelos gregos, gerando, ainda, um novo tipo de pesquisa, que complementava as etnográficas: a do explorador viajante. É o caso de Píteas, explorador de origem massaliota, homem instruído que empreendeu uma viagem para além das Colunas de Hércules por volta de 330. Chegou às Ilhas Britânicas e Escandinávia, tendo alcançado altas latitudes, descrevendo em seus relatos “um mar congelado”, retornando pela atual Alemanha e alcançando as ilhas Frísias (fronteira da Alemanha com a Holanda). As conquistas romanas permitiram o conhecimento e exploração do Ocidente da mesma maneira que Alexandre havia feito com o Oriente.⁸⁵ Por volta do século II, os romanos conquistaram a planície lombarda e fundaram a colônia de Aquiléia (181), que serviu de base para a dominação dos Alpes orientais e repressão aos povos ísdrios e dalmácios. A

⁸³ Clemente de Alexandria, Strom. I, 138, 1-3= F1 *apud* MEISTER. *Die griechische Geschichtsschreibung*. Von den Anfängen bis zum Ende des Hellenismus, p. 190.

⁸⁴ CABANES. *Le monde hellénistique*. De la mort d'Alexandre à la paix d'Apamée, p. 73.

⁸⁵ PEDÉCH. *La géographie des grecs*, p. 70 et seq.

Segunda Guerra Púnica (218-201) proporcionou aos romanos a conquista das minas de ouro, prata, ferro e cobre da Espanha (submeteram toda a parte oriental da península do Ebro a Guadalquivir [Boetis]). Os celtiberos foram vencidos por Cipião Emiliano em 133 (destruição de Numância, último local de resistência). O historiador Políbio (c. 208-126), que também era geógrafo, viajou pela Itália, região alpina, Espanha e ao longo do litoral marroquino. Penetrou profundamente na Espanha, mostrando um novo mundo cheio de riquezas naturais: descreveu a península e seus massivos com seus três grandes rios, Tage (Tagus), Guadiana (Anas) e Guadalquivir (Boetis). Políbio notara que a região era abundante em caça, pesca e cereais e que os gêneros alimentícios custavam relativamente pouco. Ele incorporou no gênero um verdadeiro interesse de mercado, o que constituía uma grande novidade.⁸⁶

Não é espantoso, portanto, que Diodoro tenha pretendido escrever uma história universal. O Ocidente e Oriente haviam se juntado sob a égide romana que utilizara os gregos e sua ciência para compreender os povos e lugares que conquistaram ou pretendiam conquistar. Na história sincrônica de Diodoro, o mundo começa pelos egípcios e termina com a dominação romana. Fim do helenismo político ou início de uma nova época, marcada por valores culturais variados⁸⁷ sob o amálgama helênico? “Se o elemento grego foi, de fato, a base de sustentação do Império Romano, que papel teve a coexistência entre gregos, romanos e bárbaro”, para a conformação deste novo mundo? Parece-me que Diodoro tentou responder a esta questão com sua *Biblioteca Histórica*.

⁸⁶ PEDÉCH. *La géographie des grecs*, p. 122 et seq.

⁸⁷ Ou o encontro dos greco-macedônicos, romanos, judeus e celtas que, segundo Momigliano se associam pela primeira vez na época helenística. Momigliano. *Sagesses barbares*.

PARTE II
A *OIKOUMÉNĒ* E SEUS HABITANTES: FONTE INESGOTÁVEL DE
PARÁDOXA

Que nos seja suficiente então ter dado esses exemplos daquilo que é estranho (parádoxon) destes relatos históricos (tas historías), pois eles podem parecer inacreditáveis. (BH, II, XXX, 5)

CAPÍTULO 1

O MARAVILHOSO PRESENTE NA *BIBLIOTECA HISTÓRICA* NOS RELATOS ANTERIORES À GUERRA DE TRÓIA

1 A tradição etnográfica grega de descrever povos, costumes bárbaros e a geografia de lugares longínquos

A. A etnografia

Inaugurada por Hecateu de Mileto no século VI, a etnografia grega se insere na tradição jônica de pesquisa da natureza. Juntamente com Heráclito e Anaximandro, a antropologia jônica aprendeu a ligar o homem a seu meio ambiente, descobrindo a variedade do mundo e a multiplicidade de usos e costumes dos povos.

⁸⁸ Ainda no espírito da ciência jônica, os gregos viram na diversidade dos fenômenos terrestres um elemento de regularidade que, pouco a pouco, se tornou tão infalível quanto os ciclos astrais. ⁸⁹ Froidefond discute tais posições sobre a ciência grega em relação ao Egito que tenderam, com Heródoto, a fazer generalizações a partir de casos isolados, transformando-os em regra. A experiência de Heródoto no Egito era restrita (e, além de tudo, só conhecia a língua grega e dependia totalmente de seus intérpretes), o que não impediu de, em seu *lógos* egípcio, transformar muitas vezes a exceção na regra. Exemplo disso pode ser observado na passagem II, 42: “Nenhum dos egípcios que dispõem de um templo de Zeus Tebano ou que são da província tebana toca nas ovelhas; eles sacrificam apenas cabras. Em verdade, não há deuses cultuados conjuntamente por todos os egípcios, à exceção de Ísis e Osíris [...]”. Não podemos nos esquecer de que o Egito era, para os gregos, um *locus* privilegiado de fenômenos singulares e Heródoto retrata tudo isso muito bem: uma das passagens mais ilustrativas desse pensamento sobre o Egito trata dos costumes, realçando exatamente o *diferente*, não somente em relação à Grécia, mas ao mundo conhecido:

⁸⁸ FROIDEFOND. *Le mirage égyptien*, p. 132.

⁸⁹ Tais escolhas herodotianas terão efeito sobre futuros historiadores que se dedicarem às narrativas de cunho etnográfico uma vez que se cristalizaram alguns clichês sobre os povos não-gregos e serão repetidos *ad nauseam*.

Mas vou alongar-me em minhas observações a respeito do Egito, pois em parte alguma há tantas maravilhas (*thōmásia*) como lá, e em todas as terras restantes não há tantas obras de inexprimível grandeza para ser vistas; por isso falarei mais sobre ele. Da mesma forma que o Egito tem um clima peculiar e seu rio é diferente de todos os outros rios, todos os seus costumes e instituições são geralmente diferentes dos costumes e instituições dos outros homens. Entre os egípcios as mulheres compram e vendem, enquanto os homens ficam em casa e tecem. Em toda parte se tece levando a trama de baixo para cima, mas os egípcios a levam de cima para baixo. Os homens carregam os fardos em suas cabeças, mas as mulheres os carregam em seus ombros. As mulheres urinam em pé, e os homens acorados. Eles satisfazem as suas necessidades naturais dentro de casa, mas comem do lado de fora, nas ruas, alegando que as necessidades vergonhosas do corpo devem ser satisfeitas secretamente, enquanto as não vergonhosas devem ser feitas abertamente. Nenhuma mulher é consagrada ao serviço de qualquer divindade, seja esta masculina ou feminina; os homens são sacerdotes de todas as divindades. Os filhos não são compelidos contra a sua vontade a sustentar os pais, mas filhas devem fazê-lo, mesmo sem querer.

Heródoto mostra assim, a singularidade absoluta do Egito em relação ao restante da *oikouménē*: seu objetivo é mostrar de maneira radical a diferença entre o Egito e a Grécia transformando-o em uma "anti-Grécia".⁹⁰ O método herodotiano que dava maior importância à *autópsia* não o impediu, entretanto, a utilização "do que se diz". De toda maneira, o viajante vê aquilo que suas concepções de mundo assim o permitem. Embora Heródoto buscasse neutralidade na narrativa, sabia também ser impossível atingi-la, uma vez que seu aparato de percepção do mundo ligava-o irremediavelmente à sua própria experiência cultural. Ao referir-se a expedição de Colombo à América, Todorov⁹¹ afirma que as crenças anteriores do Navegador o influenciam em sua interpretação do que vê: como já leu sobre sereias, ciclopes, homens com cauda e amazonas, *acredita* que as verá. Ou seja, mesmo que se veja algo *com seus próprios olhos* permanece para o ouvinte/leitor a dúvida razoável. Será que o que está sendo descrito é realmente *verdade*? O fato de Heródoto ter sido acusado de mentiroso por colocar excessivos *mirabilia* em seus relatos e narrar sobre povos e costumes de povos exóticos não pode ser separado da dicotomia verossímil/inverossímil, verdadeiro/falso, colocando o leitor na situação de poder desacreditá-lo, pois julgará o que está escrito baseado em suas próprias

⁹⁰ *Idem*, p. 134.

⁹¹ TODOROV. *A conquista da América*. A questão do outro, p. 16-17.

experiências culturais. A cultura do leitor/receptor pode ser tão diferente ou distante do que está sendo narrado que não acreditará de forma alguma, ou ainda, se vier a acreditar, será exatamente por ser algo que escapa completamente à sua própria compreensão. Portanto, ao narrador só resta reforçar que o que viu é de fato *verdadeiro* ou que seu material e testemunhas são fontes *confiáveis*.

O feito de Heródoto em suas *Histórias* foi considerável: além de narrar sobre as Guerras Pérsicas, descreveu a *oikouménē* da época até onde era possível conhecer. Sua obra abarca a história universal e sua curiosidade infinita o fez descrever todos os lugares e povos da terra habitada com sua história e costumes. Ele foi, de fato, o pai da História. Os métodos inaugurados por ele (por ex. mostrar a diversidade das fontes e as diversas opiniões sobre o mesmo assunto, dando ao leitor a capacidade de escolher participar da narrativa, podendo até mesmo duvidar do que ouviu ou leu) e sua ampla curiosidade intelectual, aliada ao *espanto* (*thōmázein*) permanente fizeram dele ao mesmo tempo herdeiro da melhor ciência jônica e criador de uma maneira peculiar de realizar narrativas que o tornaram modelo para os que vieram depois. Heródoto se preocupava com seu ouvinte/leitor: agrada-o para tornar mais interessante o relato. Embora fosse alvo de críticas, Heródoto teve herdeiros que não objetivavam apenas narrar sobre a história grega, mas em inserir na narrativa, elementos de outras culturas. A curiosidade grega sobre o *outro* permaneceu não apenas nos historiadores, mas nos filósofos, geógrafos e outros pensadores que se interessaram sobre a terra habitada e seus fenômenos, relacionando-os com as possibilidades de organização política, econômica, social e cultural dos mais diferentes tipos humanos. A partir da narrativa histórica, era possível abordar uma gama enorme de assuntos inserindo no relato tudo quanto fosse ligado ao homem e ao conhecimento por ele apreendido e descoberto. É com naturalidade que vemos nos relatos históricos a descrição de animais ⁹² exóticos (até mesmo lendários), plantas, monumentos excepcionais, acontecimentos surpreendentes, fenômenos da natureza (como terremotos, tempestades, fontes miraculosas,) e previsões de oráculos. Mesmo com o alargamento do mundo conhecido, os mesmos assuntos eram tratados de maneira constante pelos

⁹² Os animais têm lugar especial na historiografia e ciência gregas e Diodoro também dá grande importância a eles.

historiadores. O que mostra que o interesse do público permaneceu praticamente inalterado durante séculos. Afirma Espelosín ⁹³ que, embora as conquistas de Alexandre tenham favorecido um melhor conhecimento do Oriente, os historiadores ainda optavam por continuar a narrar os “velhos mitos” acerca dos confins do mundo, enriquecendo-os de forma notável com elementos maravilhosos e curiosos. O Egito permaneceu no imaginário grego como terra singular e espantosa, sobretudo porque na época helenística, Alexandria — cidade com elevado número de população grega —, era capital da cultura do Mediterrâneo oriental com o Museu e Biblioteca, e multicultural, com populações provenientes dos mais diferentes pontos da terra habitada. Para lá confluíam historiadores, filósofos e poetas que eram apoiados pelo *establishment* lágida. O país não perdeu a aura de mistério que o envolvia, especialmente devido ao seu maravilhoso rio e sua nascente desconhecida (sempre motivo de pesquisas e especulações). Outros temas permaneceram recorrentes na historiografia grega como a Etiópia, Índia, Babilônia. O Ocidente, que nos primórdios da literatura grega (*Odisséia*) era local por excelência da *gesta* dos heróis gregos como Hércules, herói civilizador que livra a região das mais terríveis e variadas feras, era, no período helenístico, descrito com maior precisão pelos gregos, principalmente devido às conquistas romanas. Nem por isso perdeu sua aura de exotismo com elementos altamente espetaculares, não devido à presença de grandes monumentos, mas pelos costumes de seus habitantes que eram considerados, tanto por gregos quanto por romanos, bárbaros. O Ocidente também era louvado por suas riquezas e grande quantidade de minas de prata e solo ideal para o plantio de trigo, principal fonte alimentícia da época.

Assim, embora o mundo conhecido tenha-se alargado consideravelmente, a historiografia grega não deixou de continuar a tratar dos mesmos temas baseada no acúmulo de grande quantidade de materiais em bibliotecas que deu origem a uma *tradição* no sentido que Edward Said descreve no seu clássico *Orientalismo*:

O mais importante é que tais textos podem *criar*, não apenas o conhecimento, mas também a própria realidade que parecem apenas descrever. Com o tempo, esse conhecimento e essa realidade produzem o que Michel Foucault chama de discurso, cuja presença ou peso material, e não a autoridade de um dado autor, é realmente

⁹³ ESPELOSIN. *Tierras fabulosas de la Antigüedad*, p. 175.

responsável pelos textos a que dá origem. Esse tipo de texto é composto por aquelas unidades de informação preexistentes depositadas por Flaubert no catálogo de *idées reçues*.⁹⁴

Embora os autores tratassem de temas semelhantes, era corrente a crítica de pontos de discordância ou até mesmo de elogio em pontos de concordância. A forma citacionista na historiografia grega foi praticada desde que Heródoto criticou severamente Hecateu de Mileto, mas, no entanto, também o utilizou em vários momentos de suas *Histórias* sem fazer a ele qualquer referência. Políbio cita vários colegas, seja para “defender”⁹⁵ ou criticar. A sensação de *déjà vu* na historiografia grega é, entretanto, enganadora. Por mais que os assuntos se repetissem⁹⁶ à exaustão, a motivação de quem escrevia não era mais a mesma. Primeiramente, devido ao público a quem se destinavam tais escritos. Não se tratava mais, como no século V, de mostrar como os gregos foram capazes de barrar o avanço bárbaro ou louvar os ideais atenienses de democracia e cultura. As camadas médias e intelectualizadas da Grécia já conheciam sua história. Tratava-se de mostrar, já em fins da época helenística (séc. I), como os gregos haviam contribuído para a conformação do mundo tal como ele estava organizado, sobretudo para o público culto romano. A historiografia do período mostrava-se preocupada com os valores morais que permitissem ao indivíduo levar uma vida melhor e mais feliz. Assim, a influência da doutrina estóica sobre os historiadores e pensadores da época helenística mostra ainda que a descrição etnográfica, tão cara aos historiadores gregos, se dava a partir de outra perspectiva: se o Egito continuava a ser retratado é porque seus reis permaneceram como exemplo de comportamento virtuoso e serviam de exemplo para o indivíduo levar uma existência mais feliz. A idealização da vida dos povos “primitivos” mostra que os mesmos poderiam, apesar de sua vida rude e desprovida de riquezas materiais, possuir maior grau de felicidade pessoal do que a proporcionada pela vida urbana com seus sofisticados costumes e as

⁹⁴ SAID. *Orientalismo*, p. 103.

⁹⁵ Expressão por ele mesmo utilizada em XII, 23. “Eu já disse o bastante para defender Aristóteles, Teofrasto, Calístenes, Éforo e Demócrito dos ataques de Timeu”. Momigliano afirma em *Sagesses barbares* que Políbio “fingia” desprezo contra Timeu.

⁹⁶ Guerras Pérsicas, Guerra do Peloponeso, Guerra lamíaca, conquistas de Filipe da Macedônia e de Alexandre Magno, narrativas etnográficas sobre povos do Oriente e do Ocidente, aspectos curiosos e maravilhosos de vários povos.

confortáveis condições que a nova civilização podia oferecer.⁹⁷ Além disso, como bem ressalta Momigliano em *Sagesses bárbaras*, o Egito sempre foi objeto de interesse dos gregos desde Homero e visto como um país difícil de compreender e seus costumes eram por todos tidos como bizarros. O Egito era tido não como uma potência política, mas, sobretudo, como reservatório de conhecimentos particulares. Os gregos da época helenística preferiam a composição fantasista que faziam do Egito “eterno”.⁹⁸ É esse Egito que Diodoro vai descrever em seu primeiro livro da *BH*. Não há, em relação ao conteúdo dos temas abordados no livro sobre o Egito, grandes novidades acerca de sua história e costumes, mas, sobretudo, o interesse pelo exemplo de vida dos faraós que Diodoro se compraz em narrar.⁹⁹

Essa é, sem dúvida, a abordagem escolhida por Diodoro de Sicília que incorpora em sua *BH* todos os elementos da historiografia grega: o gosto pelos acontecimentos políticos fruto principalmente das guerras travadas pelos grandes, descrição e reflexão dos feitos de generais que, individualmente, interferem na vida dos homens em geral, descrição de povos, costumes e países bárbaros, descrição de monumentos construídos pelos homens e a variada fauna da terra habitada mostrando sua extrema diversidade. Mas, adepto da doutrina estoica, Diodoro preocupa-se com a educação de seus leitores: quem está a falar é um professor que pretende ensinar (e, sobretudo, influenciar) comportamentos individuais. Mais do que relatar acontecimentos históricos ou estabelecer narrativas curiosas, seu discurso é calcado na retórica de quem pretende ser louvado não pelas teorias de explicação do mundo e da sociedade, mas pela exortação à vivência de um gênero de vida que se coadunasse com seus discursos. Exemplo disso pode ser visto em XV, I, 1:

No curso dessa obra, nós jamais cessamos de falar livremente segundo o costume dos historiadores, de dirigir às pessoas de bem o elogio que recompensa suas belas ações e de infligir aos perversos para cada uma de suas faltas cometidas à censura que merecem; dessa maneira, nós pensamos poder incitar, para a esperança de uma glória imortal, as almas naturalmente nobres a realizar as mais belas ações e desencorajar, por medo de justas reprovações, os seres perversos de realizar o mal.

⁹⁷ ESPELOSIN. *Tierras fabulosas de la Antigüedad*, p., 179.

⁹⁸ MOMIGLIANO. *Sagesses bárbaras*, pp. 13-14.

⁹⁹ Com exceção talvez da narrativa sobre a mumificação que complementa a narrativa herodotiana.

O discurso diodoriano tem fins claramente retóricos com o intuito de levar o leitor à ação: sair da comodidade de sua vida cheia de confortos e optar pelo caminho da modificação interior. De fato, as doutrinas filosóficas da época helenística buscavam pelo ensino, formar direta ou indiretamente os cidadãos/dirigentes políticos a governar e a governar a si próprios.¹⁰⁰ O fim último da existência deveria ser buscar a *aquisição da felicidade* que deveria ser definida pela ética que determinaria o que seria exatamente a felicidade e quais os meios apropriados para se alcançá-la. O ardor com que Diodoro justifica sua empreitada de escrever uma história universal segundo o objetivo de incitar o homem a uma *aretē* moral pode ser também percebido nessa passagem do filósofo estóico Estobeu:

Chamam com muitos nomes a virtude: chamam-na *boa* porque nos conduz a uma vida reta; *agradável* porque é sem dúvida aprovada; *digníssima* porque tem valor insuperável; *apreciável* porque é digna de muita atenção; *louvável* e, de fato, pode ser justamente louvada; *bela* porque naturalmente atrai a si os que a ela tendem; *conveniente* e, de fato, contribui para o bem viver; *útil* porque ajuda na necessidade; *preferível* porque dela deriva o que é razoável escolher; *necessária* porque quando está presente traz benefício; *vantajosa* e, com efeito, as vantagens que dela derivam são superiores às que se pode extrair da atividade para alcançá-las; *autárquica* e, com efeito, basta a quem possui; *não carente de nada*, enquanto não possui qualquer necessidade; *plena* porque é suficiente no uso e visa toda utilidade da vida.¹⁰¹

O aspecto retórico está plenamente presente nos escritos de Estobeu que visa enfatizar os valores intrínsecos da virtude e de sua importância para a existência feliz do homem. Em todo início de um novo livro Diodoro não deixa de colocar tais admoestações ao leitor para que jamais esqueça de que sua obra não é desprovida de significados. Não esperemos, pois, na *BH*, passagens que visam apenas “distrair” o leitor de maneira “inconseqüente”. Diodoro utiliza aspectos curiosos e “maravilhosos” para mostrar a capacidade humana de se adaptar ao mundo frente a uma natureza hostil e plena de perigos com existência de feras selvagens, fenômenos estranhos, paisagens repletas de perigos e cheias de obstáculos à existência humana. A diversidade de tipos humanos e sua organização social e

¹⁰⁰ HADOT. *O que é filosofia antiga*, p. 35.

¹⁰¹ ESTOBEU, *Anthol.*, II, 100, 15 (=von Armin, SVF, III, fr. 208) *apud*: REALE. *História da filosofia antiga*, p., 328 e 340.

política na *oikouménē* mostra as diferentes respostas que o homem deu para essa hostilidade oferecida pela natureza. Se o texto diodoriano é por vezes cansativo e repetitivo, é justamente porque precisa se adequar aos seus próprios objetivos: transmitir lições como um professor que sempre se preocupa com o aprendizado de seus alunos não é, realmente, tarefa das mais fáceis. A variedade dos temas nos livros etnográficos (no que chamaríamos de primeira parte da *BH*) torna sua tarefa mais amena.¹⁰² Mas se nosso autor é, de fato um moralista, julgando a tudo e a todos de acordo com seu ideal de virtude, deve-se buscar em seu texto uma lógica que o permita “ensinar ao leitor” no “bem agir”. A tradição grega de narrar acontecimentos extraordinários e relatar os costumes dos povos bárbaros continuava, na época de Diodoro, a todo vapor. Tinha chegado, aliás, a seu paroxismo, uma vez que a literatura paraxodográfica atraía tanto escritores quanto leitores. Segundo Espelosín¹⁰³, o auditório grego estava disposto a escutar com complacência qualquer notícia sobre todo tipo de acontecimentos estranhos.

Para mostrar como Diodoro se dedica aos relatos etnográficos procurei na *Biblioteca Histórica* quantas vezes ele se refere aos costumes de povos e seus comportamentos no cotidiano e como faziam para sobreviver nos lugares mais inóspitos da *oikouménē*, o que espantou (e ainda espantava na época de Diodoro) os gregos sobremaneira. A maior parte das referências diz respeito aos povos tidos pelos gregos como “bárbaros”. Embora os egípcios não se enquadrem na categoria de bárbaros, o fascínio de tal país e seus costumes maravilhosos persistiram ao longo do tempo. Assim, no livro I encontramos dez referências aos costumes egípcios (a maioria deles funcionando como exemplos positivos de conduta). O restante, cinquenta e três referências, são propriamente dos povos ditos “bárbaros”¹⁰⁴: seus costumes são estranhos e, na maior parte das vezes, incompatíveis com a vida

¹⁰² Mas Diodoro sabe que entreter o leitor faz parte de um acordo tácito entre as partes: é preciso ser agradável para ser lido. Assim, sempre o lembra que, se escreve algo por demais estranho, “é para nele despertar algum interesse” ou para “ter alguma utilidade”.

¹⁰³ PARADOXÓGRAFOS GRIEGOS, p. diversas. Note-se que a maior parte do gênero se perdeu. Muitos fragmentos se encontram em autores do primeiro século da nossa época, o que mostra a persistência do maravilhoso muitos séculos depois.

¹⁰⁴ Os povos bárbaros são os etíopes (tanto os da África [Líbia] quanto os da Península Arábica, como os ictiófagos da costa da Carmânia e da Gedrósia), os indianos, os celtas, celtiberos, citas, cartagineses, um sem número de povos da Ásia (pertencentes ao antigo império aquemênida) e alguns povos não gregos (exceção lógica dos romanos) da Magna Grécia e Sicília.

civilizada (do ponto de vista greco-romano). O sentido de todas essas passagens compreende o insólito e *estranho*, se comparado aos costumes greco-romanos. O significado de *parádoxa* e *thaumázein* têm claramente o sentido de espantoso e maravilhoso e até mesmo “contrário a toda expectativa” no sentido de ser diferente dos costumes civilizados dos greco-romanos. Portanto, para os fins desta pesquisa, contabilizamos sessenta e três passagens relativas a relatos etnográficos.

B. A geografia

A tradição grega de viagens e périplos foi decisiva para que os conhecimentos acerca da *oikouménē* e sua geografia se alargassem. É espantoso ler escritos que datam do século VI e perceber que os gregos já haviam realizado numerosas navegações costeiras na bacia ocidental do Mediterrâneo, descobrindo povos, rios e vilas indígenas, citando etnias e diversos toponímicos. A literatura do périplo também floresceu (embora a maior parte se encontre fragmentada) e pode-se ter uma boa noção (aliada às escavações arqueológicas) dos interesses da Antigüidade por terras distantes. Os périplos “líbicos”, como o dos marinheiros do faraó egípcio Neco e dos púnicos, realizados entre 600 e 450, foram devidamente registrados por Heródoto (*Histórias* IV, 41-43) em sua famosa passagem sobre a divisão da *oikouménē* entre Ásia, Líbia e Europa (embora o autor discordasse de tal divisão). Heródoto também se refere ao périplo de Cílix de Carianda (*Idem*, IV, 44), almirante jônio encarregado por Dario I de fazer um relato do litoral de seu império, mas que, em seu *Périplo do mar interior*, descreveu a costa da Ásia Menor do Bósforo à Cilícia. Heródoto deve-lhe também suas descrições da Índia, Arábia e costa oriental da África.¹⁰⁵ Mas os estudos geográficos tomaram, de fato, grande impulso, depois das conquistas de Alexandre Magno. As informações propagadas pelos participantes da expedição do Conquistador foram coligidas e agrupadas na Biblioteca de Alexandria. Os lágidas, que mantiveram a política faraônica preventiva e ofensiva ao sul do Egito e na “Líbia” (Cirenaica), aumentaram consideravelmente o nível de conhecimentos sobre a África. Embora a geografia não tenha se descolado inteiramente da história, ganhou contornos mais precisos com Eratóstenes de Cirene e Agatárquides de Cnido. O primeiro inaugurou a geografia científica, utilizando medidas mais precisas com o

¹⁰⁵ PÉDECH. *La géographie des grecs*, p. 12.

auxílio da matemática e medindo a circunferência da Terra, que pouco difere das medidas atuais.¹⁰⁶ Já Agatárquides escreveu um importante tratado em cinco volumes, no qual descreveu a região do Mar Vermelho (para os Antigos chamado de Golfo Arábico), tanto por observação direta, quanto pela utilização de diversas fontes, como os relatórios de exploradores a serviço dos lágidas. Agatárquides incorporou ao seu espaço “eritreu” o Golfo de Áden e o mar de Oman até a embocadura do Indo. Incluiu ainda em seu relato a Núbia e a Etiópia. Diodoro cita-o explicitamente em diversas passagens da *BH*.¹⁰⁷ Artemiodoro de Éfeso (*akmé* c. 104-100) também escreveu uma obra geográfica (onze volumes, quase toda perdida e que serviu de inspiração para o geógrafo Estrabão) e viajou a maior parte do Mediterrâneo com passagens atestadas no Egito, Etiópia e Núbia. A reconstituição do plano da obra mostra que ele tinha largos conhecimentos sobre a *oikoumēne* e descrevera tanto o Ocidente quanto o Oriente. Espanha, Gália, Itália, Grécia e ilhas, Trácia e Ponto Euxino até o rio Tanais (limite convencional entre Europa e Ásia) e, a partir do Livro VIII, a África: Etiópia, Núbia (Trogodítica) e Arábia.

O norte da África, que os Antigos denominavam Líbia, era considerada a terceira parte da *oikouménē* e, no sentido restrito, indicava o continente africano. O termo *Aphriké* é raro e tardio na literatura grega. (Dion Cássio, XXXVI, 25, 2; XLI, 41, 2; XLII, 9,3.)¹⁰⁸. O norte da África foi palco de múltiplos interesses de egípcios, gregos, cartagineses, romanos ou de comerciantes de inúmeras regiões. A África era também uma das partes da *oikouménē*, designando particularmente as terras sob dominação cartaginesa (Quinto Cúrcio, *Histórias*, IV, 8, 5.), da Cirenaica a leste, e a Maurítânia a oeste.¹⁰⁹ Entretanto, esse conhecimento sobre a Líbia ficava restrito à sua parte setentrional e seu interior era praticamente desconhecido. Talvez pelo fato

¹⁰⁶ MEISTER. *Die griechische Geschichtsschreibung*. Von den Anfängen bis zum Ende des Hellenismus, p. 193-194.

¹⁰⁷ *Biblioteca Histórica* I, XLI; III, XI, 2, III, XVIII, 4, III, XLVIII, 4. Fócio fez um resumo da obra de Agatárquides, e Estrabão também o utilizou através do geógrafo Artemiodoro de Éfeso. PÉDECH. *La géographie des grecs*, p. 126-134. Ver a tese de doutorado de FRIETEN. *De Agatarchide Cnidio* (em latim, um dos primeiros estudos sobre Agatárquides); WOELK. *Ueber das Rote Meer Uebersetzung und Kommentar (Sobre o mar vermelho. Tradução e comentário*, obra de referência sobre Agatárquides e seu périplo que, infelizmente, não teve acesso).

¹⁰⁸ BERTI. Scrittori greci e latini di “Lybiká”: la conoscenza dell’Africa sttentrionale dal V al I secolo a.C.

¹⁰⁹ BATTISTINI. Afrique.

de ser habitada por nômades e por grupos de caçadores e coletores, essa cultura não despertou, do ponto de vista econômico, os interesses das culturas dominantes da civilização clássica, tendo, por isso, na maior parte das vezes, permanecido à sua margem. O conhecimento desse interior (que hoje corresponderia *grosso modo* à Argélia, à Líbia atual, à Mauritânia e, talvez, ao Chade) ficou situado no nível da estranheza zoológica e botânica,¹¹⁰ mas tinha seu lugar na tradição da geografia grega e romana: a África, na sua “extremidade do sul” — parte sul-oriental da Líbia — era mais meridional que sua extremidade sul-ocidental. Assim, a região do Chifre da África (*Nótu Kéras*), precisamente o cabo Guardafui, na atual Somália, era o ponto mais meridional do mapa antigo. A representação da África tinha a forma de um triângulo no qual um dos lados era mais extenso do que o outro.¹¹¹

O próprio conceito de *oikouménē* para os gregos variou ao longo do tempo, o que mostra como ocorreu o processo de alargamento dos espaços incorporados aos conhecimentos geográficos. Por exemplo, para Heródoto, *oikouménē* significava o mundo habitado, ou seja, a terra cultivada ou habitada por oposição ao deserto (IV, 110). Já para Aristóteles, *Met.* 36 2^b 26 era o mundo habitado (incluindo as terras não-gregas como a Etiópia, Índia e Cítia), por oposição às terras não habitadas (Liddel-Scott-Jones, *Greek-English Lexicon*). A evolução do termo mostra que os gregos foram, ao longo do tempo, alargando o conceito de *oikouménē* até abarcar toda a terra (Xe. *Vec.* 1, 6, “toda a terra, o universo”). O próprio conceito de *oikouménē*, para Diodoro, parece caminhar no sentido desse alargamento do termo. Ele descreve não somente os povos e a geografia de vários locais, como também procura descrever o céu e a posição das estrelas que ajudavam os viajantes a se localizarem. Mas nosso autor sabe que o mundo é bem maior do que ele descreve em sua *Biblioteca Histórica*. Frequentemente, ele nos mostra as limitações de seu discurso narrativo ao afirmar que descreve “quase” (*skédon*) toda a terra habitada, sabedor de que existem lugares ainda desconhecidos e, portanto, fora das suas possibilidades narrativas de escrever uma “história universal”. Obviamente, isso não retira dele o mérito de ser um historiador que escreveu uma “história universal”: ele narra aquilo que é conhecido em sua própria época, o que, certamente, não é pouco.

¹¹⁰ Como mostra, por exemplo, os escritos de Plínio.

¹¹¹ DESANGES. *Le périple d’Hannon*, p. 74/75.

A descrição que Diodoro faz da *oikouménē* na *Biblioteca Histórica* mostra que ele conhecia bem a geografia da época e tinha acesso a mapas que consultou na biblioteca de Alexandria. Pode-se perceber isso claramente quando descreve as satrapias do Império Aquemênida no livro XVIII, ao narrar a disputa entre os sucessores de Alexandre (os diádocos). O termo *oikouménē* é amplamente utilizado por Diodoro em sua *Biblioteca Histórica*, mas ele sabe que o “mundo habitado” ou o “mundo conhecido” não correspondia totalmente à realidade de englobar “tudo” ou “todos”. Em um interessante artigo de Paul Jal, intitulado *Monographie historique e Historíai koinaí* (katholikaí), ele se pergunta se foi possível, na Antiguidade, realmente, escrever uma história universal no sentido de um “estudo completo e detalhado que se propõe a esgotar um assunto sobre um sujeito preciso e restrito”.¹¹² Em seguida, cita o grande historiador Arnaldo Momigliano que afirmou que “a história universal jamais teve uma noção clara” e “me [Momigliano afirma] parece que ninguém se arriscou a dar uma definição”.¹¹³ De toda maneira, o elemento principal que permitiu aos historiadores escreverem uma “história universal” foi, sem dúvida, o desenvolvimento da monografia histórica. Embora Diodoro critique em seu próêmio os historiadores que escreveram histórias parciais sem conectá-las a um projeto maior de compreensão e explicação dos acontecimentos,¹¹⁴ o fato é que, sem as respectivas monografias, não seria possível escrever uma história realmente universal. As monografias que narravam acontecimentos locais, aliadas à política lágida de esquadrihar seu próprio território, com o objetivo de melhor organizar a máquina burocrática e cobrar os impostos, fez com que os funcionários reais acumulassem também vasto conhecimento geográfico. As guerras também contribuíram para isso, uma vez que era necessário conhecer melhor o terreno do adversário e as possibilidades de vencê-lo em seu próprio território. Isso aconteceu no Mediterrâneo oriental, mas no Ocidente, as conquistas romanas permitiram

¹¹² JAL, Paul. *Monographie historique e Historíai koinaí* (katholikaí), p. 56. O autor afirma que essa definição, que aparece no dicionário *Le grand Robert de la Langue française*, parece datar do ano de 1793 e é ela que adotará em seu artigo, mas restringindo seu uso somente para obras históricas e apenas à Antiguidade.

¹¹³ *Idem*, p. 57.

¹¹⁴ Jal chama a atenção para seguinte expressão: “*hoi katà méros gráphontes tàs historías*” (Políbio, 1, 4, 6), pois quem escreve histórias parciais perde a visão de conjunto e não leva em consideração a economia geral da ação, “*oikonomía toû sympantos*” (*Idem*, 3, 32, 9; 9, 44, 2). Além disso, quem escreve histórias parciais, não é capaz de perceber a causalidade, o encadeamento dos fatos e a relação entre eles. JAL. *Op.cit.* p. 61.

também acumular vastos conhecimentos geográficos que estavam disponíveis para aqueles que se dispusessem a pesquisar em seus arquivos (o que Diodoro fez, *BH*, I, IV, 2-3). Assim, as referências geográficas também ganham destaque na obra de Diodoro e encontramos vinte e nove referências à geografia da *oikouménē* concentradas, sobretudo, nos cinco primeiros livros, momento em que descreve e exalta a beleza de montanhas, rios, planícies, tanto de lugares onde habitavam os bárbaros, mas também de lugares no Ocidente que, não obstante infestado de feras selvagens e bárbaros, foram agraciados com a visita de deuses e heróis civilizadores, que permitiram o florescimento da vida humana. Exemplo dessa afirmativa é o fato de Herácles ter visitado toda a Itália e ensinado cultos aos romanos, contribuindo para a posterior fama dos mesmos de serem extremamente piedosos e respeitosos para com os deuses. Interligado de maneira irremediável à abordagem geográfica são as narrativas a respeito de fenômenos da natureza, tais como chuvas, terremotos, descrição do clima ou de suas súbitas mudanças e até mesmo de um gêiser na Sicília. Muitas vezes, embora tais fenômenos pareçam espantosos, Diodoro procura dar a eles uma explicação racional, mostrando que não se dobrava facilmente ao gênero paradoxográfico comum em sua própria época. Contamos, assim, quarenta e nove descrições de fenômenos da natureza, quase todos eles situados fora do mundo greco-romano (sete no Egito, onze na Assíria e Índia, dezenove no mundo etíope – estes incluindo a África e as partes da Península Arábica, onde viviam os icitófagos –, três no mundo céltico, cinco no mundo greco-romano). Não podemos deixar de mencionar o relato extraordinário contido no final do livro II que retrata a ilha de Jâmbulo: ali encontraremos toda sorte de fenômenos incríveis. O relato por si só mostra que tal local se encontrava realmente fora de qualquer esfera de vivência da humanidade comum.

2 O GÊNERO PARADOXOGRÁFICO

O gênero fantástico e até mesmo teratológico proliferou em abundância na época helenística e não exigia, por parte dos compiladores, qualquer esforço no sentido de explicar tais fenômenos; bastava juntá-los (com a ajuda dos *pínakes* das bibliotecas), como uma espécie de almanaque que entretinha aqueles que queriam

uma diversão sem conseqüências. Alguns fragmentos reunidos por Espelosín dão uma pequena amostragem dos assuntos abordados:

Arquelau: Sobre fenômenos maravilhosos. 1- Varrão, *Re Rústica* III, 12, 4 K e Plínio o Velho, *História Natural*, VIII, 218 (Sobre as lebres): Acerca delas [as lebres] Arquelau escreveu: aqueles que desejam saber quantos anos têm, convêm examinar os orifícios da natureza, porque sem dúvida tem mais do que outra. Arquelau é o autor que disse quantas cavidades do corpo tem a lebre para os excrementos que corresponde a seu número de anos;

Antígono¹¹⁵: *Coleção de histórias curiosas*. Em Latmo da Cária afirma Aristóteles que os escorpiões, se picam um estrangeiro, lhe provocam uma dor moderada, mas se picam alguns dos habitantes locais, se prolonga a dor até à morte.

Apolônio: *Histórias assombrosas*: 1. Código Laurenciano: 12. Nos arredores da Babilônia depois de se cruzar o Eufrates, nascem umas serpentes pequenas que picam os estrangeiros; mas se picam os habitantes locais nenhum dano lhes provoca. 24. Eudóxio de Rodes afirma que nos limites da Céltica existe um povo que não pode ver de dia somente à noite.

Agatárquides de Cnido: Eliano: *História dos animais*, XVI, 27: Disse Agatárquides que existe um povo na Líbia... os psilos... e tem um corpo estranho e assombroso comparado com a de outras tribos. Eles são os únicos que não fazem nenhum dano aos animais que os atacam. Não sentem a mordida da serpente ou a picada de uma aranha que leva à morte outros nem o agulhão do escorpião quando espeta.¹¹⁶

Tais compiladores seguiam o caminho aberto por Hecateu de Mileto e Heródoto. Entretanto, nos autores supracitados, existia uma tentativa de explicação de tais fenômenos extraordinários e os mesmos estavam ligados a uma trama narrativa sobre o costume e a história dos povos descritos. O gênero paradoxográfico apenas “enuncia” as maravilhas sem nada a elas acrescentar. O objetivo é simplesmente divertir o ambiente contando histórias e anedotas. Por isso é tão espantoso tratar de animais que na realidade ninguém nunca viu, mas que *devem* existir em algum lugar. Diante de uma natureza tão espantosa, como sobreviver em tais lugares inóspitos? Entretanto, Diodoro se esforça para explicar aquilo que narra; as maravilhas descritas estão situadas em um contexto próprio do campo narrativo definido por ele mesmo em diversas passagens da *BH*. Podemos perceber, através da literatura fantástica, o quanto o tema suscitava interesse no público e o quanto era

¹¹⁵ Um dos autores mais importantes do gênero e do qual restou o maior número de fragmentos embora muitos sejam considerados duvidosos pelos especialistas.

¹¹⁶ Passagens diversas de PARADOXÓGRAFOS GRIEGOS.

limitada a possibilidade de se afastar completamente do assunto. O maravilhoso diodoriano se liga diretamente à linhagem inaugurada por Heródoto, no sentido de tentar explicar o que e por que narra, mas ao mesmo tempo se distancia do historiador de Halicarnasso, na medida em que seus objetivos são outros. Ao ter como meta instruir seu leitor, Diodoro não pretende demonstrar o espanto de Heródoto diante de um mundo que estava apenas no limiar de uma grandeza que ainda não se mostrara de todo. Por isso Heródoto vacila: diz que determinados lugares ainda não se conhecem, ou apenas se ouvira falar. A sensação de novidade do viajante que vê (ou ouve falar dos habitantes de um determinado lugar) muito do que descreve diferencia-se enormemente do historiador de gabinete que lê livros e consulta arquivos. O tom diodoriano é claramente didático e tem atrás de si a tradição que chancela suas colocações. Como não tratamos de Diodoro, neste trabalho, como um mero compilador, consideramos que, se o gênero paradoxográfico teve alguma influência sobre ele, foi de maneira superficial. Apenas no sentido de que talvez precisasse fazer algumas concessões ao público leitor, incluindo algumas maravilhas. Diodoro não enuncia simplesmente as maravilhas presentes na primeira parte de sua obra.¹¹⁷ Elas estão ligadas ao contexto narrativo dos povos que descreve. Se, porventura, algo é considerado por ele espantoso demais, sente-se na obrigação de alertar ao leitor e explicá-lo porque insere tais “maravilhas” em sua obra. A grande quantidade de maravilhas presente nos livros anteriores à Guerra de Tróia se explica pelo fato de que, nesse período, o homem ainda vivia em um momento anterior ao surgimento da civilização e, portanto, em meio a uma natureza intocada, inóspita e povoada por feras selvagens. A única maneira de os homens se defenderem era apelar para heróis civilizadores e homens excepcionais, que permitiram que a vida em sociedade pudesse aflorar.

3 O PROCESSO CIVILIZADOR DA HUMANIDADE E O PAPEL DOS DEUSES E HERÓIS

¹¹⁷ O livro XVII que trata sobre Alexandre Magno trata também de fenômenos extraordinários relativos à Índia; eventualmente poderemos citar algumas passagens como exemplo. Entretanto, Diodoro trata da Índia no livro II nos eventos situados antes da Guerra de Tróia. Tais passagens são, no entanto, exceções segundo a construção da análise da obra de Diodoro no presente trabalho.

Uma doutrina bastante conhecida a partir do século III foi divulgada pelo filósofo Evêmero, que preconizava que deuses e heróis mitológicos não eram mais do que seres humanos divinizados, devido à admiração e temor que inspiravam nos homens enquanto ainda eram vivos.¹¹⁸ O elogio e a lembrança de heróis e generais que realizaram atos que beneficiaram a humanidade não deixaram de ser citados e louvados na poesia e historiografia grega. Diodoro dá importância capital para deuses e heróis, pois foram eles que tiraram a humanidade do estado de selvageria conduzindo-a à vida civilizada. Suas vidas são, portanto, dignas de admiração pela grande quantidade de façanhas realizadas a fim de que os homens se tornassem “humanos”. Além disso, sua vida e façanhas o permitem ter acesso a uma grande quantidade de *exempla* que podiam ser explorados em sua narrativa. O que marca esses homens célebres é, essencialmente, o que ensinaram aos homens comuns: cultivo de cereais, ou seja, invenção da agricultura e abandono de uma vida errante e o fim do canibalismo; piedade para com os deuses, fazendo com que fossem cultuados; extermínio de feras, para que pudessem viver tranquilamente e se dedicar à agricultura. Em números podemos perceber a importância de tais figuras na *Biblioteca Histórica*: são sessenta e cinco citações de deuses e pessoas admiradas. Nos livros anteriores à Guerra de Tróia encontramos quarenta e uma citações incluindo deuses, heróis (como Hércules, por exemplo), vários faraós do Egito (quatro citações diretas) e, nos livros fragmentários, vários filósofos (os Sete Sábios) e legisladores (como Sólon, no livro IX).¹¹⁹

A saga do Egito, país cravado no meio ao deserto, foi a primeira a ser narrada na *BH*, devido à grande fama da sabedoria egípcia e de suas construções monumentais. Como a vida pôde ali prosperar? Se as condições excepcionais encontradas ali devido à presença do Nilo foram fundamentais, o papel dos deuses não deixa de ser menos importante para que os benefícios da natureza pudessem ser aproveitados pelos homens. Ao lado dos deuses celestes - conhecidos há muito

¹¹⁸ MESLIN, *Le merveilleux*, p. 224. *BH*, I, XIII, 1-2.

¹¹⁹ A partir do livro XXI (fragmentário) encontramos personalidades romanas e cartaginesas. Diodoro admira Paulo Emílio, Cipião Emiliano e Aníbal e não deixa de dar a eles o “elogio que merecem”.

tempo pelos egípcios - ¹²⁰, figuravam os deuses terrestres que, nascidos mortais, tornaram-se imortais pelos serviços prestados à humanidade.

Diodoro discute a cosmologia e a teogonia egípcias, dando especial relevo ao papel civilizador de Osíris e sua esposa Ísis. Ambos ajudaram os egípcios a renunciar ao canibalismo, ensinando-os a descobrirem sementes de trigo e cevada, que cresciam no país, em estado selvagem, misturados com outras plantas desconhecidas pelo homem; aprenderam a cultivá-los e abandonaram o estado de barbárie em que viviam. Ritos instituídos pelos egípcios relativos à colheita mostram como os homens foram capazes de agradecer pelo benefício concedido. Osíris percorreu toda a terra habitada (*tèn oikouménē*) para ensinar aos homens a arte de plantar a vinha. Assim, retirou a humanidade (*tò génos tōn anthrōpōn*) do estado primitivo em que vivia, fazendo-lhes adotar um regime de vida civilizada, o que lhe valeu a imortalidade. Osíris organizou também os negócios administrativos do Egito: confiou o poder supremo a Ísis e lhe deu por conselheiro Hermes, porque se distinguia por sua prudência. Hércules foi nomeado general de todo o país por sua excepcional (*thaumazómenon*) coragem e força física. A Busíris foi dado o governo da Fenícia e das regiões costeiras e regiões fronteiriças da Etiópia e da Líbia. Depois, deixou o país com seu irmão Apolo [Hórus o Antigo] (que descobriu o loureiro com o qual todos os povos lhe prestam homenagens); acompanharam-no também nessa viagem Anúbis e Macedônio ¹²¹, que também se distinguiam por sua coragem: suas armas, singulares, foram inspiradas em animais que demonstravam coragem e audácia. Anúbis usava pele de cachorro e Macedônio uma cabeça de lobo; é por isso que esses animais eram adorados no Egito (*BH*, I, XV-XXIII).

Não foi somente no Egito que existiram homens excepcionais que guiaram os homens em sua jornada de alcance civilizador. Algo semelhante aconteceu na Líbia e na Frigia, conforme mostram as tradições de Dioniso e Cibele (ambas narradas no livro III). Em tais narrativas percebe-se como Diodoro realça o papel de uma única pessoa que, com poderes excepcionais (mas não sobrenaturais), é capaz de conduzir os homens no bem agir, ensinando o restante a sobreviver em meio a uma natureza

¹²⁰ Deméter, Tétis, Oceano, Zeus, Hélios, Hermes, Apolo. Os historiadores gregos sempre faziam a correspondência dos deuses gregos com os egípcios (*BH*, I, XII, 6).

¹²¹ Macedônio é, provavelmente, uma adição tardia depois da tomada do poder por Alexandre Magno.

hostil. Isso se coaduna totalmente a sua história-educativa, que mostra como é possível passar de um estágio a outro (da barbárie ao estágio civilizado), apenas com a vontade férrea de um indivíduo. Nos locais onde Diodoro pensa que as sociedades não são bárbaras, aquelas tiveram o privilégio de contar com homens excepcionais. Na costa do Golfo Pérsico onde existiam tribos de ictiófagos ou nos confins da Carmânia e da Gedrósia, os homens permaneceram no estágio primitivo de barbárie, limitando-se a alimentar e a satisfazer seus instintos mais básicos. Não havia nesses lugares nenhuma construção magnífica ou legisladores que serviram aos homens como guias no bem agir, para se livrar dos maus instintos. Nos confins da Etiópia, tribos de caçadores alimentavam-se de insetos e travavam luta diária contra leões e nuvens de gafanhotos. Embora aja criatividade na criação de métodos engenhosos que possibilitassem sua existência, a vida dessas tribos era pobre, desprovida de grandes realizações; esses homens não eram capazes de raciocinar sobre a própria vida e viviam como animais sem pensar no passado ou no futuro. O espantoso de tal situação é o modo como viviam, desprovido de qualquer conforto, sem realizar qualquer interferência no meio ambiente em que se encontravam.

Hércules tem papel importante na *BH*. Ele é o herói civilizador por excelência e percorre o Ocidente e o Oriente nos confins de ambas as regiões, muito antes que Alexandre e César pudessem sonhar com tal feito. Para cada trabalho realizado, ganha a humanidade que pode viver em condições excelentes de vida. Incluir tais narrativas mitológicas em sua obra implicava riscos quanto à confiabilidade e veracidade de seus escritos. Mesmo sabedor disso Diodoro justifica sua escolha:

Eu não ignoro que aqueles que compõem narrativas mitológicas antigas são sempre denegridos. Com efeito, as antiguidades dos fatos expostos, que tornam difícil seu estabelecimento, colocam os autores em grande embaraço. De outra parte, a cronologia, que escapa a um exame bem escrupuloso, faz com que os leitores desprezem a história. Por outro lado, a diversidade e a abundância das genealogias dos heróis, dos semideuses e de outros personagens tornam a narrativa difícil. Entretanto, o mais grave e o mais estranho de tudo é o que ocorre àqueles que expuseram essas façanhas e essas narrativas mitológicas muito antigas é o fato de estarem em desacordo entre si. Assim, entre os historiadores que se sucederam, os mais reputados renunciaram à mitologia antiga devido a sua dificuldade e eles empreenderam, ao contrário relatar os fatos mais recentes. [...] Quanto a nós, faremos uma escolha oposta à deles e, assumindo a dificuldade dessa narrativa, colocamos todo nosso cuidado para estudar

a antiguidade. Com efeito, grandes e numerosas façanhas foram realizadas pelos heróis, semideuses, e muitos outros homens de mérito. E tanto foram benfeitores públicos, que algum dentre eles foram honrados pela posteridade, alguns por cultos heróicos, outros por cultos divinos, e todos, a voz da História os celebrou seguida por vários anos de louvores sem medida (*BH*, IV, I,-4).

Ciente das dificuldades de escrever sobre os tempos míticos, sabe que precisa correr os riscos inerentes a tal empreitada, pois os exemplos concretos da vida de heróis e semideuses contribuem decisivamente para o conjunto de sua obra, pois aqueles são modelos humanos ideais para corroborar sua idéia de “instrução moral”. Hércules é o protótipo do herói incansável e sempre disposto a cumprir suas tarefas de maneira impecável. Mesmo sendo filho de Zeus, é obrigado a cumprir tarefas muitas vezes degradantes. A vida do herói é cheia de percalços e provida de acontecimentos maravilhosos e inesperados.

Hércules era filho de Zeus e Alcmena; o deus para conseguir unir-se a Alcmena, elaborou um ardil: tomou a forma de Anfitrião marido de Alcmena e triplicou a duração da noite e, pela amplitude do tempo gasto para a concepção, o presságio era de que a criança nascida de tal união teria uma força excepcional. Ao chegar o final da gravidez de Alcmena, Zeus comunicou no Olimpo que a criança se tornaria rei dos perseidas. Hera, invejosa das prerrogativas futuras da criança e em cumplicidade com sua filha Ilítia (deusa associada ao parto), suspendeu as dores do parto de Alcmena e fez nascer primeiramente Euristeu a quem Hércules, sob suas ordens, haveria de cumprir os Doze Trabalhos e, somente depois de realizá-los, receberia a imortalidade. Ao dar à luz, Alcmena, temerosa da inveja de Hera, expôs o menino em um local que ficou conhecido como “planície de Hércules”. Atena, que se aproximava do local, acompanhada de Hera, maravilhou-se (*thaumásasa*) da boa natureza do menino e persuadiu a mulher de Zeus a amamentá-lo. Entretanto, Hércules sugou o seio com uma força superior a um menino de sua idade, o que deixou a deusa irritada, deixando-o cair. Atena o pegou no colo, entregando-o a sua mãe. Aconteceu, segundo Diodoro, algo extraordinário e inesperado: “de todo modo, o espanto (*thaumásai*) e a singularidade (*parádoxon*, com o sentido de inesperado)¹²² desse acontecimento foi enorme porque a mãe, ainda que devesse acarinhar seu

¹²² “Contra toda expectativa” conforme a tradução de Oldfather na edição da Loeb Classic.

próprio filho, procurou matá-lo, enquanto a madrasta, ainda que lhe tivesse muito ódio, procurou, por ignorância, salvar seu inimigo natural” (BH, IV, 9, 7). De fato, começa a luta de Hera contra Hércules: ainda no berço, a deusa mandaria duas serpentes para matá-lo, mas sua força descomunal o fez estrangulá-las com a maior naturalidade. Hércules realizou muito mais do que os Doze Trabalhos; entre uma tarefa e outra libertava cidades da tirania e da opressão. Tal como o caso da libertação de Tebas, submetida a um tributo fixo por parte do rei dos mínios, Ergino. O herói não se conformava com a insolência e a humilhação com que o rei tratava Tebas e persuadiu seus companheiros a libertar a cidade. Como Ergino obrigara os cidadãos a se desarmarem, foi com suas próprias mãos que matou o rei e todos aqueles que o acompanhavam. Tomou de surpresa a cidade Orcômenon, destruindo o palácio e toda a cidade. A notícia de tal acontecimento percorreu a Grécia e todos se admiraram (*thaumazóntōn*) de sua singularidade (*parádoxon*) (BH, IV, 10, 6). O rei de Tebas, Creonte, ofereceu sua filha em casamento para o herói, mas Euristeu, vendo que a fama de Hércules poderia vir a suplantá-la sua própria, obrigou-o a realizar os Doze Trabalhos; como o herói se recusasse, Zeus ordenou-lhe que se colocasse a serviço de Euristeu. O herói interrogou o oráculo de Delfos, que afirmou que as coisas teriam que se passar exatamente como Euristeu lhe ordenava (pois já estava previsto pelos deuses); e ao fim e ao cabo de suas tarefas tornar-se-ia imortal. Mas Hércules era humano, demasiadamente humano. Sentiu-se humilhado por ter de se submeter dessa maneira a Euristeu. Desanimado em ter que cumprir tais tarefas, Hera se aproveitou para incutir nele um furor que o fez sair do bom senso: matou os próprios filhos. Quando se deu conta do que havia feito, afastou-se do convívio dos outros homens. Mas quando sua dor se acalmou, resolveu comparecer diante de Euristeu, a fim de realizar os trabalhos. A narrativa diodoriana não deixa de louvar a sabedoria de Hércules, que embora tivesse uma força física descomunal, era também provido de inteligência e astúcia. Nem sempre, no decorrer da realização dos trabalhos, a força física era o dom mais importante a ser utilizado pelo herói. Hércules concentra em si todos os defeitos e as qualidades humanas. Era testado por Hera constantemente. A deusa incute nele a fúria, levando-o a cometer atos execráveis; por outro lado, é capaz de realizar gestos que demonstram sua compaixão até pelos inimigos. É o caso de sua luta contra os centauros (não incluída

nos Doze Trabalhos): venceu-os de maneira inesperada (*paradóxōs*), pois os últimos tinham todas as vantagens no combate (foram ajudados por sua mãe Néfele, que mandou uma forte chuva, que ajudava a quem tinha quatro patas, mas que prejudicou Heracles, que só tinha duas, tornando sua caminhada difícil, *BH*, IV, XII, 6). O feito de Hércules contra os centauros foi particularmente importante e simboliza seu bom coração.¹²³ Entre os centauros que matou estava Omados, que havia violado Alcione, irmã de Euristeu. Diodoro afirma: "Por esse ato, aconteceu de Hércules ser particularmente admirado (*thaumasthēnai*): ele detestava pessoalmente seu inimigo, mas, porque ele tinha piedade da mulher ultrajada [Alcione], ele tomou a decisão de superar os homens em moderação" (*BH*, IV, XII, 7). Outro ato importante de Hércules foi a instituição dos Jogos Olímpicos e Diodoro procura mostrar o herói como benfeitor desinteressado da humanidade. Ele instituiu como prêmio máximo da competição uma coroa "porque ele mesmo havia agido pelo bem da humanidade, sem receber qualquer salário" (*BH*, IV, XIV, 1). Fundador de vilas e cidades de uma grandeza extraordinária, (*thaumastēn*) como Hecatôm pilos ("Das Cem Portas"), que existia até a época dos cartagineses (que lançaram contra ela uma expedição que estabeleceu reis na cidade). Chegou até à Ibéria percorrendo também territórios célticos, instituindo reis e impedindo que os bárbaros pilhassem os estrangeiros (quanto tempo antes de César?). Fundou ainda uma cidade, Alésia, que permaneceu inexpugnável até à chegada de César, que a tomou pela força.

César é, de fato, uma das personalidades romanas mais admiradas por Diodoro, que não hesita, nessa passagem, em ligá-lo diretamente a Hércules. Diodoro se esforça sempre em não adiantar a narrativa, mas César é mencionado diversas vezes nos livros anteriores à Guerra de Tróia e comparado sempre a uma divindade — certamente herdeiro dos grandes heróis gregos.¹²⁴ Mais extraordinário ainda na narrativa da *gesta* de Hércules é seu convívio com os romanos. Após atravessar o país dos lígures e dos tirrenos, Hércules chegou ao rio Tibre e se estabeleceu no local onde mais tarde seria fundada Roma, muitas gerações

¹²³ Ou conforme o chamava Pisandro de Rodes, "o mais justo dos assassinos" (fr. 10 Kinkel). *In: DIODORE DE SICILE. Mithologie des grecs*. L. IV, p. 125, n. 43.

¹²⁴ Como em I, IV, 7: "na guerra entre romanos e celtas, guerra no curso da qual, Gaio Júlio César, cujas ações o elevaram à fileira dos deuses, submeteu os mais numerosos e os mais belicosos dos povos celtas e recuou até às Ilhas Britânicas os limites da potência romana."

anteriores a Rômulo, filho de Ares e fundador da cidade. Na época em que Hércules lá esteve, o local mais tarde denominado Palatino, era habitado por alguns povos cujos líderes, Cássio e Pinarius, receberam o herói com grande hospitalidade, honrando-o com presentes que demonstravam que era bem-vindo. Ainda na época de Diodoro, os descendentes das famílias dos anfitriões de Hércules ainda existiam em Roma: os Pinarii, família importante; e, próximo à casa de Cássio, existia uma escadaria de pedra no Palatino que se chamava, por causa dele, "Cacia". Hércules aceitou o devotamento dos romanos e lhes predisse que, após sua partida, deveriam instituir um décimo de sua fortuna para os deuses, a fim de levarem uma existência feliz. De fato, o costume foi adotado e Diodoro pôde comprová-lo em sua época: os romanos, mesmo aqueles que tinham uma fortuna moderada, e mesmo entre os mais ricos, consagravam um dízimo (que não era uma quantia pequena) a Hércules e, por conseqüência, levavam uma existência feliz. Ainda foi construído um templo consagrado ao deus nas margens do Tibre. Continuando sua trajetória, o herói percorre a Itália chegando até a planície de Cumas, onde se encontravam, segundo contavam os mitos, homens extremamente fortes e célebres pelas suas maldades: os Gigantes.¹²⁵ Nessa planície fica localizado o monte Vesúvio, que ainda guarda marcas dos incêndios dos tempos antigos. Quando os Gigantes se aperceberam da presença de Hércules, reuniram-se e travaram um combate assombroso (*thaumastēs*). Mas o herói, que tinha os deuses do seu lado, venceu a batalha e civilizou a região.

Toda a Itália foi percorrida pelo herói e a população local manifestou sua gratidão pelos atos civilizadores, permitindo que seus habitantes pudessem levar uma vida tranqüila e, assim, prosperassem. Entretanto, não somente Hércules marcou a Itália com sua presença: os deuses do Olimpo também realizaram maravilhas ali. As cabeças das feras, capturadas na região de Poseidônia, deveriam ser consagradas à deusa Ártemis. Um caçador, ao capturar um javali de proporções prodigiosas, decidiu não dedicá-lo à deusa, mas, com insolência, afirmou que a consagraria a si próprio. Não tardou e o tempo começou a ficar insuportavelmente quente, a ponto de cobrir o sol; a cabeça do animal caiu sob sua própria cabeça

¹²⁵ Segundo Diodoro, os egípcios contam em suas fábulas (*mytholoûsi*) que os Gigantes nasceram na época de Ísis e são representados sob uma forma monstruosa (*teratōtōs*) nos templos e sucumbindo aos golpes de Osíris (*BH*, I, XXVI, 6).

matando-o. Diodoro afirma: “Pessoa nenhuma deveria se espantar (*thaumáseie*) com esse incidente: circunstâncias como essas nos fazem lembrar os castigos que são infligidos aos ímpios por essa deusa” (*BH*, IV, XXII, 4); tal infortúnio não aconteceu a Hércules devido à sua grande piedade e respeito para com os deuses. Cansado de suas viagens, o herói se pôs a descansar depois dos exaustivos trabalhos realizados na Itália ¹²⁶, mas foi incomodado por terríveis cigarras. Os deuses fizeram com que esses animais desaparecessem dali, não somente naquele momento, mas para sempre.

Assim, Hércules contribuiu com todo o gênero humano, visto que foi até os confins da Índia no Oriente ¹²⁷ e na Ibéria, nos confins do Ocidente. Em todos os lugares transformou a vida desses povos e, se Diodoro não acredita serem completamente civilizados, ao menos tiveram a oportunidade de conhecer alguns aspectos da boa vida grega, levados por seu maior herói, que foi agraciado com a imortalidade.

4 OS MONUMENTOS EXCEPCIONAIS CRIADOS PELOS HOMENS E A VIDA DOS SÁBIOS QUE OS CONSTRUÍRAM

Tema caro à historiografia grega, são as construções magníficas empreendidas pelos homens das mais diversas culturas. O Egito chama a atenção por suas construções de grandes proporções que maravilham aqueles que o visitam. Tais construções extraordinárias mostram a capacidade humana de suplantar o estágio primitivo da natureza, além de proporcionar conforto e beleza para seus habitantes. Tal maravilhamento é ativado, principalmente, pelo olhar que capta a grandiosidade da aventura humana e como é possível intervir em uma realidade que pode, em princípio, ser inóspita. Nesse sentido, mais uma vez, o Egito aparece como campeão das maravilhas construídas pelo engenho humano. Se seus reis são grandes, é

¹²⁶ Fronteira de Région com a Lócria.

¹²⁷ Diodoro atesta a presença de Hércules na Índia e narra, que o herói tentou remover um rochedo denominado Aornos, entretanto sem sucesso devido a signos enviados por Zeus (terremoto) para que desistisse de tal empreitada. Será Alexandre Magno (seu descendente) que caberá, pela astúcia, e não pela força física, removê-lo em um momento decisivo da batalha contra os indianos para rivalizar em glória (*dóxe*) com o deus (*BH*, XVII, LXXXV, 1-2).

porque constroem grandes obras que os possibilitam serem lembrados por toda a posteridade. Portanto, Diodoro só narra sobre reis que realizaram alguma obra importante, digna de ser mencionada. Com efeito, dado o fato de a história egípcia ser muito extensa, a maioria dos fatos constantes nos arquivos dos sacerdotes “é desprovida de interesse” (*BH*, I, XLIV, 5) e, portanto, seria muito “longo descrevê-los”. Encontraremos nesses relatos, os feitos dos grandes homens que contribuíram significativamente para que a humanidade viesse a ascender no degrau do conforto e da boa vida, preocupação central de tais figuras. Portanto, Diodoro não pode deixar de mencionar os monumentos extraordinários por eles construídos. No Egito, Diodoro cita dezenove incríveis monumentos construídos pelos faraós (entre os quais o Labirinto, o Ramesseum e as Pirâmides). Na Assíria, descreve os maravilhosos monumentos construídos na Babilônia (a maioria credita à lendária rainha Semiramis).¹²⁸

Devido à elevada população egípcia, os faraós podiam contar com uma mão de obra em abundância, realizar obras maravilhosas (*thaumastà*) e deixar monumentos imperecíveis (*athánata*) de sua glória (*dóxēs*) (*BH*, I, XXXI, 9).¹²⁹ Assim, depois dos deuses, o primeiro a reinar no Egito foi o faraó Menes¹³⁰, que ensinou o povo a cultuar os deuses e a lhes oferecer sacrifícios, a utilizar a mesa para as refeições e a dormir em camas. Introduziu-lhes, enfim, em um modo de vida luxuoso e opulento. Incrivelmente, Diodoro se contradiz nessa passagem, pois no início do livro I havia dito que quem havia ensinado tais costumes aos homens era o deus (inicialmente homem) Osíris. Entretanto, ao prosseguir no relato, Diodoro afirma que muitas gerações depois, um faraó denominado Borcóris, o Sábio, estando em campanha militar no deserto e naquele momento sem qualquer acesso a bens luxuosos e a uma vida confortável, maldisse o antecessor que introduzira tais comodidades à vida humana. Mandou gravar no templo consagrado a Zeus, imprecações contra Menes,

¹²⁸ Sete monumentos estão localizados na Grécia, a maioria templos consagrados aos deuses e os feitos realizados por Dédalo antes da guerra de Tróia.

¹²⁹ Diodoro descreve as obras realizadas pelos faraós para “domar” e aproveitar o potencial do rio Nilo. Entretanto, prefiro tratar desse assunto quando discutir sobre a importância da natureza como fonte de maravilhas.

¹³⁰ Narmer-Menes ou Meni (c. 3150-3125) rei do período tinita e unificador do Alto e do Baixo Egito. A forma utilizada por Diodoro varia nos manuscritos consultados pelo editor. In: DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque historique*, V. I. p. 96, n. 1. Utilizarei a forma mais comum, Menes.

criticando-o por haver introduzido o luxo e a opulência na vida egípcia. Diodoro afirma que talvez seja por isso que o nome de Menes permaneceu quase desconhecido pela posteridade, apesar dos feitos realizados. Pouco atento à cronologia, Diodoro descreve a fundação de Dióspolis, a Grande (Tebas para os gregos), por Busíris. A cidade foi ornada com grandes e maravilhosos (*thaumastōs*) edifícios, templos magníficos e todo tipo de monumentos votivos. Até mesmo as casas de simples particulares era dotada de cinco andares; a cidade era a mais próspera não somente do Egito, mas de todo o mundo. Esse faraó construiu admiráveis construções e alguns de seus sucessores também. Dos quatro santuários existentes em Tebas o mais antigo era o mais esplêndido (*thaumastòn*) pela beleza e grandiosidade: possuía treze estádios de contorno (c. 2300 m), quarenta e cinco côvados de altura (c. 20 m) e a espessura dos muros era de vinte e quatro pés (c. 7,10 m). A ornamentação não era menos magnífica: era admirável (*thaumastòn*) e magnificente com uma construção e ornamentação perfeitas (*BH*, I, XLVI, 3-4). A construção permanecia de pé até à época do próprio Diodoro; mas todo o ouro, a prata e as suntuosas peças de marfim e pedras preciosas haviam sido pilhados pelos persas na época de Cambises e levadas para a Ásia. Dessa maneira, juntamente com as riquezas pilhadas pelos persas, foram levados artesãos egípcios que, assim, construíram os célebres palácios de Persépolis, Susa e Média. Não obstante essa pilhagem dos templos e palácios egípcios, a riqueza que permaneceu no país era o equivalente a trezentos talentos de ouro (mais de seis toneladas) e não menos de dois mil e trezentos talentos de prata (mais de quarenta e sete toneladas). Essa quantidade incrível de riquezas estava guardada nos túmulos extraordinários (*thaumastoùs*) dos reis, os quais não poderiam ser superados por nenhum outro na posteridade. Na época de Ptolomeu, filho de Lagos, restavam ainda dezessete túmulos que Diodoro afirma ter visitado. Particularmente importante, é o túmulo de Osimandias, (Ramsés II/1279-1212) com sua qualidade artística admirável (*thaumastòn*), que Diodoro se compraz em descrever: trata-se do Ramesseum, ainda não localizado pela arqueologia.

Se a história é, para Diodoro, *locus* privilegiado para se louvar os bons e criticar os maus, nada mais apropriado do que enumerar um sem fim de obras magníficas, mesmo já tendo sido descritas à exaustão pela historiografia grega. A

construção de obras do porte das que eram encontradas no Egito realçam o que Diodoro tem em mente: a idéia de que homens sábios são capazes de deixar sua marca para as futuras gerações. Para construir esses monumentos maravilhosos, é necessário ter a sociedade organizada e harmônica a fim de que se trabalhe em conjunto, em prol do bem estar de todos. Tal é o feito realizado pelo faraó Sesóstris I (XII dinastia): ele ultrapassou seus antecessores na grandeza de seus empreendimentos. Seu pai lhe proporcionou uma educação primorosa, mas não queria que o filho, quando crescesse, não tivesse rapazes à sua altura, para que juntos pudessem conviver. Portanto, todos os meninos nascidos no mesmo dia que o jovem faraó foram educados conjuntamente, para que “criados em franca familiaridade fossem, por conseqüência, cheios de benevolência recíproca e excelentes companheiros de arma e de guerra” (BH, I, LIII, 2).¹³¹ Os meninos foram criados juntos e receberam tudo de acordo com suas necessidades, praticando exercícios físicos incessantes a base de rudes esforços; ninguém poderia se alimentar antes de ter percorrido uma distância de cento e oitenta estádios (c. 32 km). Quando chegaram à idade adulta haviam se tornado, fisicamente, atletas vigorosos e, *moralmente*, homens aptos para o comando. Logo a educação fornecida pelo faraó pôde ser posta à prova: foi enviado para combater na Arábia, juntamente com seus companheiros de treinamento. A paisagem desértica da Arábia, aliada à ausência de água e comida, se assemelhou às provas suportadas ao longo da infância e juventude. Haviam se tornado excelentes guerreiros e conquistaram o país. Essa passagem contradiz afirmativas feitas pelo próprio Diodoro no livro III, quando descreveu a Arábia e disse que nenhum povo os havia conquistado; o que interessa é, sobretudo, mostrar como o autor privilegia fatos que melhor ilustrem seu caráter educativo. O pai de Sesóstris teria tido um sonho em que Hefesto teria dito que seu filho reinaria por toda a *oikouménē*. Assim se preparou para o futuro, procurando educar o menino para suas obrigações de “rei de toda a terra habitada”; além disso, procurou conquistar a benevolência de todo o povo egípcio para torná-lo disposto a morrer pelo jovem faraó, e também a dos chefes locais para que não tentassem nenhuma rebelião, quando fosse chegado o momento de seu filho assumir o trono. Por isso, dividiu o Egito em trinta e seis nomos governados por seus respectivos

¹³¹ Educação espartana no Egito?

nomarcas. Reorganizou o exército, reunindo seiscentos mil soldados de infantaria pesada, vinte e quatro mil cavaleiros e vinte e sete mil carros de combate. O comando de vários regimentos foi dado aos companheiros criados junto com seus filhos, os quais eram ligados ao rei e entre si por laços de amor fraternal. Os meninos criados conjuntamente com seus filhos eram mais de mil e setecentos! Para eles foram distribuídos os melhores lotes de terra, a fim de que nada lhes faltasse e só precisassem se preocupar com os negócios da guerra. Devidamente preparados, fizeram campanha contra os núbios (ao sul do Egito), obrigando-os a pagar tributo em ébano, ouro e defesas com elefantes. Fez expedição em direção ao mar Eritreu, sendo a primeira vez que o Egito empreendeu uma campanha marítima. As conquistas do filho de Sesóstris incluíram campanhas na Índia e, seguindo a rota através da Síria, submeteu toda a Ásia. Conquistou todos os lugares que planejou e voltou coberto de glórias e muitos tesouros: realizou mais façanhas do que qualquer um de seus antecessores. Guerreiro vencedor não poderia deixar de construir grandes obras a fim de engrandecer seu próprio nome, para torná-lo imortal (*athánaton*) e também ao povo egípcio. Não poupou custos para construí-las e não utilizou mão de obra egípcia e sim, prisioneiros de guerra. Além disso, transferiu cidades inteiras para outros locais, de modo que seus habitantes pudessem viver em lugar mais seguro e longe das cheias do Nilo. Criou canais para abreviar o percurso do rio e facilitar o transporte das colheitas e deixar o gado em segurança. Proporcionou uma vida de abundância para que todos pudessem gozar a vida. Devido à grande quantidade de canais por ele construídos, tornou-se impossível que inimigos atacassem o país, o que protegeu a população de inimigos externos. Construiu estátuas de si mesmo e de sua mulher com altura de trinta côvados (c. 13,50 m) e de seus filhos de vinte côvados (c. 9 m).¹³²

Apesar de todos os feitos de Sesóstris, seu irmão organizou um complô contra ele, provocando um incêndio na tenda em que se encontrava, quando retornava de uma grande expedição à região pelusiana. O incêndio ocorreu subitamente e aqueles que eram encarregados da segurança do faraó vieram socorrê-lo de maneira lenta, porque haviam bebido muito vinho. Sesóstris, elevando as duas mãos para o céu, implorou aos deuses pela saúde de seus filhos e de sua mulher e escapou das

¹³² Tais estátuas foram, na realidade, feitas por Ramsés II.

chamas. Após esse salvamento miraculoso (*paradóxōs*), consagrou diversas oferendas aos deuses, especialmente a Hefesto, a quem considerou seu salvador (*BH*, I, LVII, 6-8).

O relato de Diodoro sobre Sesóstris é um dos mais longos da *BH*, mostrando que nem sempre a simetria é sua preocupação central. Quando se trata de narrar histórias que considera exemplos para seu leitor, não se acanha em prolongar a narrativa. Mesmo que a história de Sesóstris seja um amálgama da história de vários faraós do Egito (existe a possibilidade dele ter confundido ou mesclado à história de vários reis para se adequar à sua narrativa), interessa-nos os objetivos reais de Diodoro: tomar alguém como exemplo de virtude e de realizador de grandes feitos, para que assim seu leitor tenha como se identificar com seu “biografado”. Dessa maneira, a história de Sesóstris ainda está longe de terminar. Diodoro se interessa também pelo seu comportamento em relação aos outros. O relacionamento que mantinha com os grandes que o cercavam no palácio permitiu aos príncipes e outros chefes, vencidos por ele nas batalhas, manterem sua dignidade real e outros ainda de receber comandos importantes. Na data fixada para receber o tributo, o rei os acolhia e os tratava com todas as honras e distinções particulares. Ninguém poderia rivalizar com Sesóstris nem em fama ou mérito:

Esse rei parece ter ultrapassado todos os que já haviam obtido o poder, tanto por suas façanhas guerreiras quando pela grandeza e os numerosos monumentos consagrados e os trabalhos executados no Egito. Após ter reinado durante trinta e três anos e tendo se tornado cego, ele buscou voluntariamente a morte. Essa ação lhe valeu a admiração (*ethaumástḗ*), não somente nos sacerdotes, mas também em todos os egípcios, porque se julgava que ele havia dado à sua vida um fim digno da grandeza que ele havia mostrado em outras ações. A glória desse rei foi tão grande que subsistiu por tão longo tempo na posteridade que mesmo muitas gerações mais tarde quando o Egito caiu sob a dominação persa, como Dario, pai de Xerxes, desejava mandar colocar em Mênfis uma estátua sua diante da de Sesóstris, o chefe dos sacerdotes se opôs através de um discurso pronunciado diante da assembléia de sacerdotes, expondo que Dario não havia ainda ultrapassado as façanhas de Sesóstris. E o rei, bem longe de se irritar, foi tocado por essa franqueza, e declarou que se esforçaria para não se comparar com esse rei [...]; ele [Dario] os convidava a basear seu julgamento sobre as ações realizadas na mesma idade; essa era a maneira mais justa de julgar seu mérito (*BH*, I, LVIII, 4-5).

A vida de Sesóstris pode ser considerada maravilhosa, na medida em que o mesmo agiu segundo os preceitos dos grandes: nasceu em uma família capaz de direcionar sua vida para o bem agir, foi considerado favorito dos deuses que previram seu futuro brilhante, sua educação foi voltada para a *aretē* física e moral, distinguiu-se também por ser excelente guerreiro vencedor de grandes batalhas e conquistador de mundos, construtor de obras admiráveis por ser amante da glória imortal (*philodóxeis*). O plano previsto no proêmio da *BH* é então seguido à risca por Diodoro:

Todos os homens, com efeito, devido à fragilidade de sua natureza, não vivem senão uma ínfima porção da eternidade; eles estão mortos durante todo o resto do tempo que ainda virá e aqueles que, no curso de sua existência, não realizaram nada de meritório, o conjunto de sua vida perece junto com seu corpo. Mas, para aqueles que conseguiram adquirir uma reputação graças a seus méritos, suas ações vivem eternamente, celebradas pela voz toda *divina da história*.¹³³ É belo, creio, e todo homem sensato há de convir, de trocar os trabalhos perecíveis por uma glória imperecível. Tome Hércules como exemplo: segundo a opinião geral, durante o todo o tempo que passou junto aos homens, ele se submeteu de pleno acordo e sem descanso a enormes e temíveis provações, a fim de ganhar a imortalidade pelo preço dos serviços prestados a todo o gênero humano. Entre os outros homens de valor também, uns obtiveram honras heróicas, outros as honras divinas, mas todos puderam ser julgados dignos de grandes elogios, porque a história imortalizou seus méritos. É por isso que os outros monumentos não subsistem que por pouco tempo, destruídos que são por todo tipo de acasos. Pelo contrário, a potência da história, se estendendo a todo o conjunto da terra habitada, encontra no tempo, o destruidor de todo o resto, garantindo sua transmissão eterna para toda a posteridade (*BH*, I, II, 4-5).

Diodoro escrevia como se estivesse fazendo um discurso apaixonado da utilidade da história, único meio possível de resguardar a memória do esquecimento. Do que adianta realizar grandes ações se não há quem possa narrá-las? E se alguém for ímpio ou praticar o mal, quem o denunciará e o lançará no merecido opróbrio?

Outro exemplo importante contido na primeira parte da *BH* é a história maravilhosa da rainha assíria Semiramis, também ela grande construtora e guerreira brilhante. A partir do capítulo IV do livro II, boa parte da narrativa se concentra na

¹³³ Grifo meu.

famosa rainha que, segundo Diodoro, foi “a mais ilustre mulher” do qual já teve conhecimento (*BH*, II, IV, 1).

Semiramis, segundo conta a lenda (*mytholoûsin*), teria nascido na cidade de Ascalon, na Síria.¹³⁴ Não muito longe dali, havia um lago cheio de peixes e, às suas margens, existia um santuário dedicado à deusa chamada Derkéto, que tinha a metade do corpo sob a forma de um peixe. Descontente com a deusa, Afrodite¹³⁵ inspirou-lhe violento amor por rapazes jovens, de modo que veio a engravidar e teve uma menina. Envergonhada por sua falta, fez desaparecer o homem que a tinha engravidado e expôs a menina em um lugar deserto e pedregoso, mas onde havia, entretanto, uma multidão de pombas que alimentaram a criança salvando sua vida de maneira extraordinária (*paradóxous*). Feito isso, a deusa se jogou no lago, motivo pelo qual os sírios não comem peixe. A menina continuou a ser alimentada pelas pombas, até que, chegadas a uma idade em que precisaria de alimentos mais consistentes, as pombas alimentavam-na com queijo que picavam com o bico. Mas os pastores, observando os pedaços de queijo partidos na beira do precipício, se espantaram (*thaumásai*) com tão extraordinário (*parádoxon*) acontecimento, de modo que procuraram buscar sua causa. Encontrada a criança, levaram-na para o responsável pelo rebanho real que se chamava Simmas. Como não tinha filhos, adotou-a como filha, chamando-a de Semiramis, que em “caracteres sírios” (cuneiformes) significava pomba (*BH*, II, IV, 6). Na idade de se casar, como sua beleza ultrapassava a de todas as outras moças, atraiu a atenção do governador (*hyparchos*) do rei que a desposou legalmente em casamento, levando-a para Ninos (Nínive). Com ele teve dois filhos, Hiapates e Hidaspes (nomes que, segundo os comentadores, são claramente persas). Sua enorme beleza transformou o marido em seu completo escravo, que seguia todas as suas opiniões e fazia de tudo para

¹³⁴ A cidade de Ascalon foi fundada por filisteus. Outro aspecto importante a ser ressaltado é a confusão feita pelos autores gregos da Síria e da Assíria. Muitos escrevem indistintamente *assyrioi* e *syrioi* para designar populações do Oriente Próximo e do Oriente Médio. A Síria só começou a ganhar estatuto próprio na época romana e se distinguia da Mesopotâmia, pois era separada pelo Eufrates. *In: DIODORE DE SICILE. Bibliothèque Historique. T. 2, livre II, 2003, p. 109, n. 3.*

¹³⁵ A deusa Atargatis foi assimilada pelos gregos como Afrodite. Heródoto (*Histórias*, I, 105) menciona um templo de Afrodite Urânia em Ascalon e parece ser a figura da deusa Astarté, assimilada à deusa babilônia Ishtar. *In: DIODORE DE SICILE. Bibliothèque Historique. I. II, 2003, p. 110, n 5.*

atender aos seus desejos.¹³⁶ Nessa época, o rei Ninos¹³⁷, que terminava de fundar a cidade que levava seu nome, estava promovendo campanha militar contra os bactrianos¹³⁸ e pediu a todos os seus governadores, que reputava valentes e corajosos, que fossem ajudá-lo na guerra. O exército assírio ganhou proporções monumentais, atingindo a cifra de um milhão e setecentos mil soldados de infantaria, duzentos mil cavaleiros e pouco mais de dez mil carros armados. Diodoro compara tais números com outras expedições e exércitos, como o de Dario contra os citas que contava com oitocentos mil homens (c. 503) e o efetivo romano, pouco antes da guerra contra Aníbal: prevendo a magnitude do que estavam para enfrentar, haviam convocado todos os homens aptos para o serviço militar, cidadãos e aliados indistintamente, perfazendo um total de um milhão de homens.¹³⁹

Embora com efetivo tão numeroso, não foi rapidamente que Ninos venceu os bactrianos. O que se viu, pelo contrário, foi a fuga dos assírios diante da impossibilidade de franquear as excelentes fortificações bactrianas além da conformação natural do terreno cheio de montanhas e precipícios que impediam uma arremetida decisiva. Os povos vizinhos foram facilmente submetidos à exceção dos bactrianos a despeito de sua forte posição e de suas instalações militares. O cerco se estendia excessivamente, o que fez com que o marido de Semiramis, tomado de amor por sua esposa, mandasse buscá-la para fazer-lhe companhia durante esse momento difícil. Semiramis compreendeu rapidamente que a ocasião era extremamente vantajosa para mostrar sua inteligência e todas as outras qualidades de que era possuidora e poder mostrar seu valor pessoal. Como deveria viajar durante vários dias, vestiu uma roupa que não permitisse a quem quer que lhe observasse perceber se se tratava de um homem ou de uma mulher; tal vestimenta

¹³⁶ O que na época devia constituir-se uma aberração: uma mulher “mandar” em um homem.

¹³⁷ Epônimo da cidade Nínive que provavelmente não teve existência real.

¹³⁸ A Bactriana ficava localizada no atual Paquistão.

¹³⁹ O comentário sobre os números elevados das tropas utilizados por Ctésias, que Diodoro cita explicitamente, e os de Heródoto (VII, 60) na expedição de Xerxes contra a Grécia são contestados pelos comentadores como excessivamente altos. Em ambos os casos, o que interessa no presente estudo é exatamente ressaltar esses números exorbitantes que somente servem para atingir o objetivo dos autores, quais sejam, realçar o caráter extraordinário dos reis “orientais” contra os quais os gregos se viram obrigados a confrontar durante as Guerras Pérsicas e com a campanha de Alexandre à Ásia. Tais números não são de maneira alguma gratuitos, tendo em vista que Diodoro relata os dois episódios em sua *Biblioteca Histórica*.

utilizada por Semiramis foi tão apreciada, que foi adotada posteriormente pelos medas e, posteriormente, pelos persas quando se tornaram senhores da Ásia. Quando chegou à Bactriana, começou a observar cuidadosamente o estado do cerco e as possibilidades de se tomar o local. Concluiu que as tropas assírias se concentravam nas muralhas da planície, sendo impossível tomá-las por serem muito seguras; entretanto, percebera que as muralhas, que davam para o lado do precipício, estavam completamente desguarnecidas, uma vez que todos os soldados guardavam as muralhas que faziam limite com a planície. Selecionou seus melhores soldados acostumados com escaladas e os fez subirem à ravina escarpada de modo a penetrar na cidadela. Ao seu sinal, os soldados investiram sobre as muralhas da planície, e os sitiados, apavorados de verem os soldados penetrarem na cidadela, abandonaram seus postos nas muralhas, tornando possível sua tomada pelas tropas assírias. Ninos ficou completamente maravilhado (*thaumásas*) com a coragem daquela mulher e a recompensou com inúmeros presentes. Entretanto, o efeito de sua beleza causou maior impressão ainda no rei, que se apaixonou completamente, exigindo que o marido, agora nomeado, Ones, abrisse mão da esposa em favor do rei. Em troca, lhe daria a própria filha em casamento. Diante da negativa do marido, o rei ameaçou-lhe infringir as piores torturas, caso não obedecesse plenamente suas ordens. Diante de tal situação, foi obrigado a ceder, mas acabou por suicidar-se “tomado por um tipo de loucura”. Assim, Semiramis adquiriu a dignidade real (*BH*, II, VI, 1-8) e com Ninos teve um filho, Ninias, que será, posteriormente, seu sucessor.

A partir desse momento, a narrativa de Diodoro concentra-se nos feitos da grande rainha que teve enorme repercussão na Antiguidade. A morte de Ninos inicia, de fato, o longo reinado da rainha, cuja história é entremeada de elementos da cultura assíria, iraniana e fatos que denotam a incongruência histórica da trama. Mulheres poderosas, guerreiras e bonitas chamaram a atenção, sobretudo pela exceção notória em relação ao verdadeiro papel que a mulher exerceu na Antiguidade: relegadas ao papel de esposas submissas e mães, elas não viviam no ambiente público, mas no interior das casas e da vida doméstica. Nas narrativas, são ressaltadas principalmente as características que não são consideradas femininas: à exceção da beleza (aliás, praticamente obrigatória), o restante das qualidades é viril. É o caso das Amazonas, descritas por Heródoto e também por Diodoro como

guerreiras por excelências e negadoras da condição feminina: não têm seios, ou pior, mutilam a própria feminilidade, são propositadamente deformadas (com apenas um seio).

O que interessa é o elemento fabuloso presente em toda a narrativa com o qual Diodoro não deixa de se identificar, pois a rainha constituiu um *exemplum* importante para seu *télos* histórico, justamente pela exceção. A primeira providência de Semiramis após a morte do marido foi construir um túmulo de grandes proporções em um recinto do palácio real. Como a cidade se estendia ao longo do Eufrates, ¹⁴⁰ era possível de longe, ver os monumentos. Mas Semiramis tinha por objetivo fundar outra cidade, a Babilônia, selecionando para isso os melhores arquitetos e artesãos do mundo inteiro, provendo tudo o que fosse necessário para que a execução dos trabalhos corresse perfeitamente: cerca de dois milhões de trabalhadores se empenharam para que a cidade viesse a ser concluída. Em volta do rio, foi construída uma muralha de cerca de trezentos e sessenta estádios (c. de 66,6 km), o que permitia a passagem de seis carros de guerra ao mesmo tempo. As muralhas foram cobertas com grossa camada de asfalto para garantir maior firmeza. Para levar a cabo a construção dos edifícios, confiou a cada um de seus amigos a quantidade necessária para o término das obras que deveria se dar no prazo de um ano. Construiu ainda dois palácios reais, um de cada lado do rio, que permitia a observação de toda a cidade. Cedros e enormes troncos de palmeiras foram utilizados nas muralhas, edifícios e por toda parte. Os edifícios foram pintados com motivos coloridos, imagens de bronze de Ninos, Semiramis e de importantes dignitários da corte, assim como também de Zeus Belos. Construiu também galerias subterrâneas sob o rio, que possibilitava percorrer todo o palácio de uma ponta a outra. Era possível também atravessar o rio nessas galerias para chegar aos palácios que estavam localizados no outro extremo.

Os famosos Jardins Suspensos da Babilônia, considerados uma das *Sete Maravilhas* da Antiguidade, também foram construídos pela rainha. O parque descrito por Diodoro (nomeado *parádeisos*) se estendia por cada lado em quatro pletros (129 m, e tinha uma forma trapezoidal), sendo a reprodução de um jardim botânico artificial com as particularidades da paisagem persa (Diodoro afirma que talvez não

¹⁴⁰ Erro de Diodoro, pois se trata na realidade do rio Tigre que atravessava Nínive.

tenha sido Semiramis a construir esse parque, mas algum rei sírio [confusão entre a palavra "sírio" e "assírio"] a pedido de uma de suas concubinas. *BH*, II, X, 1). Rodeado por galerias abobadadas, recebiam luz natural e continham numerosas câmaras reais de todos os tipos; havia uma câmara especial construída no ponto mais elevado que fechava os compartimentos e, através da irrigação, serviam para trazer a água do rio, sem que qualquer pessoa pudesse perceber o que se passava (*BH*, II, X, 5-6).

A Semiramis de Diodoro mostra bem o resultado desse amalgama, fruto de milhares de anos de convivência entre diferentes povos. A rainha é uma "conquistadora" nata em ambos os sentidos: pretende ir até os confins da terra habitada para conquistar povos e terras sem fim; mas conquista também os homens, não se apaixonando ou casando com eles. Tendo construído para si um parque (*parádeison*) em Behistun (local onde foi encontrado o famoso texto referente ao reinado de Dario I, que conforme ressalta Briant ¹⁴¹, era um local de tradições pré-aquemênidas), escolhia os mais belos soldados (de boa aparência) e depois fazia desaparecer todos os que haviam mantido relações com ela (*BH*, XIII, 1-4). Mulher corajosa, viril e sensual ao mesmo tempo, Semiramis tem o controle dos seus desejos, podendo dispô-los de acordo com sua própria vontade, o que, no mundo antigo não era muito comum, daí o espanto e a admiração de Diodoro. Como os deuses que haviam ensinado várias coisas úteis para a humanidade, Semiramis percorreu praticamente toda a *oikouménē* e em cada lugar deixava a marca registrada da sua passagem: em Ecbátana (capital da Média) mandou construir um palácio esplêndido; ela percorreu a Pérsia inteira, abrindo rotas comerciais em meio às montanhas altíssimas ali localizadas. Percorreu o Egito, submetendo a maior parte da Líbia ¹⁴² e foi ao santuário de Amon para consultar o deus a respeito de sua própria morte. Essa passagem foi vista por muitos comentadores como imitação clara do gesto feito por Alexandre Magno, quando foi reconhecido deus pelo mesmo oráculo em 331. Ela percorreu também a Etiópia e pôde observar os extraordinários (*parádoxa*) espetáculos que o país oferecia: de fato ela viu ali um lago de forma quadrangular com cerca de sessenta pés (49,6 m) com uma água próxima ao

¹⁴¹ BRIANT. *Darius*. Les perses et l'empire. Paris: Gallimard, 1992, p. 11.

¹⁴² A Líbia a que Diodoro parece se referir aqui seria o norte da África, pois mais adiante, a rainha percorreu também a Etiópia.

cinábrio (mineral de cor vermelho-escuro), que exalava um odor extremamente agradável e tinha uma virtude extraordinária (*parádoxon*): aquele que bebesse sua água era tomado de uma espécie de loucura e acusava a si próprio de todas as faltas cometidas até aquele momento (mas Diodoro demonstra uma certa dificuldade para crer em tal história, *BH*, II, XIV, 4). Após ter resolvido suas questões no Egito e na Etiópia, decidiu retornar a Bactriana, local em que tinha grande contingente de tropas. Cansada do longo período de paz que já durava bastante tempo, resolveu, após ouvir falar dos indianos, promover um ataque a esse povo. As notícias que chegavam da Índia eram de fato, extraordinárias: além de ser o povo mais numeroso da *oikouménē*, ocupavam um território extenso e seu rei, que se chamava Estrabobates, tinha um exército incalculável de soldados.¹⁴³ Começou os preparativos para uma guerra de grandes proporções que incluíam a construção de navios, com importação de madeira da Fenícia, Síria e Chipre; foi ordenado que os navios a serem construídos fossem desmontáveis, pois seria necessários transportá-los da Bactriana à Índia. Com um grande golpe de astúcia, mandou construir simulacros (*eídola*) de elefantes, na esperança de infringir absoluto terror nas tropas inimigas: os indianos não acreditavam que existissem elefantes fora de seu país (*BH*, II, XVI, 8-9). Preparou cerca de trezentas mil cabeças de gado para servirem de alimentação para as tropas e utilizou as peles para construir os simulacros dos elefantes. De fato, quem quer que olhasse o resultado dos simulacros, não saberia distinguir os verdadeiros elefantes dos falsos. Tais preparativos levaram cerca de dois anos para ficarem prontos; então, ela mandou chamar seus efetivos militares na Bactriana, que chegavam a três milhões de soldados de infantaria pesada, duzentos mil cavaleiros e cem mil carros de guerra. Havia também guerreiros montados em camelos portando sabres de quatro côvados (1,84 m) e na mesma quantidade do número de carros! Os navios desmontáveis chegavam ao número de dois mil e foram transportados pelos camelos (*BH*, II, XVII, 1-3).

Pelo lado dos indianos, o rei Estrabobates, informado da quantidade de tropas acima mencionadas e da amplitude dos preparativos da guerra, decidiu realizar os

¹⁴³ A campanha de Semiramis à Índia parece ter sido uma adição tardia feita na época helenística e se parece claramente com a campanha promovida por Alexandre (327-325) aquele país. Assim, uma história contada desde Heródoto e Ctésias, ganha novo charme e significado destinado a um público ávido por histórias fantasiosas.

seus próprios no intuito de superá-los. Começou por construir quatro mil navios de bambu (pois na Índia, nas regiões próximas ao rio e também nas regiões pantanosas, existia grande quantidade desse material, o que tornava extremamente fácil consegui-los), caçou os elefantes mais selvagens e multiplicou o número que já tinha à sua disposição. Tomou medidas importantes para a fabricação de armas e, percorrendo toda a Índia, conseguiu reunir um exército bem maior do que o de Semiramis. De fato, ao observar o exército do rei indiano reunido, qualquer ser humano teria a impressão de ser uma criatura completamente impotente, diante da magnitude das tropas. Terminados os preparativos, o rei indiano mandou mensageiros ao encontro de Semiramis (que já se encontrava em marcha com suas tropas), com o intuito de fazê-la desistir de tal empreitada. De toda maneira, apressou as tropas, tomando os soldados mais valorosos, para realizar os primeiros combates próximos ao rio. A batalha foi encarniçada e durante longo tempo não se sabia quem a venceria, mas, finalmente, Semiramis pôde afirmar que havia vencido: suas tropas destruiriam cerca de mil navios de guerra, fazendo grande número de prisioneiros (cerca de cem mil). Na exaltação da vitória, transformou praticamente toda a população local (das ilhas sobre o rio e das cidades insulares) à escravidão. Após tal derrota, o rei dos indianos simulou uma retirada em pânico, mas, na realidade, tinha por objetivo obrigar as tropas a atravessarem o rio. Esse momento dos acontecimentos foi marcado por jogos de astúcia de ambos os lados, pois Semiramis utilizou seus simulacros de elefantes e os espiões do rei indiano contaram a ele a grande quantidade de elefantes de que Semiramis era possuidora. Embora tenham ficado surpreendidos em princípio, a fraude (*pseûdos*) de Semiramis não durou muito tempo. Alguns soldados de Semiramis, acusados de terem negligenciado seus postos, foram duramente castigados e se debandaram para o lado inimigo, contando o segredo a respeito dos elefantes. Assim, ao invés de fugir, o rei indiano deu meia volta para afrontar os assírios: enviou a cavalaria acompanhada de carros de guerra como vanguarda da expedição contra as tropas da rainha. Entrementes, Semiramis estava também se preparando para a luta, conseguindo sustentar o ataque da cavalaria inimiga e, como os "elefantes" estavam dispostos diante da falange a intervalos regulares, os cavalos indianos foram tomados de pavor. De longe, os simulacros dos elefantes tinham o mesmo efeito real dos verdadeiros

animais companheiros habituais dos cavalos indianos, que galopavam fogosamente. Mas, uma vez estando perto dos simulacros, o odor exalado fazia com que os cavalos ficassem completamente perturbados. Esse acontecimento causou grande confusão junto às tropas indianas, uma vez que os cavalos, assustados, não obedeciam a mais ninguém. Semiramis soube se aproveitar dessa confusão e, junto a seus soldados de elite, derrotou os indianos. Mesmo com vitória, o rei dos indianos não se deixou amedrontar (pois sabia dos simulacros) e colocou seus próprios elefantes na frente de seus exércitos. Devido à sua força brutal, os animais eram capazes de aniquilar completamente tudo o que vissem pela frente. E foi o que aconteceu. Corpos foram despedaçados, soldados lançados ao ar pelas trombas dos elefantes; formou-se uma massa compacta de cadáveres e o espetáculo horripilante causado por tal visão não impediu que até o mais valoroso dos soldados abandonassem seus postos. Somente Semiramis permaneceu até o final e foi impiedosamente atacada de todas as maneiras pelas tropas indianas: flechas e dardos que a atingiram. A rainha, com sua bravura e coragem habituais, não se intimidou e continuou a lutar, não obstante estar praticamente sozinha. Conseguiu escapar dos perigos que colocavam em risco sua própria vida, atravessando o rio, infligindo no último momento pesadas derrotas ao exército indiano; nesse momento, o rei não fez mais nada, uma vez que signos celestes se manifestaram e, segundo seus adivinhos, Ihe era interdito de atravessar o rio. Semiramis conseguiu efetuar uma troca de prisioneiros e retornou à Bactriana, depois de ter perdido dois terços de seu exército (*BH*, II, XIX, 1-10). Algum tempo depois, seu próprio filho, Nínias, armou um complô contra ela, o que fez ressurgir em sua memória o que o oráculo de Amon havia proferido por ocasião de sua visita (*BH*, II, XIV, 3). Mas ela nada fez contra seu filho, pelo contrário: ordenou aos governadores que o obedecessem em tudo e provocou sua própria desapareição, para tomar seu lugar junto aos deuses. Segundo a lenda conta (*mythologoûntés*), ela se tornou uma pomba, sendo, por isso, tal animal objeto de adoração por parte dos assírios (*BH*, II, XX, 2). A história volta aqui a seu início, quando Diodoro afirmara que Semiramis fora criada e alimentada por pombas quando ainda vivia na Síria.

As pequenas biografias construídas pelo autor permitem ao leitor ver a “marca” que cada um desses personagens deixou no mundo em meio a uma vida

repleta de realizações: nascimento (geralmente envolvendo situações particulares ou especiais), formação de personalidade (ou de caráter, importante para um moralista como Diodoro), o comportamento nos campos de batalha e seus feitos guerreiros, os benefícios que tais indivíduos trouxeram para a humanidade (incluindo ensinar comportamentos que a levou a sair do estágio da barbárie), as grandes construções (porque mostram o desejo da glória imortal, uma qualidade importante para Diodoro) e, finalmente, a morte, que deve se dar em circunstâncias especiais, de acordo com a vida que tais personagens levaram. Qualquer que sejam as circunstâncias que envolvam situações extraordinárias (por oposição ao ordinário, comum), elas estão estritamente ligadas ao desejo do autor de fazer da história uma *mestra da vida*.

5... OS ANIMAIS

“A existência no Egito de animais sagrados pode parecer a justo título, como uma prática extraordinária (*parádoxon*) e digna de exame”. (BH, I, LXXXIII)

Os animais sempre ocuparam um papel importante na história dos homens. Há registros antiqüíssimos que mostram a convivência de homens e animais. A arte paleolítica apresentou-nos desenhos de cavernas, representações de animais para falar de um “autêntico *panthérion* (conjunto de animais selvagens, trocadilho com *panthéon*, conjunto de deuses)”.¹⁴⁴ Nessas representações, predominavam touros e bisões, o que se explica pelo fato de os homens dessa época viverem essencialmente da pele para fazer o vestuário e da carne para alimentação. Ao lado do animal, encontra-se a presença humana representada pela figura de uma mulher. Tal representação evoca, sobretudo, a feminilidade: “seios excessivos, vulvas muitas vezes abertas pelo menos até o umbigo, enormes nádegas. Interpretam-nas como Deusas-Mães, poderes supremos de vida que presidem à reprodução das espécies animais e humana”.¹⁴⁵ Por outro lado, a figura masculina aparece juntamente com a Deusa-Mãe; em vastas extensões da Europa ocidental e também na região do Saara e do vale do Nilo: nas cavernas encontram-se a presença de animais selvagens que

¹⁴⁴ LÉVÊQUE, Pierre. *Animais, deuses e homens*, p. 18.

¹⁴⁵ *Idem*, p. 19.

“surgem como objeto de um verdadeiro culto”. Nas pinturas rupestres do Saara, são comuns representações abundantes de

mulheres abertas, por vezes acompanhadas de um falo ou de um homenzinho que as penetra. Muitas figuras estão relacionadas com o mundo da caça: uma mulher com cabeça de antílope aperta contra ela um enorme falo; um cavalo acasala-se com uma mulher de grandes dimensões; uma mulher, com uma máscara de orelhas levantadas, une-se com um homem que veste uma pele de animal... Também há desenhos de vulvas isoladas: uma composição de Abeior mostra um falo e quatro vulvas, deixando a mais elevada sair um homenzinho que parece simbolizar a origem da espécie humana ¹⁴⁶

Percebe-se, na história egípcia, por exemplo, desde os princípios na I dinastia, o culto aos animais que remontaria, segundo alguns autores, a uma época que, sendo ainda desconhecida a estatuária, “se intentava adorar as divindades através de animais que simbolizassem as suas principais qualidades ou funções.” ¹⁴⁷ Os animais eram, portanto, considerados a encarnação da divindade e adorados pelos fiéis nos templos, o que impressionou sobremaneira os viajantes estrangeiros que percorreram o país, especialmente, os gregos. Heródoto demonstrou seu espanto pelo culto aos animais no Egito e afirmou: “Todos os animais que se vêem no Egito são todos sagrados, quer se trate de animais selvagens, quer de animais domésticos. Quanto, a saber, por que lhes rendem culto, se tentasse dizê-lo, eu teria que falar de coisas divinas”. (*Histórias*, II, 65) Os animais ocupam também papel importante nas narrativas diodorianas sobre o Egito, porque tais práticas são, na realidade, extraordinárias (*parádoxon*) e dignas de exame. O objetivo da narrativa é explicar por que os egípcios renderiam culto aos animais. O já citado linchamento do romano “que sem querer matou um gato” espantou Diodoro. Como ele mesmo afirmou, não foi por ouvir dizer (*akoês*), mas porque presenciou o fato ele mesmo (*BH*, I, LXXXIII, 9). A piedade popular em relação aos animais era maior que o medo de possíveis sanções que o governo (lágida ou romano) poderia tomar devido à morte de um cidadão romano em meio a tão delicadas negociações. Ora, se tal fato já fora muito chocante para o autor, que o leitor não se surpreendesse mais com o que ainda pretendia narrar acerca dos animais no Egito: por mais inacreditável (*paradoxótera*)

¹⁴⁶ *Idem*, p. 20.

¹⁴⁷ *Idem*, p. 384.

e próximo da fábula (*mýthois*) que pudesse parecer, nem mesmo em situações de fome e desespero coletivos, os egípcios tocavam nos animais para comer (*BH*, I, LXXXIV, 1). Muito espantoso (*thaumasióteron*) ainda era o fato de as pessoas portarem luto quando um cachorro morria na casa.

Para além do interesse religioso, havia também o interesse científico pelos animais, demonstrado especialmente pelos gregos. Assim, é no sentido de “pesquisa, recolhimento de documentos, informação, descrição”, que Aristóteles escreve sua obra *História dos animais*. Aristóteles, segundo Delort, foi “o primeiro historiador no sentido pleno do termo, isto é, o homem que coordenou o conjunto dos conhecimentos humanos de sua época, encadeando-os e ordenando-os no espaço e no tempo”.¹⁴⁸ Pai da zoologia e da zoohistória, classificou os animais em diversas categorias, chegando mesmo a acompanhar o desenvolvimento do embrião da galinha; sabia que os zangões desenvolviam-se por partenogênese¹⁴⁹ “e que os filhotes de alguns tubarões desenvolviam-se no interior da mãe”¹⁵⁰. Aristóteles preocupava-se com “a observação e reconheceu a regularidade e leis inerentes a fenômenos biológicos e usou o método indutivo na elaboração das conclusões a partir dos fatos observados”.¹⁵¹ De fato, ele interrogava pessoalmente pescadores, caçadores, marinheiros, pastores e, possivelmente, utilizou materiais que seu aluno mais ilustre, Alexandre Magno, lhe enviava.¹⁵² Realizou também experiências e dissecações (elefantes e golfinhos), citando numerosos escritores infelizmente desaparecidos.¹⁵³ As explorações de Alexandre introduziram também espécies animais desconhecidas no mundo grego, como os elefantes da Ásia (que Aristóteles talvez tenha dissecado), favorecendo ainda a observação de outros animais. Teofrasto, aluno de Aristóteles, deu continuidade às suas pesquisas, descrevendo também a influência do meio sobre o comportamento dos animais.¹⁵⁴

¹⁴⁸ DELORT. *Les animaux ont une histoire*. p. 50.

¹⁴⁹ Reprodução de um ser vivo (plantas e invertebrados) sem fecundação do óvulo. MINI CALDAS AULETE.

¹⁵⁰ STORER; USINGER. *Zoologia geral*. p. 10.

¹⁵¹ *Idem*, p. 10.

¹⁵² Essa tese é negada por Düring [*Aristóteles*] que afirmou ser essa idéia “uma fábula helenística”. *Apud*: GUAL, Carlos Garcia. Introducción. *In*: ARISTÓTELES. *Investigación sobre los animales*.

¹⁵³ DELORT. *Les animaux ont une histoire*. p. 50 et seq.

¹⁵⁴ *Idem*, p. 51. PAPAVERO; ABE. Categorias do ser e biologia. v. 6, n.14. pp. 143-156. A classificação aristotélica dos animais levava em consideração diversos aspectos dos mesmos

Existia, ainda, a tradição da construção de zoológicos como os construídos pelos assírios (como o de Aššurbanipal) ou persas (como o de Ciro, o Grande), e, ainda sob os lágidas, como o de Ptolomeu Filadelfo em Alexandria, o que permitiu grande desenvolvimento da zoologia. O soberano lágida era apaixonado pela caça de elefantes e recompensava com altas quantias quem quer que lhe trouxesse espécies desconhecidas e extraordinárias (*paradóxous*) de animais para sua coleção particular (*BH*, III, XXXVI, 4). Tal demanda incentivou todo um grupo de caçadores que se aventuravam pelo interior da Núbia e nas fronteiras longínquas da Etiópia para abastecer a coleção do soberano. Além disso, nos cultos egípcios, os sacerdotes utilizavam peles de panteras e outros animais que não eram encontrados no país. Existia, portanto, um florescente comércio de animais que eram utilizados para fins religiosos, científicos e pela simples curiosidade por seu exotismo. O fato de os animais ocuparem um papel tão proeminente na sociedade egípcia chamou a atenção dos visitantes estrangeiros do país, que procuraram conhecê-los e descrevê-los. Diodoro não fica imune ao fascínio pelos animais e dedica parte considerável da *Biblioteca Histórica* para descrevê-los: em cada lugar exótico da *oikouménē*, onde quer que o homem tenha que ter lutado contra o ambiente inóspito a seu redor, lá estão os animais: eles aparecem citados vinte e cinco vezes (nove no Egito, onze na terra dos etíopes [África e Ásia] e também na Assíria e Índia).

Esse exotismo se manifestava também na grande quantidade de serpentes existentes no país e que também são descritas na *BH*. Importantes para diversas culturas, esses animais apareciam com freqüência na religião egípcia; numerosas espécies podiam ser encontradas por toda a região desértica ao norte e ao sul nos limites com a Etiópia. Diodoro dedica parte do livro I e III para descrever a profusão de serpentes que abundavam na África. Animal marcado pela ambigüidade e considerado como fonte da vida pela religião, podia também ser causa da morte devido ao poder letal de seu veneno.

A deusa-cobra Uadji, "A Verde" ou "Papiro Colorido" (em referência à cor do papiro do qual retira a forma e à planta do Delta [*Cyperus papyrus*]), era cultuada na cidade egípcia de Per Uadji, "a Residência/Morada de Uadji", conhecida pelos gregos

como a alimentação, procriação, relações estabelecidas com o ambiente: meios utilizados pelos animais para se refrigerarem (*katápsyxis*), para se alimentarem (*trophé*), onde passam seu tempo (*diatribé*), onde procriam (*tókos*).

por Buto, no Baixo Egito. ¹⁵⁵ O animal tinha importante papel na representação da monarquia. Diodoro descreve a captura de uma serpente de proporções monumentais na Etiópia. Foi uma tarefa extremamente difícil, pois sendo uma serpente tão grande, somente através da astúcia poderia ser capturada. O aspecto feroz de sua boca, o barulho assustador que o animal fazia, a dimensão prodigiosa de seus dentes e a altura dos extraordinários (*parádoxon*) anéis que se enrolavam, compunham um quadro assustador. Na tentativa de capturá-la, dois homens foram por ela engolidos. Somente a expectativa da enorme recompensa que seria dada por Ptolomeu II fez com que os homens persistissem nessa tarefa. De fato, quando foi levada para Alexandria, com seu aspecto extraordinário (*parádoxon*), causou comoção geral no auditório. Mais impressionante ainda, é que o animal foi domesticado e se tornou de uma docilidade admirável (*thaumastèn*) para com seus tratadores. Os etíopes, ao ouvirem semelhante história, diziam ter visto serpentes capazes de devorar vacas e touros e também de matar elefantes. A serpente se enrolava nas patas do animal e, elevando sua cabeça à altura de sua tromba, os cegavam com seus olhos avermelhados, fazendo com que o animal fosse ao chão, comendo, posteriormente, sua carne. ¹⁵⁶ Na Índia também havia grande profusão de serpentes, o que chamou a atenção de Diodoro. Não me parece gratuito o fato de Hércules ter estado na Índia, pois o herói é conhecido por ser um grande benfeitor da humanidade, livrando-a de bestas selvagens e permitindo a seu povo dedicar-se à agricultura e ao pastoreio sem ser incomodado por tais animais. No reino de Poros foram encontradas serpentes de enormes dimensões (cerca de sete metros de comprimento): são as conhecidas *Python molurus bivittatus*, comuns na região do sudeste asiático e Indonésia. O animal, carnívoro, põe entre dezoito e cinquenta e cinco ovos, vivendo aproximadamente vinte e oito anos ¹⁵⁷. Segundo Onesícrito,

¹⁵⁵ Segundo o *Texto das Pirâmides*. SALES. *Op. Cit.* p. 198-199.

¹⁵⁶ Segundo Sávio Stefanini Sant'Anna, pesquisador científico do Laboratório de Herpetologia do Instituto Butantan, não há como ter certeza da espécie descrita por Diodoro nessa passagem. Contudo, ele chama a atenção para a espécie *African rock python (Python sebae)*, uma serpente que pode atingir cinco metros de comprimento e que vive ao sul do deserto do Saara, mas que, entretanto, não possui anéis no corpo. Agradeço a gentileza da informação.

¹⁵⁷ Disponível em <<http://www.zoologico.sp.gov.br/repteis/pitonburmesa.htm>>. Acesso em 10 mai. 2007.

membro da expedição de Alexandre (*Fr.Gr.Hist.*134, fr. 16a e b)¹⁵⁸, o rei Abisares possuía duas serpentes: uma de trinta e seis metros e outra de sessenta e três metros! Impressionante o fascínio que as serpentes exerciam sobre os gregos e a narrativa diodoriana é pródiga em descrevê-las. Outra serpente apavorante que deu muito trabalho para as tropas foi a víbora de Russel (família *Viperidae*), extremamente venenosa e que provocava morte certa. A referida cobra vivia no alto de árvores de grande estatura e as picadas eram extremamente dolorosas. Posteriormente, a população local providenciou a raiz de uma árvore que servia de antídoto contra o veneno (*BH*, XVII, XC, 4).

Os gatos, animais especialmente adorados no Egito, eram representados pela deusa-gata Bastet (apelidada *Bast* ou *Ubasti*), que aparecia como uma gata ou como uma mulher com cabeça de gata com um colar no peito, ou ainda, deitada, amamentando sua cria. Tida como deidade bondosa, estava estreitamente ligada às Duas Terras e ao faraó, como atestam os *Textos das Pirâmides*: “O coração do rei é Bastet” ou ainda, “Sua mãe alimenta-o [o faraó]”.¹⁵⁹ Segundo Diodoro, tanto os gatos quanto os mangustos eram alimentados com pão e leite ou peixes do Nilo partidos em pedaços que eram colocados à sua frente. Os animais eram chamados através da emissão de um som peculiar que os fazia se aproximarem (*BH*, I, LXXXII, 3).

Tais animais eram o centro de uma importante festa anual que ocorria em Bubastis, que, dizia-se, reunia cerca de setecentas mil pessoas (Heródoto em *Histórias*, II, 67, a cita como local de enterro das múmias de gatos e outros animais). Na referida cidade, existia uma certa “hierarquia” entre as múmias dos gatos: alguns eram enterrados sozinhos e eram envolvidos por pinturas representativas de sua importância. Os gatos seriam uma excelente proteção contra as mordidas mortais de determinadas cobras (*BH*, I, LXXXVII, 4).

O mangusto, outro animal citado por Diodoro, foi descrito também por outros autores como Heródoto, Aristóteles e Plínio, o Velho. Pertencente à família dos mangustos, de origem africana (*Herpestes ichneumon*), se alimentava de serpentes e era facilmente domesticável. Seu nome, de origem grega, significa “aquele que segue

¹⁵⁸ *Apud*. DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique*. XVII, p. 245, n. p. 125, XC, 1.

¹⁵⁹ SALES. p. 252-255.

pistas, especialmente a dos crocodilos”. Não fosse o serviço prestado pelos mangustos de comer os ovos de crocodilos quando os mesmos os depositavam às margens do Nilo, o rio tornar-se-ia infestado de animais selvagens e a vida ali seria impraticável (*BH*, I, LXXXVII,4). O fato de tais animais serem úteis para os seres humanos é destacado por Diodoro como causa importante de seu culto entre os egípcios. As vacas, por exemplo, trabalham nos campos ajudando os agricultores a lavrar a terra, assim como os carneiros, que além de procriarem duas vezes ao ano, forneciam a lã para proteção do corpo e leite para confecção de queijos (*BH*, LXXXVII, 2-3).¹⁶⁰ Assim também é a ave sagrada íbis (*Threskiornis aethiopicus*) útil contra as serpentes, os gafanhotos e os insetos de um modo geral. O falcão comia as serpentes de chifres (*Cerastes cerastes*, cujo habitat se estende do norte da África ao Oriente Médio) cujas picadas dolorosas levavam os homens à morte. Sua capacidade de prever o futuro, segundo os egípcios, tornavam-no especialmente adorado; consagrado a Hórus, filho de Osíris, era protetor da realeza. Em algumas regiões do Egito foi também assimilado a outro deus-falcão chamado Sopedu e representado com a insígnia “Falcão plumado de Sopedu”.¹⁶¹ Os tebanos também rendiam honras ao deus-falcão e os intérpretes das escrituras sagradas portavam uma fita púrpura com uma pena de falcão (*BH*, I, LXXXVII, 9).

O crocodilo (*Crocodylus niloticus*) também era alvo de adoração dos egípcios: apesar de ser considerado por muitos como uma fera assassina (mede cerca de quatro metros na idade adulta), os egípcios tinham-no como o Senhor das extensões de água e seu principal local de culto era próximo do lago Karun (Birket Karun) no Faium, região nomeada pelos gregos de Crocodilópolis.¹⁶² Heródoto mostra como o animal era bem tratado e alimentado e até mesmo enfeitado com jóias e braceletes (Heródoto, *Histórias*, II, 69) e muitos eram mumificados. Segundo Diodoro, esses terríveis animais só eram ameaçados pelos mangustos que, além de comerem seus ovos, faziam algo verdadeiramente surpreendente e incrível (*paradóxos*): quando os crocodilos dormiam, os animaizinhos entravam pela sua boca e penetravam em suas entranhas devorando-os de dentro para fora e os matando devido às feridas

¹⁶⁰ O carneiro de chifres curvados era a encarnação de Amon. Figuras representativas datadas de c. de 1900 mostram-no com a estátua de um faraó protegido entre as patas. SALES. *Op.cit* p. 216, figura 259.

¹⁶¹ SALES. *Op.cit*, p. 172, figuras 199 e 200.

¹⁶² *Idem*, p. 262.

provocadas. Ainda assim, os egípcios viam no crocodilo um grande protetor do Egito: não fossem eles a viverem nas margens do Nilo, o país poderia ser invadido por inimigos. Segundo alguns dizem (*phasi*), o faraó Menes fora salvo miraculosamente (*paradóxous*). Quando perseguido por cachorros nas margens do Nilo, fora transportado por crocodilos para o outro lado do rio, salvando-o da morte certa. Em gratidão pelo serviço prestado pelo animal, mandou edificar uma “cidade dos crocodilos”, fazendo com que os habitantes do local o venerassem. Ali mandou construir seu túmulo em forma de pirâmide quadrangular e construiu o Labirinto para admiração geral (*thaumazómenon*) (*BH*, I, LXXXIX, 1-3).

Os macacos também causaram espanto e provocaram lendas de que existiam homens com cabeça de cachorro. Como ressalta Diodoro, “são extremamente parecidos com os homens e possuem um grito que lembram o grunhido humano” sendo de natureza totalmente selvagens e impossíveis de serem domesticados (*BH*, III, XXXV, 5). A maneira como Diodoro descreve os macacos, faz com que pareçam animais totalmente fabulosos, o que deve ter provocado em seus leitores uma sensação, sem dúvida, de espanto: o *képos* [macaco de cauda longa denominado *Cercolopithecus pyrrhonos*] tinha a face parecida com a de um leão, mas o resto do corpo se parecia com a de uma pantera, salvo pelo porte, que parecia o de uma gazela! Como tais passagens devem ter inspirado as gerações seguintes na descrição de mundos inteiramente maravilhosos dos conhecidos homens com “cabeça de cachorro” de Isidoro de Sevilha no século VI da época comum. Existe, indubitavelmente, uma intenção, por parte dos escritores, em realçar aspectos exóticos, com o objetivo de provocar no leitor uma curiosidade sobre esses mundos “desconhecidos”. Ctésias já havia descrito os cinocéfalos não como animais, mas como um povo que vivia na Índia e que contava com cerca de vinte mil indivíduos.¹⁶³ Heródoto também os descreve em IV, 191, mas os situa na Líbia. O que se percebe é que a história dos cinocéfalos serviu, em diversos momentos da história, para caracterizar um povo desconhecido, com costumes exóticos e, portanto, pertencentes ainda ao mundo imaginário e fabuloso. Os macacos também apareceram na narrativa e muitas vezes foram comparados a seres humanos: o macaco-rhesus (*Macaca*

¹⁶³ CTÉSIAS. *Histoires de l’Orient*. Fócio, *Bibl.* I, 45, 30. Os cinocéfalos aparecem ainda descritos em Aristóteles, *História dos Animais*, Eliano, *Sobre a personalidade dos animais* e Plínio em *História Natural*.

mullata) provocou espanto nos soldados de Alexandre, pois, segundo Diodoro, o animal imitava tudo o que se fazia diante dele e sua inteligência era tão grande quanto sua força. Por fim, Diodoro descreve os elefantes indianos: esses animais têm apreço considerável de nosso historiador.

O elefante, maior mamífero terrestre, ocupa papel importante na literatura antiga sobre os animais. Utilizado com freqüência nas guerras do período helenístico, causou verdadeira revolução na estrutura da organização dos exércitos equivalente ao impacto do uso de blindados na Primeira Guerra Mundial. Alexandre Magno era um profundo admirador desses animais e foi na famosa batalha de Gaugamela que cruzou com eles pela primeira vez.¹⁶⁴ O uso de tais animais já era feito pelo exército persa e Dario III possuía algumas dezenas em seu exército. Alexandre conseguiu capturar quinze no curso da batalha e mais tarde teria cerca de vinte e quatro pertencentes à sua guarda pessoal. Até então, os gregos conheciam vagamente o elefante da Mauritânia e da Etiópia de menor estatura, se comparados aos elefantes indianos ou das savanas do Quênia (*Loxodonta africana cyclotis*), que chegam a pesar três toneladas e meia. Os asiáticos (*Elephas maximus*)¹⁶⁵ chegam a pesar cerca de cinco toneladas! Não é a primeira vez em sua *Biblioteca* que o animal aparece descrito; já foi ressaltado anteriormente (como na campanha de Semiramis à Índia) um exército repleto de elefantes, que deveria causar nos soldados verdadeiro terror. O efeito psicológico causado por sua simples visão das tropas era muitas vezes suficiente para provocar o mais profundo terror nos adversários. Segundo Diodoro (*BH*, II, XLII, 1-2), o cruzamento do elefante era semelhante ao dos cavalos e de outros animais quadrúpedes e as fêmeas teriam um período de gestação entre dezesseis e dezoito meses; os filhotes seriam alimentados pelas mães até os seis anos de idade. O mais incrível era a longevidade do animal; viveria até duzentos anos! De fato, os paquidermes podiam decidir uma batalha, seja para a vitória ou para a derrota. Diodoro descreve, nos livros XVII, XVIII e XIX, várias batalhas nas quais os elefantes tiveram papel decisivo para o curso dos acontecimentos. Contra a brutalidade do animal, somente a astúcia poderia vencê-lo. Na disposição dos exércitos da época helenística, os elefantes vinham em primeiro

¹⁶⁴ ZUCKER. Éléphants.

¹⁶⁵ Diodoro trata dos elefantes indianos em II, XLII, 1-3.

lugar, passando sobre o exército inimigo sem piedade. Com isso, todos os exércitos viram-se forçados a possuir também os gigantes animais e o uso se generalizou. Toda uma tecnologia de guerra foi criada com o objetivo de adaptar-se ao uso e controle da força do animal. Expedições inteiras financiadas principalmente pelos régulos foram aos confins da Etiópia e da África oriental na procura por elefantes de guerra. Em batalhas travadas na época helenística, a astúcia muitas vezes deu lugar à força bruta. Tal é o relato de Diodoro ao narrar um episódio de guerra em que um exército, não tendo elefantes para combater, forrou o campo de batalha com enormes pranchas sobre fossos cobertos de pregos. Quando os animais avançaram e tombaram sobre os cortantes objetos, ao mesmo tempo catapultas lançavam flechas e dardos sobre os animais. Desesperados de dor, ao invés de avançarem, retrocederam sobre o próprio exército, esmagando, no meio da confusão, milhares de soldados. Tal desgraça, advinda de maneira extraordinária (*parádoxos*) sobre os gigantes animais, fez, ainda, segundo Diodoro, com que o mais valente dos elefantes acabasse por se matar.

Os paquidermes foram ainda descritos por Aristóteles, Plínio e Eliano em seu curioso livro *Sobre a personalidade dos animais*. Se Aristóteles tinha interesse científico sobre os animais, o mesmo não se pode dizer dos dois últimos, que se curvaram inteiramente ao exotismo. Segundo Eliano (*Sobre a personalidade dos animais*, X, 1), os elefantes, quando se apaixonavam, eram capazes de realizar os mais delicados jogos amorosos para conquistar a fêmea. Para Plínio, a gestação do paquiderme duraria cerca de dez anos e os mesmos viveriam cerca de duzentos e talvez trezentos anos, e, uma vez domesticados, eram de uma docilidade a toda prova (*História Natural*, VIII, X, 10).

As hienas também aparecem descritas no rol dos animais (fabulosos) da Etiópia. Denominadas *crocottas* (*Crocota crocota*), eram consideradas animais de natureza híbrida, mistura de lobo e cachorro, e digeriam de maneira estupenda (*paradóxous*) qualquer coisa, não importando a dimensão (*BH*, III, XXXV, 10). Alguns autores haviam inventado mentiras (*pseudôs*) incríveis (*paradoxologóúnton historoúntes*) sobre esse animal, dizendo que ele imitava a linguagem humana, mas Diodoro não acreditava (*Idem*).

Outro local infestado de animais era a Península Arábica. Além dos costumeiros animais ferozes, Diodoro menciona a grande quantidade de animais domesticados pelo homem (embora não os cite), a despeito da vida nômade e de suas habituais dificuldades de se conseguir alimento (*BH*, II, L, 2). A grande quantidade de animais presentes na Península Arábica comporta, ainda, animais híbridos como bodes (*tragélaphoi*, no francês “*boucs-cerfs*” espécie de bodes selvagens, de gazelas ou antílopes), ¹⁶⁶ búfalos, girafas (camelo-leopardo, *Giraffa camelopardalis*) e muitos outros animais “morfologicamente duplos” e que são “contra a natureza”, mas que seria “muito longo, descrever em detalhes” (*BH*, II, LI, 1-3). Alguns povos da Arábia também tinham o costume de realizar hecatombes de camelos aos deuses (*BH*, III, XLIII, 2), ao mesmo tempo em que levavam a água da região para casa, por pensarem ter ela propriedades curativas.

No norte da África não existiam pássaros, plantas ou animais quadrúpedes com exceção de gazelas (*Kobus kobe*) e búfalos (*Syncerus caffer*). A ausência da vida civilizada é, para Diodoro, diretamente proporcional à existência de grande número de serpentes de todos os aspectos e tamanhos, as temíveis cerastes (*Cerastes cerastes*), cujas mordidas eram mortais. As serpentes eram capazes de se esconder sob a areia escaldante do deserto e, assim, picar os incautos que não percebiam sua temível presença. De qualquer maneira, fenômenos espantosos (*thaumásion*) aconteciam nessa região: devido à ausência de ventos, podia-se notar a formação, entre as nuvens, de animais de todo o tipo, de tamanhos monstruosos, provocando um terror prodigioso (*thaumastèn*) junto àqueles que não estavam acostumados. Tais animais só perseguiram os estrangeiros e os povos locais não se incomodavam com tal fenômeno. ¹⁶⁷

Durante a campanha de Alexandre à Ásia, o Conquistador recebeu muitos presentes, incluindo cento e cinquenta cachorros indianos admiráveis (*thaumazoménos*) que, segundo se dizia, eram híbridos devido a um cruzamento de tigre e cachorro. Alexandre quis ver pessoalmente o valor desses animais e os pôs para lutar com leões na força da idade. Sua singularidade pôde ser vista em um combate realizado com o intuito de demonstrar sua incrível força. Postos para lutar

¹⁶⁶ DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique*. L. II, p. 186, n. 3.

¹⁶⁷ Plínio também relata tal fenômeno em sua *História Natural*, VII, 32.

com um leão por Alexandre para ver até que ponto o animal era realmente feroz, provocou espanto generalizado na assembléia. Segundo Arnaud Zucker, os gregos praticavam a seleção de raças e estudavam o comportamento dos cachorros, além de suas patologias e variedade de raças. Alguns tratados sobreviveram. Os cachorros europeus mais celebrados, tanto para a caça quanto para o combate, eram os “molossos”, cachorros cretenses e lacônios.¹⁶⁸ Entretanto, a ferocidade dos dogues caucasianos e indianos suplantava a dos cachorros gregos. Desde a Alta Antiguidade, os cachorros indianos estavam já aclimatados ao ambiente da Mesopotâmia e Alexandre os encontrou perto da Babilônia. Tais animais eram utilizados para a caça aos leões e, portanto, sua ferocidade era o que mais interessava aos seus criadores, que estimulavam também a luta entre animais de diferentes espécies (galos, perdizes, bodes), o que acabava por tornar-se “uma variante da caça e, portanto, da guerra”.¹⁶⁹ O rei dos indianos promovia, anualmente, exibição de animais ferozes como touros, rinocerontes e elefantes, que combatiam diante do público até à morte (Eliano, *A personalidade dos animais*, XV, 5). O componente fantástico desses relatos mostra que os animais tinham papel importante no reino das maravilhas que compunham a *oikouménē*.

Assim, os animais ocupam lugar relevante na *BH*: por serem motivo de curiosidade do público leitor em geral, por sua utilidade para a humanidade e o importante papel exercido no caminho rumo à civilização. Devido aos grandes serviços prestados, podem ser considerados co-partícipes da natureza divina. Por tais motivos, Diodoro expôs em detalhe sobre a vida e o culto dos diversos animais existentes no Egito (e em outros locais). Pela importância dada pelo autor ao Egito, no seio da *oikouménē*, tal livro ganhou destaque no conjunto da obra e acabou por não se adequar ao seu propósito original de simetria, o que permitiu, por outro lado, proporcionar ensinamentos práticos sobre todos os aspectos da vida espiritual e material da sociedade humana. A singularidade, o espanto e a maravilha presentes nas descrições de animais na *BH* mostram que, antes de serem aberrações da natureza, tais *relatos extraordinários* narram, na realidade, o pleno desenvolvimento

¹⁶⁸ ZUCKER, Arnaud. Chiens.

¹⁶⁹ ZUCKER, Arnaud. Combats d’animaux.

do homem, que superou diariamente suas limitações, face às agruras limitadoras da Natureza.

6 OS POVOS BÁRBAROS

A costa oriental da África foi particularmente explorada pelos lágidas devido ao imenso interesse pelos elefantes que abasteciam o poderoso exército egípcio. O primeiro soberano Ptolomeu I, filho de Lagos, reinou sobre o Egito durante quarenta anos (sátrapa de 323 a 305, como faraó de 305 a 283). Nessa época, o paroxismo das guerras entre os diádocos estava no seu auge. Deste modo, o elefante tornou-se objeto das mais prementes necessidades. O Egito necessitava explorar, portanto, ao máximo, os recursos africanos. A região da África sub-egípcia era fonte inesgotável do precioso animal e, com esse espírito, numerosas expedições foram realizadas para sua captura. Várias cidades foram fundadas para que pudessem servir de entreposto para as caravanas de caçadores. Próximo ao Golfo Heropolitano (Suez), Ptolomeu II fundou Arsinoé, nome de esposa-irmã, e Berenice (nome de sua mãe), dita dos Trogoditas ¹⁷⁰. Toda a região da costa oriental, denominada Golfo da Arábia (atual Mar Vermelho), foi explorada em ambos os lados: a costa africana e a costa arábica. Apesar de inóspita, a região continha minas de ouro e era o principal centro produtor de aromas de toda a Antiguidade. A conexão com a Península da Arábia permitiu a criação e o estabelecimento de novas rotas de caravanas, que acabaram por levar à costa do Golfo Pérsico, chegando à Índia. Toda essa região é descrita por Diodoro, que nomeia seus habitantes de bárbaros dotados de costumes estranhos e que vivem em um local de grandes perigos para os viajantes. A região era infestada de animais selvagens que avançavam sobre os viajantes e suas montarias.

As tribos que viviam nesse local são descritas por Diodoro por seus hábitos alimentares e comportamentos diferentes do que os gregos conheciam ou estavam acostumados. Assim, os primeiros povos a viverem na costa oriental são os rizófagos (que comem raízes). Esses bárbaros viviam em busca de plantas para se alimentarem e as lavam cuidadosamente. Não guerreiam entre si, mas, são, entretanto, vítimas de ataques brutais de leões. Com efeito, o clima extremamente

¹⁷⁰ DESANGES, J. *Op.cit.* p. 267-271.

tórrido da região faz com que os leões, famintos, saiam do deserto à procura de caça e os pobres rizófagos, se se afastavam das regiões pantanosas, eram devorados pelas feras. Fenômeno curioso acontece, no entanto, permitindo a sobrevivência dos rizófagos. No momento da canícula (época de forte calor), curiosamente (*paradóxous*), uma grande quantidade de mosquitos de “uma virulência superior a de todas as espécies conhecidas”, caçam os leões. As dores provocadas pelas picadas, aliadas aos terríveis zumbidos produzidos pelos mosquitos, salvam, literalmente, os rizófagos (*BH*, III, XXIII, 1-3).

Os hilófagos (que comem frutos das árvores) e os espermatófagos (que comem sementes) viviam a procurar frutos e sementes que caem em abundância das árvores durante a primavera e o verão: sendo magros e espertos, sobem nas árvores com grande agilidade, sendo capazes de chegar nas alturas sem cair. Comiam os frutos diretamente das árvores e os mesmos eram digeridos rapidamente. Lutavam entre si por territórios com bastões e morriam acometidos por glaucoma, doença que os impedia de procurar os frutos nas alturas das árvores e acabavam perecendo pela fome (*BH*, III, XXIV, 1-4).

Existiam também os etíopes que eram exímios caçadores. De fato, a região onde viviam era repleta de animais selvagens como panteras e leões. Utilizavam sua pele para vestir e ensinavam as crianças, desde pequenas, a caçar (*BH*, III, XXV, 1-4). Já os etíopes elefantômacos (caçadores de elefantes) eram extremamente audaciosos, posto que capazes de caçar elefantes de maneira incrível (*paradóxois*). Eles não os atacavam de maneira direta, pois não obteriam sucesso devido ao peso excessivo do animal. Com uma agilidade fora do comum, saltavam sobre seu dorso com uma machadinha na mão direita, segurando rapidamente seu rabo com a mão esquerda, e, com a outra mão, cortavam os tendões de suas patas. Assim, o elefante, já lento por natureza, caía por terra. Não era ainda o momento de festejar, uma vez que, dependendo de como o animal caía, o caçador podia ser atingido na queda. Uma vez tendo caído por terra, os etíopes abriam o animal para comê-lo e festejavam alegremente (*BH*, XXVII, 1-4). A descrição desses povos prima, ao mesmo tempo, por ser bastante complexa, pois, inclui também, a fauna e flora africana.

Havia também os que se alimentavam de avestruzes (estrutófagos)¹⁷¹ e de gafanhotos (acridófagos). Os acridófagos, negros e de baixa estatura, habitavam uma região próxima ao deserto: na primavera, ventos violentos sopravam sobre a região, trazendo nuvens de gafanhotos (ou talvez cigarras) com asas escuras e horrorosas.¹⁷² A região possuía ravinas profundas e os acridófagos colocavam fogo nas plantas de modo que a fumaça se espalhava por todo o céu. Os insetos morriam asfixiados pela fumaça e não conseguiam mais voar, morrendo em grande quantidade. Nesse momento, ocorria um processo natural de defumação, fazendo com que o animal, ressecado, permanecesse conservado por mais tempo; os acridófagos recolhiam-nos e armazenavam-nos evitando, assim, a fome. De fato, segundo Diodoro, esse povo não plantava e não criava qualquer espécie de gado, de modo que os insetos eram sua principal fonte de alimentação. Eram grandes corredores e seus pés, ágeis; não viviam muito tempo e, dificilmente, ultrapassavam os quarenta anos. Eram acometidos de uma doença estranha (*parádoxon*) que os levavam à morte. Ao se aproximarem da velhice, nasciam em seus corpos piolhos com asas de forma variada, de aspecto repulsivo e horrível. O mal começava no ventre e no peito se espalhando rapidamente por todo o corpo, liberando abundantes humores fluidos de modo que o sofrimento vinha a ser terrível. O número de vermes presentes no corpo da pessoa era tão grande, que o estado de putrefação do corpo começava ainda em vida (*BH*, III, XXXIX, 1-6) Aristóteles também descreveu essa doença em sua *História dos Animais* (556 a).

Costumes curiosos, animais estranhos: a região não esgota seu potencial espantoso. A profusão de animais e de suas pastagens contrasta com uma região desértica, inóspita e inacessível. Tarântulas e escorpiões infestavam o local e, devido à grande quantidade de pessoas picadas e mortas, fora preciso renunciar ao modo de vida de seus antepassados que labutavam no pastoreio e na agricultura. E Diodoro acrescenta: “Não se deve espantar (*thaumázein*) com essas narrativas nem recusar de nelas acreditar, porque a lembrança de muitos acontecimentos mais estranhos

¹⁷¹ A avestruz é uma ave estrutionídea e a maior representante da classe das aves. Chega a pesar 135 kg e correr a uma velocidade de 84 km/h.

¹⁷² Aristóteles descreve a cigarra em *História dos Animais*, 556 a /556 b (descrição de grilos e cigarras). A descrição do Estagirita aproxima-se bem da de Diodoro, e ele afirma ainda que os machos são os melhores para se comer. De fato, no Oriente Próximo existe o costume de se alimentar de cigarras. ARISTÓTELES. *Op.cit.* p.298, n. 234.

(*paradoxótera*), que se passaram por toda a extensão da terra habitada (*pâsan tèn oikouménē*), nos foi transmitida pela história verídica (*tês alethoûs historías*)” (*BH*, III, XXX, 2). Exemplificando sua narrativa, Diodoro afirma terem outros lugares, que não a “exótica” terra dos etíopes, sido vítimas também de estranhas catástrofes: na Itália, grande quantidade de ratos atormentou as pessoas e precisaram ser caçados; na Média, um grande número de pardais destruiu todos os grãos semeados pelos homens e na Ilíria, onde viviam os autariatas, caiu das nuvens junto com as chuvas, grande quantidade de rãs, que obrigou aquele povo a abandonar por completo a região. E os grandes trabalhos realizados pelo herói grego Hércules, que livrou a humanidade de toda sorte de animais selvagens? Nessa passagem Diodoro se justifica perante seus leitores mostrando, que, o insólito e o extraordinário estão presentes em toda a *oikouménē*. “Que nos seja suficiente então ter dado esses exemplos daquilo que é estranho (*parádoxon*) destes relatos históricos (*tás historías*), pois eles podem parecer inacreditáveis” (*BH*, II, XXX, 4).

Nos limites extremos das regiões meridionais, vivem os homens chamados pelos gregos de *cynamynoi*, e, segundo o dialeto dos bárbaros vizinhos, *agrioi*, possuem longas barbas e andam com uma matilha de cachorros selvagens que se adaptou bem ao estilo de vida dos *cynamynoi*, pois viviam de caçar búfalos selvagens indianos (*Syncerus caffer*). Do solstício do verão até o meio do inverno, os búfalos migravam para a região onde viviam os *cynamynoi* que os caçavam. Diodoro tenta explicar a migração dos búfalos, mas admite que a Natureza (*phýsis*), fonte de tudo o que é estranho, está fora da capacidade de compreensão do espírito humano. De toda maneira, os *cynamynoi* aproveitavam a temporada de caça para armazenar carne e se alimentavam exclusivamente disso. Assim, nas regiões longínquas, embora os povos assumam forma humana, seu estilo de vida os aproxima de feras selvagens (*BH*, III, XXXI, 1-4).

Os etíopes trogoditas eram chamados pelos gregos de nômades; viviam separados em diferentes grupos, cada qual dominado por um tirano (*tyrannoûntai*). Suas mulheres e crianças eram compartilhadas pelo grupo, à exceção de uma: a do tirano. Na realidade, a partir da cidade de Berenice, começava a região trogodítica que vai até o Chifre da África (na Antiguidade, região produtora de aromas): Diodoro descreve, portanto, numerosas populações diferentes. Por exemplo, quando

começavam a soprar os ventos etésios (inverno), iniciava-se a estação das chuvas, e os trogoditas se alimentavam de sangue e leite misturados e fervidos. Mas, no verão, devido ao intenso calor, refugiavam-se nas regiões pantanosas e lutavam pelo gado. Tinham preferência pelos animais mais velhos ou que começavam a adoecer na hora de se alimentarem; devido ao valor que davam ao gado, consideravam-no como parentes, pois eram eles que os alimentavam de fato. Bebiam uma mistura de uma planta ¹⁷³ que consideravam melhor que o vinho dos gregos (*BH*, III, XXXII, 3). Andavam cobertos de peles de animais no quadril e eram todos circuncidados com exceção dos *Koloboi* (mutilados). Diodoro menciona outro tipo de circuncisão, aliás, ainda hoje praticado na África: a excisão feminina. O relato sobre os trogoditas ganha contornos nitidamente antropológicos, na medida em que o autor descreve comportamentos dos referidos povos no seu cotidiano. Diodoro compara tais costumes diretamente com os costumes dos gregos ou de outros povos (como os citas, por exemplo). Aspectos curiosos ou pitorescos são mencionados pensando diretamente no impacto que causaria no seu leitor: mais uma vez Diodoro justifica tais relatos. O caráter estranho (*parádoxon*) dos costumes e da maneira de viver dos trogoditas também pode ser observado junto a outros povos (*BH*, XXXIII, 6). Não é totalmente espantoso que determinados costumes ou hábitos de vida sejam encontrados em outros povos; as diferenças climáticas interferem na vida das pessoas. Nas regiões muito frias, os rios congelam e é possível andar inclusive com carroças extremamente pesadas; com o corpo humano algo semelhante acontece: as extremidades do corpo são mais frias e mesmo agasalhadas não é possível esquentá-las. No sentido contrário, nas regiões dos confins (*eschatiàs*), o clima é tão quente que as pessoas não enxergam mesmo a uma distância pequena. O corpo resseca e é necessário ingerir muito líquido devido à perda da umidade natural. ¹⁷⁴ As diferenças

¹⁷³ *Zizyphus paliurus* da família das Ramnáceas. Geralmente essa planta produz um suco o qual os trogoditas bebiem. Outras plantas da mesma família são o lótus (os lotófagos são descritos por Heródoto, *Histórias*, IV, 177) e a jujuba, que existe no Brasil (*Zizyphus jujuba*). Os trogoditas usavam essa planta também para preparar os mortos (*BH*, III, XXXIII, 2).

¹⁷⁴ Heródoto também discute o clima na Cítia. O pensamento desenvolvido por Diodoro era comum na ciência grega. "Em todos os territórios enumerados acima o inverno é tão rigoroso que durante oito meses do ano o frio é insuportável; naquela região não se faz lama derramando água no chão, e sim acendendo fogo; o mar congela, assim como todo o Bósforo cimério, e os citas habitantes da região situada além do fosso passam com suas tropas por cima do gelo e irrompem com seus carros sindos. Naquela região o inverno é

dos confins gelados ou quentes não são, portanto, tão grandes assim. Diodoro afirma que nem mesmo a distância chega a ser grande: com ventos favoráveis, do lago Meótis (Mar de Azov) até Rodes, a viagem durava dez dias; de Rodes a Alexandria o desembarque se fazia no quarto dia e, dessa cidade, seguindo o curso do Nilo, muitos já haviam chegado no décimo dia (*BH*, III, XXXIV, 7-8). Nas extremidades do mundo habitado, ocorrem acontecimentos extraordinários de todo o tipo. Teria o clima papel importante nesses acontecimentos? Seria o excesso, de calor ou de frio, o responsável por tais acontecimentos? Mas Diodoro se adianta na explicação afirmando que, nas regiões muito quentes, a influência e a energia do sol produzem animais de formas estranhas, mas também pedras de transparência luminosa. As cores dos pássaros também são influenciadas pela luminosidade do sol: na Arábia, existiam pássaros de todo tipo de cor, desde o vermelho forte, de cor púrpura, a multicoloridos. O sol é, para Diodoro, criador de toda a vida natural (*BH*, II, LII, 1-9). Tal posição se coaduna com a teoria climática de Aristóteles, que explica o comportamento dos povos, de acordo as condições climáticas em que vivem. É possível pensar que é exatamente nos *eschatía* da *oikouménē*, que estão situados os povos, os acontecimentos e tudo de extraordinário que existe:

Os povos que vivem nos climas frios e nas áreas européias são cheios de energia, mas um tanto carentes de inteligência e habilidade; em geral, portanto, conservam a liberdade, mas carecem de organização política e da capacidade de controlar seus vizinhos. Os povos da Ásia, por outro lado, são mais bem dotados de intelecto e habilidade, mas carecem de energia e, por isso, permanecem submetidos politicamente. Mas o povo da Grécia ocupa uma região geográfica média e, conseqüentemente, participam de ambas as características, energia e inteligência. Conservam portanto, sua liberdade e têm a melhor das instituições políticas e, se fossem capazes de alcançar a unidade

assim durante oito meses seguidos, e nos quatro meses restantes ainda faz frio. Esse inverno é de uma espécie diferente de todas as outras terras; nessa estação, normalmente chuvosa em outras regiões, as chuvas lá são insignificantes, mas durante todo o verão chove ininterruptamente; na época de trovoadas em outras regiões, lá elas não ocorrem, mas são muito freqüentes no verão; se ocorrem trovoadas no inverno os habitantes costumam admirar-se como se se tratasse de um portentoso. Da mesma forma, se ocorre um terremoto, seja no inverno ou no verão, isso é considerado igualmente um portentoso. Os cavalos resistem ao inverno cita, mas os mulos e os asnos não podem suportá-lo de forma alguma; em outras regiões, ao contrário, são os cavalos que, expostos ao frio, perecem por causa de uma espécie de gangrena, enquanto os asnos e mulos o suportam" (*Histórias*, IV, 28).

política, poderiam dominar o resto do mundo. (Aristóteles, *Política*, 7.7, 1327b)

Existiam ainda os etíopes que viviam na região do Golfo Pérsico e que Diodoro também descreveu. Os mesmos não eram considerados pelos gregos povos civilizados, pois eram nomeados bárbaros. Primeiramente, viviam completamente nus e tinham em comum, mulheres e crianças, juntamente com o gado, além de não terem noção do bem e do mal, pois não percebiam mais do que uma sensação física do prazer (por oposição à sensação espiritual) (*BH*, III, XV, 1-7). Viviam perto do mar e como se alimentavam de peixes, colocavam enormes pedras perto de crateras profundas e nas disposições irregulares naturais do terreno para capturá-los. Através do fluxo da maré, que ocorria duas vezes ao dia, ondas enormes eram produzidas, trazendo grande quantidade de peixes, dos quais se alimentavam. Na hora em que eles eram ali depositados pelas enormes ondas, mulheres e crianças corriam para lá, como que obedecendo a um chamado (puro instinto de sobrevivência?). Tal tarefa não era desprovida de perigos, pois ondas do mar deixavam todo tipo de enormes animais marinhos: o escorpião marinho (*Scorpaena scrofa*) já descrito por Aristóteles (*História dos Animais*, 508b 17), peixes marinhos extremamente agressivos (*Muraena helena*) da mesma família das moréias (esse peixe produz grande quantidade de carne) e “cachorros do mar”¹⁷⁵, mas também focas e outros animais, cujo aspecto e nome eram igualmente estranhos. Para conseguir pegar esses animais, os ictiófagos utilizavam chifres de cabras juntamente com pedras talhadas para esse fim. Como a região era muito quente, os peixes, após serem limpos com uma pedra lisa, eram misturados com o fruto de uma planta (da família das jujubas, Ramnáceas, *Rhamnus paliurus*), que adquiria um aspecto pegajoso, mas que parecia ser seu tempero. Terminada essa tarefa, os peixes eram expostos ao sol até que ficassem ressecados. Então eles realizam festas com banquetes, comendo à vontade, uma vez que a quantidade de alimento era tão grande que não precisavam se preocupar em guardar, “na medida em que Posêidon substituiu Deméter em sua tarefa” (*BH*, III, XVI, 1-4). Entretanto, quando o mar se torna extremamente agitado e não é possível, pela impetuosidade das ondas, se aproximar da costa, os ictiófagos se alimentavam de mariscos crus, que chegavam a pesar cerca de dois quilos. Ainda

¹⁷⁵ Grupo composto por cerca de 115 espécies. *Mustelus mustelus*.

assim, se os ventos permanecessem fortes, e nem mesmo os mariscos pudessem ser encontrados, alimentavam-se das carcaças dos peixes ainda suculentas, embora cruas. As partes muito duras eles a partiam com pedras, reduzindo-as a pedaços antes de comê-las. Tal comportamento para Diodoro aproxima os ictiófagos das feras selvagens (*BH*, III, XVI, 7). Todavia, na procura de líquidos para beber, eles tinham um costume desconcertante (*parádoxon*). Depois do período de pesca eles festejavam durante quatro dias, cantando (segundo Diodoro, cantos sem sentido) e dançando. Nesses dias eles se uniam a qualquer mulher da tribo para procriar crianças, e liberados de toda preocupação porque o alimento estava garantido. No quinto dia, eles se apressavam em busca de água, que se encontra no sopé das montanhas, onde se encontravam fontes de água doce, as quais os pastores davam para o gado. Sua marcha em direção às montanhas se parecia com a marcha do gado, pois, os sons emitidos não eram articulados e produziam um barulho confuso. Todos os membros do grupo seguiam juntos, desde as crianças mais novas, que iam ao colo das mães, até as crianças mais velhas, que já podiam andar sozinhas; a alegria do grupo era enorme e os cantos prosseguiram durante todo o trajeto porque “a satisfação das necessidades é o bem supremo e ela não solicita nenhum dos prazeres acrescentados” (*BH*, III, XVII, 4).

Outros ictiófagos que viviam na costa exterior do Golfo também levavam uma vida estranha (*paradoxóteron*), como se sua natureza fosse insensível à sede e aos sofrimentos. Eles viviam em uma região desértica, alimentando-se exclusivamente da pesca (e de peixe cru) e não se preocupavam com nada para beber. O mais estranho (*paradoxótaton*) de tudo era a sua insensibilidade aos sofrimentos e à dor que ultrapassava a de todos os homens da terra habitada, a ponto de ser quase impossível acreditar no que se contava. Numerosos viajantes na própria época de Diodoro haviam travado contato com esses povos e puderam perceber o quanto eram insensíveis. Mesmo quando se encontravam diante de outras pessoas, parecia que não havia ninguém por perto. O historiador Agatárquides de Cnido narrou em seus escritos como, Ptolomeu III, apaixonado pela caça de elefantes, enviou um amigo seu, chamado Símiás, que, observando atentamente o estranho

comportamento desse povo, ¹⁷⁶ concluiu que eram completamente apáticos. Se alguém brandisse contra eles facas ou até mesmo degolassem suas mulheres, não esboçavam a menor reação. Viviam em cavernas ou faziam cabanas com ossos de baleias que encalhavam na praia e assim se protegiam do forte calor (utilizavam também raízes de oliveiras e as entrelaçavam para construir cabanas). Tais construções, embora rústicas, permitiam-lhes viver entre o mar e a terra, levando uma existência agradável (*BH*, III, XIX, 1-4). Em relação aos mortos, deixavam-nos na praia para que a maré os levasse para o alto mar. Outros ictiófagos viviam em um lugar de tão difícil acesso, que colocava um verdadeiro enigma (*aporía*) de como poderiam ter chegado em lugar praticamente impossível de ser transposto. O lugar em que viviam estava situado no alto de ravinas profundas e não conheciam qualquer tipo de embarcação. Diodoro conclui que, nesse caso, tais povos só poderiam ser autóctones.

Os ictiófagos comedores de tartarugas (quelôniofagos) não só utilizam o animal para se alimentar, como também como meio de transporte e casa! De fato, o casco do animal, depois de ressecado, era utilizado para os fins acima citados. O último povo ictiófago a viver na costa da Carmânia era o que possuía o modo de vida mais irregular. Alimentavam-se de restos de baleias encalhadas nas praias, mas quando faltava, eram obrigados a triturar a cartilagem dos velhos e dos restos encontrados na costa (*BH*, III, XXI, 6).

Os acontecimentos maravilhosos narrados por Diodoro, embora extraordinários, nada têm de inverossímeis. Ao narrar sobre povos bárbaros, o autor mostra a diferença entre o costume dos primeiros e a dos greco-romanos. A inclusão de tais relatos é mais do que uma justificativa para o leitor, pois fazem parte de uma teoria científica que explica o funcionamento do mundo e o papel de cada um na sua organização. Sua longa argumentação busca justificar a verossimilhança desses relatos baseando-se em um discurso científico que toma como base a racionalização do extraordinário. Como Diodoro não quer ser apenas um compilador ou mero paradoxógrafo, precisa, não obstante a sua proposta de ajustar sua obra à simetria (do contrário tornar-se-ia impossível escrever uma obra com objetivos tão

¹⁷⁶ DESANGES, J. (*Op. cit.* p. 292-293) também comenta essa passagem de Diodoro para mostrar o interesse lágida por essa região.

ambiciosos), explicar e racionalizar aquilo que considera por demais extraordinário. Se a *BH* é de fato um manual, seus leitores precisam encontrar ali não simplesmente informações, mas um guia que os ensine como pensar e se comportar. Ao mesmo tempo em que existe o fascínio por grupos humanos tão distantes do ponto de vista cultural, nada mais instrutivo do que aprender sobre os diversos estágios civilizadores. As maravilhas encontradas no Egito e na Assíria, por exemplo, diferem das maravilhas encontradas nos confins setentrionais da *oikoumēne*, pois denotam um afastamento do “humano” e aproximam determinados grupos dos animais. Diodoro não enxerga nos mesmos características humanas, uma vez que não são capazes de criar nada além do que a própria natureza oferece, vivendo apenas o momento presente, para aproveitar tudo o que é dado “gratuitamente”. Sem noção do passado ou do futuro não foram visitados por deuses ou heróis e, portanto, não foram agraciados com a civilização. No caso da descrição dos ictiófagos, o elemento do “estranhamento” está presente em toda a narrativa. Tais grupos são, na realidade, bárbaros autênticos, posto que viviam como animais e sequer possuíam uma língua articulada. Por isso o espanto permanente diante daqueles que não conseguiram adentrar para a comunidade humana.

7 FENÔMENOS EXTRAORDINÁRIOS

A natureza é a fonte principal dos fenômenos extraordinários e os mesmos não se limitam a um ponto específico da *oikouménē*. Em todas as partes do mundo descritas por Diodoro ocorrem tais fenômenos. Entretanto, ele procura explicá-los e não somente enunciá-los.¹⁷⁷

A região próxima de Cirene possuía uma terra excelente para o cultivo de trigo, vinha, oliveira e essências selvagens e rios de grande utilidade. Na porção meridional da Líbia, a região, desprovida de água corrente, não permitia o cultivo de nenhuma plantação, sendo a paisagem monótona e rodeada de desertos quase intransponíveis. De fato, eram encontradas também na região grandes quantidades de “nitros” (carbonato de sódio ou soda), o que contribuía para o desolamento desse local. Lá não existiam pássaros, plantas ou animais quadrúpedes, com exceção de

¹⁷⁷ Parece-me que a única exceção é a narrativa sobre a ilha de Jâmbulo.

gazelas e búfalos. Existiam ainda as temíveis serpentes de todos os aspectos e tamanhos, como as cerastes, cujas mordidas eram mortais. As serpentes eram capazes de se esconder sob a areia escaldante do deserto e, assim, picar aqueles que não percebiam sua presença. De qualquer maneira, fenômenos espantosos (*thaumásion*) aconteciam nessa região: devido à ausência de ventos, podia-se notar a formação, entre as nuvens, de animais de todo tipo, de tamanhos monstruosos, provocando um terror prodigioso (*thaumastèn*) junto àqueles que não estavam acostumados. Esses animais só perseguiram os estrangeiros e os povos locais não se incomodavam com tal fenômeno.¹⁷⁸ Tais acontecimentos, segundo Diodoro, poderiam parecer fábulas (*mython*) inventadas e inverossímeis (*paradóxou*), mas alguns filósofos e naturalistas buscaram uma explicação para esses estranhos fenômenos. Devido à falta de ventos e da ausência de grandes rios, o ar permanecia imóvel e sem promover qualquer tipo de exalação; esses elementos, juntamente com a confluência de outras correntes atmosféricas, provocariam uma atmosfera sufocante pesando sobre a terra. As formas adquiridas por essas nuvens não tinham qualquer aspecto de animal ou algo parecido, mas sim de formas inanimadas que se formavam ao acaso, sem qualquer tipo de escolha consciente. Quando em contato com as pessoas, dissolviam-se e, por isso, davam a impressão de frio que sentiam (*BH*, III, LI, 1-5).

8 LUGARES IMAGINÁRIOS: A ILHA DE JÂMBULO

Diodoro é o único autor antigo a atestar a viagem de Jâmbulo em uma estranha ilha que muitos autores modernos tentaram identificar, devido aos indícios citados pelo próprio autor da narrativa. São mencionadas a Etiópia, a Arábia (Iêmen) e a Índia. Embora possa ser importante a localização da ilha, interessa ressaltar que, para Diodoro, a ilha se situa próxima à Índia, uma vez que, ao término de sua longa viagem, Jâmbulo chega ao reino de Palibotra (Patna, situada no delta do Ganges). Entretanto, a localização da “ilha de Jâmbulo” não está no centro das preocupações de Diodoro, pois, o relato é todo marcado por simbolismos como a Idade de Ouro, relato sobre pessoas e costumes estranhos, animais extraordinários e uma natureza exótica. Trata-se, para muitos autores, de uma utopia que tanto pode ser de

¹⁷⁸ Plínio também relata o mesmo fenômeno em sua *História Natural*, VII, 32.

natureza política quanto de natureza apolítica.¹⁷⁹ O relato da ilha de Jâmbulo difere de todos os outros acontecimentos e locais extraordinários narrados por Diodoro em toda a sua *BH*. A narrativa dá ao leitor uma sensação de sonho e irrealidade; ela fecha a narrativa do livro II, depois de ter tratado da Assíria, Média, Arábia e Índia. Os capítulos dedicados à Índia (XXXV-XLII) e os capítulos dedicados à ilha de Jâmbulo não são subseqüentes (LV-LX), o que nos faz pensar que mesmo que a ilha de Jâmbulo estivesse na Índia, Diodoro faz questão de separá-la da narrativa. Tal escolha não me parece gratuita, já que Diodoro é bastante rigoroso em relação à ordem em que aborda os assuntos em sua obra. Mesmo que a ilha seja o Ceilão (Sri Lanka), Socotra (Iêmen) ou Madagascar, Diodoro faz questão de mostrar que tal local deve ser visto pelos leitores como um lugar à parte ou com especial *status* na *oikouménē*.

Jâmbulo, segundo Diodoro, era ávido por se instruir desde criança, mas com a morte de seu pai, que era mercador, foi obrigado a assumir a profissão do pai a fim de se sustentar. Desta maneira, acabou por se aventurar em muitos lugares distantes, graças à sua profissão. Foi à região da Arábia produtora de aromas e de lá ganhou a região costeira da Etiópia¹⁸⁰; nesse local foi capturado, juntamente com seus companheiros, por etíopes que tinham a intenção de utilizá-los em um ritual de purificação, que exigia que fosse realizado com estrangeiros. Esses etíopes tinham o costume imemorial, que havia sido transmitido pelos oráculos dos deuses (estava em vigor há vinte gerações ou seiscentos anos, considerando-se trinta anos por geração, *BH*, II, LV, 3), de enviá-los a uma determinada ilha, colocando dois homens em uma pequena embarcação, que fosse capaz de resistir a tempestades e com provisões que os mantivessem vivos por seis meses. Era prescrito ainda que deveriam seguir em

¹⁷⁹ DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique*. Livre II. A *Notice* da referida obra situa bem o estado das discussões acerca da narrativa diodoriana da ilha de Jâmbulo, pp. XL-XLVI. Há um interessante artigo de W.W. Ehlers Mit dem Südwestmonsun nach Ceylon. Eine Interpretation der Iamboul Exzerpt Diodors, publicado na *WJA*, II, 1985 que Eck utiliza para explicar algumas passagens da narrativa diodoriana, que também utilizarei embora não tenha tido acesso ao referido artigo. Prefiro não abordar aqui as discussões travadas sobre uma possível localização da ilha e a quem Diodoro poderia estar se referindo. Meu objetivo é discutir os componentes fantásticos do relato.

¹⁸⁰ Tal região já foi descrita por Diodoro no livro III e abordada por mim no capítulo sobre a África. A Arábia Feliz (Iêmen) era uma das mais famosas produtoras de aromas na Antiguidade juntamente com a Etiópia (região do Chifre da África, denominada pelos Antigos de *Notou Kéras*). O Cabo Guardafui e a ilha Socotra (Dioscorida) já eram locais colonizados por gregos desde o reinado de Ptolomeu IV (221-203).

direção ao sul e assim chegariam a uma próspera ilha onde seriam recebidos por pessoas amáveis, que viviam em plena felicidade (*eudaímona*). Dizia-se também que as pessoas enviadas à ilha, se conseguissem lá chegar, viveriam seiscentos anos de paz e felicidade absoluta. Entretanto, as pessoas enviadas à ilha temiam atravessar tão grande oceano e, apavoradas, retomavam o caminho sem concluí-lo. Quando retornavam, eram consideradas ímpias, sofriam os mais terríveis castigos e causavam a perda de todos os etíopes. Assim, admoestados antes da partida, foram realizados festas e rituais de purificação da nação e Jâmbulo e seu companheiro foram enviados para bem longe. Os dois navegaram por quatro meses antes de chegar à ilha do qual falavam os presságios. Ela possuía uma forma arredondada e tinha cerca de cinco mil estádios (c. 925 km). Os autóctones vieram espantados (*thaumázein*) ver os estrangeiros que haviam chegado e os trataram com toda amabilidade, dividindo com eles os bens de sua própria subsistência (*BH, II, LVI, 1*). O que mais provocou espanto em Jâmbulo e seu companheiro foi a forma física dos habitantes da ilha: embora fossem parecidos com eles, tinham uma altura excepcional: mais de um metro e oitenta e cinco centímetros. Além disso, seus ossos eram flexíveis como órgãos fibrosos e seus corpos eram de extrema delicadeza, mas de um vigor superior ao dos gregos (Diodoro usa a expressão "ao nosso"): de fato, se seguravam qualquer objeto nas mãos, nenhuma pessoa poderia tomá-lo. Não tinham nenhum pêlo no corpo, com exceção dos cabelos, cílios, barba e sobrancelhas. Mas isso não era toda a estranheza que compunha a característica física desse povo singular: tinham ainda os orifícios auditivos maiores que os dos homens comuns ("nós" para Diodoro) e sua língua tinha algo de especial, devido em parte, a fatores naturais e, em outro, a fatores congênitos. A língua era fendida ao meio, de modo que cada parte era responsável por uma linguagem diferente. Uma parte imitava perfeitamente qualquer tipo de som, tanto a linguagem humana quanto o som de diferentes tipos de pássaros. Entretanto, isso não era o mais extraordinário (*paradoxótaton*): tais indivíduos eram capazes de manter uma conversação com duas pessoas ao mesmo tempo; enquanto uma parte da língua mantinha a conversa com um, a outra parte mantinha conversa com outra pessoa (e sobre assuntos diferentes!) (*BH, II, LVI, 6*).

O clima da ilha era dos mais agradáveis, pois, situada próxima do equador, era do tipo temperado, nem excessivamente quente, nem excessivamente frio. Tal singularidade climática permitia que os frutos permanecessem maduros durante todo o ano. Além disso, a duração do dia e da noite era absolutamente igual.

A organização social privilegiava, segundo Diodoro, a harmonia social. As pessoas viviam repartidas em famílias e grupos de quatrocentos membros ou mais. Graças à qualidade do solo e à natureza temperada do clima os alimentos eram abundantes durante todo o ano. Na ilha existiam também águas termais quentes e frias que permitiam às pessoas utilizá-las tanto para o seu bem estar geral como para a cura de doenças. Sábios, os habitantes da ilha se instruíam em vários domínios do conhecimento, especialmente a astrologia, além de saberem escrever. Não eram acometidos de nenhuma doença física, mas aqueles que se vissem, por algum motivo, mutilados, eram obrigados a cometer suicídio. O suicídio era, aliás, praticamente uma obrigação entre os habitantes da ilha. Como o povo era muito longevo, chegando a viver cento e cinqüenta anos, quando se estava próximo dessa idade, suicidavam-se de uma maneira estranha: deitavam-se sobre uma planta, adormeciam e nunca mais acordavam (*BH*, II, LVII, 4). Até na morte eram poupados do sofrimento! As convenções sociais relativas ao casamento também não existiam: as mulheres ficavam com todos e quando as crianças nasciam, trocava-se as crianças regularmente para que nenhuma se apegasse a uma criança em particular, mas a todas. Diodoro vê tal costume como altamente positivo, ao contrário de quando descreve os costumes etíopes (no livro III) em que ressalta a barbárie desses povos de dividir as mulheres do grupo. De fato, em tal lugar, mesmo aquilo que poderia parecer bárbaro, ganha contornos altamente louváveis, afinal não se estava no paraíso? Não havia guerras, nem entre eles ou seus vizinhos, a paz reinava absoluta. Isso deve ter parecido a Diodoro algo extremamente extraordinário, uma vez que boa parte de sua *BH* é dedicada ao relato de grandes conflitos bélicos presentes em toda a *oikouménē*. As crianças aprendiam a gostar de todos os adultos desde a mais tenra infância, uma vez que eram criadas por todos da tribo, sem distinção de parentesco sanguíneo.

E Diodoro não se esquece dos animais. Mais uma vez, como em outros de seus relatos etnográficos, eles desempenham papel de destaque. Os animais da ilha de

Jâmbulo eram extraordinários (*parádoxa*): de porte pequeno, as propriedades de seu sangue eram diferenciadas dos outros animais e tinham o formato de tartarugas; entretanto, tinham quatro olhos e dispunham da mesma quantidade de bocas, embora os alimentos fossem introduzidos por um orifício especial que iam direto para o estômago. O animal tinha tal quantidade de pés que poderia tomar a direção que quisesse. Incrivelmente, os órgãos internos eram simples e, uma vez cortados, se regeneravam rapidamente. Essa estranha propriedade do corpo (*thaumásōma*) tornava-os particularmente diferentes do restante dos animais (*BH*, II, 4). Os habitantes da ilha de Jâmbulo se dividiam em grupos e cada qual era encarregado de cuidar de um tipo diferente de pássaros (existentes em grande quantidade). O mais incrível eram as serpentes de proporções monumentais, mas totalmente inofensivas; os habitantes da ilha comiam sua carne que tinha um sabor agradavelmente doce.

Embora tudo houvesse na ilha na mais absoluta abundância, as pessoas não se entregavam aos excessos, buscando levar uma vida regrada e com apenas o necessário para a sua sobrevivência.¹⁸¹ Confeccionavam suas próprias roupas de maneira admirável (*thaumastà*), conquanto fosse de maneira estranha (*parádoxon*), o que deixaria qualquer um totalmente incrédulo (*BH*, II, LIX, 4): as vestimentas eram feitas de um tecido brilhante e macio (feito a partir de um determinado tipo de junco) que misturavam com mariscos adquirindo, assim, uma cor púrpura. Adoravam os deuses com hinos, músicas, festas e preces. O principal deus adorado era o sol e os mortos eram enterrados de maneira também singular: eram enterrados sob uma duna de areia próxima da água e, quando a maré subia, nova camada de areia os recobriam.

Jâmbulo permaneceu na ilha durante sete anos ao fim dos quais, devido a um desentendimento com seus habitantes, foi expulso. Foi embora da mesma maneira que chegou: colocado em um barco, navegou durante quatro meses, findos os quais foi chegar à costa indiana e levado pelos autóctones ao rei de Palibotra (Patna). O referido rei adorava os gregos e ficou feliz de se encontrar com um. Jâmbulo foi bem recebido na corte, tendo todas as garantias para retornar à Grécia são e salvo. Ao chegar escreveu um relato de suas aventuras que, segundo Diodoro, eram completamente desconhecidas de qualquer outra pessoa.

¹⁸¹ Ideal tipicamente grego de condenação da *hýbris*?

O relato da ilha de Jâmbulo introduz uma certa *idéia* sobre um mundo às avessas e, marcado, sobretudo, pela ambigüidade. Depositário de múltiplas interpretações, esse mundo tinha por prerrogativa básica ser essencialmente *móvel*, e que encantou as imaginações da Antiguidade e, sobretudo, da Idade Média.¹⁸² A medida em que os conhecimentos geográficos iam se alargando, tais locais migravam nas imaginações coletivas; portanto, não existe uma única categoria de explicação para esses lugares e os mesmos não conseguiram ser unos nas imaginações coletivas. Tais locais, primitivos e repletos de exotismo, só aparecem na obra diodoriana nos livros “anteriores à guerra de Tróia”. É um mundo que não comporta um senso de realidade. Como ele não apresenta qualquer cronologia sobre a Índia em seus relatos iniciais da *BH*, fica a impressão de que esse povo, embora primitivo, guardava uma inocência típica da Idade de Ouro. Panofsky¹⁸³ ressalta que no pensamento clássico existiam duas maneiras de opor o homem em sua época primitiva: o “primitivismo doce” ou positivo, formulado por Hesíodo (*Os trabalhos e os dias*), e o “primitivismo duro” ou negativo, que representava a humanidade vivendo sob um estado bestial, e que, lentamente, atinge o progresso técnico e intelectual. Não encontramos na ilha de Jâmbulo a presença de nenhum deus (ou homem elevado à categoria de deus, segundo a doutrina evemerista) que tenha ensinado aos homens daquele local as vantagens de um processo civilizador. Não há, no relato, qualquer idéia de mudança de um estado “bestial” para um estado “civilizado”. É a exceção notória da *BH*, onde, mesmo na Índia, encontramos Hércules e Dioniso ensinando os homens a cultuar os deuses, exterminando feras ou introduzindo a agricultura e o cultivo de gado. Mesmo nesse primitivismo “doce” não há qualquer indício de que vá haver mudança de “nível”, como em Hesíodo. Aqueles homens naquela ilha não podiam existir, segundo o próprio padrão estabelecido na *BH*: todos os outros povos passaram (ou deveriam passar) por estágios de mudança da vida primitiva à vida civilizada. Não há, por parte de Diodoro, qualquer tentativa de explicar ou compreender porque tais homens existem. Há simplesmente a

¹⁸² Um artigo de Jacques Le Goff intitulado *O ocidente medieval e o oceano Índico: um horizonte onírico* traz considerações úteis para a compreensão de lugares imaginários. O artigo está contido em sua obra clássica *Para um novo conceito de Idade Média*.

¹⁸³ PANOFSKY, E. Les origines de l'histoire humaine: deux cycles de tableaux par Piero de Cosimo. _____. *Essais d'iconologie*. Les thèmes humanistes dans l'art de la Renaissance. Paris: PUF, 1967. Apud. SOUZA. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. p. 45, n. 71.

narrativa, (e ele nem mesmo tenta informar a seus leitores de que se trata de algo extraordinário demais para ser levado em conta) que funciona como um exemplo de como a vida humana poderia ser (mas que em nenhum outro lugar chegou a ser). Estranhamente, o relato fecha a narrativa sobre os povos bárbaros da Ásia. Os livros IV e V vão mostrar os costumes e os mitos do Ocidente, que, entretanto, estão indelevelmente marcados pela presença dos deuses e heróis gregos. O fato da *gesta* de Hércules se passar no Ocidente não é gratuito que o herói tenha visitado Agíon, terra natal de Diodoro. Existe, portanto, o mundo bárbaro contido na Ásia mitificada e idealizada um local visitado por deuses e paraíso perdido no meio de guerras, privações e carnificinas comuns na época de Diodoro. Mas existe também uma Ásia “real” e “bárbara” que, tendo confrontado a Grécia, foi vencida por Alexandre e, portanto, devidamente tratada (helenizada). Se os deuses não a visitaram, o Conquistador tratou de ensinar-lhe aquilo que não tiveram a oportunidade (ou se recusaram) de aprender. De toda maneira, os gregos foram os porta-vozes do discurso sobre a Ásia; inauguraram uma *visão* que se manteve (principalmente no período medieval) no Ocidente, criando um discurso que a tornava *verdadeira*. A recusa sistemática dos gregos de ver o *outro per se* cristalizou a idéia de uma *mission civilizatrice* levada a cabo pelos gregos. Embora Said esteja tratando sobre o orientalismo no século XIX, creio ser possível utilizar um ponto que me parece importante para explicar também o trabalho dos historiadores como criadores de uma *tradição* que, por fim, acaba se tornando *verdadeira*.

O crescimento do conhecimento, particularmente do conhecimento especializado, é um processo muito lento. Longe de ser meramente somatório ou cumulativo, é um processo de acumulação seletiva, deslocamento, cancelamento, redistribuição e insistência dentro daquilo que foi chamado de consenso de pesquisa. A legitimidade de um conhecimento como o orientalismo, durante o século XIX, não tinha origem na autoridade religiosa, como fora o caso antes do Iluminismo, mas no que podemos chamar de citação restauradora da autoridade precedente. A partir de Sacy, a atitude orientalista culta era a de um cientista que inspecionava uma série de fragmentos textuais que ele depois corrigia e arranjava tal como um restaurador de velhos esboços poderia pôr uma série deles juntos para obter a figura cumulativa que eles representam implicitamente. [...] Mesmo quando deparava com novos materiais, o orientalista o julgava emprestando dos seus antecessores (como os estudiosos fazem com bastante freqüência) as perspectivas, ideologias e teses condutoras. [...] Dessas complexas reescrituras, as realidades do Oriente moderno foram sistematicamente

excluídas, especialmente quando peregrinos talentosos como Nerval e Flaubert preferiam as descrições de Lane *àquilo que os olhos e a mente lhes mostravam imediatamente*.¹⁸⁴ No sistema de conhecimento sobre o Oriente, este é menos um lugar que um *topos*, um conjunto de referências, uma coleção de características, que parece ter sua origem em uma citação, ou em um fragmento de texto, ou em uma referência à obra de alguém sobre o Oriente, ou em um extrato de imaginação anterior, ou em um amálgama de tudo isso. A observação direta ou a descrição circunstancial são as ficções apresentadas pelos escritos sobre o Oriente, mas estes, invariavelmente, são totalmente secundários em relação a trabalhos sistemáticos de outra espécie. [...] o Oriente é uma re-apresentação de um material canônico, guiada por uma vontade estética e executiva capaz de despertar o interesse do leitor. [...] *o orientalismo, ou algum aspecto deste, é afirmado, mesmo que, como foi dito, a consciência narrativa represente um grande papel*.¹⁸⁵

Assim, Diodoro se insere em uma corrente de pensamento em que o intelectual não precisa viajar ou ver *in loco* o que descreve. Mas ainda que assim o fizesse, veria, não aquilo que a cultura daquele lugar tinha como *seu*, mas o que tinha ou não em comum em relação *ao nosso* (palavra cara no vocabulário diodoriano). A ilha de Jâmbulo permaneceu fora desse modelo esquematizador, justamente porque não tinha uma existência *real*. Localizada em algum ponto perdido da *oikouménē* parece estar situada em outro plano espaço-temporal, não vinculado nem ao passado nem ao presente. A aparência física de seus habitantes, a ausência de guerras, os animais que deveriam ser peçonhentos, mas, entretanto, não o são, nada disso encontra paralelo com qualquer outro lugar, nem mesmo como espelho da alteridade. A ilha não foi alvo da visita dos deuses, não precisou passar por qualquer processo civilizador e não há também qualquer perspectiva de mudança. Jâmbulo permaneceu na ilha durante sete anos (número que contem em si mesmo múltiplos significados esotéricos presentes em várias culturas) e quando de lá saiu permaneceu o mesmo, sem nada mudar em seu comportamento. Sua narrativa não acrescentou, por outro lado, nada de novo aos saberes conjuntos da *oikouménē*. É um mundo irreal e, portanto, sem qualquer ligação com o restante da *oikouménē* descrita por Diodoro. Porque Diodoro inseriu esse relato em sua obra, configura-se

¹⁸⁴ Grifo meu.

¹⁸⁵ SAID. *Orientalismo*. pp. 184-185. Grifo meu. Não pretendo fazer uma abordagem de "Oriente" ou "orientalismo" tal como Said; o que me interessa é sua idéia de formação de uma tradição que, posteriormente perde qualquer conexão com o *real* como parece ser o caso da ilha de Jâmbulo.

um mistério, mas quem sabe não seria a idealização de um mundo utópico que antes de ser real, era deliberadamente inexistente?

PARTE III

PARADÓXA E TÝCHĚ NA BIBLIOTECA HISTÓRICA

O fim último da guerra deve ser a paz. Aristóteles, Política,
VII, 1333a.

O único motivo para empreender a guerra é o desejo de
viver em paz sem injustiça. Cícero, De officiis, 11, 34.

Capítulo 1

O *portrait* moral e político de grandes figuras da História

1 A guerra, forjadora de Grandes Homens: o papel de *parádoxa* (inesperado) e da Fortuna (*týchē*) na compreensão da História

Embora seja um truísmo, o mundo antigo como um todo foi marcado intensamente pela guerra. Os grandes impérios da Antiguidade se baseavam na conquista contínua de povos e territórios com uma violência assustadora. Os assírios, notórios pelo uso contínuo e sistemático da violência promoviam matanças e deportações em massa das populações vencidas. Na Mesopotâmia, em suas diversas fases históricas, as guerras tiveram papel fundamental na tomada (e destruição) de cidades e povos. Populações inteiras viviam à mercê de guerras incessantes e intermináveis: qualquer estabilidade política era sempre transitória, uma vez que aquela dependia dos sucessos dos reis e líderes nos campos de batalha. Uma rápida leitura dos textos que compõem o *Antigo Testamento* bíblico nos mostra que Iahweh era, sobretudo, o deus ligado à guerra, e um de seus epítetos era "Iahweh, Senhor dos Exércitos". Tal imagem nos remete também ao componente sagrado presente nos atos guerreiros com cerimônias e sacrifícios ofertados aos deuses, além da existência de deuses que tinham como principal prerrogativa serem co-partícipes dos atos que envolviam a guerra. Os reis mesopotâmicos acumulavam funções guerreiras e religiosas e ambas estavam estreitamente interligadas. Rituais eram realizados com o objetivo de agradá-los para que esses permanecessem ao lado do exército contra os inimigos. Como reconhecimento pelas vitórias conquistadas, parte do butim de guerra era ofertada aos santuários e aos deuses. Passagem significativa que mostra a importância da intercessão divina nas batalhas, é a conquista de Jericó efetuada por Josué (*Josué*, 5, 13-27) ¹⁸⁶. Complexos rituais eram efetuados juntamente com os sacerdotes para

¹⁸⁶ "Mas vós, guardai-vos do anátema, para que não tomeis alguma coisa do que é anátema, movidos pela cobiça, pois isso tornaria anátema o acampamento de Israel e traria sobre ele

que a cidade pudesse ser conquistada. Todos os elementos simbólicos que contribuem para a sacralização da guerra e da violência que ela gera se encontram justificados no anátema, ou seja, a parte que cabe ao deus daquilo que foi conquistado, graças à sua divina intervenção. Embora não se possa generalizar o comportamento de todos os povos, colocando-os sob a mesma perspectiva interpretativa, é fato que a religião exerceu papel decisivo para a justificativa de matar (com todas as conseqüências morais que isso acarreta) e de se apossar dos bens do adversário. Era preciso toda uma série de incentivos para que um homem se empenhasse em combate direto com outro homem. A presença divina era requerida e mesmo necessária para que tais empreendimentos obtivessem sucesso. Na *Ilíada*, os deuses estão de tal forma presentes que os heróis apenas realizam aquilo o que os mesmos já haviam planejado:

Disse-lhe [a Hera], indignado, que as nuvens do Olimpo cumula: "Deusa implacável, que ofensa tão grave de Príamo e os filhos te compungiu para, assim, te afanares, com tanta insistência, em destruir a cidade de Tróia, de bela feitura? Se conseguisses entrar a cidade potente e suas portas, e, vivo, Príamo e os filhos dos troianos comessem, provavelmente acalmaras a fúria que o peito te abrasa. Faze conforme o desejas: não seja esta rixa motivo de originar-se entre nós, em futuro, discórdia insanável. Ora, outra coisa te quero dizer; guarda-a bem no imo peito: caso me ocorra o desejo, em qualquer ocasião, de algum burgo vir a destruir, habitado por homens, que a ti sejam caros, deixa-me agir livremente, não quero que venha a obstar-me. Entre as cidades que os homens nascidos da terra construíram sob a luz viva do Sol e as estrelas do Céu refulgentes, nenhuma tanta prezava como Ílio de muros sagrados, bem como Príamo e o povo do velho monarca lanceiro. Em meus altares jamais sacrifícios faltaram, nem libações, nem perfumes, as honras, em suma devidas" (IV, 30-49).

Embora Homero não descreva a Guerra de Tróia em si, fica claro no poema o papel significativo dos deuses no desenrolar dos acontecimentos que ocorrem paralelamente à guerra. É preciso agradá-los com sacrifícios e libações para que os mesmos permaneçam consigo nos momentos decisivos, o que tanto na épica quanto na historiografia significava estar junto do guerreiro no momento da batalha e no

confusão. Toda prata e todo ouro, todos os objetos de bronze e de ferro serão consagrados a Iahweh; entrarão no seu tesouro."

seu ápice, o recontro.¹⁸⁷ Os sacrifícios são essenciais, como bem denota o diálogo entre Zeus e Hera. Jacqueline de Romilly¹⁸⁸ mostra como a *Ilíada*, mesmo sendo uma obra que trata sobre a guerra, não contém relatos de batalhas. A maior parte do poema é centrada em narrativas de combates singulares, apresentados em seqüência: não há encadeamento que situe as batalhas em uma ordem. O que se ressalta, sobretudo, é o papel do herói e a glória por ele alcançada.

Homero conta sempre que tipo de arma é empregado, que órgão ela atinge, que tipo de morte resulta disso, não deixando de destacar os ferimentos curiosos, de efeito espetacular e imprevisto. O interesse dessas descrições, portanto, não é apenas moral, mas também técnico. Contudo, tanto em um domínio como no outro, é ao valor do indivíduo que se dirige toda a atenção. Mais uma vez, convém fazer uma ressalva, pois esses *aristeiai*, que são os combates homéricos, são adulterados, aos nossos olhos, por uma circunstância notável: aquele que põe a coragem ou o temor no coração do combatente, que dirige a lança ou a desvia é, com grande freqüência, um deus. Quando estimamos estar indo para um resultado certo, descobrimos que isso "teria com certeza acontecido, se nesse momento um deus..." não houvesse interferido.¹⁸⁹

Dois aspectos importantes ressaltados por Romilly serão adicionados às narrativas dos futuros historiadores quando forem tratar sobre a guerra: a importância de uma determinada figura no curso da batalha (que tipo de comportamento o comandante e seus soldados tiveram, como lutaram, e se alcançaram a glória) e o papel do imprevisto, do inesperado nos negócios humanos (que evidencia-se mais claramente na guerra, uma vez que a temática era a preferida dos historiadores gregos). No caso homérico, o inesperado é representado pela intervenção direta dos deuses (mesmo que disfarçados), mas, mesmo em Heródoto, os deuses não deixam de intervir, principalmente pela conversação com eles empreendida através dos oráculos¹⁹⁰ (que aparecem durante todas as *Histórias*) ou na figura da Divina Providência (Heródoto, III, 108, *toû theíou he pronoíē*) que organiza e dá sentido à natureza (*phýsis*). Legrand, editor e tradutor de

¹⁸⁷ O momento do choque dos dois exércitos segundo a terminologia de Clausewitz. *Da Guerra*, p. 107.

¹⁸⁸ ROMILLY. *História e razão em Tucídides*, p. 74-75.

¹⁸⁹ *Idem*, p. 74-75.

¹⁹⁰ "Não me atrevo a fazer contestações a respeito dos oráculos e não admito que outros o façam" (VIII, 77).

Heródoto para as edições Budé, comenta que, desde o século VI, a idéia de uma inteligência regendo o universo aparecia na filosofia do eleata Xenófanés de Colofão (*nóou phrení pánta chradáinei*) e foi depois retomada especialmente por Anaxágoras.¹⁹¹ Heródoto refere-se à Divina Providência em uma descrição que faz dos animais da Arábia, região infestada de serpentes: a Divina Providência desempenha papel regulador na natureza posto que, com sua imensa sabedoria, fez com que animais peçonhentos como a serpente, tivessem pouca fecundidade; um mundo que fosse infestado por animais de tal tipo seria terrível para a existência humana. Já animais inofensivos como a lebre, por exemplo, eram extremamente fecundos de modo que pudessem servir de alimento para os outros. Sem dúvida, é uma racionalização da intervenção divina tanto na esfera humana quanto na esfera da natureza, visto que a Divina Providência age com “naturalidade” para que as coisas se organizem da melhor maneira possível e, assim, beneficia a todos. Mas não esperemos demasiadamente de Heródoto, pois o autor dá aos deuses uma grande importância em sua narrativa, mas não exatamente da maneira com que Homero fez. Tomemos como exemplo uma passagem bastante significativa das *Histórias*:

Vê como a divindade fulmina com seu raio os animais de grande porte, sem permitir que eles se ostentem, enquanto não faz qualquer mal aos pequenos. Vê como ela atinge sempre com seus dardos as casas e as árvores mais altas; de fato, a divindade se compraz em rebaixar tudo que se eleva. Pela mesma razão, um exército numeroso às vezes é aniquilado por um pequeno, quando, por exemplo, a divindade invejosa (*thèos phitonésas*) inspira-lhe um terror pânico ou o apavora com o ribombar dos trovões, a tal ponto que ele é humilhanamente dizimado. Em verdade, a divindade não admite pensamentos altaneiros a não ser em si mesma. Em todas as circunstâncias, a precipitação engendra erros dos quais nascem habitualmente grandes desastres; contemporizar, ao contrário, traz vantagens, e se não as percebermos imediatamente, será possível descobri-las no devido tempo (VII, 10).

É preciso sabedoria para perceber sinais que denotam o momento em que os deuses estão mandando “mensagens” e nem todos estão preparados para decodificar seus sinais. Essa cegueira é muitas vezes causada pela *hýbris*, que impede o homem de enxergar a verdade que está para acontecer incapacitando-o

¹⁹¹ Ph.-E. Legrand. In: HÉRODOTE. *Histoires*, v. III, p. 150, n. 1.

com seu orgulho, de se colocar no seu devido lugar.¹⁹² Dada a notória preferência da historiografia grega em narrar eventos ligados à guerra, nota-se que, para além da competência individual demonstrada pelos generais nos campos de batalha, a mesma não é, entretanto, mérito exclusivamente seu. Muitas vezes, os acontecimentos não ocorrem de acordo com o planejado. O acaso presente nos negócios humanos mostra que todos estão sujeitos aos revezes da existência. Entretanto, percebe-se que os “acazos” não são completamente aleatórios. O acaso¹⁹³, representado pela palavra grega *týchē*, é uma deusa encontrada n’*A teogonia* de Hesíodo e faz parte da linhagem de Urano e Tétis (360). Desde o século IV a deusa era cultuada nas cidades de Tebas, Atenas, Megara e Megalópolis (terra de Políbio, autor que confere à Fortuna papel importante em sua obra) sob o nome de *Agathé Tychē*¹⁹⁴. Contudo, o acaso não é o único significado possível de *tychē*: pode implicar sentidos tão contraditórios como destino, felicidade ou ainda, infelicidade. Está implícita a idéia de que algo inesperado pode acontecer e, portanto, não era menos importante para os homens a ela render culto em uma tentativa de controlar, ainda que de maneira provisória, o lote destinado a cada um na roda interminável de acontecimentos da vida, como bem lembrou Heródoto ao justificar sua narrativa:

[...] não vou afirmar que as coisas [a sucessão de raptos que culminaram na Guerra de Tróia] se passaram assim ou de outra maneira, mas, depois de assinalar aquele que eu próprio sei ter sido o primeiro a cometer atos injustos contra os helenos, avançarei na narrativa, examinando indistintamente as pequenas e as grandes cidades dos homens. Das que antigamente eram grandes, muitas delas se tornaram pequenas, enquanto as que no meu tempo são grandes, eram primeiro pequenas. Persuadido de que a felicidade (*eudaimoníēn*) humana nunca permanece firme no mesmo ponto, mencionarei por igual umas e outras (I, V).¹⁹⁵

De fato, juntamente com a Fortuna, estão associados *moíra pótmos* (destino personificado, imperioso, inflexível e que leva toda coisa a seu fim, *Ilíada*, 24, 209)¹⁹⁶, *agathós*¹⁹⁷, *daímōn*¹⁹⁸, o que dá à mesma um tom muitas vezes sobrenatural da

¹⁹² Parece ser quase uma regra a “cegueira” dos sinais tão claramente enviados pelos deuses.

¹⁹³ Como traduziu Jaa Torrano para a edição de *A teogonia* em português.

¹⁹⁴ PÖTSCHER. *Tychē*. In: DKP.

¹⁹⁵ Tradução de Maria de Fátima Silva e José Ribeiro Ferreira.

¹⁹⁶ Na *Teogonia*, Moira é filha de Zeus e Têmis encarregada dos assuntos dos mortais (904). Mas Hesíodo também a coloca como filha da Noite (que as pariu sozinha): “pariu as Partes

interferência divina, mostrando que o homem não controla seu destino. Ao mesmo tempo, a inclusão da Fortuna na narrativa dá ao historiador grande liberdade para manejar o desenrolar dos acontecimentos de acordo com sua perspectiva metodológica e suas crenças pessoais em relação ao papel da história e o destino de seus principais personagens. O caso de Políbio é bastante ilustrativo:

Com efeito, a originalidade de minha obra e o aspecto mais notável de nossa época consistem justamente nisso; a Fortuna (*týchē*) encaminhou por assim dizer todos os acontecimentos mundiais em uma única direção e os compeliu a orientar-se para um só e mesmo escopo; da mesma forma, um historiador deve apresentar diante de seus leitores em sua sinopse os eventos graças aos quais a Fortuna (*týchē*) produziu esses efeitos em toda parte para atingir seu objetivo global.[...] Considero necessário, portanto, não deixar passar despercebida ou caída no esquecimento a mais bela e instrutiva obra da Fortuna (*týchē*). Realmente, embora esteja produzindo sempre algo de novo e intervindo na vida humana, em nenhuma outra circunstância a Fortuna (*týchē*) jamais realizou tal obra nem encenou tal espetáculo como em nossa época (*Histórias*, I, 4).

Políbio enxerga a vitória irremediável do poderio romano e vê na Fortuna a única força capaz de explicar tão rápida ascensão. A Guerra Anibálica que poderia ter facilmente levado Roma à derrocada foi, muito antes pelo contrário, a oportunidade dos romanos de mostrarem seu gênio e de não se deixarem abater mesmo nos grandes infortúnios, e, sobretudo, de saber manejar o “inesperado” a seu favor. Quem diria que Aníbal derrotaria o exército romano tão fragorosamente? E mais ainda, que os romanos seriam capazes de reconstituir um exército destruído, impor uma derrota e aniquilar o poderio cartaginês sobre todo o Mediterrâneo? Tal é o

e as Sortes que punem sem dó: Fiandeira, Distributriz e Inflexível que os mortais tão logo nascidos dão os haveres de bem e de mal, eles perseguem transgressões de homens e de deuses e jamais repousam as deusas de terrível cólera até que dêem com o olho maligno naquele que erra” (218-222). Tradução de Jaa Torrano. As deusas eram invocadas quando era necessário proferir um juramento.

¹⁹⁷ A palavra *agathós* possui vários significados, como nobre e de bom nascimento; entretanto, encontramos também no sentido religioso como algo favorável, propício e benevolente: “*hó agathós daímōn*” ou *agathē týchē* (ou em latim, a “boa deusa”, *bona dea*).

¹⁹⁸ Deus ou deusa (*Ilíada*, I, 222) ou semelhante a um deus; com a assistência de um deus, pelo favor de um deus (*katà daímona*, Heródoto, I, 111); de acordo com o agrado dos deuses, a vontade dos deuses, ao acaso (juntamente com a *týchē* [*týchēn kai daímonas*]), a fortuna, o acaso, a sorte.

espanto de Políbio que o leva a creditar também à Fortuna ¹⁹⁹ e ao modo como os homens lidam com ela, o sucesso dos romanos. Longe de ser um elemento “neutro”, a utilização da Fortuna permite ao historiador narrar sobre os mais diversos destinos de figuras importantes sem tomar partido de alguém ou de alguma cidade de maneira tão explícita. Afinal, se as coisas tiveram um determinado fim e não outro, não foi “acaso” ou o “destino implacável” que fez com que as coisas tenham acontecido exatamente como deveriam acontecer? Se a Fortuna tem em si o componente do inesperado, ela serve também como “ferramenta” para a “neutralidade” de quem escreve a história. Os historiadores gregos gostavam de encadear sua narrativa de modo que o relato ganhasse uma idéia de continuidade, mesmo que os eventos narrados pudessem ter ocorrido em épocas ou locais diferentes no tempo e espaço. Isso fazia com que o elemento inesperado pudesse ganhar relevo e conferir sentido à narrativa até mesmo quando aparentemente tais eventos não se ligavam.

Diodoro, nesse ponto, não é diferente de seus antecessores: gosta, e dá preferência aos relatos de batalha, descrevendo comportamentos de seus personagens; entretanto, sendo nosso historiador um moralista que exorta seus leitores à virtude, dá preferência, em sua narrativa ao papel desempenhado por algumas figuras em especial com as quais claramente se identifica. ²⁰⁰ Essas narrativas acontecem com bastante freqüência nos chamados livros históricos, ou seja, a partir do livro XI (os livros com narrativas históricas [após a Guerra de Tróia] que restam integrais até o volume XX). De maneira impressionante, os personagens de Diodoro são, de certa maneira, “biografados” porque a história é o tribunal onde todos devem ser julgados pelos atos realizados, para o bem ou para o mal. Tais biografias tendem a mostrar os juízos de valor que Diodoro faz dos personagens e fica clara sua “simpatia” e “antipatia” em relação aos mesmos. As passagens escolhidas são as que contêm os termos *parádoxa* com o sentido de “inesperado” ou “contrário a toda expectativa”; tais passagens mostram ainda a intervenção da Fortuna ou da Divina Providência, retratando que tais indivíduos foram merecedores de algum tipo de intervenção inesperada e, por vezes, até sobrenatural. Para

¹⁹⁹ Políbio discute também o papel das constituições para analisar como cada povo se tornou (ou não) poderoso politicamente. Por motivos óbvios, não tratarei desta questão.

²⁰⁰ Do ponto de vista de suas concepções de história.

compreendermos como Diodoro trata tais personagens e o papel que eles ocupam em sua história educativa, é necessário analisar alguns desses personagens que desempenharam papel importante em sua narrativa a ponto de deixar de lado sua preocupação com a “simetria”.

2 Modelos humanos na *Biblioteca Histórica*

Epaminondas e o destino de Tebas

Os modelos humanos a que Diodoro se dedica em sua *Biblioteca Histórica* são, naturalmente, chefes guerreiros, generais que comandam exércitos e influenciam seus subordinados pelo exemplo concreto de suas vidas. A figura do líder guerreiro destemido e que luta junto com seus homens exortando-os à luta foi central para que a guerra obtivesse sucesso; para além das recompensas materiais (que sempre existiram), era necessário um forte componente simbólico que fazia com que o soldado entregasse sua vida ao líder e que por ele fizesse qualquer coisa, até mesmo dar sua vida. Do ponto de vista psicológico, a liderança precisa expressar certos valores de modo a realçar determinadas virtudes que seriam desejáveis ao líder possuir: rigidez corporal, coragem, percepção dos interesses alheios, busca do bem, capacidade de suportar a adversidade. O general ou estrategista é aquele que deve servir como exemplo, pois necessita disciplinar e cuidar bem de seus subordinados e ser capaz de articular-se com outros líderes (chefes de Estado ou generais) e saber quebrar as articulações dos chefes adversários ou ainda, ganhar o adversário para o seu lado.²⁰¹ É no campo de batalha que se afiguram as qualidades do indivíduo, posto que lá as condições de existência e sobrevivência estão no limite. Os homens dependem extremamente do seu companheiro e de seu comportamento no decorrer da batalha. Desse modo, as relações e a camaradagem que se criavam nos longos anos em que serviam juntos, chamou a atenção dos historiadores gregos para a narrativa privilegiada das guerras em suas obras. Os exemplos na *BH* abundam em pequenas “biografias”, mas não no sentido convencional do termo — tendo em vista que só interessa a Diodoro as qualidades mostradas no decorrer da batalha —

²⁰¹ Agradeço imensamente a ajuda fornecida pelo subtenente do Exército Fernando Antônio Lucas Camargo através de conversas ou indicações bibliográficas. Profundo conhecedor da história militar pôde me ajudar a compreender certos aspectos da liderança e hierarquia militar e dos aspectos psicológicos implícitos na liderança dos generais sobre os soldados.

permitem compreender como nosso autor vê seu comportamento no período mais grave da existência, ou seja, quando está sendo testado sob todos os aspectos, no momento em que realmente pode perder sua vida e a de seus soldados. O modo como a tropa vê seu general é de extrema importância para que seu sucesso como líder gere o respeito necessário para que possa comandar. A imprudência e a insolência de Pérδικas, por exemplo, acabou por fazer-lhe perder a vida através das mãos de seus próprios soldados. Sua luta com Ptolomeu, filho de Lagos, foi marcada por momentos de extrema tensão, tendo o Nilo por cenário. Pérδικas pretendia dominar o Egito de Ptolomeu a todo custo e não hesitou em tomar decisões temerárias botando toda sua tropa em risco. Configurou seu exército da seguinte maneira: na ala esquerda dispôs os elefantes e na ala direita os cavalos, de modo que os soldados de infantaria pesada pudessem ser recolhidos e levados sãos e salvos para o outro lado do rio. Mas um fenômeno inesperado (*parádoxon*) e singular ocorreu assim que começou a travessia do rio: se os primeiros soldados o atravessavam sem maiores problemas, os seguintes começaram a afundar completamente, causando uma confusão geral. Ao cruzar o vau do rio com enorme quantidade de peso, as tropas transformaram esse trecho em uma espécie de areia movediça, que fez com que a roupa militar com suas couraças extremamente pesadas, os impelisse ainda mais para o fundo. O pânico foi generalizado, e, muitos não sabiam nadar; os soldados, na tentativa desesperada de se livrar da pesada indumentária militar, se afogavam. Nesse momento, os crocodilos apareceram e começaram a atacar os soldados, matando-os impietosamente. Cerca de dez mil soldados pereceram sem que nenhuma batalha houvesse sido travada. Ptolomeu ²⁰² e suas tropas, que a tudo assistiam do outro lado do rio, ainda socorreram vários soldados, o que colocou Pérδικas em uma situação totalmente embaraçosa. Revoltados, alguns soldados, no meio da noite, invadiram a tenda de Pérδικas e o assassinaram (*BH*, XVIII, XXXIV-XXXVI). A sabedoria de Ptolomeu fê-lo perceber que, além de lutar com as antigas tropas de Alexandre (e, que, portanto, conhecia bem) não seria prudente e, atravessar o Nilo seria praticamente impossível devido às suas barreiras naturais (como a forte correnteza do Nilo e os temíveis crocodilos). Pérδικas, por outro lado, foi incapaz de pensar no bem estar de seus

²⁰² E levou a fama para Diodoro, de *philoanthōpos*.

soldados, desejoso que estava em vencer Ptolomeu e, assim, essa cegueira fez com que perdesse seu bem mais precioso enquanto general: a confiança de seus homens. Sua ambição desmedida pelo poder e comando supremo do legado de Alexandre não o deixou perceber os sinais e a aparente “calma” de Ptolomeu que nada mais era do que prudência.

Tais disparates não foram cometidos pelo grande Epaminondas, o general tebano responsável por duas vitórias espetaculares sobre o invencível exército espartano em Leuctras e Mantinéia. Seu *portrait* ganha páginas memoráveis na *BH*. Diodoro utiliza os artifícios da retórica e do discurso direto para melhor ressaltar as qualidades de Epaminondas que dedicou sua vida a Tebas. A cidade era mal vista pelo conjunto das *póleis* gregas, devido ao fato de ter permanecido, durante as Guerras Pérsicas, do lado do inimigo. Mas o célebre estrategista que fora educado na filosofia pitagórica, sendo responsável pela derrota do exército espartano ²⁰³— fato inédito e que causou grande comoção e espanto em toda a Grécia —, fez com que, mesmo aqueles que não vissem Tebas sob um viés positivo, tivessem, pela sua pessoa, profunda admiração. Se Epaminondas era um general dotado de todas as qualidades de bravura e coragem, não ficava a dever também na astúcia. Um presságio mandado pela divindade advertiu aos lacedemônios que perderiam sua hegemonia na Grécia que, segundo Diodoro, já durava quinhentos anos e perderiam também seu império. De fato, foi observado no céu a passagem de um cometa que, durante várias noites, brilhou como uma bola de fogo e, pouco tempo depois, ocorreu uma batalha que terminou de uma maneira inesperada (*paradóxos*) para os espartanos, contra toda a expectativa (*anelpístōs*) (*BH*, XV, L, 1-2). Filósofos naturalistas (*phísikàs*) procuraram uma explicação para tal fenômeno, sustentando que ele era fruto de causas naturais; os caldeus da Babilônia e outros astrólogos já haviam previsto com sucesso tais acontecimentos, devido ao ciclo particular que cada astro realizava eternamente na sua revolução, segundo um curso determinado.

²⁰³ Diodoro afirma que os lacedemônios pretendiam escravizar os tebanos e, nesse momento, os gregos ficaram divididos. Alguns achavam que seria ótimo se os tebanos assim o fizessem, mas outros foram tomados de compaixão por eles. As colocações de Diodoro são sintomáticas: ele adianta a narrativa dizendo que muitos mostravam compaixão “pelas desgraças que os aguardavam” (*BH*, XV, LI, 3): ou seja, a destruição de Tebas por Alexandre Magno, descrita de maneira pungente no livro XVII. Penso que Diodoro se esforça para ressaltar em sua *BH* a importância desse momento para os tebanos por solidariedade aos mesmos, devido aos grandes sofrimentos de que serão vítimas.

Portanto, os sábios não haviam se surpreendido (*thaumázein*) com tal acontecimento (*BH, XV, L, 3*).²⁰⁴ De toda maneira, ressalta Diodoro, essa “tocha de fogo” no céu foi de tão grande luminosidade, que fez sobre a terra uma sombra só comparável à da lua. Epaminondas realizou várias campanhas contra o Peloponeso com o objetivo de isolar Esparta, e teve como resultado a libertação da Messênia (*BH, XV, LXVII, 1*, “de maneira inesperada” *paradóxous*), fazendo com que os lacedemônios perdessem um terço de seu território. Na famosa batalha de Leuctras, os tebanos marcharam em direção ao exército inimigo, mas ficaram assustados com o tamanho do exército espartano. Os beotarcos fizeram uma reunião a fim de discutir se seria realmente interessante realizar uma batalha cujo exército era em muito superior ao deles. O grupo de estrategos se dividiu, cabendo a Epaminondas o “voto de Minerva”. Para não ter que decidir sozinho algo tão importante, Epaminondas utilizou um estratagema, tendo em vista saber do temor supersticioso dos presságios em que os soldados acreditavam. Escolheu os melhores homens da Beócia em idade para servir, contando no total seis mil homens; ao sair da cidade, encontrou um arauto que havia assinalado que um escravo cego havia fugido. Epaminondas disse, como era o costume, que se procurasse o escravo para restituí-lo ao dono. Mas os velhos soldados viram o acontecimento como um presságio funesto que anunciava o futuro; os jovens não diziam nada com medo de parecerem fracos, mas Epaminondas respondeu para todos aqueles que estivessem levando em conta o presságio: “Defender a pátria é o único bom presságio” (*Ilíada*, XII, 243, verso proferido por Heitor). Entretanto, os soldados mais velhos, que já haviam visto muita coisa acontecer, protestaram vivamente afirmando que os deuses não queriam que o exército tebano prosseguisse. Depois de ter proferido a frase acima,

²⁰⁴ Momento semelhante pode ser observado em XV, LXXX, 2-3, quando Pelópidas (general tessálio) iria marchar com seu exército, ocorreu um eclipse do sol. Muitos acharam tal fenômeno inquietante e afirmavam que com a partida dos soldados, era o sol que cobria a cidade que se eclipsou: através dessas palavras, previam a morte de Pelópidas; entretanto, o mesmo não se inquietou: era seu destino que deveria ser cumprido. De fato, Pelópidas morreu no campo de batalha, mas apesar de sua morte, ele havia conseguido alcançar grande glória (*dóxes*) além de ter contribuído sobremaneira para a ascensão tebana. Diodoro arremata: “Damos assim a Pelópidas, que mereceu, por seu valor pessoal, a consideração de todos, o elogio que lhe deve a História” (*BH, XV, LXXXI, 4*). Ele gosta sempre de afirmar: “Não deixamos jamais de dizer às pessoas de bem, quando de sua morte [àqueles que tombaram em campos de batalha], o elogio que lhe era devido” (*BH, XV, LXXXVIII, 1*).

Epaminondas nada mais disse na plena convicção de que a consideração ao belo (*kalôn*) e o cuidado do justo (*dikaíon*) era o melhor presságio (*sēmeíon*). Embora muitos condenassem a atitude de Epaminondas naquele momento, foram obrigados depois da vitória sobre os lacedemônios, a reconhecer sua excepcional inteligência na arte militar e que havia prestado à sua pátria grandes serviços. De fato, para Diodoro, somente os grandes homens são capazes de ir contra a opinião do senso comum e, contra toda a expectativa (*parádoxos*), para triunfar magnificamente. Em seus relatos de batalha (nos livros "históricos"), o papel do líder sempre se mostra importantíssimo para o resultado final. Após a batalha de Leuctras, as forças de Epaminondas massacraram inúmeros fugitivos e alcançaram uma magnífica vitória: eles haviam lutado contra os melhores da Grécia e os haviam vencido, contra toda expectativa (*paradóxos*), com apenas um punhado de homens e uma tropa bem menor do que a dos lacedemônios; no curso da batalha, mataram ao menos quatro mil soldados espartanos e foram mortos pouco menos de trezentos tebanos. A morte de Epaminondas é narrada de maneira comovente: quando, já à morte, no campo de batalha (como todo herói deve morrer), perguntou se haviam salvado seu escudo. Alguém respondeu que sim. O herói pergunta ainda quem havia vencido a batalha e os soldados respondem que tinham sido os tebanos. Epaminondas afirmou que era "um bom momento para morrer". Todos à sua volta choravam e se lamentavam por tão triste perda, principalmente porque Epaminondas morreria sem ter tido a oportunidade de ter filhos. Mas o herói respondeu: "Não, por Zeus, eu deixo dois filhos, a vitória de Leuctras e a de Mantinéia"; ao ser retirado o dardo que estava em seu peito, expirou em paz (*BH*, XV, LXXXVII, 6). Os oráculos e suas previsões serviam para mostrar ao leitor que os "grandes homens" sabiam aceitar seu destino com grandeza de espírito e sabedoria. Epaminondas morreu, mas seu nome teve o direito de figurar para a posteridade, não deixando jamais de "inspirar os bons e provocar nos maus, o temor da desonra". A narrativa segue, ainda, a linha homérica de relatar batalhas: suspensão do tempo e dos acontecimentos para que o herói tenha uma "bela morte" e oportunidade de, em seus derradeiros momentos, conferir maior significado aos atos realizados em vida.

A história de Tebas não terminara, contudo. Diodoro prossegue seu relato sobre a cidade tomada por Alexandre Magno (335-334), que já anunciara no livro

XV. Primeiramente, sua narrativa inspira no autor a mais completa solidariedade para com os tebanos, não obstante sua declarada simpatia pelo Conquistador. Os signos divinos abundam na narrativa mostrando aos tebanos toda a desgraça que se avizinha. Diodoro leva o leitor à mais profunda compaixão por Tebas e seu cruel destino.

Assim que Alexandre assumiu o trono da Macedônia, agiu com ímpeto junto às cidades gregas, que acreditavam que sua mocidade e pouca experiência nas lides militares e políticas o incapacitariam a agir com *virtú* diante da Fortuna inesperada.²⁰⁵ Sufocou rapidamente e com violência todas as revoltas nas *póleis* gregas, alternando com momentos de diplomacia. Seu maior interesse era partir para a conquista da Pérsia, projeto já acalentado por seu pai antes do desfecho trágico de seu assassinato. Alexandre buscava a glória (*dóxeis*) e via nas revoltas intestinas da Grécia e vizinhos como estorvos aos seus interesses maiores. Quando pensava que todos os problemas estivessem resolvidos, eis que novas ondas de sublevações explodem, especialmente em Tebas. O rei, irritado com esse “aborrecimento”, manda imediatamente para lá uma guarnição macedônica instalada na Cadméia, marchando pessoalmente e rapidamente com ela para assediar Tebas. Entrementes, os tebanos cercaram a região com paliçadas e despacharam embaixadores por toda a Grécia com pedidos de ajuda. Negociaram com argivos, eleus e também com Atenas que, na figura do grande orador Demóstenes, deu grande quantidade de armas para a resistência tebana. Os lacedemônios também mandaram soldados para o istmo; na realidade, tal ajuda se mostrou extremamente ilusória, tendo em vista que os atenienses prometeram dar o que não tinham e os peloponésios, com guarnições macedônias em Corinto e Sicione, sob a pressão de Antípatros (estratego macedônio e homem de confiança de Alexandre), não podiam fazer muita coisa.²⁰⁶ Havia transcorrido pouco tempo da assinatura do Tratado de Corinto, que previa em suas cláusulas a tentativa de garantir uma “paz comum”.²⁰⁷ De toda maneira, os possíveis “salvadores” de Tebas resolveram esperar pelo desenrolar dos acontecimentos para saber que posição tomar. Diante do temor (terror seria mais

²⁰⁵ Mas Alexandre não era um neófito: já tinha combatido com seu pai Felipe e tomado interinamente seu lugar. Diodoro narra a vida de Felipe no livro XVI.

²⁰⁶ Com a partida de Alexandre para a Ásia ficou encarregado de cuidar dos negócios da Europa como seu estratego.

²⁰⁷ DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique*. p. 171, n. 17, VIII, 5.

apropriado) inspirado por Alexandre, ninguém se atreveria a tomar partido pró-Grécia sem antes ter certeza de que lado o vento soprava. Quando os tebanos se depararam com as tropas macedônicas, tiveram grande medo, porquanto observaram sua superioridade evidente. Rapidamente, convocaram um conselho com o objetivo de discutir quais atitudes tomarem: unanimemente foi decidido fazer a guerra e lutar até o fim por sua independência. O povo também aprovou a decisão do conselho com enorme ardor para combater.²⁰⁸ Alexandre deu tempo para que os tebanos mudassem de idéia, o que não ocorreu; ele pensava que ninguém teria a audácia de afrontá-lo, ainda mais uma única cidade! Foi tentado o caminho da negociação que, no entanto, não logrou êxito; foi dada a “oportunidade” para os tebanos que quisessem desertar e ficar ao lado dos macedônios, o que, entretanto, também não ocorreu. Diodoro procura mostrar para o leitor que a honra de uma cidade estava em jogo. Se fosse para morrer, que morressem sem a desonra da deserção. A audácia tebana parecia não ter limites. Do alto das muralhas, proclamaram: “Quem quer que deseje, junto com os tebanos e o Grande Rei, libertar os gregos e depor o tirano da Grécia, precisavam apenas ir até eles” (*BH*, XVII, IX, 5)²⁰⁹. Alexandre se sentiu extremamente ferido e ofendido; tomado pela cólera, decidiu, naquele momento, aniquilar Tebas, não sem antes lhes infligir os maiores sofrimentos e castigos. Preparou suas máquinas de guerra, para fazer o cerco à cidade. A Grécia inteira tremeu diante da situação e todos perceberam que nada podiam fazer a não ser assistir à aniquilação tebana. Tal atitude dos tebanos era extremamente temerária procurando por si próprios sua própria desgraça e ruína. Eles pareciam não se importar ou se dar conta dos perigos que corriam e se preparavam para a guerra com o coração desejoso de luta. Então, os deuses começaram a mandar presságios, procurando avisá-los do que realmente iria acontecer.

²⁰⁸ Goukowsky ressalta que não houve unanimidade na decisão do “povo”, até porque a constituição tebana era oligárquica. De toda maneira Diodoro procura tirar proveito de sua construção histórica para mostrar que na calamidade que atingiu Tebas, todos “estavam unidos” no infortúnio. Livro XVII, p. 18, n. 1.

²⁰⁹ O “medismo” dos tebanos sempre foi ressaltado por autores gregos, incluindo Heródoto. Ele terá papel importante no desfecho da tragédia tebana. Os relatos tebanos de Diodoro utilizam não o estilo indireto comum a toda a sua narrativa, mas os acontecimentos são tão importantes, que reproduzem o discurso dos protagonistas, o que causa, sem dúvida, forte efeito dramático. Ver *BH*, XI, XXVIII, 3, XI, XXIX, 1, XI, XXX, e XXXIII, sobre o “castigo” infligido aos tebanos por seu “medismo”.

Foi descoberta uma fina teia de aranha no santuário de Deméter: tinha a dimensão de um manto e mostrava, nas suas bordas, um círculo semelhante ao formado pelo arco do céu. O oráculo de Delfos deu a seguinte resposta: “Esse signo (*sēmeîon*), os deuses o manifestam a todos vós mortais, aos beócios, sobretudo, assim como a seus vizinhos” (*BH*, XVII, X, 2). O oráculo tebano lhes deu a seguinte resposta: “Uma teia se tece para a felicidade de um e a infelicidade do outro” (*Idem*). Esse signo foi recebido três meses antes da chegada de Alexandre; no momento em que ele se aproximava da cidade foi notado que as estátuas da ágora estavam suando e em pouco tempo elas estariam cobertas de grossas gotas. Dos pântanos de Onquestos ouviu-se um som parecido com gemidos, no rio Dircé um fio de sangue corria sobre a água; outros, ainda, chegados de Delfos, revelaram que se via sangue sobre o telhado do templo construído pelos tebanos com os despojos dos focídios. Os especialistas na interpretação dos signos afirmaram que a teia da aranha anunciava a partida dos deuses da cidade; a coloração do arco do céu, uma tempestade de diversas calamidades e o suor das estátuas, um acontecimento fora do normal e, finalmente, o sangue aparecido em diversos lugares diferentes, anunciavam que uma grande carnificina ocorreria na cidade. Como os deuses estavam avisando claramente as desgraças ²¹⁰ de que a cidade seria vítima, aconselhavam que não se corresse o risco de uma batalha ser decidida a partir de uma guerra. Melhor seria mandar embaixadores para tentar resolver a situação de uma maneira mais segura (*BH*, XVII, X, 4-5), ou seja, pelas vias diplomáticas. Mas os tebanos não se deixaram convencer: lembraram os gloriosos dias da batalha de Leuctras e que, mesmo travando batalhas difíceis, haviam conseguido a vitória de maneira inesperada (*anelpístōs*) e miraculosa (*thaumastōs*, graças unicamente à sua coragem. Na sua exaltação patriótica, haviam perdido completamente a prudência em detrimento da coragem.

²¹⁰ No cerco à cidade de Tiro, acontecimentos semelhantes também ocorreram: os habitantes tiveram uma visão de que Apolo estava abandonando a cidade. Acontecimentos extraordinários (*parádoxon*) e outros prodígios provocavam o pânico generalizado na multidão. Os cidadãos fizeram correntes de ouro para amarrar nos pés do deus afim de que não abandonasse a cidade. Do lado dos macedônios não era diferente: preparando-se para o cerco, viram monstros marinhos de incríveis dimensões que, entretanto, não lhes causou nenhum mal. Aqueles que viram semelhante espetáculo extraordinário (*parádoxon*) ficavam vivamente impressionados: cada um dos lados viu a aparição como a manifestação de Posêidon a seu favor (*BH*, XVII, XLI, 5-6).

Os preparativos para o cerco organizados por Alexandre duraram cerca de três dias.²¹¹ O Conquistador dividiu seu exército em três corpos: o primeiro tinha a ordem de atacar as fortificações estabelecidas diante da cidade; o segundo de travar batalha diretamente com os tebanos; e o terceiro funcionaria como reserva para os soldados que viessem a faltar. De seu lado, os tebanos colocaram seus cavaleiros no interior da fortificação construída e se pondo a eles na posição, metecos e banidos nas muralhas. Mulheres e crianças correram para os santuários a fim de suplicar aos deuses que salvassem a cidade de todo perigo. As trombetas tocaram o sinal que inicia o combate; de cada lado foram emitidos gritos de guerra e começou-se a travar o corpo-a-corpo, dando início a uma grande carnificina. Era praticamente impossível resistir à pressão macedônica em razão de seu número e ao peso da falange. Os tebanos resistiam devido à sua coragem e à prática regular de exercícios físicos, mas o número de feridos e seus gritos de dor ecoavam por todo o campo. Gritos exortavam os macedônios “a não manchar sua reputação vergonhosamente e sua bravura do passado” e os tebanos “a não deixar seus filhos e parentes correr o risco de serem reduzidos à escravidão, nem sua pátria sucumbir sob os golpes furiosos dos macedônicos! Eles deviam, ao contrário, se lembrar das batalhas de Leuctras e Mantinéia [...]” (*BH*, XVII, XI, 5). O valor dos tebanos deixou, por alguns instantes, indecisos os rumos da batalha. Alexandre que a tudo assistia, vendo o ardor com o qual os tebanos defendiam sua liberdade, e a lassidão que tomava conta dos macedônicos, ordenou aos reservas que entrassem a campo, uma vez que seu exército sofria graves perdas. Os tebanos estavam cada vez mais convencidos de que podiam vencer o exército macedônico e desprezavam qualquer perigo iminente, afirmando ainda que “os macedônios se reconheciam inferiores aos tebanos”. Observando que, no meio da confusão geral, durante o corpo-a-corpo, a porta que dava acesso à cidade estava desguarnecida, Alexandre mandou Pérdisas, um de seus melhores generais, junto com um número suficiente de soldados, para se introduzir de surpresa na cidade, no exato momento em que os tebanos haviam colocado fora de combate a primeira falange macedônica e resistia vigorosamente à

²¹¹ Goukowsky afirma que a narrativa de Diodoro causa ceticismo devido à rapidez dos preparativos. O editor do livro XVII afirma ter a narrativa de Diodoro um caráter claramente retórico. É exatamente por isso que ela me interessa. A narrativa é totalmente coerente com o conceito de história tão bem explicitado em seu prólogo no livro I, de incitar os homens a uma «*aretē moral*». Livro XVII, p. 172, n. XI, 1.

segunda com grande esperança de conseguir a vitória. Mas quando se deram conta, a cidade estava tomada pela guarnição de Perdicas. A cavalaria fez rápido movimento de retorno para a cidade, com o intuito de defendê-la, o que, em meio à confusão geral, causou grande número de mortes entre seus próprios compatriotas, esfolando-os sob as patas dos cavalos. Ao saírem da cidadela, os soldados macedônicos massacraram os tebanos que estavam retornando.

O relato de Diodoro é pleno de humanidade e compaixão: os macedônicos fizeram uma proclamação que objetivava tratar os tebanos de maneira mais cruel do que se tratam os piores inimigos. Antes de se mostrarem como covardes, os tebanos não se ajoelharam diante das tropas macedônicas pedindo clemência. Pelo contrário! Ofereciam-se para receber os golpes; de fato, eles tinham na alma o espírito da liberdade e estavam longe de se ajoelhar diante da arrogância macedônica (*BH*, XVII, XIII, 1-2). Mulheres e crianças foram massacradas sem qualquer piedade e, para isso, contaram com a ajuda dos próprios gregos “não obstante seu parentesco de raça”. Muitas cidades que tinham ódio de Tebas aproveitaram o momento para se vingar como os téspios, os plateus, os de Orcômeno e muitos outros.²¹² Tratava-se, Diodoro faz questão de ressaltar, de manifestações de ódio pessoal em um momento que deveria inspirar compaixão: “impiedosamente os gregos eram levados à morte e, não obstante seu parentesco de raça, eram massacrados por seus próximos, sem que a comunidade da língua fizesse experimentar aos últimos, a menor vergonha” (*BH*, XVII, XIII, 6). Foram mortos mais de seis mil tebanos e mais de trinta mil foram feitos prisioneiros; pilhou-se uma quantidade incrível de objetos preciosos. O rei reuniu-se com o conselho a fim de deliberar (ainda!) o destino que se deveria dar a Tebas. A opinião geral era de que Tebas deveria sofrer um castigo inexorável demonstrando que, antes de servir aos interesses dos gregos, serviram os interesses dos bárbaros (os persas): “no tempo de Xerxes, eles não combateram do lado dos

²¹² Em 373, os tebanos destruíram Platéias e pilharam os téspios. Em 364 destruíram Orcômeno, massacrando os homens e vendendo mulheres e crianças. Ambas as cidades foram restauradas por Felipe, pai de Alexandre. Tais atos praticados por Tebas provocaram a desaprovação geral na Grécia, o que explica em parte, a atitude em relação aos tebanos nesse momento. De toda maneira, o que Diodoro quer ressaltar nessa passagem é que, diante de tamanhos infortúnios, os homens de bem deveriam manifestar piedade magnânima diante do destino das vítimas, o que realmente é para poucos. Ver Livro XVII, n. XIII, 5, p. 174. O comentário de Goukowsky cita Xenofonte (*Helênicas*, 6, 3, 1) e remete ao próprio Diodoro em XV, XLVI, 5-6.

persas e fizeram campanha contra a Grécia? Somente eles, entre todos os gregos, foram honrados como benfeitores na corte persa onde, diante do Grande Rei, dispuseram de poltronas para os embaixadores tebanos?" (BH, XVII, XIV, 1-2). Muitos outros lembraram episódios em que os tebanos permaneceram contra a Grécia incitando o conselho (*synédrión*) ao ódio contra os tebanos. Foi deliberado "que se destruiria a cidade completamente, vendendo os prisioneiros, que na Grécia inteira os tebanos no exílio seriam passíveis de extradição, que nenhum grego poderia dar asilo a um tebano" (BH, XVII, XIV, 3). A cidade foi destruída a fim de que servisse também de exemplo para que nenhum grego se atrevesse mais a se revoltar. Os prisioneiros foram vendidos e foi arrecada a soma considerável de quatrocentos e quarenta talentos. Uma delegação foi a Atenas com o objetivo de reclamar a extradição de dez oradores que realizavam políticas hostis aos macedônicos, entre os quais Demóstenes e Licurgo. A cidade foi tomada por um grande embaraço e uma viva ansiedade: por um lado procuravam resguardar o prestígio da cidade, mas, por outro lado, a ruína de Tebas havia provocado sentimentos de temor: teriam tais desgraças realmente acontecido? Era impressionante que tamanho horror e infortúnio tivesse acontecido a seus vizinhos. Numerosos discursos foram pronunciados na assembléia convocada e, Fócio, considerado "Homem de Bem", que levava uma política oposta à de Demóstenes, afirmou que os tebanos deveriam imitar o comportamento de Leos de Jacinto que procurara voluntariamente a morte pela pátria. Aqueles que não pretendiam morrer por ela eram uns covardes e faltava-lhes virilidade. Mal acabou de pronunciar tais palavras, foi escorraçado pelo povo da assembléia com manifestações tumultuosas que o desaprovaram totalmente. Demóstenes tomou a palavra, e com discurso cuidadosamente preparado, convenceu o povo incitando-os a terem piedade, mostrando claramente que tais homens deveriam ser salvos. Demarade propôs salvar quem estava em perigo e redigiu de maneira hábil um documento em favor dos oradores, prometendo castigar, conforme as leis, aqueles que mereciam punição. O povo aprovou o documento redigido e o ratificou; acompanhado de outros, enviou o decreto para Alexandre, perguntando também a propósito dos exilados tebanos, se os atenienses tinham o direito de recolher os fugitivos. Seu talento oratório obteve completo sucesso e convenceu Alexandre em concordar com

as proposições. Segundo Goukowsky ²¹³, as coisas não se passaram de maneira tão simples como Diodoro narra. Foram necessárias ao menos duas embaixadas sucessivas das quais a primeira foi mal acolhida. Penso que Diodoro prefere adotar a narrativa de que “as coisas foram mais fáceis”, em parte para “salvar” a imagem de Alexandre, que se deixou levar pela cólera e não era bem o que se poderia chamar de “grego” a despeito de sua primorosa educação helênica. Fica claro na narrativa diodoriana que Alexandre, apesar de seu declarado filohelenismo, estava interessado mesmo em seus projetos pessoais e usava os gregos para atingi-los. Nesse sentido, analisá-lo sob a ótica maquiaveliana de que o mal deve ser aplicado de uma única vez e o bem aos poucos, exprime bem a personalidade do Conquistador. Escrevendo já na época romana, Diodoro mostra em sua história universal o papel importante desempenhado pelos gregos, sobretudo como força moral de *exempla*. Não se furta de contar as desgraças da Grécia, de momentos terríveis, em que “gregos mataram gregos”, ou da odiosa Tirania dos Trinta em Atenas (livro XIV), momento em que os lacedemônios agiram de maneira abominável. Percorrendo a *Biblioteca Histórica*, percebemos a profunda admiração que a história grega lhe inspirava e grande parte de sua obra é dedicada à Grécia, a seus grandes homens e a seus grandes feitos. Poderia a Grécia ser modelo para a *oikouménē*? Penso que a resposta é positiva e os presságios e acontecimentos miraculosos que permeiam sua narrativa “grega” têm papel importante na organização interna de seu projeto de história tão bem explicitado no proêmio. “É graças à história [e à eloqüência] que os gregos se sobressaíram sobre os bárbaros, as pessoas cultivadas sobre os seres ignorantes. É ainda graças a ela que um só homem pode dominar uma multidão” (*BH*, I, II, 6). Nada melhor do que narrar a história (sobretudo grega) para incitar os homens (gregos e populações helenizadas e os romanos em especial) a uma ética prática: é oportunidade única ver agir os grandes homens nas dificuldades da vida e diante de situações inesperadas que, a Fortuna, caprichosa, coloca nos caminhos a serem percorridos por eles. O “acaso” contribui para que Diodoro possa explicar melhor a história de Epaminondas e inseri-la em seu projeto de história: aqueles que agem bem nas situações adversas são agraciados pelo “acaso”. A felicidade de poder morrer junto às mais altas glórias que uma “bela morte” proporciona, deixando atrás

²¹³ Livro XVII, p. 27, n. 1.

de si o feito notável de Leuctras e Mantinéia, faz de Epaminondas herói incontestado da *Biblioteca Histórica*.

Filipe da Macedônia e Alexandre Magno

A) Filipe

Ambos os personagens tiveram papel de grande destaque na *BH* de Diodoro a ponto de o último ter tido um livro inteiro a ele dedicado. Em seu projeto de história sincrônica, o livro XVI é dedicado ao pai (mas o livro XVI também narra os acontecimentos na Itália e Sicília)²¹⁴ e o livro XVII dedicado ao filho. Entretanto, Diodoro deixa claro que Filipe não teve o concurso da Fortuna para conseguir elevar a Macedônia a um papel de destaque no mundo. Foram seus próprios méritos que o capacitaram tornar-se *hegemon* da Grécia inteira: "Seus feitos [de Filipe] foram realizados, não pelo favor da Fortuna (*týchen*), mas pelo seu valor (*aretēn*). Pois o rei Filipe excedeu em perspicácia na arte da guerra, na coragem, e brilhantismo de sua personalidade" (XVI, 1,6). De fato, a Macedônia e seu povo para os gregos, encontravam-se no meio caminho entre bárbaros e semibárbaros. Para aqueles que admiravam os Argeadas, "parecia que os macedônicos haviam se constituído em uma categoria particular, entre gregos e bárbaros".²¹⁵ Carlier afirma ainda que a oposição entre gregos e bárbaros era fundada menos na língua do que no conjunto da cultura, a *paideia*. Diodoro não deixa de ressaltar esse ponto ao mostrar que Filipe havia sido discípulo do célebre Epaminondas quando permaneceu como refém em Tebas. Epaminondas era iniciado na filosofia pitagórica e ensinou-a a Filipe; o último teve ainda oportunidade de lutar ao lado de Epaminondas, suportando os mais difíceis testes de batalha e, de maneira miraculosa (*paradoxōs*), quase nunca lutou contra sua pátria, a Macedônia (*BH*, XVI, 2, 3).

Na época de Filipe na Macedônia, a situação política não era das melhores. O rei Amintas III acabara de falecer (370) e uma batalha feroz estava sendo travada pela sucessão dinástica. Alexandre II, o filho mais velho, o sucedera. Mas Tebas, a nova potência hegemônica da Grécia, não o apoiou. Ptolomeu Alorus, seu cunhado (instigado por Pelópidas, general tebano), o assassinou sucedendo-o no trono. Mas

²¹⁴ Diodoro mostra Filipe como um verdadeiro exemplo de liderança política e grande general.

²¹⁵ CARLIER. *Le IV^e siècle grec*, p. 76.

assim que Pêrdicas III (segundo filho de Amintas III) atingiu a maioridade, não perdeu tempo em garantir seu lugar como rei e também recorreu ao assassinato para se impor. Mas, ao lutar contra os ilírios, o exército e Pêrdicas III pereceram em combate [cerca de quatro mil homens] (*BH*, XVI, 3).²¹⁶ Logo após essa desastrosa derrota, Filipe se fez aclamar pela Assembléia Macedônica para suceder seu irmão. Na realidade, Filipe não deveria ser rei, mas tutor do filho de Pêrdicas III, Amintas IV. Mas não foi o que aconteceu. Com a idade de vinte e dois ou vinte e três anos, tornou-se efetivamente o soberano da Macedônia, no momento mais crítico de sua história, uma vez que a sua própria existência encontrava-se ameaçada. Seus vizinhos, particularmente hostis, articulavam uma invasão à agora frágil Macedônia. Ilírios, peônios (pastores dos Bálcãs) desciam em direção à Macedônia para pilhá-la e os trácios se preparavam para anexá-la a seu território e a relação com Atenas não era menos difícil, pois esperavam poder recuperar Anfipólis (importante para o fornecimento de grãos para a Ática). Diodoro não deixa de mencionar as dificuldades enfrentadas por Filipe e sua engenhosidade, misturada com doses de violência (infligindo pânico aos inimigos), ao mesmo tempo em que utilizava grande habilidade diplomática. Em relação aos peônios, tratou de corrompê-los com presentes, prometendo outros ainda, caso fosse realizado um acordo de paz entre ambos (*BH*, XVI, 3, 4). Mas o rei sabia que, sem um exército forte e bem organizado, não seria possível fazer face aos múltiplos inimigos da Macedônia. Nisso constituiu sua grande contribuição para o engrandecimento do pequeno reino. Reorganizou, durante o inverno de 359/358 (*BH*, XVI, 3, 1-2) toda a estrutura militar macedônica, em especial a falange macedônica que se transformou na base do exército.²¹⁷ A mesma era formada por dezesseis filas, com dezesseis homens, tendo por base companhias (ou batalhões, *taxis*) de duzentos e cinqüenta e seis homens dispostos em um quadrado, que ficavam lado a lado. Em certos casos, poderiam escalonar em profundidade com ou sem intervalos de distâncias. Filipe aumentou ainda os piques (as famosas sarissas) dos hoplitas até cerca de seis metros e meio de comprimento, o que permitia aos homens da quinta ou sexta fileira poder ultrapassar com a respectiva ponta os da primeira fileira. Ao contrário

²¹⁶ Idem, p. 79.

²¹⁷ Baseei-me no livro de MAGALHÃES. *Estudo sobre a guerra antiga*, p. 21-28.

dos estrategos gregos que eram eleitos, os macedônicos eram escolhidos pessoalmente por Filipe. Criou também uma infantaria mista com o mesmo poder ofensivo, mas de menor poder defensivo. A única arma defensiva que possuía era um pequeno escudo; podia mover-se com maior agilidade combatendo, ora como infantaria leve, ora como infantaria pesada. Já a infantaria leve, encontrava-se armada com armas de arremesso, arcos e flechas; sua função não era a de enfrentar o inimigo diretamente, mas de provocar escaramuças e fustigar o adversário retardando-lhe o avanço. Devido a seus armamentos, não seria capaz de sustentar combate com a infantaria pesada do exército oponente, entretanto, quando os combates se iniciavam, voltava para os flancos da retaguarda a fim de proteger-se e cobri-los. A cavalaria também foi reorganizada por Filipe. Dividiu-a em três tipos: a cavalaria pesada, a cavalaria mista e a cavalaria livre. Segundo Magalhães, a cavalaria tinha como objetivo a “procura da informação, segurança; cooperação na batalha em ligação com a infantaria”.²¹⁸ A cavalaria pesada estava apta, sobretudo para o combate, a mista estava apta tanto para o combate, como para missões de segurança e busca de informações (não estava encouraçada) e a cavalaria livre estava apta apenas para conseguir informações e relacionava-se com a segurança. A cavalaria pesada era composta por soldados fortemente equipados por couraças e seu armamento principal era a lança e a espada. Formava alas de dispositivo junto ou em combinação com a infantaria mista. Cabia a ela opor-se aos ataques de flanco ou das tropas inimigas ou, ainda, atacar os flancos do adversário. Sua organização era semelhante à da infantaria, mas formava grupos menores com esquadrões de duzentos homens, que se dispunham em vinte filas de dez cavaleiros ou quarenta filas de cinco cavaleiros. O gênio de Filipe manifestou-se, sobretudo, por essa capacidade de transformar o exército em uma máquina de guerra perfeita e capaz de realizar manobras com maior liberdade de locomoção. O relato diodoriano percebe a importância que tais mudanças causaram na estrutura de organização geral da Macedônia, capacitando-a a partir para maiores conquistas e dar condições a Filipe de até mesmo sonhar com a conquista do poderoso Império Aquemênida. Não se pretende relatar todos os passos empreendidos por Filipe para transformar a Macedônia em uma grande potência e como subjugou a Grécia, mas sim como

²¹⁸ *Idem*, p. 25.

Diodoro viu nas ações do mesmo uma preparação para as conquistas vindouras de seu filho Alexandre. O filho foi, com certeza, um afortunado, no sentido que Diodoro tanto gosta de mostrar: tanto pelo nascimento como pela oportunidade que teve de receber educação esmerada e participar das lides da guerra juntamente com seu pai. Até mesmo seus desentendimentos com Filipe, que tinha um gênio forte ²¹⁹, moldaram seu caráter e obstinação para se impor à assembléia macedônica e junto aos gregos logo em seguida à morte do rei argeada.

Assim, Filipe sabe que tem um árduo caminho a percorrer e deve contar com sua inteligência e capacidade para estimular seus compatriotas-soldados à luta. Embora precisasse subjugar os povos bárbaros que eram vizinhos da Macedônia, seu interesse maior são as *póleis* gregas, do qual pretendia tornar-se *hegémon*. Pela leitura do livro XVI depreendemos ser Diodoro um admirador incondicional de Filipe. ²²⁰ Uma das lutas mais ferrenhas que Filipe teve que travar foi sua expedição à cidade de Perinto que lhe ofereceu viva resistência. O cerco prolongou-se por vários dias sem que Filipe conseguisse, apesar de todo seu exército e de suas máquinas de guerra, penetrar na cidade. Ambos os lados lutavam com toda a sua força e foram utilizados métodos avançados de poliocértica, pois a cidade estava protegida por muros. Os sapadores de Filipe, ao começarem a destruí-lo, fizeram com que os períntios construíssem um segundo muro para poder impedir a entrada das tropas macedônicas. Façanhas admiráveis (*thaumastoi*) foram realizadas para abrir as fortificações. Segundo Diodoro, ambos os lados mostraram grande determinação utilizando catapultas (dos mais diferentes tipos) e os períntios conseguiram reforços de Bizâncio com homens e maquinários de guerra. Como na Tebas de Epaminondas, lutavam com coragem redobrada pela pátria. Entretanto, tal atitude só provocou em Filipe grande determinação. Dividiu suas forças em várias repartições, com substituição freqüente de tropas para atacar os muros da cidade dia e noite. Lançava mísseis de fogo e construía outras máquinas com a ajuda de engenheiros, mantendo a firmeza no assédio. Dessa maneira, o assédio começou a se configurar um

²¹⁹ Mas conforme ressaltado anteriormente, Diodoro não menciona tais desentendimentos. Ele dá ênfase à obediência de Alexandre para com o pai, contrariamente a Plutarco, por exemplo. Mas tal "obediência" coaduna-se totalmente com a narrativa diodoriana.

²²⁰ Plutarco, Justino e Arriano têm opinião contrária à de Diodoro a respeito de Filipe e não deixam de mencionar ocasiões em o mesmo se comportou de maneira desabonadora. Diodoro não menciona nada que possa colocar em xeque a figura do rei da Macedônia.

sucesso, pois numerosas pessoas na cidade morriam e as provisões diminuíam consideravelmente impedindo que a cidade pudesse resistir por muito mais tempo tornando sua captura iminente. “Mas a Fortuna (*hé týchē*) não negligenciou a segurança daqueles [dos períntios] que estavam em perigo e trouxe consigo uma inesperada (*parádoxon*) libertação” (*BH*, XVI, 75, 1): o crescimento de Filipe foi observado com alarme e reportado à Ásia pelos sátrapas do Grande Rei que mandou assistência aos períntios. O alívio provocado com a chegada de mercenários, comida, armas para resistir ao cerco e outros variados tipos de materiais, foi providencial. Ao mesmo tempo, os bizantinos enviaram seus melhores oficiais e soldados. Entrementes, Filipe havia conseguido abrir uma brecha nas muralhas e os soldados começaram a escalar as muralhas e o confronto degenerou no corpo-a-corpo. Uma matança generalizada teve início na cidade e, dessa vez, com ânimo redobrado por parte dos macedônios: a esperança de conseguir muitas riquezas e presentes ofertados pelo rei, não obstante os enormes perigos oferecidos por tão encarniçada batalha, era realmente grande. Os períntios, ao avistarem semelhante horror, sustentavam os combates com coragem redobrada na esperança de conseguir sua libertação.

A localização da cidade de Perinto teve papel decisivo para sua vitória contra o exército macedônico. A cidade era ligada por uma península a uma certa distância e por um istmo bem alto, de modo que as casas estavam protegidas por uma altura considerável. Ao invés de fugirem devido às numerosas brechas feitas nos muros da cidade, eles bloquearam as alamedas que levavam às casas e utilizaram as fileiras mais baixas das mesmas construindo, assim, um muro de defesa. Mais uma vez, a Fortuna (*toû teíchous*) estava do lado dos períntios,²²¹ como pôde observar Filipe, a despeito do enorme trabalho que investira com suas tropas contra a cidade. Quando percebeu que chegavam suprimentos e ajuda de Bizâncio para Perinto, dividiu seu exército e realizou um ataque surpresa a Bizâncio, fechando a cidade em um firme cerco. Diodoro segue seu plano inicial de mostrar que Filipe conseguira seus êxitos, não devido à Fortuna, mas devido a seu mérito próprio como fica evidenciado nas passagens acima: somente seus inimigos têm a Fortuna a seu lado! Contrariamente

²²¹ Como ressalta Diodoro, “o caminho [da cidade] havia sido feito pela própria Fortuna” (XVI, 76, 3).

ao que se poderia pensar, a labuta de Filipe para se impor não atraiu para si próprio qualquer benemerência do “acaso”, destino personificado, imperioso, inflexível que vá levá-lo irremediavelmente à vitória. Embora saibamos o final, Diodoro não o antecipa mostrando que o Argeada poderia não ter vencido.²²² Além de tornar a narrativa interessante para o leitor, incutindo emoção no que descreve, faz o mesmo refletir sobre os limites do “acaso” para aqueles que têm uma vontade férrea de alcançar seus ideais. A inteligência e a coragem demonstrada por esse interessante e importante personagem mostra que as coisas poderiam se passar de maneira “contrária a toda a expectativa”, no caso, exatamente contra a Fortuna.

Como o cerco se prolongasse até o ano seguinte (340/339), os atenienses votaram a quebra do tratado anteriormente firmado com Filipe e mandaram grande quantidade de ajuda para Bizâncio. Outras *póleis* acompanharam Atenas como Quios, Rodes e outras mais. Filipe ficou aterrorizado e mandou suspender o cerco às duas cidades e imediatamente ofereceu um acordo de paz com os atenienses e outros gregos que se opunham a ele (*BH*, XVI, 77, 2) [339-338]. Entretanto, há, no mínimo, um problema com o relato de Diodoro. Ele diz que a “amizade” de Filipe para com os gregos (mas já em XVI, 84 —pois nesse interregno estava a narrar os acontecimentos na Sicília e os problemas que os gregos enfrentavam com os cartagineses) teria sido “imposta” por Filipe, quando em XVI, 77, 2, ele o fez sob a mais absoluta pressão, tendo em vista que toda a Grécia havia se juntado contra ele (juntamente com o apoio do Grande Rei). Na continuação da narrativa, nosso autor mostra o contrário, ou seja, Filipe é o *hegémon* da Grécia porque aterrorizou Atenas. Lapso diodoriano desejoso de mostrar Filipe não como um general insensível aos anseios gregos, mas pelo contrário, um benfeitor? Seja como for, o clima na Grécia não era dos melhores a despeito do acordo de paz: inesperadamente²²³ Filipe tomou a cidade de Elatéia, concentrando ali suas forças e adotando uma política de guerra contra Atenas. A ocupação da cidade foi relatada aos atenienses ao mesmo tempo em que informavam que a Ática seria atacada por forças macedônicas. Tais notícias trazidas pelos informantes e seu inesperado (*tò paradoxon*) desenvolvimento

²²² Outro aspecto interessante da narrativa diodoriana é a citação constante dos historiadores que escreveram sobre o mesmo assunto antes dele. Na história de Filipe ele cita Éforo e Diilo. Não há porque nomeá-lo como “copista servil” como muitos o fizeram.

²²³ Interessante notar como a situação, “aparentemente resolvida”, ganha um novo capítulo com esse episódio.

surpreenderam os atenienses que, imediatamente, prepararam-se para o pior, fazendo soar as trombetas para avisar a todos o que se passava. O medo tomou conta de todas as famílias: o silêncio e o pavor turvaram a assembléia convocada. Nesse momento, todos os olhares se concentraram em Demóstenes, que afirmou ser necessário mandar notícias para os beócios, para juntos tentarem fazer a paz, invocando os tratados outrora firmados; o fato de Filipe ser considerado amigo e aliado de Tebas poderia muito bem contribuir para o atual estado crítico da questão. A assembléia concordou inteiramente com tais palavras e o próprio Demóstenes pediu para se encarregar pessoalmente de tal missão, a qual se entregou vigorosamente. Tendo obtido sucesso na empreitada de trazer os tebanos para uma aliança com os atenienses, a confiança em Atenas foi retomada. Foram designados imediatamente dois estrategos para marchar em direção a Queronéia, na Beócia. Os tebanos ficaram impressionados com a rapidez e os esforços promovidos pelos atenienses; juntaram seu exército com suas armas e foram também perseguir o inimigo, ninguém menos do que Filipe (!), aliado de Tebas. Não querendo lutar contra os tebanos imediatamente, Filipe mandou Pito para negociar. Ele era considerado o mais eloqüente da Liga Anfictiônica e excelente retórico, superior a todos, exceto em relação a Demóstenes. Como era de se esperar, as conversações não surtiram efeito e, quando os delegados retornaram, ambos os lados se prepararam para a guerra. A batalha foi importantíssima não só para definir o futuro da Grécia como para mostrar a relação entre Filipe e Alexandre. Diodoro relata o destacado papel desempenhado pelo Conquistador, aliás, decisivo para a vitória, entretanto não reconhecido pelo Argeada. Temor pelo brilhantismo do filho que poderia vir a superá-lo justamente no local da *dóxa* por excelência? De toda maneira, vale a pena mostrar as circunstâncias da vitória de Alexandre Magno em Queronéia. Ao amanhecer, Filipe desdobrou o exército e colocou seu filho Alexandre “jovem na idade, mas já notado por seu valor e rapidez na ação” (*BH*, XVI, 86, 1) atrás de si, escolhido como um dos homens para exercer o comando sobre outros. Do lado inimigo, as linhas foram divididas de acordo com a nacionalidade; os atenienses comandavam um grupo e, os beócios, outro. Iniciada a batalha, ambos os lados sonhavam com a vitória e o combate permaneceu encarniçado sem que houvesse qualquer vencedor, não obstante o esforço empreendido. Então,

Alexandre, desejoso de mostrar suas proezas para o pai, de maneira hábil conseguiu, seguido pelos seus homens, romper as sólidas barreiras do lado inimigo.²²⁴ Idêntico sucesso também foi alcançado por seus companheiros e lacunas começaram a serem abertas por toda a linha inimiga: cadáveres se acumulavam no front de modo que Alexandre conseguiu forçar a fuga em massa dos adversários. Nesse momento, Filipe em pessoa avançou para o front de modo a reconhecer a vitória para si e não para o filho. Mais de mil atenienses pereceram na batalha e não menos de dois mil foram capturados; da mesma forma, a mesma quantidade de beócios morreram, mas foram feitos poucos prisioneiros. Filipe levantou o troféu da vitória, enterrou os mortos, fez sacrifícios aos deuses pela vitória (*BH*, XVI, 86, 6). Diodoro, no entanto, não relata nenhum tipo de desentendimento de Alexandre com Filipe pelo fato de o último não ter reconhecido que sua participação na vitória fora decisiva, algo notável, já que outras fontes reconhecem o temperamento difícil de ambos os personagens. Isso mostra que Diodoro quer poupá-los de qualquer tipo de “mancha” em seus biografados e não quer fugir ao seu propósito de fazer o *portrait* moral de tais personalidades sem nada de grave que os desabone. Afinal, nada mais terrível do que pai e filho se desentendendo de maneira tão grave. Alexandre é mostrado aqui como um bom e obediente filho que não contraria o pai, mas antes, quer sua aprovação. Mas pelo relato de Diodoro, parece que isso não ocorreu.

Após ter realizado tal façanha, o Argeada deu uma festa regada a vinho não-misturado (Diodoro sempre ressalta que Filipe só tomava vinho dessa forma, o que não deixa de ser sintomático, pois esse era um costume bárbaro)²²⁵. Nesse momento, tem lugar uma discussão interessante que Diodoro relata: o clima predominante era de zombaria em relação aos azarados cativos e seus infortúnios (*dystychías*). Demades, um orador, proferiu com audácia a seguinte sentença com tom de advertência ao rei. “Ó rei, quando a Fortuna (*tês týchēs*) vos arremessou no papel de Agamenon, o senhor não ficou envergonhado do ato da parte de Tersistes?”

²²⁴ Alexandre sempre gostou de agir por “impulso” quando tudo parecia perdido e sempre ganhava, “contra toda expectativa”.

²²⁵ Outras fontes como Plutarco, por exemplo, ressaltam as famosas bebedeiras de Filipe e os acessos de cólera que tinha nesses momentos. Mas Diodoro mostra os acontecimentos de maneira totalmente diferente. Uma das passagens mais conhecidas é a do seu casamento, quando foi acusado de ser um bêbado por Alexandre. No entanto, Alexandre também terá o costume de promover grandes festas movidas a muita bebida (e também vinho puro), momento que Diodoro não deixa de ressaltar (o que não fez com Filipe).

Demades referia-se ao verso 212 *et seq* do canto da *Ilíada* em que em um momento decisivo Guerra de Tróia, uma assembléia de nobres havia se reunido e todos haviam ficado em silêncio, com exceção do referido personagem que, com uma insolência cada vez maior, continuava a “tagarelar”. Figura ridícula, com as pernas arqueadas, provocava o riso geral e insultava Agamênon sem parar: sua fala na assembléia dos nobres retrata a mensagem que Demades queria passar a Filipe:

Por que resmungas Atrida, e que mais, ainda julgas faltar-te? As tuas tendas transbordam de ouro e de lindas escravas, todas a dedo escolhidas, que os homens aqueus te ofertamos sempre em primeiro lugar, ao tomarmos alguma cidade. Ou, porventura, desejas mais ouro que, acaso, um troiano da alta cidade te traga, em resgate do filho querido que, porventura, eu prendesse, ou qualquer dos guerreiros argivos? [...] Não fica decente a um monarca, que o mando exerce, lançar os aqueus em tantas desgraças.

Ao ouvir tais palavras ²²⁶, Filipe ficou envergonhado e mudou totalmente seu comportamento. Expressou sua admiração (*thaumástai*) pelo homem que havia tido a coragem de se dirigir a ele de maneira tão franca e sem medo. Devido a isso, abandonou sua arrogância e permitiu a Demades permanecer a seu lado com símbolos de honra. Além disso, libertou os prisioneiros atenienses sem exigir qualquer resgate, mandando seus embaixadores para Atenas com o objetivo de concluir com eles tratados de amizade e aliança (*BH*, XVI, 87, 1-3)! Assim, Filipe tornou-se um *modelo* na *BH*: homem capaz de controlar-se mesmo em meio a uma festa movida a “vinho puro” e mostrar *sōphrosýnē*, “controle total sobre si mesmo”, algo que Diodoro admira. ²²⁷

Exatamente o contrário se passava em Atenas, pois a o general Lisicles (que comandara a batalha contra Filipe), havia sido condenado à morte sob a instigação de Licurgo, orador e reputado político de seu tempo. Diodoro utiliza o discurso direto ²²⁸ para melhor ressaltar o ânimo dos atenienses diante da fragorosa derrota para os

²²⁶ Na *Ilíada*, contudo, Odisseu mandou Tersites calar a boca sob golpes de porrete. Filipe foi mais magnânimo e aceitou as críticas de Demades, o que certamente não passou despercebido para Diodoro, que admirava o Argeada.

²²⁷ Ou na realidade, criar um *portrait* que se encaixasse no seu conceito de história, omitindo situações desabonadoras para os biografados com os quais nutria simpatia.

²²⁸ Algo dificilmente encontrado na *BH* uma vez que Diodoro privilegia o discurso indireto. A narrativa sobre a vida de Epaminondas é também marcada por tal estratégia utilizada somente em momentos extremamente solenes.

macedônicos. O juiz encarregado de proferir a sentença pronunciou as seguintes palavras:

Vós fostes general, Lisicles. Mil cidadãos pereceram e dois mil foram levados cativos. O prêmio ficou sob a sua cidade derrotada e toda a Grécia foi escravizada. Tudo isso aconteceu sob o seu comando e liderança e você ainda nos desafia vivendo e olhando para o sol e atrapalhando o nosso mercado com o seu modo de viver, que é uma vergonha e uma desgraça para a nossa cidade (*BH, XVI, 88, 2*).

Apesar de tudo, Diodoro lidou bem com a dicotomia inerente de apoiar explicitamente Filipe, ao mesmo tempo em que apóia (e louva) a decisão tomada pelos atenienses em condenar o general Lisicles. Mesmo com a defecção grega (e de maneira vergonhosa segundo o discurso do juiz), o arranjo narrativo ficou bem estruturado de modo que, se por um lado, os gregos resolveram sua vergonhosa “desgraça” punindo um “responsável”, por outro lado, Filipe não ficou mal, uma vez que concedeu “liberdade” para os atenienses.

No ano seguinte (337-336), a situação de Filipe já é bem melhor no complicado tabuleiro geopolítico das *póleis* gregas. Consciente do que significou vencer a batalha de Queroneia, seus planos agora são outros, mais ambiciosos: conquistar a Pérsia. Para tal, seu discurso toca em um ponto que sabe ser de suma importância para o imaginário da Grécia inteira: punir os bárbaros persas pela profanação dos templos no decorrer das Guerras Pérsicas. Como fazer isso? Contando com o leal suporte dos gregos. Diodoro mostra que Filipe sabia como “convencer” os gregos: mostrava-se gentil a todos, tanto em ocasiões públicas quanto em encontros privados, apontando a todas as cidades gregas o quanto o tema [invadir a Pérsia] era do interesse comum a todos. Assim, Filipe além de excelente guerreiro é também extremado diplomata. Sabe que só tem condições de sustentar um combate contra os persas com o apoio dos gregos, tanto em número de soldados e a logística da guerra em si, quanto em termos simbólicos. Conseguiu, portanto, algo de extrema importância sob as duas perspectivas referidas: foi nomeado general plenipotenciário (*stratēgōn autokrátora*) de todos os gregos, ao mesmo tempo em que mostrava às cidades a quantidade de suprimentos e soldados que precisariam acumular para o empreendimento comum (*BH, XVI, 89, 3*).

Filipe começa a multiplicar seus contatos, visando um confronto direto com os persas, enviando um destacamento avançado para a Ásia, liderado por Parmênion e Átalo, dotando-os de uma parte de suas forças militares com ordens de liberar as cidades gregas do poderio persa. Não deixou também de consultar o oráculo com o intuito de saber se obteria sucesso na Ásia. O oráculo respondeu o seguinte em relação às suas pretensões: "O touro já está coroado. Tudo está feito. Há também aquele que irá liquidá-lo" (XVI, 91, 2). Filipe achou a resposta do oráculo ambígua, mas aceitou-a como favorável às suas pretensões na Ásia. Mas, como ressalta Diodoro, o oráculo dizia outra coisa: "o oráculo prognosticava que o persa queria abatê-lo como uma vítima sacrificial. [...] Ele mesmo [Filipe], no meio do festival e dos sacrifícios sagrados, como um touro, poderia ser esfaqueado até à morte, enquanto estava enfeitado com uma guirlanda. Em qualquer evento, pensava que os deuses o ajudariam e estariam muito felizes em pensar que a Ásia poderia se tornar cativa sob as mãos dos macedônios" (XVI, 91, 3). Mais uma vez, os poderosos não eram capazes de enxergar a mensagem divina que o oráculo transmitia: no afã de querer chegar à Ásia e cobrir-se de glória imortal, não "leu corretamente" que o touro a ser sacrificado seria ele mesmo.²²⁹ Sem ocupar-se com quaisquer cuidados que poderiam, em um possível ataque, protegê-lo, não se preocupou minimamente com sua segurança pessoal. E assim, sem qualquer apreensão, deu início a um festival em que, além de realizar banquetes e sacrifícios aos deuses, celebraria o casamento de Cleópatra, sua filha com Olímpia, com Alexandre Molosso rei de Epiro (e irmão de Olímpia). Ordenou que o convite para a participação no evento se estendesse a todos e mandou divulgar as festividades no exterior, especialmente entre os gregos, que tomava como convidados especiais. Afinal, não era o *hegémon* dos gregos e seu estrategista autocrata? Filipe pensava, que tendo recebido tais títulos, era amado por todos. Todos compareceram, incluindo cidadãos notáveis de toda a Grécia, especialmente de Atenas, levando coroas de ouro; a multidão se aglomerava para participar das solenidades festivas. O arauto, no meio das festividades, disse que quem quer que conspirasse contra Filipe e procurasse refúgio em Atenas deveria comunicar o fato ao rei. Tal frase, dita sem grandes preocupações, parecia ter sido

²²⁹ Essa "cegueira" típica de não enxergar o "óbvio", é largamente mostrada por Heródoto. A história de Creso, rei da Lídia e de Polícrates, tirano de Samos, que, a despeito de todos os avisos, não foram absolutamente capazes de enxergar a verdade antes do fato consumado.

inspirada pela Divina Providência (*Theía Pronoía*, XVI, 92, 2) para que Filipe pudesse tomar conhecimento do que estava para acontecer. As palavras tinham sido inspiradas por alguma divindade (*tò daimónion*) para mostrar que aconteceria exatamente o que estava previsto (a morte de Filipe), mas que sua cegueira o impediu de compreender. Estranhamente, o rei, que sempre conseguira tudo por seu próprio esforço, sem qualquer intervenção da Fortuna, estava agora sendo avisado por uma divindade que deveria tomar cuidado. Mas a Divina Providência não estava a mostrar exatamente o contrário? Ela não estava “arranjando” para que tudo acontecesse da maneira que tinha de acontecer, ou seja, que Filipe deveria morrer? Quis a Fortuna (*tês týchēs*) ainda que o artista que declamasse um poema na abertura do banquete com as seguintes palavras:

Vossos pensamentos alcançaram o mais alto dos caminhos; [...]
 As casas que vós planejastes sobrepujaram outras casas
 Esse homem possui conhecimento, mas ele erra,
 Direcionando sua vida para longe,
 Mas um deles é quem deseja capturar mais rápido,
 Quem for por um caminho obscuro na escuridão,
 E subitamente, de maneira invisível, alcançar seu objetivo,
 E roubar-nos as mais longínquas esperanças —
 Morte, fonte de muitas desgraças dos homens.

O poeta continuou sua recitação com a mesma temática deixando o rei Filipe encantado com a mensagem, sempre lembrando do que havia dito a Pítia a respeito de sua conquista da Pérsia. Entretanto, Filipe não “captava” realmente a mensagem que estava sendo passada. Fez ainda uma deslumbrante aparição em público, promovendo um desfile das estátuas dos doze deuses do Olimpo, acompanhado da sua própria como a décima terceira divindade.²³⁰ Filipe não tinha a menor desconfiança de que estava a provocar a inveja dos deuses ao se proclamar uma divindade como as do Olimpo? Não estava ele mesmo colaborando para que, no auge de seu sucesso, provocasse a própria morte? De maneira temerária, dispensou seus guarda-costas para adentrar no teatro: pensava ser seu gesto um ato de boa vontade e de confiança em seus novos aliados gregos e caminhou confiante em

²³⁰ Diodoro vê nesse desfile junto aos deuses não como sinônimo de *hýbris*, mas como merecimento de Filipe de figurar na companhia dos deuses. XVI, 95, 1. Podemos ver também nessa ação de Filipe os primórdios do culto aos soberanos no período helenístico.

direção à morte. O culpado pela morte de Filipe foi um grego chamado Pausânias que teria sido dispensado pelo rei como seu amante. As causas para Diodoro são, na realidade, o que menos importa. Afinal, ele não levantou a menor suspeita de que os gregos, a família real macedônica (“um ninho de víboras” na expressão de Édouard Will), encabeçada pela temível Olímpia pudessem ter organizado um complô contra o Argeada.²³¹ Se Diodoro esforça-se durante toda a narrativa sobre Filipe para mostrá-lo como grande homem, como aventar a hipótese de semelhante traição? Ele optou por explicar a morte de Filipe através dos desígnios divinos e não humanos. Filipe morreu porque a conquista da Pérsia estava destinada a ser realizada pelo seu filho Alexandre. Rei corajoso e amante da diplomacia, Diodoro finaliza seu *portrait* esplendidamente. O rei veio de uma terra de poucos recursos, chegou ao trono por seus próprios méritos, soube utilizar tanto a força quanto a diplomacia para alcançar seus objetivos: “sabia ser orgulhoso da sua compreensão da estratégia e seu sucesso diplomático e seu real valor na guerra”. Todos que com ele lutaram, compartilharam de suas vitórias e receberam seus méritos devidos.²³²

Não há, de fato, em outro lugar, um retrato tão favorável a Filipe. Mas Diodoro tinha seus motivos. Como poderia Alexandre ter alcançado a glória de suas conquistas não tivesse tido Filipe por pai? É por sua extrema admiração por Alexandre que Diodoro não menciona qualquer defeito ou desvio de caráter de Filipe (ou de sua mãe Olímpia, que não é mencionada no livro XVI); se pôde ultrapassar seu pai, foi porque o mesmo lhe deu as condições ideais para ir tão longe: “Assim, Alexandre correspondeu aos seus ancestrais por suas qualidades tanto físicas quanto morais” (XVII, I, 5).

B) ALEXANDRE

Se Filipe não foi abençoado pela Fortuna, o mesmo não se pode dizer em relação a seu filho, um afortunado e querido dos deuses desde o nascimento. Era descendente de Hércules na linhagem paterna e dos eácidas por linha materna (que reivindicavam a descendência de Neoptólemo, filho de Aquiles). Alexandre não deixou de aproveitar-se dessa suposta descendência em seus projetos políticos e de

²³¹ Há a suspeita, mas nunca comprovada, de que Alexandre estivesse envolvido no complô, mas Diodoro faz questão de não tocar em semelhante questão.

²³² E Alexandre? Diodoro não o menciona propositalmente.

conquista. Na Ásia fez libações junto ao túmulo de Aquiles e, conscientemente, procurou imitar o comportamento do herói da Guerra de Tróia para reforçar o mito, assim como se fazer enxergar como filho direto de Zeus (quando visitou o oráculo de Amon). Entretanto, Alexandre não foi um personagem que recebeu tudo em mãos pelo fato de ser filho de Filipe ou de ter o apoio dos deuses. Por tradição, a sucessão dinástica na Macedônia tinha sempre um caráter de incerteza já que o pretendente a rei tinha que se fazer aclamar pela Assembléia Macedônica, composta por soldados. Tal Assembléia não era “dócil” no sentido de aceitar tudo o que vinha da realeza ou do suposto pretendente a rei; ela exercia um papel ativo na política de modo que era preciso saber manejá-la com destreza.²³³ Assim, quando Filipe morre, Alexandre tem que se impor rapidamente à Assembléia, antes que outro pretendente o faça. Esse é um dos momentos mais perigosos de quem pretende suceder o rei defunto porque complôs e negociações de bastidores podem estar sendo colocados em curso. Segundo Diodoro, a primeira providência de Alexandre foi “infligir aos matadores de Filipe o castigo que mereciam” (XVII, II, 2). Goukowsky, chama a atenção para Diodoro ter utilizado o plural para se referir “aos matadores” de Filipe, o que, para ele, configuraria a tese de que não acreditava ser Pausânias o único perpetrador do assassinio do Argeada.²³⁴ Entretanto, no livro XVI, Diodoro afirmou categoricamente ser Pausânias o único assassino realizando mesmo longa grande digressão (XVI, 93-94) para contar as circunstâncias de rompimento com o Argeada e o que o teria levado a cometer o assassinato. As causas apontadas se referem exclusivamente ao terreno amoroso, incluindo descrição de detalhes sórdidos cometidos por Átalo. Já no livro XVII, Diodoro se abstém de maiores explicações embora dê a entender que acreditava em uma versão diferente para a morte de Filipe daquela contida no livro XVI. A morte de Filipe, como descrita nesse livro, coaduna-se com a *vita* do Argeada, marcada pela realização de grandes proezas e prenúncio da grandeza futura de Alexandre. Como poderia Diodoro acusar Alexandre ou alguém próximo a ele na corte macedônica de cometer (ou ajudá-lo a cometer) parricídio? De toda maneira, a utilização do plural para “assassinos” no livro XVII mostra que Diodoro

²³³ Após a morte de Alexandre, a Assembléia Macedônica vai exercer papel fundamental no desenrolar dos acontecimentos e na divisão do espólio do Conquistador.

²³⁴ DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique*. L. XVII, pp. 165-166, n. p.8, II, 1.

sabia ser a morte de Filipe assunto altamente polêmico e se absteve de maneira proposital ao deixar de abordá-lo.

O fato de Alexandre ser ainda um rapaz quando Filipe morreu provocou desconfiança de que pudesse vir a se instalar no trono como sucessor de seu pai. Entretanto, sabemos pelo próprio Diodoro que Alexandre já havia mostrado sua capacidade de liderança e combate em uma das batalhas mais decisivas para Filipe, em Queroneia. Assim, não é nem um pouco espantoso que tenha agido com sensatez e moderação logo no início, tratando as delegações gregas com amabilidade (*philanthrōpōs*), exortando-as a manter fidelidade à sua pessoa como símbolo de lealdade que haviam demonstrado para com seu pai (*BH*, XVII, II, 2). Em relação às tropas, continuou promovendo exercícios contínuos, treinos de manobras militares e garantindo sua obediência. Mas Alexandre sabia que era preciso estar alerta a todos os que o rodeavam na corte macedônica e atento ao que se passava na Grécia, principalmente entre as facções que outrora haviam demonstrado hostilidade para com seu pai. Seu olhar se voltou primeiramente para Átalo, irmão de Cleópatra (que havia se casado com Filipe).²³⁵ Ele mantinha fortes laços com as tropas e sua popularidade no exército era alta; para Diodoro, era normal e até mesmo esperado que Alexandre se preocupasse com isso e tomasse providências antes que ele viesse um dia a disputar com ele o poder. Assim, escolheu Hecateu, um de seus homens de confiança, e deu-lhe um exército para levar a cabo a tarefa de trazer Átalo vivo, mas caso as coisas não saíssem bem, deveria providenciar sua morte o mais rápido possível. Ao mesmo tempo, soube que a Grécia pretendia revoltar-se, incitada principalmente por Demóstenes, que exercia uma política abertamente antimacedônica. Os gregos contavam que, com a morte de Filipe, poderiam se livrar do poderio macedônico, apostando na inexperiência de Alexandre.

²³⁵ Átalo ocupou papel de proeminência na corte de Filipe II e agiu como seu lugar tenente nos negócios asiáticos, quando pretendia libertar do poderio persa as cidades gregas ali localizadas. Em relação ao casamento de Filipe com Cleópatra, outras fontes, por exemplo, (como Plutarco), mostram a discordância frontal de Alexandre com tal união. Os desentendimentos chegaram ao limite na festa do casamento quando, em uma discussão, Alexandre acusou o pai de ser um bêbado que não tinha condições de governar a Macedônia. Quando Filipe quis partir para o confronto físico com o filho, caiu no chão devido à grande quantidade de bebida que havia ingerido. Não podendo confrontar o filho fisicamente, expulsou-o da Macedônia juntamente com seus amigos mais próximos e que mais tarde seriam seus fiéis companheiros como Hefastion e Ptolomeu. Mas Alexandre reconciliou-se com pai antes de sua morte.

Por todos os lados parecia que havia conspirações contra o jovem rei. Sem dar muitas explicações de como as coisas se passaram, Diodoro ressalta que, “apesar de todas as dificuldades” e contra “toda expectativa” (*paradóxōs*) Alexandre conseguiu resolver todos os problemas, quaisquer que fossem. “Ele ganhou a simpatia de alguns pela persuasão (*peithoî*) e [de outros pelo] temor (*phóbō*) que ele [Alexandre] inspirava, levando-os para o caminho reto. Mas, com outros, foi de viva força que se submeteram e se sujeitaram à sua autoridade” (*BH*, XVII, III, 6). O fato é que, rapidamente, Alexandre decidiu as questões pendentes na Grécia, com os tessálios e outros aliados, reintroduzindo nas tropas macedônicas, a costumeira obediência (o assassinato de Átalo foi levado a cabo com sucesso por Hecateu).²³⁶

Diodoro procura também retratar o adversário (embora de maneira sucinta) de Alexandre, Dario III, mostrando que o Grande Rei era um adversário à altura de seu talento. Ele também tivera a oportunidade de participar de campanhas militares junto a seu pai Artaxerxes na guerra contra os cadusianos e mostrara um comportamento exemplar de coragem e bravura, o que lhe valeu o direito de ascender ao trono. Diodoro arremata: “Tal era o homem que a Fortuna (*tês týchēs*) havia colocado para ser adversário do valoroso (*aretē*) Alexandre” (*BH*, XVII, VI, 3). Não se pode deixar de ressaltar o fato de Filipe e Artaxerxes terem morrido no mesmo ano (336) e Alexandre e Dario os sucederam imediatamente: a troca de comando na Macedônia e na Pérsia havia sido feita no mesmo ano e, mesmo que Diodoro não trate a respeito dessa estranha coincidência, não deixa de ser interessante o fato de o autor chamar a atenção para intervenção da Fortuna no caminho entre Alexandre e Dario. Em princípio, Dario, em momento de extrema ansiedade pela possível guerra a ser travada pela Macedônia contra a Pérsia (posto que respeitava Filipe como adversário de valor), ao saber que Alexandre subira ao trono, ficou tranqüilo, tendo a mesma reação que os gregos haviam tido anteriormente: subestimar Alexandre. Mas, ao observar como ele se impusera na Macedônia e na Grécia, começou também seus preparativos para a guerra, sabedor que um conflito entre ambos era iminente e inevitável.

²³⁶ Mesmo que a situação na Grécia inspirasse cuidados, Alexandre deixou a Europa sob o comando de Antípatros, o poderoso estrategista que ficaria encarregado de resolvê-los.

Em praticamente todas as batalhas decisivas de Alexandre, vemos a Fortuna intervir de forma inesperada e “contra toda expectativa”, favoravelmente ao Conquistador. Qual o motivo de semelhante intervenção? O ardor com que Alexandre se devotava às suas causas, aliada à sua juventude, parece ser um fator importante para compreendermos o motivo de tais aparições. Sem pretender esgotar toda a trajetória de Alexandre, algumas passagens merecem ser destacadas.

²³⁷

Um dos momentos mais importantes da trajetória de Alexandre, principalmente devido ao seu caráter simbólico, é sua visita ao oráculo de Amon. Saudado como libertador do Egito do poderio persa, embora estivesse com todo seu exército ao adentrar na terra dos faraós, não precisou utilizar suas tropas. Os egípcios consideravam os persas sacrílegos ²³⁸, profanando templos e governando o país com dureza. Uma vez resolvidos os negócios do Egito, Alexandre empreende uma viagem ao famoso oráculo de Amon. No caminho, passando por Cirene, foi presenteado por embaixadores com coroas e presentes valiosos, como trezentos cavalos de guerra e cinco de suas melhores quadrigas; o clima de recepção ao Conquistador não podia ser mais agradável e acabou por realizar tratados de amizade com eles. Perseguindo sua marcha em direção ao oráculo, chegou a um terrível deserto tendo, para isso, carregado consideráveis provisões de água potável: a região “era coberta de areia ao infinito” (*BH*, XVII, XLIX, 3). Entretanto, após terem caminhado cerca de quatro dias, as provisões de água haviam se esgotado e eles estavam em situação de visível penúria. Mas eis que, em meio ao desencorajamento total, caiu do alto do céu uma tempestade que remediou miraculosamente (*paradóxōs*) a falta de água que eles sofriam. Eles atribuíram tal acontecimento à intervenção da Divina Providência (*theōn pronoía*) por terem sido salvos “contra toda expectativa” (*anelpístōs*) (*BH*, XVII, XLIX, 4). A abundância da chuva tornou possível o armazenamento de água suficiente para mais quatro dias de marcha, ou seja, o suficiente para atravessar todo o deserto até o oráculo. No caminho, como a abundância de areia não os permitisse vislumbrar o trajeto correto,

²³⁷ Episódios importantes como o cerco a Tebas e Tiro já foram abordados neste trabalho em outras ocasiões. Portanto, vou me ater aos acontecimentos relativos à conquista da Ásia.

²³⁸ Heródoto considerava Cambises louco e seus desatinos foram amplamente documentados por ele. Especialmente chocante para os egípcios foi a morte provocada por Cambises do boi sagrado Ápis.

os guias vieram anunciar que corvos assinalavam o caminho a ser seguido até o santuário. “Alexandre viu nesse acontecimento um presságio, do qual ele concluiu que o deus acolheria com alegria sua vinda: ele continuou sua rota com pressa” (*Idem*). Diodoro descreve o lugar onde ficava o santuário como sendo de extraordinária beleza e, incrivelmente, não obstante situado no deserto a temperatura ali era do tipo temperado. De fato, a morada do deus era magnífica e havia ali uma fonte sagrada que purificava as oferendas que eram ofertadas a Amon. A estátua que representava Amon era cravejada de esmeraldas e outras pedras preciosas; a maneira como o deus respondia a quem lhe fosse fazer qualquer pergunta também era original: oitenta sacerdotes carregavam a estátua do deus em torno do recinto sagrado sobre um navio de ouro. Enorme quantidade de moças e mulheres acompanhava o cortejo cantando peãs e celebrando o louvor ao deus com um hino ancestral. Como Alexandre foi considerado um sucessor dos faraós, teve permissão por parte dos sacerdotes de adentrar no recinto sagrado. O profeta, um homem já de idade avançada, saudou o Conquistador: “Ó meu filho! Receba essa saudação como proveniente de um deus”. Alexandre tomou a palavra e disse: “Sim, eu aceito vosso oráculo, ó meu pai. No futuro eu o chamarei de vosso filho. Mas vós me dareis o império de toda a terra?” O sacerdote avançou em direção ao recinto sagrado e aqueles que seguravam o deus estremeceram. Através de alguns signos convencionais, o profeta proclamou que o deus lhe daria o que estava pedindo. Alexandre retomou a palavra e disse: “Ó divindade, revela-me o resto do que procuro: teria eu castigado todos os assassinos de meu pai, ou restaria ainda alguns escondidos?” O profeta se irritou: “Silêncio! Não existe mais o homem que poderá fomentar um complô contra Aquele que te engendrou! Todos os assassinos de Filipe foram castigados. O feliz sucesso de vossos empreendimentos provará que vós sois nascido de um deus. [...] Vós sereis agora mais do que nunca, invencível!” (*BH*, XVII, LI, 3-4). Tendo ouvido do oráculo o que esperava, ofereceu suntuosos presentes e retornou ao Egito.²³⁹

²³⁹ Após retornar da viagem ao oráculo de Amon, Alexandre mandou realizar os preparativos para a fundação de Alexandria do Egito, que Diodoro considera extraordinária (*thaumásion*). Foram ali realizadas construções maravilhosas que deixaram todos estupefatos. A palavra *tháuma* aparece três vezes no relato.

O episódio da ida de Alexandre ao oráculo de Amon corrobora a tese de que era preferido dos deuses e confirma sua linhagem divina. Diodoro relata, nessa narrativa, como o deus proveu o Conquistador de tudo o que precisava para atravessar um deserto escaldante, com pequenos “milagres” acontecendo durante o trajeto. O efeito de tal visita será, sobretudo, simbólico, buscando conectar esse momento a outros verdadeiramente críticos da trajetória de Alexandre em que sua vida esteve realmente em perigo. Quanto mais avançava para os confins da Índia e maiores perigos enfrentava, mais Diodoro afirma ter ele sido salvo “contra toda expectativa”. Conscientemente, Alexandre pára em locais onde seus “ancestrais” estavam enterrados e faz libações e homenagens. O caráter político e de incentivo às tropas para segui-lo para cada vez mais longe, mostra também uma estratégia calculada de atrair a Fortuna e o favor dos deuses para si. Ao cruzar os Helesponto com seu exército em 334-333, declarou receber a Ásia dos deuses como um “bem conquistado na ponta da lança”. Imediatamente mandou honrar igualmente os túmulos de Aquiles e Ajax e de outros heróis através de sacrifícios fúnebres. Ele sabia que seu empreendimento na Ásia seria enorme e cheio de perigos e utilizou também como fonte de seus recursos “simbólicos” sua ligação com os deuses e heróis importantes da Guerra de Tróia. Outro exemplo a ser citado é a travessia do rio Indo (no seu retorno das campanhas indianas, quando seus soldados se recusaram a segui-lo). Sem dúvida essa *anabase* foi uma epopéia dentro de uma epopéia de Alexandre. Seus homens tiveram pouco tempo para providenciar navios e víveres para o retorno à Babilônia. O rio era violento e enormes correntezas com uma força descomunal tornavam a volta um empreendimento de alto risco. Mas Alexandre não se incomodava com o perigo, pelo contrário, sentia orgulho em superar a si próprio constantemente. Dois de seus navios de guerra soçobraram rapidamente com a violência das correntezas. O Conquistador viu a morte de perto, mas não deixou de agir: sem qualquer planejamento prévio, simplesmente tirou suas pesadas roupas militares e, completamente nu, pulou no rio procurando se agarrar a qualquer coisa que pudesse servir para salvar sua vida. Prontamente, seus amigos nadaram ao longo do navio com o intuito de salvar o rei cuja embarcação estava a ponto de soçobrar. “Uma grande confusão reinava sobre o navio. Os homens procuravam resistir à força da correnteza, mas o rio vinha primeiro em

engenhosidade, e fora do alcance de todo o poderio humano, [e Alexandre] ganhou a terra firme junto com seus navios. Salvo “contra toda a expectativa”, ele sacrificou aos deuses, pensando que ele havia escapado aos piores perigos e, como Aquiles, lutado contra o rio (XVII, XCVII, 2-3) [referência ao canto XXI, 130 *et seq.*]. Em seguida, Alexandre, consciente de que havia acontecido algo extraordinário, mandou sacrificar aos deuses pelo salvamento inesperado.

As batalhas decisivas rumo a uma monarquia universal (*tês tōn holōn monarchías*), sonho de Alexandre, foram repletas de significados e, embora tenha se tornado senhor da Ásia, precisou combater em três batalhas, todas decisivas, contra o poderoso exército persa. Em 334, Alexandre desembarcou com suas tropas na Ásia, levando consigo um exército composto de doze mil macedônios (infantaria), sete mil aliados e cinco mil mercenários. O comando das tropas coube a Parmênion. Além disso, haviam sete mil arqueiros chamados “agrianos”. No total, existiam cerca de trinta mil soldados de infantaria pesada e dezoito mil cavaleiros tessálios. Cerca de seiscentos gregos faziam parte do exército e estavam sob o comando de Erígios. Havia igualmente novecentos cavaleiros trácios e peônios sob o comando de Cassandro. Entretanto, Alexandre não havia levado todas as suas tropas para a Ásia, deixando na Macedônia, sob o comando de Antípatros, doze mil soldados de infantaria pesada e mil e quinhentos cavaleiros. O Conquistador visitou o santuário de Atena, antes de deixar a Troade; e presságios de bom augúrio lhe garantiram firmemente que seria vencedor de um grande combate eqüestre, sobretudo se ele tivesse lugar na Frigia. Foi dito ainda que, no curso da batalha, Alexandre mataria, com suas próprias mãos, um importante general inimigo. “[...] era o que os deuses lhe anunciavam, particularmente Atena, que forneceria sua ajuda para o sucesso de Alexandre” (BH, XVII, XVII, 6-7). Feliz com tais presságios, fez sacrifícios a Atena e consagrou seu próprio escudo para a deusa. Entrementes, os persas (sob o comando de Memnon) haviam chegado tarde demais para impedir a ultrapassagem das tropas macedônicas em direção à Ásia; por isso, resolveram se reunir em conselho para decidir a melhor estratégia para lutar contra o exército macedônico. Após muitas discussões, decidiram levar suas tropas para as margens do rio Granico na Frigia Helespôntica (conforme o havia aconselhado o oráculo). Alexandre posicionou-se também às margens do referido rio. O combate foi, nos dizeres de Diodoro, uma

carnificina! “Como os bárbaros combatiam com vigor e opunham sua coragem ao valor dos macedônios, a Fortuna (*hé týchē*) reuniu os mais bravos do mesmo lugar para decidir a vitória” (*BH*, XVII, XX, 1). Diodoro faz uma descrição vívida da batalha, mostrando o comportamento de Alexandre, marcado por ações heróicas e enfrentamento dos persas de maneira destemida. Assim, ele libertou as cidades da Ásia Menor do jugo persa, embora tivesse sido bastante duro com as que haviam ficado do lado persa, à exceção de Mileto, posto que se dirigiram a ele como suplicantes: desta maneira, agiu com *philanthrōpía*, mas as outras foram reduzidas à escravidão.

Enquanto isso, outras cidades gregas pretendiam impedir Alexandre de continuar sua marcha rumo ao Oriente. Esparta tentou corromper algumas cidades gregas, na esperança de mudar o curso dos acontecimentos. A preço de ouro, Memnon tentava corromper as cidades gregas para fazer defecção do lado macedônico; mas Diodoro afirma que a Fortuna (*hé týchē*) não permitiu que os acontecimentos se desdobrassem dessa maneira. Memnon foi atacado por uma doença que o matou rapidamente. Sua morte provocou, para Diodoro, o rompimento do império de Dario. Ora, sem que Alexandre nada tivesse feito, a Fortuna colaborou com ele, despachando para o outro mundo, alguém que seria um homem chave do império aquemênida. Nada semelhante havia acontecido com Filipe, seu pai. O Conquistador, para Diodoro, é mesmo um homem afortunado e querido das divindades. Mesmo quando adoecia, Alexandre tinha assistência da Fortuna (*tēn týchē*) que o fazia escapar, “contra toda expectativa” (*paradóxōs*) de um grave mal (*BH*, XVII, XXXI, 7-8).

Entretanto, o império de Dario ainda não fora destruído. Outra importante batalha travada foi a de Issos em 333. Se Diodoro tem preferência em narrar guerras, não deixa de mostrar também os males que ela provocava. A batalha de Issos foi especialmente violenta ²⁴⁰ e, pela primeira vez, os macedônicos teriam um encontro real com o poderio persa. O próprio rei Dario, com toda sua majestade, estaria presente; como mandava o costume persa, levou consigo sua mãe, mulher e

²⁴⁰ Em uma batalha Diodoro descreve soldados com os braços cortados com seus escudos e pescoços arrancados: suas cabeças jogadas sobre a terra ainda mantinham os olhos abertos, conservando a expressão como se estivessem vivos! Os carros de guerra também eram perigosíssimos, pois atingiam os soldados em seus órgãos vitais (*BH*, XVII, LVIII, 4-5).

a parentela feminina. Todas as marcas de riqueza aquemênida foram levadas para o campo de batalha e isso certamente deslumbrou seus adversários. Talvez o ardor da batalha tenha sido motivado também pela expectativa de um grande butim a ser pilhado depois da vitória. Foi nessa batalha que as tropas macedônicas capturaram as mulheres de Dario. Dando mostras de grande bondade (*philanthrōpía*), impediu a soldadesca de estuprar e matar as mulheres. Alguns macedônicos ponderados “viam com essa mudança da Fortuna (*tês týchēs*), [pois] foram tomados de compaixão e se apiedaram das desgraças dessas desafortunadas. Decoro e grandeza estavam bem longe doravante ao passo que o estrangeiro, o inimigo, estava lá bem próximo, e as haviam impelido para um desgraçado e vergonhoso cativeiro” (*BH*, XVII, XXXVI, 1). As mulheres perceberam as grandes desgraças que se abateriam sobre a Pérsia e sobre elas mesmas cativas que estavam nas mãos dos macedônicos; da mesma maneira que elas estavam sendo violadas, a avidez com que os conquistadores se apossavam dos tesouros da Pérsia era apenas uma amostra do que ainda estava por acontecer. De fato, quando Alexandre tomou posse da tenda de Dario, seus pajens prepararam-lhe um banho e uma refeição, acendendo tochas para iluminá-lo. Quando vislumbrou todo o mobiliário de Dario, teve o presságio de que a Ásia inteira ficaria sob a sua hegemonia. A vitória de Alexandre havia sido quase total: cerca de cem mil soldados de infantaria pesada do lado inimigo haviam perecido e não menos de dez mil cavaleiros. Ao contrário, as perdas macedônicas haviam sido ínfimas: trezentos soldados de infantaria pesada e cerca de cento e cinquenta cavaleiros.

O rei macedônico estava tomado por uma obsessão em capturar Dario, mas o Grande rei havia escapado com seus melhores cavalos e tomado o rumo das Altas Satrapias. Tendo percorrido cerca de duzentos estádios, parou para descansar e, nesse momento, teve a notícia de que as mulheres de Dario tinham sido capturadas: quando as viu chorando e se lamentando em alta voz, outros prisioneiros também fizeram o mesmo ²⁴¹. Para Diodoro, o sucesso de Alexandre provinha de sua capacidade de, mesmo na vitória, conseguir se colocar no lugar de quem fora derrotado:

²⁴¹ “Vendo a chance extraordinária que lhe havia acontecido, contra toda expectativa (*paradoxou*), os prisioneiros receberam Alexandre como um deus e cessaram suas lamentações (*BH*, XVII, XXXVII, 4)”.

É por causa da Fortuna (*týchē*) ou de seu valor que dependem os cercos, as batalhas e outros sucessos conseguidos na guerra. Mas a parte da piedade que se concede aos infelizes no exercício do poder depende somente da sabedoria. No sucesso, com efeito, a maior parte das pessoas são exaltadas pelo êxito que lhes prestam os arrogantes, a ponto de esquecer a fraqueza comum da maior parte dos homens. Pode-se ver — mesmo nos nossos dias — que a maior parte das pessoas são incapazes de suportar o êxito, como se ele se tratasse de um pesado fardo. Ainda que nascido muitas gerações antes da nossa, Alexandre obteve para a posteridade os justos louvores que merecem suas virtudes (*BH*, XVII, XXXVIII, 6-7).

Ao longo de toda narrativa da *vita* de Alexandre o tom laudatório de Diodoro coaduna-se com sua visão de história a qual tem como papel principal, o de ser um tribunal que absolve (e então louva os feitos da figura em questão) ou condena (expõe seus defeitos e fraquezas), para que aqueles que a estejam lendo tenham consciência de que nada de mal pode ser realizado de maneira impune assim como as ações meritórias tenham seu justo merecimento.²⁴²

Nessas alturas dos acontecimentos, Dario já não procurava mais uma nova batalha com Alexandre, mas em realizar uma aliança. Reconhecia o bom tratamento que ele havia dispensado à sua mãe e aos outros prisioneiros e desejava tornar-se seu amigo oferecendo-lhe o território ao lado rio Eufrates, trinta mil talentos e uma de suas filhas em casamento. Assim, pensava Dario, como seu genro, se tornaria filho do Grande Rei e viria a ser seu associado no governo de todo o império. Alexandre reuniu seus amigos para discutir a questão (embora já tivesse tomado sua decisão): cada um podia expressar livremente sua opinião. Ninguém se atreveu a comentar nada, exceto Parmênion: “Eu, se fosse Alexandre, aceitaria o que estivesse me sendo oferecido e concluiria um tratado”. Mas Alexandre não deixou por menos: “E eu também aceitaria se fosse Parmênion!” (*BH*, XVII, LIV, 3-4). O Conquistador achava indigno de sua pessoa aceitar tais ofertas como se tivesse capitulando diante do persa e mandou os embaixadores lhe dizerem “que se existisse dois sóis, o mundo não conheceria a bela disposição de seu arranjo, e que na terra habitada, se dois reis exercessem o poder supremo, isso não poderia durar muito tempo sem ser tomado por sedições” (*Idem*). Afirmou ainda que “se ele aspirava o primeiro lugar,

²⁴² Diodoro não deixará de relatar aspectos “negativos” do Conquistador. Entretanto, sua visão geral altamente positiva a respeito de Alexandre faz com que quase não percebamos seus “defeitos”.

deveria combater contra ele [Alexandre] pela monarquia universal. Se ele [Dario] desprezasse, ao contrário, a glória e preferisse as vantagens e os prazeres dados com facilidade, ele não teria que obedecer pessoalmente às ordens de Alexandre e reinar, governando os outros, mas manteria o poder pela generosidade de Alexandre” (*Idem*). Alexandre via o mundo pequeno demais para dois impérios e dois reis. Partira para o tudo ou nada na certeza de que conseguiria “tudo”. Não fora, entretanto, sem temores que tomara tal decisão; ficou inquieto e ao mesmo tempo preocupado com o tamanho e a magnitude das tropas persas. Mas na véspera da batalha decisiva, a de Gaugamela, dormiu um sono tão profundo que foi preciso acordá-lo; como todos se admirassem (*thaumazóntōn*) de sua calma, perguntaram-lhe o que havia se passado. Ele respondeu que Dario o havia livrado de todas as suas inquietações ao dispor suas tropas todas no mesmo lugar. Enfim, chegara o momento em que tudo seria resolvido. Todas as fadigas e perigos enfrentados ao longo de tanto tempo estavam prestes a terminar! Mas o Conquistador sabia que essa era apenas uma etapa decisiva para poder continuar com seus planos de forjar uma monarquia universal e ir até os confins da terra habitada.

Diodoro descreve a organização do confronto minuciosamente mostrando como Alexandre foi o verdadeiro artesão da vitória com seu gênio tático e militar. Não se pretende descrever aqui os detalhes da batalha, mas enfatizar os aspectos simbólicos que Diodoro adora relatar. Um dos mais significativos é o momento em que o Conquistador toma posse do palácio de Susiana e de todas as riquezas pertencentes aos persas ²⁴³: o sátrapa Abuletes havia deixado a província de propósito para Alexandre de modo que, recebendo a rendição da mesma, o Macedônio ficasse entretido com as riquezas e, assim, Dario teria tempo para se preparar para a revanche. Foi isso mesmo que aconteceu: as riquezas persas existiam em grande quantidade: havia cerca de quarenta mil talentos de ouro e prata além de nove mil talentos de ouro sob a forma de moedas “dárnicas” ²⁴⁴; essa

²⁴³ A historiografia grega se compraz em descrever os luxos e a vida opulenta dos aquemênidas. Em suas *Histórias*, Heródoto se espanta com o fato de um império tão grande e opulento como a Pérsia, querer conquistar uma região tão pobre como a Grécia. Seria a *hýbris* persa de tudo querer dominar? Mas Diodoro não vê Alexandre como alguém movido pela *hýbris*: a sua generosidade o impede de querer apenas riquezas; o desejo da *dóxa*, perfeitamente legítimo para os gregos, o livra de tal mesquinha.

²⁴⁴ Moeda do império aquemênida.

quantia, cuidadosamente guardada, era para ser utilizada pelos persas em momentos em que a Fortuna (*tês týchēs*) desse golpes inesperados (*paráloga*) e assim, dispondo de tal quantidade de riquezas, pudessem se preparar para organizar rapidamente um exército e contra-atacar o inimigo. Amante das anedotas de cunho moralizante, Diodoro se compraz em intercalá-las na narrativa. No meio de seus estrondosos sucessos, Alexandre tem, na maioria das vezes, uma grandeza de alma que ele admira. Ao tomar posse das riquezas persas, Alexandre subiu ao trono real que, no entanto era grande demais para o seu porte, que era pequeno. Seus pés tombavam no vazio sem alcançar o chão. Na mesma hora, um escravo pegou uma pequena mesa que se adaptava perfeitamente tendo Alexandre aprovado tal gesto. Entretanto, um eunuco da corte de Dario começou a chorar perturbado que estava por essa mudança brusca da Fortuna (*tês týchēs*). O Conquistador quis saber o motivo de suas lágrimas e o eunuco lhe respondeu: “Eu sou agora seu escravo. Mas eu era outrora escravo de Dario e, como eu amo naturalmente meu mestre, experimentei uma viva dor moral quando eu vi que o móvel que ele estimava tanto, se tornou agora um objeto depreciado” (*BH, LXVI, 5*). As colocações do eunuco fizeram Alexandre pensar sobre a mudança radical que havia ocorrido no império persa e percebeu que seu gesto poderia ser interpretado como arrogante, bem distante da moderação que havia demonstrado para com os prisioneiros. Por isso, decidiu colocar a mesa no lugar de onde ela havia sido tirada. Mas Filotas não aceitou tal gesto de Alexandre dizendo-lhe as seguintes palavras: “Mas não há qualquer desmedida (*hýbris*) no gesto que ordenaste! Tudo provém da Divina Providência (*agathoû pronoía*) e da vontade de algum bom gênio (*daímonos*)” (*Idem, 6*). O Alexandre de Diodoro é alguém que se preocupa constantemente em não se deixar levar pelas espetaculares realizações que fez. Mesmo tendo direito de fazer o que bem entendesse, prestava atenção à sua volta para observar um simples eunuco que estava a chorar. São seus amigos que muitas vezes lhe lembram que está em pleno direito de suas prerrogativas, uma vez que elas lhe foram dadas pelos próprios deuses e realizadas “naturalmente” pela Divina Providência; ele poderia fazer o que bem entendesse e, caso o fizesse, não seria considerado uma desmedida. Talvez, para acalmar sua própria consciência (ou ainda, ganhar mais aliados), Alexandre era um rei generoso que compensava largamente materialmente

seus amigos, subordinados e colegas. Sua mãe Olímpia, que enviou cartas para ele até o final, chamava-lhe a atenção para tamanho desperdício, mas Alexandre não lhe deu ouvidos. O que movia o Conquistador não eram as riquezas infinitas que podia conseguir anexando impérios e povos sem fim sob seu comando. O desejo de ir cada vez mais longe, de ir e onde ninguém tinha ido antes, o desejo de conquistar uma glória imortal e se igualar aos feitos dos grandes heróis, tornavam as riquezas para ele um instrumento para atingir seus fins. Seu poder de persuasão fez, durante muito tempo, que conseguisse que todos a sua volta o acompanhassem em um sonho que, na realidade, era apenas seu. O relato de Diodoro nos mostra os soldados e aqueles que o acompanhavam, deslumbrados com esse novo mundo que se descortinava ante os seus olhos repleto de riquezas. Mas Alexandre queria apenas seguir em frente; nunca pensou em voltar para a Macedônia e desfrutar do que havia conquistado e nem havia um projeto planejando seriamente a organização do império. O máximo que tentou realizar para dar alguma coerência a administração foi fundar cidades que servissem como elos de ligação com o império à medida que novas regiões iam sendo anexadas. A confusão que se instalou nos domínios macedônicos após sua morte, mostra que seus "amigos" estavam interessados, sobretudo no poder e riquezas.

Uma amostra de seu desprendimento é a tomada da cidade de Persépolis. Segundo Diodoro, era a cidade mais opulenta do mundo e as residências privadas eram sortidas de riquezas de todo tipo. Alexandre permitiu que os soldados pilhassem tudo o que quisessem, à exceção do palácio. Os soldados levaram ouro, prata, vestes suntuosas bordadas de púrpura ou ouro:

os macedônios passaram o dia a pilhar, sem satisfazer sua insaciável avidez. Eles desdobravam sua cupidez a certo ponto excessiva, que brigavam entre si, e eram capazes de matar muitos dos que se apropriassem de uma enorme parte do butim! Cortando em dois com sua espada os objetos mais preciosos que descobriam, alguns arrancavam a parte dos que voltavam [no ir e vir do saque]. Alguns, os quais a paixão havia feito perder todo sangue frio, cortavam as mãos daqueles que seguravam os objetos contestados. Quanto às mulheres, todas embelezadas com suas jóias, eles a tomavam à força, tratando como escravas as cativas de guerra. Tanto Persépolis havia superado as outras cidades em prosperidade, quanto ela as ultrapassou em infortúnio (*atýchēmasin*) ! (BH, XVII, LXX, 4-6).

Enquanto tais eventos se passavam do lado de fora do palácio, no interior Alexandre havia encontrado quantidade tão grande de riquezas como jamais tinha visto até então.²⁴⁵ O palácio as acumulava desde a época de Ciro e, no tesouro real, foi encontrada a fabulosa soma de cento e vinte mil talentos de ouro! Quanto mais fundo adentrava no império aquemênida, mais se dava conta de que realmente podia ir mais longe: as riquezas podiam propiciar-lhe um exército para ir para onde quisesse e os sacrifícios que realizava para os deuses mostrava que creditava também a eles seu sucesso. Agindo de maneira sensata, equilibrada, com mansuetude e clemência, sem deslumbrar-se com o poder e as riquezas advindas das conquistas, Alexandre podia ter certeza de que seu projeto de criação de uma monarquia universal não poderia ser barrado. Poderia o Conquistador permanecer imune a tais tentações? O relato diodoriano mostra que, em algum momento da trajetória vitoriosa de Alexandre, parece ter havido uma ruptura entre o magnânimo Conquistador e o cruel Devastador, que não se impunha mais pela mansuetude e equilíbrio, mas pelo extermínio de todos que se opusessem às suas idéias.

A campanha indiana foi marcada pela prevalência de “outro” Alexandre “que havia tomado muitas outras cidades e exterminado quem quer que lhe resistisse” (BH, XVII, LXXXV, 1). O caminho para os confins da *oikouménē* mostrava-se cada vez mais inóspito. Atravessava lugares que não tinha a menor certeza de sua exata localização. Confundia mares e montanhas, enfrentou fome e falta de provisionamento para as tropas, sentiu frio e sede, suas provações atingiram o ápice, não obstante toda a riqueza de que dispunha. Sofreu resistência acirrada dos

²⁴⁵ Segundo Diodoro, o incêndio do palácio de Persépolis foi instigado por uma mulher chamada Taís. No meio de um festim em que todos estavam bêbados; na medida em que a excitação provocada pela bebida aumentava, essa Taís afirmou que o mais alto feito que Alexandre poderia realizar na Ásia seria promover um cortejo dionisíaco para colocar fogo no palácio. As mulheres seriam as responsáveis por aniquilar aquilo que era o maior símbolo do poderio persa. Tais palavras eram especialmente endereçadas aos mais jovens que já completamente embriagados, não pensavam mais utilizando a razão. Imediatamente, o cortejo teve início com os homens carregando tochas exortando a todos a vingar os gregos dos crimes sacrílegos cometidos pelos persas contra os santuários gregos. Como músicos haviam sido convidados para a festa, foi ao som de flautas e gaitas que o rei formou o cortejo e avançou junto de Tais. Ela foi a primeira a lançar fogo sobre o palácio depois de Alexandre. Rapidamente, todo o palácio foi tomado pelas chamas: “o mais extraordinário (*paradoxótaton*) é que o sacrilégio do qual o rei persa Xerxes era culpado [...] foi vingado por uma simples mulher, co-cidadã das vítimas que muitos anos mais tarde, infligiu aos persas um tratamento idêntico!” (BH, XVII, LXII, 1-6).

“indianos autônomos” e, também, com o clima e relevo da região com seus rios colossais e chuvas diluvianas (as famosas monções de verão no Gandara).²⁴⁶ Nos confins, deparou-se com o Hindu Kush e seu principal local de passagem, o Passo de Khyber. O Gandara comportava diversas cidades como Peucelaotis, Bazira, Massaga, Ora, etc. Nas montanhas do Norte denominadas Siwat, viviam os povos aparentados aos kafirs, que ofereceram viva resistência a Alexandre e suas tropas.²⁴⁷ Segundo Diodoro, toda a região era coberta de neve e, o frio, extremamente duro, tornava difícil o acesso de outros povos; era formada por planícies, mas desprovida de árvores e dividida por numerosas aldeias (*BH*, XVII, LXXXI, 2).²⁴⁸ As casas eram feitas de tijolo em forma de ponta com uma abertura em cima para que a fumaça pudesse sair: devido ao frio, as pessoas passavam a maior parte do tempo abrigadas nessas casas com víveres suficientes para suportar o longo e rigoroso inverno. O exército macedônio sofreu com as condições da região e, não obstante sua bravura (nas palavras de Diodoro), muitos ficaram cegos por causa da neve; combatentes e não-combatentes foram deixados para trás, na impossibilidade de seguirem o ritmo da marcha. Somente quando o exército pôde enxergar a fumaça saindo das casas dos habitantes locais, é que foi possível ter uma certa noção de onde estavam e conseguir víveres e abrigo do frio intenso, o que permitiu aliviar um pouco os sofrimentos. O problema que ainda se colocava para as tropas era vital, ou seja, o abastecimento de homens e animais. No Hindu Kush havia a ausência de rotas entre Kandahar sob a região de Sher-Dahan e Kabul e, depois, entre Kabul e Kunduz. Em Kandahar, Alexandre conversou com a população local e, através de intérpretes, ficou sabendo dos perigos que correria caso resolvesse atravessar os desfiladeiros em pleno inverno. O Conquistador não se deixou levar por essas dificuldades, afirmando poder superá-las, graças à “audácia e resistência costumeiras dos

²⁴⁶ DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique*. p. 233, n. p. 113, cap. LXXXI, 1. Kapiça é o nome de Kabul conhecido pelos indianos. Corresponde hoje à região do Peshawar e de Kabul (nome também do principal rio da região e um dos afluentes do Indo).

²⁴⁷ PATINAUD, Frank. Gandhara. Os gregos da Bactriana se reapropriaram da província após a queda da dinastia Mauria exercendo grande influência em Gandara (como mostram as primeiras representações antropomórficas de Buda).

²⁴⁸ J. Wood percebeu, no século XIX, que se encontrava madeira nas montanhas de Sefid-Kõh, próximo a Jalalabad. *Idem*, p. 234, n. p. 113, LXXXII, 2.

macedônios”.²⁴⁹ Diante de tais dificuldades, lembrava-se do que a Pítia havia predito: que ele seria “invencível” e “Amon havia lhe dado o poder sobre a terra inteira” (*BH*, XVII, XCIII, 4). Mas as lutas constantes, a paisagem vibrante e ao mesmo tempo assustadora da Índia, atemorizaram as tropas de Alexandre. Por todos os lados, os povos lhe resistiam e animais peçonhentos (como cobras venenosas) atacavam sem que para isso houvesse qualquer antídoto. Na sua campanha indiana, Diodoro não menciona a Fortuna como companheira de Alexandre, mas os “inesperados” salvamentos miraculosos de si próprio e de seus companheiros estão presentes na narrativa.²⁵⁰ Suas “conquistas” nada mais eram do que submissão forçada pelo pânico que provocava com suas tropas nas populações indígenas locais; já não era aclamado como salvador, mas saudado “com os ramos de povos suplicantes” que temiam a própria vida. Começou a também “fazer festas e se entregar no curso da marcha à farra e à bebedeira” (*BH*, XVII, CVI, 1)²⁵¹. A alternativa foi voltar para a Babilônia, embora não tenha deixado de viver a última grande aventura junto com seus companheiros na sua *anabase*.

Curiosamente, a divindade, que “ficara calada” em sua incursão indiana, começa novamente a restabelecer “diálogo” com Alexandre. Estando já perto da Babilônia, quando os “caldeus”,

que haviam um grande renome na astrologia e tinham o hábito de prever o futuro através dos astros que eles observavam desde a eternidade [...] escolhem os mais velhos e experimentados entre eles (para estabelecer o horóscopo real). [...] interrogando os astros [previram] que a morte do rei deveria acontecer na Babilônia, os caldeus ordenavam de revelar o perigo ao rei e de lhe exortar de sob nenhuma hipótese fazer sua entrada na Babilônia. Ele poderia escapar do perigo se ele reerguesse o túmulo de Belos [Marduk] e se, interrompendo sua marcha decidida contornasse a cidade. (*BH*, CXII, 2).

²⁴⁹ HAMMOND, Nicholas. *Le génie d'Alexandre le Grand*. p. 164 et seq.. Hammond foi um dos maiores especialistas da vida de Alexandre e das fontes para a história da Macedônia.

²⁵⁰ Como em XVII, XCVII, 3, “contra toda expectativa” (*paradōxos*) [salvamento de Alexandre]; CIII, 4-7 “milagre” (*parádoxon*) [salvamento de Ptolomeu, filho de Lagos]. Idem para Ptolomeu em XVIII, XXVIII, 5-6; XVIII, XLIII (*parádoxos*).

²⁵¹ Também mencionada em CX, 8. Segundo Diodoro, bebeu tanto que caiu doente e quase perdeu a vida.

O chefe dos emissários dos caldeus, um certo Belefantes, não teve coragem de contar ao rei a previsão, por puro medo. Mas conversou com Nearco, um dos amigos de Alexandre que lhe contou pessoalmente e lhe pôs a par das previsões dos caldeus. O Conquistador ficou particularmente impressionado com essa notícia, na realidade, completamente apavorado e propôs a fazer tudo o que os astrólogos lhe disseram. Quando todos ficaram sabendo o motivo pelo qual Alexandre não iria diretamente para a Babilônia, a estupefação (*thaumazóntōn*) foi geral. Os gregos vieram a lhe dar explicações racionais, mostrando que a filosofia era a única explicação possível, fazendo com que Alexandre desprezasse os adivinhos fazendo sua entrada triunfal na Babilônia. Estranhamente, os gregos que temiam tanto o destino implacável haviam convencido Alexandre do contrário. Tais superstições bárbaras não deveriam ser levadas a sério (foi o argumento por eles utilizado), mas Diodoro não menciona isso, apenas enuncia o acontecido sem maiores explicações. Entretanto, mais signos viriam a mostrar a verdade implacável.²⁵²

Aparentemente, tudo corria bem: no ano seguinte (324-323) embaixadores de quase toda a terra habitada (*skédōn tēs oikouménē*) vieram cumprimentar Alexandre pelas suas brilhantes vitórias, levando-lhe presentes e oferecendo tratados de amizade e aliança: príncipes e princesas da Ásia e África, e igualmente numerosas delegações vindas da Europa, fizeram com que Alexandre procurasse atender a todos conforme a necessidade cada um.

Depois de atender a todos, Alexandre começou a preparar o funeral de Hefaistion. A amizade entre ambos provinha desde a infância e eram tão unidos que, Olímpia, a mãe de Alexandre, tinha ciúmes e, em suas costumeiras cartas ao filho, sempre promovia críticas ao amigo, além de fazer muitas ameaças. Mas Alexandre revidava e dizia para sua mãe "que era o mais poderoso do mundo" (*BH, CXIV, 3*). De fato, o que Olímpia podia fazer contra Alexandre lá da longínqua Macedônia? Ele podia agora fazer o que bem entendesse, vestindo indumentárias bárbaras, promovendo casamentos entre greco-macedônicos e persas (ele mesmo casou-se com Roxane, princesa iraniana e também com uma das filhas de Dario), dando postos-chaves da administração do novo império a antigos membros da corte aquemênida, não obstante o choque que tais atos causavam nas suas tropas. Para

²⁵² Diodoro situa esse episódio no ano de 325/324 um ano antes da morte de Alexandre.

os funerais de Hefaistion, exortou as cidades vizinhas a contribuir na medida de suas possibilidades. Solicitou ainda que o fogo que os persas qualificavam de “sagrado” fosse apagado até o fim das cerimônias fúnebres. Ora, o fogo “sagrado” só era apagado quando o Grande Rei morria, e os persas viram nessa ordem um presságio funesto e que a divindade (*tò theîon*) anunciava a morte do rei. Outros signos extraordinários (*sēmeîa parádoxa*) também ocorreram. O luxo dos funerais de Hefaistion foi algo que Alexandre jamais havia realizado antes: erigiu estátuas de Hefaistion e ordenou que se sacrificasse a ele como “deus paredro” (*theōn parédrō*) [nome e adjetivo que significa literalmente “que é associado ao lado de”]; Filipos, um dos amigos de Alexandre, dissera ainda que havia chegado um portador trazendo mensagens do oráculo de Amon, prescrevendo sacrificar ao “deus Hefaistion”. Alexandre, feliz com a boa nova de que o deus havia sancionado sua opinião pessoal, foi o primeiro a oferecer sacrifício; foram sacrificadas cerca de dez mil vítimas variadas! Após os funerais, entregou-se aos divertimentos e às festas. Diodoro descreve o momento de maneira emblemática: “Como parecia que ele [Alexandre] estava no apogeu de poder e felicidade, o Destino (*peprōménē*) abreviou o tempo que a natureza (*phýseōs*) lhe havia concedido para viver. Imediatamente, a divindade (*tò theîon*) anunciou o seu fim, e viu-se produzir signos e presságios tão numerosos quanto extraordinários (*parádoxon*)” (*BH, XVII, CXVI, 1*). Teria Alexandre ido longe demais para um mortal? Estaria provocando nos deuses inveja devido à sua ascensão rápida demais? O Alexandre moderado e que fazia sacrifícios aos deuses estava agora a exigir sacrifícios para si próprio? ²⁵³ Mas ele

²⁵³ Heródoto chama a atenção para a inveja dos deuses (*thèos phitonésas*) no episódio da vida do tirano Polícrates de Samos. Seu amigo, o faraó do Egito Amásis, o alerta para tal perigo (que Polícrates não conseguiu evitar): “[...] conheço a inveja dos deuses (*phthonerón*). Antes quero para mim e para aqueles a quem prezo, sucesso numas coisas e azar noutras, do que sucesso em tudo. É que nunca ouvi falar fosse de quem fosse que, depois de ter tido sucesso em tudo, não tivesse, por fim, acabado seus dias na maior desgraça, completamente destruído. Ouve o que te digo. Contra essa vaga de sucesso, toma as medidas que te vou sugerir: reflete primeiro e, quando descobrires aquilo que para ti é o bem mais precioso, cuja perda te cause um sofrimento profundo, livra-te dele de forma a que desapareça da face da terra. E se, daqui para frente, o sucesso continuar a favorecer-te sem tréguas, sem alternar com o sofrimento, trata de pôr cobro de acordo com a sugestão que aqui te deixo” (*Histórias, III, 40*). Polícrates tentou seguir os conselhos de Amásis, mas tinha sorte demais, de modo que o bem do qual se desfez voltou, sem qualquer esforço, para suas mãos. Tudo aconteceu como Amásis previra: teve uma morte horrível.

não quis aceitar a morte de Hefaistion, acontecimento inevitável, posto que os homens são mortais, mas, ao contrário, pretendeu que ele se tornasse uma divindade “paredro”, ou seja, associada a si próprio.

Os presságios continuaram a chegar. Certo dia estava o rei preparando-se para a massagem e seu diadema estava sobre o trono. Subitamente, um prisioneiro escapou de suas amarras e fraqueou sem obstáculos a porta de palácio, vestiu a indumentária real e colocou sob a cabeça o diadema e sentou-se no trono. Permaneceu ali imóvel, sem realizar qualquer outro gesto. Assim que Alexandre viu o que acontecera, foi tomado de medo por esse fato extraordinário (*tò parádoxon*). Sem demonstrar qualquer temor, perguntou ao escravo sentado sobre o trono real porque fizera aquilo, mas o homem não soube responder (pois parecia estar em uma espécie de transe). Comum na tradição persa, o substituto real (*šar-puhi*) era utilizado em momentos em que o reino corria graves perigos. Para enfrentar essa perigosa situação, havia um ritual a ser seguido repetindo-se a seguinte fórmula: “O eunuco do rei, que deve possuir o mesmo nome que seu mestre, [vestirá] as vestimentas do rei, ele se sentará diante da instalação, e, diante de Samaš [deus do sol], recitará essa fórmula mágica...”²⁵⁴ Da mesma maneira, Alexandre consultou os adivinhos e eles recomendaram que fosse providenciada a morte do escravo, de modo a desviar de sua pessoa os males anunciados. Alexandre foi tomado de uma angústia profunda e fez, ele mesmo, sacrifícios aos deuses preservadores; no entanto a angústia não passou, pois voltou a se lembrar das predições dos caldeus sobre sua entrada na Babilônia. Censurou duramente os filósofos que o haviam feito desprezar os conselhos dos caldeus, “tanto quanto admirava (*ethaúmaze*) seus conhecimentos técnicos e sua sagacidade” (*BH*, XVII, CXVI, 4). Pouco depois, a divindade (*tò daimónion*) lhe endereçou outro signo (*sēmeion*) relativo à sua realeza. Passeando com seus amigos de barco perto do pântano que rodeava a Babilônia, seu navio se separou dos demais e o Conquistador errou sozinho por alguns dias. Ao passar por um estreito canal sob uma abóbada coberta de árvores, deixou cair seu diadema real dentro do pântano. Apavorado com a possibilidade de perdê-lo, um dos remadores pulou no pântano e colocou-o sob a cabeça para deixá-lo a salvo antes de conseguir retornar à embarcação. Apesar do acontecido, Alexandre tirou boas

²⁵⁴ GERMAIN, Gabriel. *Révue des études grecques*.

conclusões do que havia acontecido, pois, “contra toda expectativa” (*anelpístōs*) havia recuperado seu diadema. Se o faraó Amásis tivesse tido a oportunidade de observar a cena, teria dito ao remador que, sob hipótese alguma, recuperasse o diadema. Que se perdesse a fim de que Alexandre pudesse viver! Talvez essa fosse sua última chance de perceber a gravidade da situação, mas, como sabemos, as coisas só são reveladas no momento em que acontecem. Convidado para um festim dionísíaco em homenagem a um de seus amigos, bebeu vinho puro “avidamente, até a última gota”. Repentinamente, começou a tremer convulsivamente e a emitir fortes gemidos. Foi retirado da festa amparado e não houve médico que conseguisse fazer nada por ele: suas dores foram terríveis e múltiplos seus sofrimentos. O próprio Alexandre concluiu que não sobreviveria e retirou seu anel e o deu a Pérdicas. Todos queriam saber quem seria seu sucessor e ele respondeu apenas: “Ao mais poderoso!” Diodoro termina rapidamente o relato da morte de Alexandre que “reinou doze anos e sete meses”.²⁵⁵

Terminara a vida extraordinária de Alexandre. O *portrait* realizado por Diodoro no livro XVII é uma exceção que concedeu a uma grande figura que, pela sua imensa importância, havia mudado toda a *oikouménē* e expandido os ideais gregos até os confins. As vidas de Filipe e Alexandre se complementam na medida em que, para Diodoro, o primeiro foi o grande responsável para que ocorresse o sucesso dos macedônicos sob a égide de Alexandre. Proveniente de uma terra pobre e habitada por não-gregos, Filipe foi capaz de torná-la grande por puro esforço pessoal, sem qualquer ajuda divina. Entretanto, não estava destinado a conquistar a Pérsia, papel que caberia ao filho, esse um afortunado e querido dos deuses. Todavia, uma tarefa assim monumental, não estava destinada a um único homem mesmo querido dos deuses. Aos homens cabe reconhecer seu lugar na estrutura da organização do mundo. Como os outros, incorreu na imprudência de ignorar os avisos divinos e de não se colocar em seu lugar de mortal. Na crença cega de que era invencível quis igualar-se ao divino. Na história educativa de Diodoro, narrar a trajetória de Alexandre, equivale a dizer para o homem comum que, mesmo os grandes têm que

²⁵⁵ Embora afirme que “alguns historiadores apresentaram uma versão diferente da morte do rei (eles dizem que ela foi provocada por um veneno mortal), nós julgamos necessário não passar em silêncio sobre seus dizeres” (*BH*, XVII, CVII, 6), creio que Diodoro não acredita nessa versão e a coloca apenas para não ser acusado de tê-la deliberadamente omitido.

se adequar a uma vida de moderação e virtudes; quando Alexandre esqueceu-se dessa importante questão, foi punido pelos deuses, não obstante os grandes benefícios que concedeu aos homens, de sua grandeza de alma e de sua *philantrōpía*. No tempo dos heróis essa insolência não teria acontecido. Hércules, mesmo sendo filho de Zeus, teve que realizar tarefas humilhantes para chegar à imortalidade; sua humildade e temor para com as divindades relatadas por Diodoro no livro IV, mostra que foi obediente até o final. Se Diodoro narra as *gestae* dos heróis, é para compará-los com os homens de seu tempo (e de períodos posteriores à Guerra de Tróia, sujeitos à datação): quase ²⁵⁶ todos eles, em algum momento de sua existência, cometeram imprudências que acabaram por provocar sua própria ruína. Tais imprudências são narradas por Diodoro em outras ocasiões da *Biblioteca Histórica*, mas sendo Alexandre uma figura das mais importantes, o caráter didático ganha contornos maiores e um livro inteiro para analisar toda a sua vida. O inesperado mostra também os limites a que estão sujeitos os seres humanos e a Fortuna pode ser implacável, mesmo para os que a têm a seu lado. O fim de Alexandre tem uma clara característica trágica: o herói que conquistou boa parte da terra habitada, que destruiu o poderoso Império Aquemênida, morreu em seu leito sem conseguir fazer ao menos seu sucessor. O Invencível Alexandre não morreu no campo de batalha coberto de glórias, mas em uma cama, vítima de seus próprios excessos, depois de uma noite regada a vinho puro. Como diria Sólon, o grande sábio ateniense para Creso, homem que se achava um afortunado: “Eu sei que a divindade (*tò theíon*) é toda inveja (*phthonerón*) e irritável, e tu me interrogas sobre coisas humanas. Ora, no longo tempo de uma vida, há ocasião de ver e padecer muitas coisas que uma pessoa não queira. [...] Sendo assim, ó Creso o homem é todo vicissitude (*symphorē*)”. (Heródoto, *Histórias*, III, 32). Da vicissitude humana não escapou nem mesmo Alexandre não obstante ser um homem afortunado. ²⁵⁷

²⁵⁶ Não parece ser o caso de Epaminondas o estrategista tebano.

²⁵⁷ A mãe de Alexandre (Olímpia) que, segundo Plutarco, assustava até mesmo Filipe, homem calejado em guerras e complôs palacianos, é mostrada por Diodoro no livro XIX (somente após a morte do Conquistador) como alguém que não sabe se “comportar no sucesso como deveria fazer um ser humano”, ou seja, enxergar no mesmo a oportunidade máxima de mostrar compaixão pelos outros porque a Fortuna (*tychōusa*) muda e, portanto, como não soube agir outrora (no auge), mereceu morrer pela sua crueldade (*BH*, XIX, XI, 4-6). Ver também no livro XVIII, 1 (mudança brusca da Fortuna) e XVIII, XLVII, 4-6 (*Idem*).

3. Intervenções da Fortuna e do Inesperado: a História, o verdadeiro tribunal da Humanidade

Diodoro utiliza recursos da retórica para melhor transmitir sua idéia de história mostrando que a mesma é altamente útil para os seres humanos. Ele adora julgar peremptoriamente todas as personalidades que aborda em sua *Biblioteca Histórica*:

Quanto a nós, que ao longo de nossa história, tivemos o hábito de acolher a glória (*tèn dóxan*) dos homens virtuosos (*tōn agathōn*) e lhes concedemos os elogios e endereçamos aos perversos, no momento de sua morte, as censuras justificadas, nós não negligenciaremos a ocasião de condenar os vícios e a traição de Pausânias [o general espartano das Guerras Pérsicas]. Quem, com efeito, não se espantaria (*ethaumáseie*) da loucura desse homem, que se tornou o benfeitor da Grécia, vencedor da batalha de Platéia e autor de numerosas outras ações de brilho, não somente não conseguiu conservar o prestígio do qual possuía, mas, seduzido pela riqueza e a vida luxuosa dos persas, maculou toda a glória que havia adquirido? Exaltado pelo sucesso, ele se pôs a odiar o modo de vida esparciata e a imitar a vida dissoluta e o luxo dos persas; ele deveria ser o último a invejar os costumes dos bárbaros; de fato, ele não aprendeu nada pela boca de outrem, mas pela sua própria experiência tanto quanto pela maneira de viver de seus pais que era superior, em relação à virtude, a vida luxuosa dos persas. De qualquer maneira, o fato é que, foi castigado pelo que merecia sua perversidade, que fez seus concidadãos perderem a hegemonia marítima (*BH*, XI, XLVI, 1-5).²⁵⁸

De fato, Diodoro não acredita na neutralidade da história: como ela funciona como um tribunal, ele, que faz o papel de juiz, deve expor suas opiniões acerca de cada um dos personagens que desempenharam papéis de destaque em sua época. Por toda a *Biblioteca Histórica* Diodoro distribui censuras e elogios que julga serem imprescindíveis para a compreensão de seu projeto de história. Como alguém pode aprender história e mudar seu comportamento interior sem que o autor de tal obra não mostre claramente quem fez algo “bom”, digno de elogios e quem fez algo de “mau”, que merece ser criticado? Diodoro prefere não correr o risco de não ser devidamente compreendido e explicita claramente suas opiniões. Encontrar-se-á

²⁵⁸ Embora critique os excessos da retórica em XX, 1, 2: “Muitos escritores pelo excessivo uso de passagens retóricas fizeram do conjunto da arte da história um complemento da oratória.” Mas ele admite também que a retórica quando utilizada com moderação, pode ser um instrumento poderoso da história.

passagens onde podemos ver agir seu julgamento sobre fatos e pessoas como acontece, por exemplo, na fundação da cidade de Túrio e o papel exercido pelo legislador Carondas. A história da Magna Grécia e da Sicília é cara para Diodoro e seu amor pela terra natal é evidenciado durante toda a parte que dedica a narrar os acontecimentos que lá se passavam. Os conflitos entre os gregos, com os povos da região, com os cartagineses e a posterior intervenção romana são minuciosamente discutidos por Diodoro. Ele se dedica também a descrever a Sicília e sua extrema beleza, local agraciado pela presença dos deuses olímpicos e visitado por Hércules, que chegou a Agírión, cidade onde Diodoro nasceu e lá estabeleceu um culto à sua própria pessoa (*BH*, IV, XXIV, 1-7)!

O papel exercido por Carondas como legislador fez com que a cidade, marcada por diversos problemas internos, fosse capaz de resolvê-los graças à moderação e as virtudes que o legislador possuía (“cidadão admirado [*thaumazoménōn*] por sua cultura”, XII, XI, 3). Carondas foi uma espécie de Sólon para o Ocidente grego, estabelecendo leis que levaram à concórdia geral entre os habitantes de Túrio. Suas leis permitiram que os vícios e as “más frequentações” tivessem fim na cidade; os cidadãos, que antes se matavam pelos mais variados motivos, estavam agora sujeitos a obedecer à lei. Diodoro louva as “letras e a escrita” que permite aos homens registrar os acontecimentos para a posteridade:

O legislador (*nomothétēs*) colocava, com efeito todas as letras (*grammatikēn*) acima de todas as outras disciplinas, e com justiça: é através delas, pensava ele [Carondas], que são realizadas a maior parte das obras mais proveitosas para a vida, votos, correspondência, tratados, leis, tudo aquilo que, em geral, melhora a condição humana. Que maior elogio fazer ao ensino da escrita? Somente através dela os mortos subsistem na memória dos vivos; [...] nos tratados de paz entre os povos ou entre os reis, os caracteres irrecusáveis oferecem grande e sólida garantia que permitem assegurar a permanência das convenções; enfim, as mais deleitáveis sentenças dos sábios, os oráculos divinos, em seguida a filosofia e toda a cultura, é a escrita que preserva e que não cessa de transmitir à posteridade para eternidade. É por isso que é necessário atribuir à natureza a responsabilidade da vida, mas à cultura, composta de escritos, essa do bem viver, em conseqüência, persuadido que os iletrados estavam privados de grandes vantagens, Carondas, por essa legislação, foi o autor de um progresso que justificava, segundo sua opinião, que a coletividade se interessava e que deveria financiar (*BH*, XII, XIII, 1-4).

Embora critique a retórica, Diodoro a usa para realçar aquilo que *julga* ser do interesse do leitor. Por isso cita especialmente uma lei criada por Carondas concernente à vida privada: era proibido a qualquer homem impor uma madrasta para os filhos e lhe era interdito tomar parte em qualquer decisão relativa à pátria. “Porque ele dizia, que, quem havia obtido sucesso no primeiro casamento, deveria se manter ali; mas quem não havia tido sucesso e se expusesse a um segundo fracasso, deveria ser tomado por louco” (BH, XII, XII, 1). Diodoro ainda arremata: “na verdade, quem se engana duas vezes no mesmo domínio, merecia bem o nome de louco” e cita o poeta Filémon que pôs em cena dois personagens que atravessavam o mar: “O que me espanta (*tethaúmasas*), não é que se navegue, mas que se navegue duas vezes!” (BH, XII, XIV, 2). Talvez essa seja a única passagem que vemos Diodoro tratar com humor algo que ele considera importante: “verso [o acima citado] que poderíamos assim parodiar: o espantoso (*thaumázein*) não é que alguém se case, mas que se case duas vezes; tanto mais que é melhor confiar duas vezes no mar do que nas mulheres!” (BH, *Idem*). Para Diodoro, Carondas tem plena razão ao instituir essa lei: na verdade, todas as mais terríveis dissensões começam no ambiente doméstico, onde os filhos contrariam o pai, incitados pela madrasta; na verdade, segundo Diodoro, numerosos crimes que assim começam, resvalam para a tragédia. Outra lei importante promulgada por Carondas diz respeito àqueles que se recusam a pegar em armas para defender a pátria. Para outros legisladores a condenação à morte era o castigo habitual, mas o sábio legislador modificou também essa lei: os culpados deveriam permanecer durante três dias vestidos de mulher na ágora. Essa lei era mais humana (*philanthōpóterós*) do que todas as outras, pois obtinha sucesso em desviar os homens da covardia e da ignomínia, afinal, era melhor morrer lutando pela pátria do que sofrer a humilhação de ser visto vestido de mulher em praça pública (mais humilhante do que a morte). Para Carondas, “ceder a um legislador era excelente; a um simples cidadão, totalmente absurdo, mesmo se vier a obter qualquer vantagem; e, sobretudo, por um tal procedimento, ele impediu que pessoas, diante de um tribunal julgando as ilegalidades, sustentassem argumentos e interpretações desmentidas pela letra das leis, de arruinar a autoridade daqueles com seus argumentos astuciosos”. Era permitido à mulher e ao homem se divorciarem de maneira igualmente idêntica,

conquanto não se casassem com companheiros que fossem mais novos do que os ex-cônjuges. A morte de Carondas não foi menos extraordinária (*parádoxon*): realizava uma viagem na região e estava munido de uma espada para se proteger de salteadores; um dia, vendo que a assembléia estava em tumulto, aproximou-se para saber o que estava acontecendo. Ora, segundo uma de suas leis, ninguém poderia aproximar-se da assembléia portando uma arma e ele havia se esquecido de que estava com sua espada. Seus inimigos se aperceberam disso e arrumaram um pretexto para acusá-lo, dizendo em voz alta: "Você veio abolir sua própria lei!". Carondas respondeu: "Não, eu a vim sancionar!" Tirou sua espada e se matou ali mesmo. Diodoro gosta mesmo de mostrar pequenos exemplos para seus leitores, pois tais histórias bastam a si mesmas. Não é necessário ao leitor correr toda a obra para descobrir uma anedota edificante. Todos os livros possuem semelhantes historietas que mostram os mais variados personagens e seu comportamento na "vida real".²⁵⁹

Encontramos também, nos fragmentos, várias sentenças morais e julgamentos de personalidades históricas importantíssimas, no decorrer da narrativa da Guerra Anibálica. Embora o livro seja fragmentário, o relato diodoriano é vívido e apaixonante. Os conflitos das cidades gregas contra Cartago e o conflito com os romanos ganham contornos extremamente emocionantes que, muitas vezes, não encontramos na narrativa da história grega. Mesmo sendo Aníbal pintado como cruel e ímpio (e os cartagineses de um modo geral), Diodoro sabe também reconhecer suas qualidades de grande general e estrategista.²⁶⁰ Especialmente interessante, é a maneira como Diodoro faz a Divindade alertar aos cartagineses como seus revezes na guerra são, muitas vezes, culpa de seu próprio desleixo ao não agradar aos deuses.

²⁵⁹ Nota-se também na *Biblioteca Histórica* que, no início de cada livro, Diodoro sempre recorre a um pensamento filosófico para exemplificar o que vai ser narrado naquele livro, de modo que o leitor já tenha uma idéia clara do que deverá aprender com a leitura daquele volume.

²⁶⁰ No livro XX, 3-9, [batalha contra Cartago na África] encontramos a expressão "contrário a toda expectativa" (*parádoxos, anelpístōs*) cinco vezes, além de "espanto" (*thaumázein*). O relato de Diodoro é realmente emocionante com a intervenção da divindade e a ocorrência de fenômenos da natureza aparentemente inexplicáveis.

É, sobretudo quando as coisas vão mal é que todos os seres humanos estão acostumados a se lembrar da Divindade (*toû daimoníou*). Sempre, portanto, que no sucesso e na vitória eles desprezam os deuses como se não estivessem que nas imaginações fabulosas, o insucesso os reconduz ao galope ao temor natural dos homens. Esse foi particularmente o caso dos cartagineses que, diante da gravidade dos perigos suspensos acima de suas cabeças, procuraram realizar os sacrifícios negligenciados após longos anos e multiplicaram as honras prestadas à Divindade. (*BH*, XXIII, Fr. 13)

A censura é dirigida de maneira clara aos personagens do conflito e Diodoro assume o papel de juiz:

Incapaz de levar adequadamente o peso da Boa Fortuna (*eutychián*), como se ela se tratasse de um pesado fardo, ele se privou de uma glória imensa (*tês megístēs dóxēs*) e jogou sua pátria no meio de grandes calamidades (*BH*, XXIII, Fr. 16).

Agatócles, tirano de Siracusa, ocupa papel de grande destaque na *BH*. Sua história é uma autêntica biografia que começa a ser narrada no livro XIX (ocupando pequeno espaço ²⁶¹, XIX, IX; XIX, LXV; XIX, LXXX-LXXII, 1; XIX, CII-CIV; XIX. CVI-CX), a maior parte do livro XX até sua morte narrada no livro XXI (fragmentário). ²⁶² Ao contrário dos biografados já mencionados, Diodoro não nutre por Agatócles nenhuma simpatia (o que parece acontecer também com outros tiranos do ocidente grego como Dênis, o Antigo e seu filho e com Hierão ²⁶³). A crueldade e os atos terríveis cometidos por Agatócles são, para Diodoro, tão escabrosos que, em muitas ocasiões, ele diz preferir não narrá-los para o leitor, pois não acrescentaria nada o conhecimento de tais atrocidades. Mas, a despeito das opiniões pessoais de Diodoro sobre Agatócles, soube reconhecer seus feitos (compatíveis com suas monstruosidades) e teve, como qualquer grande figura histórica (ou lendária), um nascimento marcado por acontecimentos miraculosos como salvamento “contra toda expectativa” ²⁶⁴ Da narrativa diodoriana se depreende que a vida de Agatócles, não obstante sua humilde condição (era oleiro por profissão), encaminhou-se para um

²⁶¹ A narrativa principal do livro XIX é a história dos diádocos e de sua luta pelo poder.

²⁶² Em excelente edição de Paul Goukowsky (editor do livro XVII e XVIII da *BH*) publicada pela editora Les Belles Lettres em 2006 (livros XXI-XXVI).

²⁶³ A partir dos livros históricos, Diodoro sempre narra a história da Magna Grécia e da Sicília, como podemos comprovar nos livros XIII, XIV, XVI, além dos já acima citados.

²⁶⁴ O tema de salvamentos miraculosos é recorrente na história: Moisés, Sargão, Ciro o Grande, Rômulo e Remo e vários outros.

grande sucesso desde os primórdios de vida. Isso foi confirmado quando ainda era criança, pois sua mãe havia mandado consagrar uma estátua em pedra do filho no santuário e, imediatamente, um enxame de abelhas fez sua colméia sobre os quadris da estátua. Tal presságio (*sēmeion*) foi corroborado pelos entendidos do assunto que disseram que, quando se tornasse adulto, seria uma pessoa ilustre “o que se confirmou” (*BH*, XIX, II, 9). Devido a sua beleza e porte altivo, um certo Damas, homem riquíssimo, apaixonou-se por Agatócles, cobrindo-lhe de presentes, melhorando consideravelmente sua posição social; pôde então deixar de preocupar-se com a sobrevivência e dedicar-se à guerra e à política. Comprou equipamentos pessoais de guerra que o deixaram ainda mais altivo (para não dizer, bonito) ²⁶⁵. Tornou-se quiliarco e aumentou ainda mais o seu prestígio que, aliado à sua bravura e intrepidez nas batalhas, permitiu-lhe alcançar sucesso político; quando Damas morreu, além da fortuna herdada, casou-se também com sua mulher e transformou-se em um dos cidadãos mais ricos de Siracusa. Entretanto, a Sicília e a Magna Grécia viviam momentos de grande turbulência política entre si e com os cartagineses. As ambições políticas de Agatócles ²⁶⁶ eram colossais e começou a preparar-se para conseguir o poder primeiro em Siracusa e, posteriormente, nas outras cidades gregas. Essa não era uma tarefa fácil, tendo em vista o enorme poderio cartaginês e as dissensões políticas no interior das *póleis*. A peculiaridade da história da Magna Grécia e da Sicília é a grande quantidade de cidadãos que eram obrigados a se transferir constantemente de uma cidade para outra, devido ao fato de que os tiranos na região queriam exercer o poder não em uma *pólis*, mas em várias. Portanto, Agatócles viu nessa confusão toda uma oportunidade a ser aproveitada, não importando os meios para alcançar seus objetivos. Conforme o próprio Diodoro relata, os supostos “inimigos” de Agatócles eram todos da mesma estirpe do futuro dinasta da Sicília: “havia passado quase toda a sua existência em complôs, mortes e sacrilégios” (*BH*, XIX, II, 3). O que Diodoro nos mostra em toda a história de Agatócles é também uma sucessão de complôs, mortes e sacrilégios perpetrados por ele mesmo, sem qualquer gesto de *philantrōpía* pelo gênero humano em geral e

²⁶⁵ A beleza de Agatócles é também reconhecida por Justino em sua *História Filípica*, XXII, 1-12. Segundo o mesmo autor, Agatócles fazia sucesso “com ambos os sexos” sendo essa particularidade grande responsável por seu sucesso (financeiro) e sua conseqüente despreocupação com a sobrevivência.

²⁶⁶ Diodoro o chama de dinasta.

pelos gregos em particular, algo que Diodoro abomina. Ele sempre denunciou a violência “contra gregos, realizada pelos próprios gregos”. O mais espantoso na história de Agatócles é o fato de Diodoro não mencionar a Fortuna a seu lado, mas, ao mesmo tempo, durante toda a narrativa, o “inesperado” está sempre presente a favor de Agatócles. Afinal, se pergunta Diodoro (com incredulidade), desde o início da história de Agatócles: como pôde, semelhante homem, proveniente de baixa condição social ²⁶⁷, ter conseguido tamanho poderio? Como o inesperado pôde agir o tempo todo a favor de um homem como Agatócles? Sempre que o tirano se encontrava em alguma dificuldade, algo “contra toda a expectativa” acontecia. É verdade também que Diodoro não possui nenhuma simpatia para com os cartagineses que nomeia de bárbaros e os considerava extremamente violentos. ²⁶⁸ Por isso, a história de Agatócles é tão interessante na narrativa de Diodoro. Ele não nutre simpatia por nenhum dos lados e, me parece, que o inesperado “age” para dar certo tom de neutralidade ao relato.

Quando Agatócles começa a combater na África contra os cartagineses, os mesmos não esperavam por tal acontecimento: de maneira inesperada (*paradoxōs*), os siracusanos conseguiram recuperar um navio de grãos, escapando do perigo da fome. Diodoro descreve esse fato como um acontecimento emocionante, pois livrou os gregos da fome e do perigo (*BH*, XX, 5, 4). Agatócles estava a ponto de perder, quando, repentinamente, conseguiu reverter a situação, de modo inesperado (*anelpístou*): no outro dia, um eclipse do sol deixou todo o céu na maior escuridão, sendo possível ver estrelas em qualquer lugar do céu. O tirano não viu tal acontecimento como um presságio favorável e foi tomado por grande ansiedade em

²⁶⁷ Diodoro desconfia de tais homens: os “heróis” na *BH* são homens bem nascidos e que receberam educação privilegiada e com modelos positivos que pudessem seguir no “bem agir”. Como poderia homens sem nenhuma distinção social realizar grandes feitos de maneira correta e justa e garantirem o direito à “glória imortal” que somente a história poderia conceder?

²⁶⁸ Embora admire Amílcar Barca [“que Amílcar (Barca) receba da história, como uma oração fúnebre, o elogio que lhe pertence” *BH*, XXV, Fr. 11, continuação] “por ter prestado grande quantidade de serviços à sua pátria e também à Sicília”, uma vez terminada a guerra na África “formou uma facção política formada pelos piores celerados” (*BH*, XXV, fr. 10). Em outro fragmento, ele diz que a divindade (*daimónion*) castigou os cartagineses por seus atos ímpios (*Idem* fr. 7). Para Diodoro, os cartagineses eram cruéis e os romanos piedosos (*BH*, XXVI, fr. 20) o que não deixa de ser um lugar comum na historiografia grega. Mesmo assim, os historiadores gregos foram capazes de reconhecer a capacidade militar e tática dos mesmos (é o caso de Políbio).

relação ao futuro. Ele sabia que sua situação, mesmo com seus estrondosos sucessos era frágil, pois, em qualquer cidade que conquistava, perpetrava crimes horríveis mandando matar quem quer que ele suspeitasse que pudesse vir, no futuro, a lhe fazer oposição. Realmente, nem todos os gregos estavam a seu lado; havia muitos siracusanos exilados (parte dos Seiscentos que ele havia derrubado para chegar ao poder) e, esses, muitas vezes faziam acordo com os cartagineses com o intuito de derrubá-lo. Mas suas vitórias na África contra Cartago foram, de fato, um feito notável ²⁶⁹: Diodoro aproveita, para mais uma vez, relatar o comportamento deplorável dos bárbaros cartagineses. Após a derrota contra o exército de Agatócles, eles realizaram sacrifícios humanos para aplacar a ira de suas divindades; escolheram duzentas crianças entre as de mais nobre nascimento e outras trezentas “voluntárias”, colocando-as em uma espécie de sepultura, até que a mesma ficasse cheia e, então, as crianças eram queimadas em sacrifício (*BH*, XX, 14, 1-7).

Mesmo com a derrota cartaginesa, a guerra seguiu em duas frentes: na Líbia (África) e na Sicília. Amílcar, general do exército na Sicília, havia conquistado importantes postos, avançando com seu exército em direção a Siracusa, com a intenção de tomar a cidade e pilhá-la completamente. Conseguiu impedir a importação de grãos e destruiu toda a colheita e conseguiu capturar Olimpieum (perto do rio Anapus), decidido a atacar os muros da cidade, pois um profeta havia predito que, no dia seguinte, certamente iria jantar em Siracusa. Sabendo o que iria ocorrer, os habitantes da cidade resolveram, durante a noite, enviar sua infantaria e cavalaria para ocuparem rapidamente Eurileus (passagem montanhosa perto do rio Anapus); entretanto, os cartagineses avançaram durante a noite, também com o intuito de travar uma batalha decisiva. O local e a hora não contribuíam para que a batalha pudesse ocorrer da maneira prevista pelas partes. A região, tomada por estreitos desfiladeiros e escura por ser noite, provocou uma confusão generalizada. Tendo os siracusanos conseguido tomar posição na região mais alta, colocaram os cartagineses em situação de clara desvantagem, em parte por causa do súbito aparecimento do inimigo, em parte por causa da própria ignorância em relação ao

²⁶⁹ Embora Agatócles não tivesse interesse em destruir Cartago; ele pretendia apenas manter seu poder junto às cidades gregas.

terreno em que estavam lutando, de modo que a deserção cartaginesa começara, não obstante os fortes apelos de Amílcar. Diodoro credita o sucesso dos siracusanos à inconstância da Fortuna (*tês týchēs*) e a estranha (*anōmalía*) maneira pela qual os eventos humanos mudam totalmente “contrário à toda expectativa” (*parálogon*) (*BH*, XX, 30, 1). Ele admite ainda as qualidades de Agatócles: sua coragem de combater contra os cartagineses, a vitória espetacular no rio Himera, além de ter conseguido capturar vivo Hamílcar “o mais famoso dos cidadãos de Cartago” e, ainda, o mais espantoso (*tò thaumasiōtaton*): mil e duzentos soldados de infantaria e cinco mil soldados de cavalaria haviam sido derrotados na batalha por um número bem menor de soldados gregos (*BH*, XX, 30, 1). Agatócles aproveitou para se livrar de Amílcar, ao mesmo tempo em que deu uma lição aos cartagineses; assim se cumpriu a profecia de que o mesmo jantaria na cidade conquistada; “a divindade (*toû daimoníon*) havia apresentado a verdade sob disfarce” (*BH*, XX, 30, 2). Uma antiga inimizade entre Hamílcar e uma família fez com que Agatócles o entregasse a ela e o fizesse perecer sob as mais terríveis torturas e indignidades (*Idem*).

Assim que os cartagineses ficaram sabendo do grande desastre que haviam sofrido, refletiram sobre seus infortúnios (*atykhēmátōn*) e decidiram se separar dos gregos (contrários a Agatócles). Os exilados decidiram eleger Deinocrates estrategista e os cartagineses aquele que era o segundo depois de Hamílcar. Nessa mesma época, os acagrantinos pensaram que a situação na Sicília estava favorável e resolveram fazer nova tentativa no sentido de retomar o controle de toda a ilha por pensarem que os cartagineses dificilmente conseguiriam sustentar uma guerra contra Agatócles. Deinocrates buscou apoio entre os exilados para conseguir armas; a situação em Siracusa também estava grave com a população vivendo em estado de fome e miséria. Desesperados, mandam barcos em direção ao porto de modo a interceptar uma carga de grãos. Entretanto, os cartagineses contra-atacaram e conseguiram capturar dez dos siracusanos que, no entanto, foram salvos com muita dificuldade. A sorte de Agatócles parecia não ter fim: na Líbia, carregando a cabeça de Hamílcar, mostrou-a para os cartagineses que diante de semelhante espetáculo, ficaram completamente aterrorizados. O tirano pensou que estava no auge, devido a seus sucessos na Líbia; e nem sequer cogitou em pensar que a Fortuna (*eutýkhēmátōn*) poderia mudar de lado; achou que estava completamente salvo de

quaisquer perigos e não percebeu que a mesma (*he týchē*) não permitia que o sucesso permanecesse muito tempo no mesmo lugar (*BH, XX, 33, 2-3*). Exatamente quando se está no auge é que se deve ter prudência: como seus predecessores quando também estavam no auge, foi incapaz de perceber o fato de que, exatamente porque estava em seu melhor momento, corria o maior perigo juntamente com seus soldados. Não tardou a perceber o quão frágil era o sucesso.

Convidado para um jantar por Lisisco, um de seus comandantes, rapidamente o mesmo ficou bêbado e começou a se mostrar extremamente inconveniente, proferindo impropérios contra Agatócles, com grande amargura. Mas, como rei o tinha em alta conta, devido às suas qualidades militares, estava disposto a deixar as coisas como estavam. Entretanto, seu filho Agatarco censurou e ameaçou Lisisco. Findo o jantar, os ânimos ainda não haviam serenado e Lisisco foi atrás de Agatarco para ridicularizá-lo por ter um caso com a própria madrasta, sem que Agatócles tivesse conhecimento desse assunto. O filho de Agatócles não agüentou tamanha ofensa e partiu para cima de seu opositor matando-o. Ao amanhecer, quando os soldados de Lisisco ficaram sabendo do ocorrido, a situação de Agatarco se deteriorou rapidamente; em pouco tempo o palácio foi tomado por imensa confusão e balbúrdia, exigindo que o filho de Agatócles pagasse pelo crime cometido. A situação havia descambado para uma sedição. Diodoro mostra como as vitórias de Agatócles eram ilusórias: com sua tirania, os apoios que recebia estavam sujeitos a bruscas mudanças e, ao menor sinal de descontentamento, sua situação ficava extremamente frágil. Não havia nem uma noite que havia vencido os cartagineses e a Fortuna já havia mudado de lado. Somente com muitos sacrifícios é que conseguiu salvar seu filho, transformando a pena de morte em pagamento de uma dívida (Agatarco também alegou legítima defesa para justificar a morte de Lisisco e não revelou o real motivo da contenda) (*BH, XX, 33, 7-8*).²⁷⁰ Além disso, como um homem capaz de realizar os mais terríveis atos, sem que os mesmos pesassem em sua consciência, era até “natural” que tais desgraças ocorressem junto aos que os cercavam. Afinal, que melhor exemplo para praticar atos horríveis se tinham o

²⁷⁰ Entretanto, o tirano não hesitou em deixar seus dois filhos e as tropas e fugir para a Itália quando o perigo o ameaçou. Assim, foram brutalmente mortos pelos cartagineses, sem que ele fizesse nada para salvá-los. Justino reprova veementemente tal comportamento. Se nesse momento Agatócles salvou seu filho, não foi por amor ao mesmo e, sim, para salvar a própria pele e manter seu poder.

próprio dinasta como exemplo? Como Diodoro repete em numerosas ocasiões, não somente na história de Agatócles: “não é certo agir contra a natureza”, ou seja, ir contra os costumes é algo *moralmente* condenável. É isso que tanto o desagrada em Agatócles, pois o último não tem um limite que o faça parar; suas ambições são repletas de *hýbris* (embora Diodoro não mencione a palavra) e para realizá-las não tem o menor escrúpulo. Ele nunca alternou, durante toda a sua existência, os males com os bens concedidos, jamais demonstrou qualquer *philantrōpía* para qualquer ser humano. Nunca pretendeu, como Alexandre, conquistar o mundo, ou levar consigo valores e ideais gregos e transmiti-los aos outros; se por vezes o Conquistador era cruel, fazia-o por necessidade ou por impulso, nunca por maldade.²⁷¹ Freqüentemente se arrependia de algo e buscava recompensar as pessoas que porventura tivesse prejudicado. Agatócles ao contrário castigava sempre; seu reinado foi marcado pelo puro terror e seu desejo era apenas o de enriquecer. Se foi um excelente general — Diodoro faz questão de narrar suas brilhantes vitórias —, isso não o tornava um exemplo a ser seguido, devido ao excesso de maldades e iniquidades cometidas. Apesar da beleza de sua Sicília, local que ele mesmo afirma ter sido privilegiado pela visita dos deuses, a desgraça com que foi abatida pelo governo de tantos tiranos tornava sua história muitas vezes terrível. Por isso faz questão de mostrar o papel dos legisladores que criavam leis que pudessem ser respeitadas por todos (como as leis de Diocles). Estranhamente, parece que a passagem de Hércules pela Magna Grécia e Sicília ensinou mais sobre humildade e piedade para com os deuses aos romanos do que aos próprios gregos (tal como narrada no livro V)!

O final de Agatócles foi condizente com sua vida cheia de crimes. Embora velho, ainda tinha planos a realizar na África, não obstante uma paz firmada com os cartagineses. Pensava em lá retornar uma vez que sua frota naval era considerável (duzentos navios e galeras de quatro a seis fileiras de remadores, *BH*, XXI, Fr. 29); pretendia também estabelecer sua sucessão dividindo a monarquia com seu neto Agatarco, o Jovem (filho do seu filho Agatarco que havia sido assassinado na

²⁷¹ No livro XVII Diodoro sempre menciona a “mansuetude” de Alexandre, sua “bondade” e sua “natural generosidade”. O Conquistador nunca quisera nada para si por isso distribuía com tanta prodigalidade grandes quantias para seus soldados. Os excessos de Alexandre também são narrados por Diodoro, mas, no geral, o *portrait* de Alexandre é extremamente positivo.

campanha da África ²⁷²); o rapaz era magnífico devido à sua bravura e caráter corajoso. Em seguida, por motivos não explicados por Diodoro (ou por faltar no relato fragmentário), escreve uma carta a Agatarco solicitando-lhe que lhe remetesse o comando das forças navais e terrestres. ²⁷³ O neto percebeu que não ficaria com o poder e resolve urdir um complô contra o avô. Para isso contou com a ajuda de Ménon, nativo de Segesto, que havia sido feito prisioneiro e, devido à sua beleza física, havia se tornado escravo de Agatócles; durante longo tempo foi do círculo de amantes e amigos do soberano. Entretanto, devido aos ultrajes sofridos por sua pátria nas mãos de Agatócles, era-lhe secretamente hostil, buscando apenas uma ocasião favorável para se vingar. O motivo e a oportunidade haviam se juntado para que pudessem agir contra o soberano. Nas manhãs, Agatócles tinha o costume de, após a refeição, limpar os dentes com uma pluma; mas Ménon colocou nela uma grande quantidade de veneno, de modo que o rei, sem nada saber, tomou contato com o veneno corrosivo em suas gengivas, provocando sofrimentos insuportáveis e dores lancinantes com o passar dos dias. Tal abscesso tornou-se incurável e, percebendo sua morte iminente, convocou a Assembléia e acusou publicamente Agatarco de impiedade, incitando o povo a se vingar. Instituiu, assim, o governo democrático! O mais incrível ainda estava por acontecer: após a morte, seu corpo foi colocado ainda vivo na pira para ser queimado; como estava incapacitado de emitir qualquer som devido à doença em sua boca, foi queimado! Diodoro assim conclui a história de Agatócles:

Após ter, durante seu reinado, multiplicado as mortes sob todas as formas possíveis, após ter adicionado à crueldade para com os homens de seu povo a impiedade para com os deuses, Agatócles terminou sua vida como merecia sua conduta criminal: ele governou vinte e oito anos e viveu setenta e dois anos (*BH*, XXI, 5).

²⁷² Agatócles abandonou-os à própria sorte junto aos cartagineses. Justino também reprova Agatócles ao afirmar que é "raro exemplo de covardia de um rei que abandona seus exércitos e um pai que trai seus filhos". (XXII, VIII, 12). Foram nessas condições, de traição a todos os que o cercavam, que realizou tratado de paz com os cartagineses. Pode-se, aliás, ter uma visão mais clara dos momentos finais de Agatócles através de Justino, pois o livro XXI de Diodoro (fragmentário) contém poucas informações para compreensão de como a situação chegou a tal ponto. Mas os fragmentos são inequívocos em relação ao final da vida de Agatócles.

²⁷³ Devido ao caráter de Agatócles, tal decisão não seria nem um pouco surpreendente.

A narrativa da vida de Agatócles é uma das mais emblemáticas da *Biblioteca Histórica*, primeiramente por funcionar como um exemplo “negativo” para os leitores e também por ser narrada com tantos detalhes. Não obstante todos os males provocados pelo tirano e de todas as tentativas para que fosse escorraçado do poder, conseguiu nele permanecer por muitos anos. Só foi punido pelas maldades cometidas no último momento de sua vida e “contra toda expectativa” conseguiu derrotar a todos mesmo usando os métodos mais ignóbeis. Não respeitou aqueles que o ajudaram nem sua família ou amigos. O relato diodoriano mostra que, já que durante a vida de Agatócles o mesmo não pôde ser julgado, caberia então à história esse papel. Mesmo tendo tido uma morte horrorosa, Agatócles realizou em vida toda sorte de maldades e atos horríveis sem que nada pudesse impedi-lo. O acaso colaborou para que permanecesse impune; mas sendo a história um tribunal que não descansa, Diodoro agiu como um juiz que não permitiu que uma vida assim tão terrível ficasse sobre as sombras. Portanto, não basta, para Diodoro, ter realizado grandes façanhas guerreiras: era necessário também ter um comportamento à altura de tais qualidades. Não foi o caso de Agatócles que, embora tenha conseguido permanecer no poder por tão longo tempo, não serviu de exemplo para ninguém, pois a única coisa que almejava era o interesse próprio; nem mesmo a glória ele desejou e dessa forma também não a obteve. Suas realizações só contribuíram para ele próprio e, portanto, não tem valor para Diodoro. Deve-se apreender da vida de Agatócles algo que *não deve servir como exemplo*.

Longe de ser uma simples “estante da história” (e uma compilação de vários autores) como Plínio, um dos seus primeiros críticos afirmara, a *Biblioteca Histórica* é um manual no sentido de que contém uma série de regras e princípios que orientam a conduta de indivíduos. A narrativa histórica de acontecimentos é, para Diodoro, uma fonte inesgotável de *exempla* que servem para os homens como guia em sua vida cotidiana. Todos os personagens descritos por ele em sua obra monumental podem ser vistos, de algum modo, como pessoas que estão sendo testadas pela vida constantemente. O historiador, por ter acesso aos documentos e buscar através deles realizar uma narrativa de “como tudo aconteceu”, tem a capacidade de mostrar para os leitores, não apenas o desenrolar dos acontecimentos, mas o comportamento que tais personagens tiveram diante das mais diferentes

circunstâncias da vida. A história diodoriana não é um simples amontoado de narrativas, mas uma narrativa que contém um sentido. Escrever uma história universal não significa narrar tudo, mas implica escolher *o quê narrar*. O sentido está justamente em mostrar a “utilidade” da história. Longe de ser neutra ou apenas narrativa desinteressada de fatos ocorridos, ela busca estabelecer um diálogo com o leitor que Diodoro pretende, seja um *discípulo* que viva com equilíbrio, saiba distinguir o bem do mal, e também agir nos momentos prósperos ou difíceis da existência. Para Diodoro, o leitor da *Biblioteca Histórica* não estava interessado apenas em conhecer os fatos do passado e adquirir “cultura” ou “conhecimento”, mas alguém que estava em busca de se aprimorar interiormente. Se seus objetivos explicitados tão claramente no próêmio e levados a cabo em sua obra foram alcançados, não poderíamos saber ao certo, porque o que nos restou foi, sobretudo, a crítica corrosiva que menosprezou seu trabalho e foi incapaz de compreender o que pretendia e o caráter didático que imprimiu à *Biblioteca*. Mas não deixa de ser interessante que os textos dos fragmentos que chegaram até nós sejam, sobretudo, sentenças morais. Mesmo tendo sido criticado por seu moralismo, é ele que fica patente por toda a obra e também nos fragmentos. Se realmente a última cópia da *Biblioteca* foi perdida com o saque de Constantinopla em 1453, sua obra teve uma fortuna crítica considerável no mundo cristão. Não surpreende que Diodoro tenha sido citado com frequência por historiadores, eruditos e apologistas cristãos como São Jerônimo, Eusébio de Cesaréia e que tenham sido eles os responsáveis por perpetuar uma obra que pregava um comportamento calcado no exemplo de modelos considerados *ideais*. Diodoro julgava seus personagens históricos de maneira peremptória tomando partido em sua narrativa. Quando a história científica alemã no século XIX tentou estabelecer métodos que possibilitassem a neutralidade da história, que papel poderia ter um historiador moralista como Diodoro que, antes de cultivar uma suposta neutralidade, utilizava a história como uma tribuna para julgar a todos abertamente? Ele não tinha, de fato, a mesma elegância narrativa de Heródoto, o método de Tucídides (que pretendia fazer da história uma “aquisição para sempre”), ou a empolgante narrativa de Políbio da ascensão romana. Diodoro foi um educador que falava para o homem de sua época (embora dissesse que a

história garantia a glória ou o opróbrio imortal)²⁷⁴, se preocupava com o presente e a originalidade estava longe de ser seu principal objetivo. Como poderia ser incluído no rol em que figuravam os grandes historiadores se se preocupava apenas em ensinar repetindo incansavelmente em cada livro éticas comportamentais? Como um professor, ele precisava repetir determinados conceitos *ad nauseam* para que tivesse certeza de que seria não somente entendido, mas acima de tudo efetivamente *imitado*? Sua tarefa foi inglória, posto que não inovou na narrativa histórica e utilizou abertamente outros historiadores (de acordo com seus interesses), mas no entanto, cumpriu integralmente aquilo que se propôs a fazer:

Com efeito, todos os homens, devido à sua fraqueza natural, vivem uma ínfima parcela de toda a eternidade e permanecem mortos por todo o tempo posterior. Para os que nada fizeram digno de consideração enquanto viveram, junto com o fim dos corpos morre também todo o resto de suas vidas, enquanto que, os que adquiriram fama pela virtude, as ações são lembradas por toda a eternidade, celebradas pela mais divina das bocas: a da história. Ora, julgo que é belo para os sensatos trocar os trabalhos mortais pelo louvor imortal [...], pois a história imortaliza as virtudes. [...] Considerando-se sua divisão em várias partes, acontece que a poesia tem mais encanto que utilidade, a legislação reprime, mas não *instrui*, bem como, de modo semelhante, alguns dos demais gêneros não contribuem para a felicidade, outros misturam o prejuízo com a *utilidade*, outros ainda mentem à conta da verdade — e só a história, em que as palavras concordam com os fatos, abarca com a escrita tudo o que é *útil*. Com efeito, vê-se que ela incita à justiça, acusa os medíocres, louva os bons, em resumo: *proporciona ao leitor a máxima experiência*. Assim, também nós, observando que os que se ocuparam dela objetivaram uma justa recompensa, fomos levados a emular o mesmo projeto. Prestando atenção nos historiadores que nos precederam, aprovamos sim seu propósito o máximo possível, mas pensamos que suas obras não esgotaram tudo o que era *útil e possível*. Pois, estando o *proveito do leitor* em apreender circunstâncias variadíssimas, a maioria escreveu guerras particulares de um só povo ou uma só cidade, enquanto apenas um pequeno número começou nos tempos antigos e ocupou-se em escrever os fatos do mundo inteiro até a nossa época. [...] Como os períodos e acontecimentos estão espalhados em muitas obras e diferentes historiadores, torna-se difícil *apreendê-los e memorizá-los*. Então, após verificarmos a disposição de cada um deles, decidimos realizar um projeto histórico que pode ser de grande proveito para o leitor, provocando-lhe o mínimo de enfado. Com efeito, se alguém relatasse a história do mundo inteiro transmitida à

²⁷⁴ Será que a história para Diodoro funcionaria como a tragédia no sentido aristotélico do termo, que provocaria no leitor um sentimento de catarse, que o incitaria a não cometer os mesmos erros que os narrados, ou, ao contrário, seguir o exemplo dos bons?

memória, como se fosse de uma única cidade, começando a escrevê-la desde os tempos mais antigos, tanto quanto possível, até sua própria época, é evidente que assumiria um pesado trabalho, mas comporia a mais cômoda e de todas as obras para os amantes da leitura. Pois será permitido que cada um tome prontamente o que for *útil* a seus próprios desígnios, *como se tirasse água de uma fonte abundante*. De fato, para quem projeta percorrer as histórias de tantos historiadores, primeiramente não é fácil encontrar os livros que atendam *sua necessidade*; em seguida, em vista da desigualdade desses tratados e de seu volume, *a apreensão dos fatos torna-se muito difícil*. Ao contrário, a obra redigida com uma organização única, entrelaçando as ações, *provê uma leitura corrente e permite que facilmente se siga o que se apreende*. De uma perspectiva geral, é preciso admitir que ela, assim, ultrapassa as outras, na medida em o todo é mais *útil* que a parte, e o contínuo mais que o fragmentado — e, além disso, que o cronologicamente é mais *útil* que aquilo de que não se sabe a época em que se produziu.²⁷⁵

Falar e ensinar para o homem comum que desejava aprimorar seus conhecimentos acerca da vida, do mundo, de povos e costumes variados; sem ter escrito tratados eruditos, ou teorias inovadoras no campo da *epistemē*, um professor que ensina seus alunos sem que os mesmos precisem freqüentar uma escola, despende grandes somas de dinheiro ou “sofrer” para aprender. O mestre consciencioso que escreveu o livro fez tudo isso para seus alunos, e, é bem possível que esse suposto “homem comum” tenha adorado a *Biblioteca Histórica* (ela certamente lhe foi *útil* exatamente como Diodoro pretendia). Mas como iremos saber se os objetivos de Diodoro foram alcançados se só ouvimos os ecos dos eruditos — que o colocaram no nível da mediocridade — que foram exatamente os que tiveram voz na história? Uma estranha ironia que Diodoro não podia prever.

²⁷⁵ Tradução de Jacyntho Lins Brandão retirada de HARTOG. *A história de Homero a Santo Agostinho*, pp. 127-137. Todos os grifos são meus.

A novidade da época helenística é que ela deu lugar a uma circulação internacional de idéias, mas, entretanto reduzindo fortemente seu impacto revolucionário [...]: a atmosfera geral é de respeitabilidade.

Arnaldo Momigliano

Sagesses barbares

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de termos percorrido um longo caminho na leitura da obra diodoriana não podemos, de maneira nenhuma, considerá-la uma mera “estante da história”. O autor explicitou no próêmio o objetivo de narrar a longa história da humanidade tarefa que, longe de ser simples (mesmo que resolvesse, como afirmam seus detratores, “copiar e colar” outros autores), colocou-lhe obstáculos imensos. Não seria possível envolver-se em tal empreitada, não pudesse o mesmo utilizar historiadores que o precederam. Mas utilizá-los não o torna um mero compilador. Do ponto de vista grego, o que torna alguém um historiador? Para Heródoto era necessário fazer uma enquete (pesquisa, *historiēs*) que implicava viajar e conhecer *in loco*, através da *autópsia*, aquilo que iria narrar; quando não era possível *ver com os próprios olhos*, buscava alguém que tivesse visto o acontecido e que lhe parecesse *confiável* para completar a narrativa. Caso não fosse possível, escrevia sobre *o que se diz*, embora interviesse para dizer que, em alguns relatos, ele acreditava e, em outros, não; cabia ao leitor *escolher* o que lhe era mais *confiável*. Tucídides discordava da premissa herodotiana e dizia que o historiador não deveria incluir relatos maravilhosos em sua narrativa com o intuito de agradar ao ouvinte-leitor. Era necessário buscar testemunhos dignos de confiança e *escolher* os mais importantes; cabia ao historiador fazer essa seleção. Se Heródoto narra os costumes de outros povos, o mesmo não faz Tucídides. Dois historiadores paradigmáticos para a historiografia grega e, no entanto, tão diferentes em suas escolhas metodológicas e temáticas. Ambos escreveram sobre temas praticamente contemporâneos ²⁷⁶ a eles. Que lições podemos tirar dos escritos dos “pais fundadores” da historiografia grega? Primeiramente, a necessidade de explicar os eventos que narram: não bastava simplesmente enuncia-los; era preciso buscar as causas imediatas e muitas vezes remotas e mostrar *como e porquê* tudo aconteceu. Ambos também se preocupavam com suas fontes e a credibilidade que elas podiam ter; além disso, a narrativa (mesmo as de conteúdo maravilhoso de Heródoto) tinha que ser *verossímil*. A

²⁷⁶ Heródoto nasceu em 480, mesmo ano da famosa batalha de Salamina. Tucídides foi general em uma batalha da Guerra do Peloponeso, foi ostracizado e começou a escrever sobre o conflito ainda em seu início. Não terminou a narrativa, pois morreu antes da guerra findar.

grande importância dada à credibilidade da narrativa, dava ao historiador a necessidade de buscar a *verdade* (mesmo sabendo que muitas vezes não era possível alcançá-la). Se Tucídides não se interessava por relatos etnográficos, Heródoto deu a eles uma importância tão grande em sua obra, que um livro inteiro foi dedicado ao Egito; sua obra, mesmo tendo como principal objetivo narrar a história das Guerras Pérsicas, foi, na prática, um tratado de história universal.²⁷⁷ Heródoto adora relatar costumes de povos e culturas diferentes dos costumes gregos; sua curiosidade sem limites o leva, por vezes, a especular sobre povos e lugares que não tem a menor idéia de quem eram ou de onde viviam. Nas *Histórias*, o historiador de Halicarnasso mostra para o público grego tudo o que de relevante aconteceu na história grega e na *oikoumēne*. Todos os historiadores que vieram depois, de alguma maneira, utilizaram o método herodotiano-tucididiano.

Com a expansão sem precedentes dos ideais gregos a partir das conquistas de Alexandre Magno, uma nova dimensão foi dada à organização geopolítica do Mediterrâneo oriental, com inclusão de povos e culturas ainda não conhecidos pelos gregos. Os territórios conquistados “na ponta da lança” por Alexandre Magno deram novas proporções ao que os gregos conheciam como “terra habitada” (*oikouménē*). Diante desse quadro de abertura do mundo, a historiografia, a geografia e a etnografia grega tiveram um enorme crescimento. Na essência, os métodos utilizados pelos historiadores não haviam mudado de maneira significativa e nem mesmo os assuntos abordados. O que diferenciava a historiografia helenística era o fato de que a maior parte do material que os historiadores utilizavam para escrever suas histórias estava agora reunido em um só lugar e poderia ser consultado com as maiores facilidades. As viagens continuavam a ser importantes mas não do mesmo modo que na época de Heródoto. Diodoro afirma que viajou para conhecer muito dos lugares que narra, mas isso não é verdade; se ele ainda sente necessidade de dizer isto é porque ainda se esperava que os historiadores assim procedessem. Com a grande quantidade de material produzida por diversos setores da sociedade

²⁷⁷ Heródoto ama fazer longas digressões em sua obra para narrar tanto costumes de povos como para explicar as causas de fatos que aconteciam no presente. Exemplo disso pode ser visto na história de Gíges e Candaules e a posterior narrativa da vida de Cresos, rei da Lídia. Como também afirma Peter Burde em sua tese de doutoramento em 1974 em Munique: *Untersuchungen zur Antiken Universalgeschichteschreibung (Pesquisa sobre história universal antiga)*.

helenística (pelo próprio *establishment*, por escritores, poetas, filósofos, fisiólogos, historiadores, paradoxógrafos) e reunidas em um mesmo lugar, na prática, as viagens só tinham sentido se fossem feitas para a pesquisa em bibliotecas. Talvez, a preocupação maior da época fosse sistematizar o conhecimento adquirido do que de fato inovar.

As grandes transformações geopolíticas, culturais e econômicas com inclusão de várias partes da *oikouménē* e de povos cujas fronteiras ainda eram desconhecidas (mesmo para os curiosos gregos) não provocaram, entretanto, como contrapartida, grandes mudanças no *status quo*. Com o aparecimento dos romanos mais uma vez os ideais gregos foram aproveitados para uma nova reorganização do mundo. Mas quais ideais? Tanto no caso de Filipe e Alexandre (não-gregos) quanto no caso dos romanos, escolhas foram feitas em relação ao que seria utilizado. Nessa vida de mão dupla de trocas culturais, tanto os gregos escolheram o que apreenderiam de outros povos (e muitas vezes temos a impressão de que os mesmos de fato não *compreendiam* as culturas que estavam estudando)²⁷⁸, como justamente aquilo que nós pensamos ser a *herança* grega nos dias atuais (como a democracia, por exemplo) foi solenemente deixada de lado tanto por macedônicos quanto por romanos. A organização política baseada na democracia em Atenas (note-se que a democracia não foi, de maneira nenhuma, algo definidor da política nas *póleis* gregas) foi vista de maneira extremamente pejorativa como um local propício a badernas e não algo positivo posto que o “povo” participava. Se ainda hoje a época helenística não é devidamente compreendida ou valorizada²⁷⁹, é porque também

²⁷⁸ Obviamente temos que pensar que o conceito de alteridade para os gregos não fazia sentido da mesma forma que comportamentos etnocêntricos. O que gostaria de chamar a atenção é para relatos que encontramos, por exemplo, em povos dos confins da África: a descrição centra-se no tipo de alimentação ou o fato de os mesmos “não possuírem uma linguagem humana”.

²⁷⁹ Uma rápida pesquisa em livros didáticos nos mostra que a Grécia só é vista no seu período clássico (e para os autores, é nesse período histórico que se encontra a *nossa herança*). Um pequeno exemplo: “Até hoje a Grécia está presente no nosso dia-a-dia. A arquitetura com grandes colunas, o estilo dos palácios e dos templos têm origem em elementos da arte grega. [...] Além disso, o mundo grego é recordado pela literatura, pelo teatro, pela filosofia e pela política. Afinal, as discussões sobre o que é democracia — o conceito nasceu na Grécia — partem de muitas idéias que vem de Atenas, uma das principais cidades gregas.” In: VILLA; FURTADO. *Caminhos da história*. Dos primeiros humanos à Europa medieval. Livro para a sétima série (PNLD, 2005). Ou ainda outro exemplo ainda mais significativo: “Quem nunca ouviu falar em história, filosofia, democracia, jogos olímpicos ou teatro? Além de fazer parte de nosso dia-a-dia, todas essas coisas têm um outro aspecto em comum: a

fizemos nossas escolhas: a democracia ainda é o definidor da Grécia antiga. Na longa tradição da recepção da história grega pode-se imaginar, por exemplo, Maquiavel louvando o “espírito democrático” dos atenienses, ou ao contrário, utilizando o exemplo das vidas e feitos de Alexandre ou Pirro para dar conselhos ao príncipe? Foi de fato, na época posterior a Alexandre e dos diádocos e a posterior ascensão romana, que se forjou para a posteridade, uma certa *idéia* da Grécia e que a historiografia do período sem dúvida contribuiu. A história foi tida como mestra da vida e fonte inesgotável de exemplos para como os “grandes”, de como os líderes deveriam se comportar. Os personagens (muito mais do que homens de carne e osso) foram mostrados em seu comportamento ideal: através da astúcia, da inteligência, da coragem e do brilho militar atingiram seus objetivos. A historiografia helenística, mais do que narrar o passado, quer *ensinar*. A respeito de Políbio Momigliano tem uma frase memorável e que reflete bem o espírito da época helenística: “Falta a ele [Políbio] a faculdade de se espantar. Ele é o protótipo do historiador que não se espanta nunca tanto quanto Heródoto é o protótipo do historiador que se espanta sempre”.²⁸⁰ Momigliano diz isso para mostrar o quanto os gregos “se sentiam em casa” junto aos romanos, sem verem em seus comportamentos cotidianos, tanto na vida pública quanto na vida privada, algo que os tornassem diferentes dos gregos. O espanto permanente de Heródoto é transmitido a seu leitor-ouvinte, pois ele mesmo está a narrar acontecimentos e povos absolutamente estranhos para ele mesmo (a começar pela surpreendente vitória dos gregos sobre os persas). A intenção de Heródoto ao demonstrar seu espanto é transmitir, com toda a vivacidade possível, todas as novidades que ele

origem, uma pequena península da Europa, banhada pelo mar Mediterrâneo. Foi nessa região que há quatro mil anos, começou a se formar uma sociedade que se diferenciaria das outras do mundo antigo — Grécia. De todas as sociedades que estudamos até aqui, a da Grécia é a que mais se aproxima de nós. Para perceber isso, basta observar a forma como os gregos chegaram a organizar seu governo. [...] Esse sistema, chamado *democracia* [grifo dos autores], permitiu maior participação da população no governo. Reunidos, os cidadãos discutiam as questões relacionadas ao Estado, davam opiniões, determinavam os rumos da cidade”. In: PILETTI. PILLETTI. *História e vida*. (PNLD, 2005). Em Minas Gerais esse livro é um autêntico *best seller*, tanto nas escolas públicas quanto nas escolas privadas. Se utilizo livros didáticos para ilustrar o pensamento sobre a herança grega, é porque a escola nos dias de hoje é o principal local onde as pessoas podem ter contato com a “história antiga”. Além disso, toda vez que se fala da Grécia e da democracia grega, é colocada uma foto dos deputados reunidos no Congresso como se praticassem democracia “à grega”.

²⁸⁰ MOMIGLIANO. *Sagesses bárbaras*, p. 38.

presenciou e viu por ele mesmo. Poderíamos estender o pensamento de Momigliano também para Diodoro e talvez até mesmo com maior propriedade. Quem era o siciliota se não um grego já perfeitamente romanizado? Quais novidades ou espanto ainda poderiam restar para quem já viu a ascensão romana e seu predomínio na terra habitada? O que poderia haver de novo no Egito ou na Pérsia para quem já tinha tido acesso aos principais historiadores que escreveram sobre tais lugares, se Alexandre já havia subjugado o império aquemênida? ²⁸¹ Se Diodoro os narra é porque tais lugares permaneceram mais no nível do *ideal* do que do *real*. O *maravilhoso* diodoriano tem a função clara de chamar a atenção do seu leitor-aluno para seu projeto de história educativa, mostrando a diversidade de costumes da terra habitada, com seus animais exóticos e lugares inóspitos, onde, apesar de tudo, os homens conseguiram se estabelecer. Curiosamente, os locais onde o homem progrediu ²⁸² foram exatamente aqueles que tiveram a oportunidade de ter, em seu meio, heróis civilizadores. Portanto, esse *maravilhoso* que deveria denotar espanto é, na realidade, um de seus métodos para melhor educar o leitor (afinal, ele não desejava cansá-lo demasiadamente). A parte de sua obra que é datada narra os acontecimentos relativos à história da Grécia e de Roma; mostra como, “contra toda expectativa” (*parádoxa*), os homens se comportaram diante da vida: Diodoro julga todos os grandes personagens que descreve, mostrando suas virtudes e defeitos para, mais uma vez, suscitar no leitor sentimentos que o levem a se identificar ou repudiar suas ações. O *inesperado* age no sentido de dar coerência à narrativa, sem que ele possa ser acusado de estar explicitamente do “lado de alguém”. A Fortuna age, juntamente com a Divina Providência, no sentido de colocar as coisas em “seu devido lugar”: o mal deve ser derrotado e o bem tem que triunfar. Os bons devem ser elogiados e os maus criticados. Conceder a glória e o opróbrio eternos deve ser a função principal da história. Essa atmosfera de “respeitabilidade” coaduna-se totalmente com o projeto diodoriano de história: se os grandes estavam sujeitos a

²⁸¹ Não é nem um pouco surpreendente que Diodoro não narre como Heródoto sobre as maravilhas da Pérsia. Nos livros anteriores à Guerra de Tróia ela não é incluída na narrativa. Sua descrição (sumária) só ocorre no livro XVIII, após a morte de Alexandre e no contexto das lutas dos diádocos. Incrivelmente, a Assíria e a Índia continuam como *locus* privilegiado de acontecimentos interessantes e maravilhosos.

²⁸² Não estou discutindo o conceito de *progresso* mas apenas mostrando que Diodoro diferencia estágios de barbárie e civilização.

ela, por que não também o homem comum? Se Diodoro pode ser incluído na linhagem da historiografia grega, com certeza também pode ser incluído na história da educação, pois objetivava mais do que ensinar história: queria educar o homem.

REFERÊNCIAS

Ocorrências de *Parádoxa* e *Thaumázein* na *Biblioteca Histórica* de Diodoro de Sicília

PRIMEIRA PARTE: LIVROS GEOGRÁFICO-ETNOGRÁFICO-ETNOGRÁFICOS

LIVRO I (edição francesa *Les Belles Lettres*): O Egito

Sumário (sobre a geografia da terra do Egito e as maravilhas que são contadas sobre o Nilo e sua cheia; *paradoxologoumenōn*; *thaumazoméno*s, pirâmides e monumentos; espanto dos gregos pela cultura egípcia, *thaumazoménon*); I, X, 3 (Sobre os animais, *paradoxōs*, extraordinário); I, XI, 1 (Sobre a natureza do Egito, espantoso, *thaumásantas*); I, XVII, 3 (Os grandes homens, admiração, *thaumazómenon*); I, XXV, 3 (cura de doenças durante o sono: “contra toda expectativa” para tornar-se imortal, *paradoxōs*); I, XXX, 4 (A natureza extraordinária da Síria Vazia, *thaumásios*); I, XXX, 4 (A natureza produz coisas “inesperadas”, *anelpístos*); I, XXXI, 5 (*Idem*, *anelpístos*); I, XXXI, 7 (Monumentos extraordinários, *thaumastà*); I, XXXII, 8 (Fenômenos da natureza: o rio Nilo, *tháumastai*); I, XXXV, 3 (Animais: o hipopótamo, *tháumastōs*); I, XXXVI, 7 (Animais extraordinários: mangusto, *tháumasiōtaton*); I, XXXVI, 7 (Fenômeno da natureza, cheia do Nilo, *thaumásios*); I, XLI, 8 (Fenômeno da natureza, chuvas na Etiópia, *parádoxon*); I, XLII, 1 (Fenômeno da natureza, maravilhas sobre o Nilo, *paradoxolouménōn*); I, XLV, 4 (Monumentos maravilhosos do Egito, *thaumastōs*); I, XLVI, 2 (*Idem*, *thaumastón*); I, XLVI, 2 (*Idem*, *thaumastón*); I, XLVI, 5 (Monumentos do Egito, túmulo, *thaumastous*); I, XLVII, 4 (Monumentos do Egito, *thaumastòn*); I, XLVII, 4 (Monumentos do Egito, o Ramesseum, *thaumastòn*); I, L, 4 (Monumentos do Egito, o Ramesseum, *thaumastēn*); I, LI, 3 (Homens admirados do Egito, *thaumasthénta*); I, LI, 5 (Monumentos: a construção do propileu, *thaumástà*); I, LVI, 1 (Os monumentos do Egito, *thaumastà*); I, LVI, 8 (Fenômenos extraordinários, salvamento miraculoso, *paradoxōs*); I, LVIII, 3 (Os grandes homens: admiração, *ethaumásthēn*); I, LXI, 2 (Os monumentos egípcios, *thaumastòn*).; I, LXI, 3 (Monumentos: o labirinto de Creta, *thaumáston*).; I, LXVIII, 2 (*Idem*, *thaumástēn*); I, LXIII, 7. (Os monumentos egípcios, *thaumasiōtaton*); I,

LXIV, 12 (Os monumentos egípcios, *thaumázein*); I, LXIX, 2 (Os costumes singulares do Egito, *paradoxótata*); I, LXIX, 2 (Admiração dos costumes egípcios pelos gregos, *ethaumásthēn*); I, LXIX, 7 (Sobre os historiadores que preferem contar fábulas maravilhosas em detrimento da verdade, *paradoxologēin*); I, LXXI, 1, (Os costumes egípcios, *paradoxon*); I, LXXI, 1 (Os costumes egípcios, *thausasiōteron*); I, LXXXIV, 5 (Os costumes egípcios, *paradoxōs*); I, LXXXIII, 1 (Sobre o culto dos animais, *parádoxon*); I, LXXXIV, 1 (Sobre os animais, *paradoxótera*); I, LXXXIV, 2 (Sobre os animais, *thausasiōteron*); I, LXXXVI, 1 (Sobre os animais e sua deificação, *thausásia*); I, LXXXVII, 5 (Culto aos animais, *paradoxōs*); I, LXXXIX, 3 (Salvamento miraculoso do faraó Menes de um crocodilo, *paradoxos*); I, LXXXIX, 2, (Construção de um labirinto por Menes, *thausazómenon*); XC, 4 (Costumes surpreendentes do Egito, *thausazómenon*); I, XCI, 1 (Costumes em relação à morte no Egito, *thausásai*); I, XCIV, 1 (Os legisladores egípcios); I, XCVI, 7 (*Idem*, *parádoxon*); I, XCIII, 2 (Admiração pelos costumes egípcios, *thausásai*); I, XCIV, 1 (Leis egípcias surpreendentes, *parádoxa*); I, XCIV, 2 (*Idem*, *thausastēn*); I, XCV, 3 (Leis do faraó Amásis: admirada pelos gregos, *thausasthēnai*); I, XCI, 3 (*Idem*, *ethausásthēsan*); I, XCVII, 6 (Monumentos egípcios, *thausasthénta*).

LIVRO II (edição francesa *Les Belles Lettres*): O Oriente (Pérsia e Assíria), a Índia, os citas, as Amazonas e os hiperbóreos, a Arábia a Ilha de Jâmbulo
 II, I, 1-2. (Epítome sobre o Egito e programa do terceiro livro, os fenômenos naturais do Egito, *paradoxologoúmena*; as pirâmides, os monumentos, *thausazoménois*, *thausazómēna*, *thausazontōn*, admiração dos gregos pelo Egito); II, IV, 3 (Fenômeno extraordinário relacionado ao nascimento da rainha Semiramis, *paradoxōs*); II, IV, 4 (*Idem*, *paradoxōs*); II, IV, 5 (*Idem*, *paradoxos*); II, IV, 5 (*Idem*, *thausásai tò parádoxon*); II, VI, 9 (O papel de Semiramis na história do rei Ninos, *thausása*); II, VII, 5 (Monumentos espantosos, *thaumázein*); II, XI, 4. (Monumentos espantosos da Assíria, *parádoxon*); II, XII, 1 (Fenômenos extraordinários: um rio da Babilônia, *parádoxon*); II, XII, 2 (*Idem*, espantoso, *thausásion*); II, XII, 2 (grande quantidade de asfalto, espantoso, *parádoxon*); II, XII, 3 (*Idem*, *thausazoménon*); II, XIV, 4 (Maravilhas natureza na Etiópia,

parádoxa); II, XIV, 4 (Fenômenos extraordinários, *parádoxon*); II, XXII, 5 (Os grandes homens da Assíria, *thaumasthēnai*); II, XXIV, 2 (Admiração pelos costumes medas, *thaumazómenos*); II, XXXI, 3 (Costumes dos caldeus, *thaumázein*); II, XXXIII, 1 (O persa Parsondes admirado como grande homem, *thaumazómenos*); II, XXXIII, 4 (*Idem*, *thaumazómenon*); II, XXXVI, 3 (Mulheres guerreiras, beleza extraordinária, *thaumastēn*); II, XXXVI, 4 (A natureza extraordinária da Índia, *parádoxōs*); II, XXXVII, 7 (Fenômenos da natureza na Índia, *parádoxōs*); II, XXXIX, 5 (Costumes estranhos dos indianos, *thumasiōtaton*); II, XLI, 4 (Divisão de classes na Índia e seus costumes, *thaumazómenon*); II, XLIV, 3 (Sobre as Amazonas, costumes, *paradoxologían*); II, LII, 9 (Fenômenos extraordinários da Índia, *thaumazoménon*); II, LV, 1 (relatos maravilhosos sobre a ilha de Jâmbulo, *paradoxologouménon*); II, LVI, 1 (Costumes extraordinários da ilha de Jâmbulo, *parádoxa*); II, LVIII, 4 (Animais espantosos da ilha de Jâmbulo, *thumasōma*); II, LIX, 4 (Costumes admiráveis da ilha de Jâmbulo, *thaumastà*, animais estranhos da ilha de Jâmbulo, *parádoxon*).

LIVRO III (edição francesa *Les Belles Lettres*): A Etiópia e a mitologia líbia

III, I, 1 (Fenômenos estranhos da Arábia, *paradóxon*); III, II, 3 (Admiração dos gregos por Homero, *thaumazómenon*); III, VI, 1 (Costumes etíopes desconcertantes, *paradoxótaton*); III, VII, 1 (*Idem*, *parádoxon*); III, X, 2 (Descrição de animais (elefantes), *thaumastá*); III, X, 5 (*Idem*, *thaumastoi*); III, XVIII, 1 (Descrição dos costumes dos ictiófagos, *parádoxon*); III, XVIII, 1 (Os ictiófagos e seus costumes desconcertantes, *parádoxon*); III, XVIII, 3 (*Idem*, *paradoxóteron*); III, XVIII, 7 (*Idem*, costumes, *paradoxótaton*); III, XVIII, 7 (*Idem*, *parádoxos*); III, XXIII, 3 (Fenômenos da natureza, *parádoxos*); III, XXV, 5 (Os etíopes do interior e seus costumes admiráveis, *thaumastoi*); III, XXVI, 2 (Os etíopes caçadores, *paradóxois*); III, XXVI, 2 (Os animais, *paradóxon*); III, XXVIII, 2 (Animais estranhos, *paradóxōs*); III, XXIX, 5 (Sobre os estranhos costumes dos etíopes comedores de gafanhotos, *parádoxon*); III, XXX, 2 (Pragas espantosas de animais, *paradoxótera*); III, XXX, 3 (Relatos fantásticos sobre a natureza, *parádoxon*); III, XXXI, 2 (Animais estranhos, *parádoxa*); III, XXXIII, 7 (Costumes bárbaros, *parádoxon*); III, XXXIV, 1 (Fenômenos da natureza espantosos, *thumasiōtera* e

estranhos, *paradoxótera*); III, XXXIV, 7. (Fenômenos da natureza: o clima, *thausasiōtera*); III, XXXV, 1 (Animais, *paradoxōn*); III, XXXV, 10 (Animais [serpentes], *paradoxōs, paradoxolóuntōn*); III, XXXVI, 1 (*Idem, paradoxótera*); III, XXXVI, 3 (Animais, *paradoxou*); III, XXXVI, 3 (*Idem, parádoxon*); III, XXXVII, 7 (*Idem, parádoxon*); III, XXXIX, 5 (Animais admiráveis, a serpente, *thaumastēn*); III, XL, 6 (Descrição da costa oriental da África: o país dos trogoditas, fenômenos da natureza espantosos, *paradoxōs*); III, XLI, 3 (Costa da África oriental: o mar e as ilhas admiráveis, *thaumastà*); III, XLI, 4 (*Idem, parádoxa*); III, XLII, 4 (A ilha das Focas e vizinhança: a cidade de Petra. Animais que provocam espanto, *thaumázein*).; III, XLIII, 3 (Natureza maravilhosa da Palestina, *thaumastén*); III, XLIV, 1 (Golfo Lainita (Golfo de Ácaba): ocorrência de fenômenos da natureza estranhos, *thausasiois*); III, XLIV, 5 (Continuação, *thaumastòs*); III, XLV, 2 (Continuação, *thaumastoi*); III, XLVII, 7 (Descrição do mar e de portos da costa oriental, *thaumasthēn*); III, XLVII, 8 (*Idem, thaumázein e parádoxon*); III, XLVIII, 1 (Fenômenos celestes estranhos que acontecem na região: *paradoxōn* e *thausasiōtaton*); III, XLVIII, 2 (Continuação, *paradoxōs*); III, L, 4 (A região costeira de Cirene: fenômenos espantosos e prodigiosos que ali ocorrem, *thausásion/thaumastēn*); III, LI, 1 (Continuação, *paradoxoi*); III, LI, 2 (Continuação, *thaumastēn*); III, LII, 4 (Relato dos costumes da Amazonas líbias, *tethausasména*); III, LII, 4 (Bravura viril das Amazonas e sua superioridade espantosa, *parádoxon*); III, LVI, 4 (Mitologia dos Atlantes: Urano ensinou costumes para os homens o que gerou grande admiração, *thaumázontas*); III, LVII, 4 (Continuação, *thaumazoménōn*); III, LVII, 8 (Continuação, *thausásantas*); III, LVIII, 2 (Costumes lendários da região da Frigia sobre Cibele (deusa civilizadora), *Theían prónoian/thausásanta/thaumastēn/thaumazómenon*); III, LXV, 3 (Os deuses civilizadores, *paradoxōs*); III, LXVI, 3 (Dioniso ensinando a humanidade, *parádoxon*); III, LXVII, 2 (Sobre Linos, poeta e cantor que teve discípulos célebres como Hércules e Orfeu sendo por isso muito admirado, *thaumasthénta*); III, LXVIII, 2 (A história dos titãs. A beleza de Almatéia, filha de Réia e que se tornou senhora de uma região da Líbia (vigor admirável), *thaumastón*); III, LXIX, 1 (Descrição da região da Líbia da qual Almatéia é senhora: beleza admirável, *thaumastòn*); III, LXIX, 2 (Continuação, *thaumastà*); III, LXXII, 4

(Benfeitorias de Dioniso líbio para a humanidade que geraram grande admiração, *thaumázontas*).

LIVRO IV (edição francesa *Les Belles Lettres* e inglesa *Loeb Classical*): Hércules e a mitologia grega ²⁸³

IV, I, 7. (Epítome dos livros precedentes e das narrativas extraordinárias escritas: *paradoxologóumena*); IV, VI, 1-5. (Criaturas monstruosas à maneira de Príapo: *térata*); IV, VIII, 2 (Sobre as dificuldades de se relatar mitos, especialmente o de Hércules: *parádoxon*); IV, IX, 6 (História de Hércules filho de Zeus e Alcmena: *thaumásai, parádoxon*); IV, X, 6 (A educação de Hércules e a incumbência dos Doze Trabalhos: *thaumazóntōn.*); IV, XII, 5 (Combate de Hércules contra os centauros: *parádoxōs, thaumasthēnai.*); IV, XII, 7 (Hércules vinga Alcione pela violação realizada pelos centauros, *thamasthēnai*); IV, XIII, 3. (Os Doze Trabalhos, limpar as cavalarias de Áugias: *thaumásai.*); IV, XVI, 3. (Combate contra as Amazonas: *thamazoménē*); IV, XVI, 4 (Luta de Hércules contra as Amazonas, *thamazoménē*); IV, XVIII, 1 (Hércules no Egito: funda cidades maravilhosas, *thamastēn.*); IV, XX, 2 (Passagem de Hércules pela Ligúria na Gália (descrição de costumes, *parádoxon.*); IV, XXI, 6 (Sobre a luta de Hércules contra os Gigantes em Cumas na Itália: *thamastēs*); IV, XXII, 3 (Chegada de Hércules na região de Posidônia: acontecimentos peculiares, *parádoxon*); IV, XXIV, 1 (Beleza da planície de Leontini, *ethamáseie*); IV, XXV, 2 (História de Orfeu, compositor de poemas dignos de admiração, *thamazómenon*); IV, XXV, 4 (Orfeu participou da expedição dos Argonautas e foi buscar sua mulher no Hades: descida espantosa, *paradoxōs*); IV, XXVI, 4 (Hércules busca Cérbero no Hades, *paradoxōs*); IV, XXX, 4 (Dédalo na Sicília, *parádoxon*); IV, XXXI, 8. (Admiração causada pelos feitos de Hércules, *ethaúmase*); IV, XXXIII, 10 (Feitos de Hércules no Peloponeso, *paradóxon*); IV, XLIV, 6 (Os Argonautas e seus feitos, *thamázein*); IV, L, 6 (Expedição dos Argonautas. Incidente no qual Hércules tem um papel importante, *thamasántōn*); IV, XLIII, 4 (Hércules na expedição dos Argonautas: mudança inesperada da Fortuna: *parádoxa tēs týchēs*); IV, XLV, 7 (Filho de Medéia com Egeu, Medos,

²⁸³ Texto grego da Loeb Classical e texto em francês do livro *Mythologie des grecs* (sem o texto grego da coleção *La roel en Livres*).

admirado, *thaumasthēnai*); IV, XLIV, 4 (Os Sete contra Tebas, o enigma da esfinge decifrado por Édipo, *paradoxos*, perplexidade); IV, LXVI, 6 (O final dos Sete contra Tebas, versos admiráveis proferidos pelo oráculo de Delfos que inspiraram Homero em sua obra, *thaumastēn*); IV, LXXI, 1 (História de Asclépio “contra toda expectativa” salvava seus pacientes, *paradoxōs*); IV, LXXVI, 2 (História de Dédalo e de suas esculturas que pareciam vivas e, por isso, foi admirado, *thaumazómena*); IV, LXXVI, 4 (*Idem*, *thaumazómenos*); IV, LXXVI, 6 (Dédalo mata uma criança e é banido de Atenas. Inventou o serrote, *thaumásai/paradoxon*); IV, LXXVII, 1 (Fuga de Dédalo de Atenas, mas como era muito admirado, torna-se amigo do rei Minos, *thaumazómenos*); IV, LXXVII, 8 (Construção por Dédalo, das engenhosas asas de Ícaro, *paradoxōs/thaumastōs*); IV, LXXXVII, 9 (*Idem*, *paradoxōs*); IV, LXXXVIII, 1 (Dédalo faz em Cocalos obras admiráveis, *thaumazómenos*); IV, LXXXVIII, 5 (Realização, por Dédalo, de obras maravilhosas na Itália, *paradoxōs*); IV, LXXX, 5 (Sobre o culto às deusas cretenses e construção de um templo espantoso para honrá-las, *thaumazómenon*); IV, LXXXII, 3 (Ritual de purificação de Aristeu para livrar a Grécia de uma peste. Evento espantoso, *thaumásai*); IV, LXXXIII, 1 (Admiração do povo de Keos por Aristeu, *thaumasthēnai*); IV, LXXXIII, 2 (Maravilhoso santuário consagrado à Afrodite pelo povo de Keos, *thaumásai*).

LIVRO V (edição inglesa *Loeb Classical*): A Itália, os celtas e as lendas de Roma

V, 3, 4 (Rapto de Coré por Plutão na belíssima paisagem da planície italiana, *paradoxōs*); V, 3, 6 (Beleza da ilha de Ortígia, *paradoxōs*); V, 10, 1 (Natureza peculiar de Lipari, *paradoxōs*); V, 14, 2 (Habitantes de Cirnus alimentavam-se de leite e mel além de possuírem costumes peculiares, *thaumastōs/paradoxótaton*); V, 15, 4 (Colônia fundada por Iolau na Itália. O oráculo prometeu que seus habitantes sempre seriam livres, o que aconteceu, “contrário a toda expectativa”, *paradoxōs*); V, 18, 1 (Costumes espantosos das ilhas Baleares, *paradoxōs*); V, 20, 4 (Luta entre Cartago e os tirrenos “mudança da Fortuna”, *paráloga tēs týchēs*); V, 24, 2 (Descrição da Céltica e de seus costumes maravilhosos, *thaumazoménois*); V, 24, 2 (Visita de Hércules à Céltica [campanha contra Gerião] e fundação da cidade de Alésia, superioridade Hércules espantosa, *thaumásasa*); V, 25, 4 (Descrição dos rios da Gália. César os cruzou com uma habilidade incrível, *paradoxōs*); V, 27, 4

(Costumes peculiares dos celtas, *parádoxon*); V, 31,3 (Os celtas e sua religião: os druidas [costumes], *parádoxon*); V, 32, 7 (Costumes dos cimérios em relação às viúvas, *paradoxótataon*); V, 33, 5 (Costumes dos celtiberos, *thaumastàs, parádoxon*); V, 36, 2 (As minas de ouro e prata da Ibéria [descrição], *thaumastōn, thaumásai*); V, 37, 4 (Continuação, *paradoxótaton*); V, 38, 2 (Descrição das minas da Espanha e o trabalho dos escravos nelas, *paradoxōn/thaumáseie*); V, 40, 2 (Costumes religiosos dos tirrenos, *tthaumázousí*); V, 42, 6 (Monumento: descrição de um templo consagrado na cidade de Panara a Zeus Trifilos, *thaumazómenon*); V, 44, 2 (Continuação da descrição, *thaumazomena*); V, 45, 2 (Descrição da região da Pancaia, *thaumastà*); V, 46, 6 (Descrição de um templo situado na ilha de Creta, *thaumastás*); V, 49, 5 (Os cultos religiosos gregos, *parádoxos*); V, 70, 5 (A história do nascimento de Zeus, *paradoxótaton*); V, 83, 4 (Mitologia grega: as ilhas do Egeu e suas histórias, *paradoxōs*); V, 84, 2 (A história do Minotauro, *thaumazómenō*).

LIVROS FRAGMENTÁRIOS

LIVRO VI (*Loeb Classical* Fragmentos): História dos deuses gregos e a Guerra de Tróia

VI, 1, 5 (Epítome do livro anterior. Elogio à ilha sagrada pelos deuses (Pancaia), monumentos e objetos admiráveis, *thaumazómena*).

LIVRO VII (*Loeb Classical* Fragmentos): A história mítica de Roma

VII, 4,2 (A Guerra de Tróia, admiração de Enéias pelos gregos, *thaumastheis*); VII, 5,5 (Enéias fica espantado e perplexo com os dizeres do oráculo que lhe instruiu como fundar Roma, *parádoxon, thaumásanta*).

LIVRO VIII (*Loeb Classical* Fragmentos): História de Roma e sua fundação por Rômulo, história grega

VIII, 10, 1 (Árquias, o coríntio, faz maravilhosas promessas para seu amante Acteão, *thaumastàs*); VIII, 10, 3 (Estranha mudança da Fortuna, *parádoxon/thaumázein tēn tēs týchēs*); VIII, 12, 10 (Discurso espantoso de Aristomenes para os juízes, *thaumázō*); VIII, 17,2 (Oráculo dá o comando a Micelo para fundar Crotona devido à sua admiração pelo território dos sibaritas,

thaumásas); VIII, 18, 2 (Sobre os costumes dos sibaritas, *thaumásai*, *thamázo*); VIII, 31, 1 (Virtude de Lúcio Tarquínio, rei dos romanos o tornou objeto de admiração geral, *ethaumázeto*).

SEGUNDA PARTE: LIVROS HISTÓRICOS (FRAGMENTÁRIOS)

LIVRO IX (*Loeb Classical* Fragmentos): os Sete Sábios da Antigüidade e a tirania pistrática em Atenas

IX, 1, 1 (Sólon, um dos Sete Sábios, admirado por todos, *thamazoméno*); IX, 4, 4 (Diálogo entre Sólon e Pisístrato, *thamasantos*); IX, 11, 1 (Pítaco de Mitilene, um dos Sete Sábios, admirado por todos, *thumastòs*); IX, 12, 2 (Diálogo entre Cresos e Pítaco, *thamasantos*); IX, 25, 2 (Diálogo de Cresos com Bias ou Pítaco, *thaumásas*); IX, 33, 4. (Ciro impressionado com as palavras de Cresos, *thaumásas*); IX, 37, 1-3. (A beleza da filha de Pisístrato, *thaumásas*).

LIVRO X (*Loeb Classical* Fragmentos): história de Roma (reis etruscos) e os filósofos pitagóricos

X, 3, 4 (Diálogo entre Dioniso de Siracusa [405-367] e Fíntias, filósofo pitagórico, espanto, *thaumásantos*); X, 4, 6 (Mudança inesperada da situação, *anelpístòs*, e espanto com tal mudança, *thumastēs*); X, 6, 3 (Diálogo entre Pitágoras com os argivos, *parádoxon*); X, 8, 2 (Método de ensino dos pitagóricos, *thaumásai*); X, 20, 1-3. (A violação de Lucrecia por Tarquínio, acontecimento inesperado, *parádoxon*); X, 24. (Crítica a Heródoto por dizer maravilhas, *thumásioi*).

LIVROS HISTÓRICOS (INTEGRAIS)

LIVRO XI (edição inglesa *Loeb Classical*): As Guerras Pérsicas e os acontecimentos na Sicília

XI, I, 5 (Descrição de Mardônio, pessoa admirada, lugar-tenente de Xerxes, *thamazómeno*); XI, 5, 1 (Travessia do exército persa para a Europa não causa espanto, *thumásioi*); XI, 7, 1 (Comportamento excepcional de Leônidas na batalha de Termópilas, *thumastón*); XI, 10, 1 (Ataque surpresa de Leônidas ao acampamento persa, *parádoxon*); XI, 11, 1 (Elogio a Leônidas, *thumáseien*); XI, 13, 1 (Profanação de Delfos e a intervenção da Divina Providência, *to theíon*); XI,

14, 4 (*Idem, daimonía pronoía*); XI, 20, 1 (Amílcar, general e a batalha de Himera, exército espantoso, *thaumazómenon*); XI, 21, 2 (Batalha de Himera, acontecimento "inesperado", *paradóxōs*); XI, 23, 3 (Comparação da vitória de Himera com Platéia, *thaumazómenon*); XI, 26, 1 (Gelão conclui tratados de paz com Cartago. Boa Fortuna a seu lado, *tēn eutychián*, aclamado por toda a Sicília, *eurgeta* e *sōtera*); XI, 26, 3 (Acontecimento inesperado para Cartago, *paradóxōs*); XI, 26, 5, (Os feitos de Gelão o tornaram admirado por todos, *thaumazóntōn*); XI, 35, 1-4. (Leotíquides diz às tropas que os gregos venceram em Platéias, milagre em Mícale e Platéias, *thaumastón*); XI, 38, 4 (Descrição do túmulo de Gelão, *thaumastais*); XI, 38, 6 (*Idem, thaumázōn*); XI, 40, 2 (Construção das muralhas de Atenas com uma rapidez extraordinária, *paradóxōs*); XI, 42, 4 (Temístocles recebe autorização da Bulé para continuar as obras de construção das muralhas, admiração do povo, *thauasantos*); XI, 46, 2 (Admiração de toda a Grécia por Pausânias, *thaumásai*); XI, 46, 4 (Admiração do povo por Aristides, *thaumázontes*); XI, 50, 7 (Hetoemáridas [descendente direto de Hércules] convece a Gerúsia, "contra toda a expectativa", a deixar a guerra contra Atenas, *parádoxon*); XI, 56, 4 (Fuga de Temístocles de Atenas e acolhida pelo rei da Molóssia como suplicante, *thaumazómenon*); XI, 56, 6 (Inesperadamente, Temístocles, é salvo pelos persas a quem tanto combatera, *paradóxōs*); XI, 58, 1 (Temístocles se vê inesperadamente na corte persa, *parádoxōs*); XI, 58, 5 (Temístocles é injustamente acusado e Diodoro o defende, *euergétēn* da Grécia, *thaumaseien*); XI, 61, 1-6 (Ataque surpresa de Címon ao acampamento persa, *parádoxon*); XI, 63, 1-7 (Terremoto e catástrofe na Lacedemônia, *paradóxos*); XI, 77, 6 (Derrota ateniense no Egito, mas, miraculosamente, voltaram para casa, *paradóxōs*); XI, 89, 1-8. (Gêiser na Sicília, *paradoxóteron, thaumásion*).

LIVRO XII (Edição francesa *Les Belles Lettres*): Anos 450/449-416/415, acontecimentos na Grécia continental, Sicília e a guerra civil em Roma

XII, I, 3 (A guerra é sempre imprevisível, *parádoxon*. A Grécia triunfou apesar de todos os perigos e todos os admiraram por isso, *thaumásai*); XII, X, 5 (Atleta Mílon seis vezes ganhador em Olímpia, bravo guerreiro, admiração geral de seus co-cidadãos, *thaumasthēnai*); XII, XI, 3-4. (Carondas, legislador admirado por sua

cultura, *thaumazoménōn*); XII, XIV, 2 (Poesia de Filémon, *tethaumaúma, thaumázein*); XII, XVII, 1 (Legislação extraordinária de Carondas, *paradoxótaton*); XII, XIX, 1 (Morte extraordinária de Carondas, *parádoxon*); XII, XX, 1 (Zaleucos, nobre de nascimento e admirado por sua cultura, discípulo de Pitágoras, *tethaumasménos*); XII, XXXVI, 1 (As leis das Doze Tábuas romanas, elas não cessam de ser admiradas, *thaumazoménon*); XII, XXXVI, 3 (Astrólogo Mélon que, maravilhosamente, sempre acertava suas previsões e prognósticos, *thaumastōs*); XII, XXXIX, 1 (Fídias acusado de roubar os altares dos deuses comportamento inesperado, *parádoxon*); XII, XXXIX, 3 (Acusações acima foram feitas apenas para atingir Péricles. Admiração do povo muda em tempos de guerra e em tempos de paz, *thaumázonta*); XII, XLVIII, 1 (Estratego ateniense vence os lacedemônios “contra toda expectativa”, *par’elpídas*); XII, XLII, 6 (Apesar da derrota, os lacedemônios permaneceram firmes no assédio a Pilos. Espanto com as peças que a Fortuna prega e na singularidade da situação em Pilos. *Thaumásai/tēs týchēs to parádoxon*); XII, LIII, 1-5. (O sofista Górgias admirado pelos gregos, *thaumastheis*); XII, LXI, 3. (Combates da Guerra do Peloponeso, tebanos avançam de maneira inesperada, *parádoxon*); XII, LXII, 3 (Combates magníficos na Guerra do Peloponeso, *thauomasíous*); XII, LXXXIII, 5. (Embaixada dos Leontinos em Atenas, Nícias e seus comapanheiros são admirados por sua coragem de desaconselharem à expedição, *thaumázomenos*).

LIVRO XIII (Edição inglesa *Loeb Classical*): Anos 415-405 a Guerra do Peloponeso e os acontecimentos na Sicília

XIII, 12, 1 (Epidemia no campo dos atenienses e eclipse da lua. Paralisação da luta); XIII, 23, 1-5 (Discurso do siracusano Nicolau, *týchē, hetychekótas, anelpístos, parádoxa*. Discurso importante para a compreensão do pensamento de Diodoro); XIII, 20 (Discursos e debates na Assembléia, *thaumázomegálos*); XIII, 35, 1-5 (“Leis de Diocles”, culto de herói às expensas do erário público, *ethaumasán*); XIII, 46, 1 (Batalha em Dardanelos. Atenienses e lacedemônios e aparição inesperada de Alcebíades, *paradóxos*); XIII, 52, 1 (Vitória inesperada dos atenienses “inesperada boa fortuna”, *anelpístous eutychias*)

LIVRO XIV (Edição francesa *Les Belles Lettres*): Anos 404/403-387/386, a Tirania dos Trinta em Atenas e sua queda, a expedição dos Dez Mil, a Guerra de Corinto e a Paz do Rei. A Sicília e o poder de Dênis, tirano de Siracusa, guerra travada contra Cartago e em Roma, a guerra contra équos e volscos. Tomada de Roma pelos gauleses

XIV, XXV, 1-8. (Embaixada de Artaxerxes, espanto de Sofilos, um dos embaixadores, *thaumásein*); XIV, XXX, 2 (O mel extraordinário, estranheza, *paradoxon*); XIX, XXXXIII, 1 (Luta contra os Trinta Tiranos); XIX, LXIV, 1 (Inesperadamente, os siracusanos recuperam navios dos cartagineses, *tò paradoxon*); XIV, LXXII, 3 (Desastre dos cartagineses faz Dênis aproveitar a situação e realizar um ataque inesperado, *paradoxon*); XIX, LXXX, 3 (Luta entre lucanianos e os habitantes de Túrio: aparição inesperada dos últimos, *paradoxon*); XIV, CII, 1 (Continuação da narrativa anterior, *anelpístōs*); XIV, CIX, 2 (Festa realizada por Dênis: todos se extasiaram com sua beleza, *ethaúmazon*); XIV, CIX, 6 (Poemas recitados são admirados na festa promovida por Dênis, *thaumázousi*).

LIVRO XV (Edição francesa *Les Belles Lettres*): Anos 386/385-361/360, eventos posteriores à Paz do Rei na Batalha de Mantinéia. Epaminondas e a grandeza tebana

XV, I, 2 (Desastre inesperado em Leuctras para os lacedemônios, *paradoxos*); XV, I, 2 (Derrota em Mantinéia "contra toda a expectativa", *anelpístōs*); XV, I, 5 (Tebanos derrotaram os lacedemônios "contra toda a expectativa", *anelpístōs*); XV, IX, 2 (Evágoras, "contra toda a expectativa", *paradoxōs*, consegue impedir a invasão dos persas, *paradoxōs*); XV, X, 3 (Julgamento de Tiribazo devido à derrota contra os cadusianos. Sua defesa incluiu o fato de o rei Artaxerxes o admira-lo, *thaumasthēnai*); XV, XV, 3 (Batalha de Dênis contra Cartago: fez maravilhas no primeiro combate travado, *thaumastōs*); XV, XVI, 3 (Continuação da narrativa; derrota imprevista, *paradoxōs*); XV, XXI, 1 (Teleutias, amigo do rei espartano Agesilau: admirado por seu valor, *thaumazómenos*); XV, XXIV, 3 (A divindade manda desgraças para Cartago. Eventos inexplicáveis, *paradoxoi, atychía*); XV, XXXIII, 1 (Rei Agesilau admirado por todos devido a seu comportamento valoroso em todas as batalhas, *ethaumástthē*); XV, XXXIII, 1 (Conselho esparciata se reúne

e pergunta supreso, *ethaumázon*, como sendo Agesilau, homem de ação, poderia se recusar a entrar em combate. Agesilau respondeu que os lacedemônios só haviam ganhado incorrendo em muitos perigos e talvez tivessem sido vítimas dos caprichos da Fortuna, *parálogon tēs týchēs*); XV, XXXII, 2 (Mais tarde, quando os tebanos venceram, chegou-se a conclusão que as reflexões de Agesilau não podiam ser puramente humanas, mas fruto de um oráculo inesperado mandado pelos deuses, *theōn tina chrēsmòn*); XV, XXXII, 3 (Mantinéia: derrota completa e de maneira imprevisível dos lacedemônios, *anelpístōs*); XV, XXXII, 4 (Cábrias, tebano, admirado por sua sabedoria, *ethaúmasan*); XV, XXXVIII, 3 (Discurso admirável de Epaminondas, *lógon thaumastōs*); XV, XXXIX, 3 (Esparciata Cleombrotos realizou façanhas extraordinárias, *paradoxos*, devido à vivacidade de sua inteligência e à excelência moral de sua educação); XV, XLI, 2 (Farnabazo demorou anos para agir e Ifícrates (ateniense) o advertiu com franqueza que ele estava supreso, *thaumázein*, pois era bom para falar e lento para agir); XV, XLII, 4 (Batalha no Egito (revolta contra os persas). Farnabazo e seus oficiais diante dos prodigiosos, *thaumastōs*, meios de defesa egípcia, renunciou a forçar a passagem); XV, XLVIII, 2 (As desgraças ocorridas no Peloponeso: terremoto. Evento terrível e imprevisto, *parádoxon/paradoxotera*); XV, L, 2 (A divindade envia um presságio para advertir os lacedemônios de sua derrota, *to theíon*); XV, LIII, 4 (Temores supersticiosos que Epaminondas quer combater. Desaparecimento de maneira incompreensível, *paradóxōs*, das armas do templo de Hércules); XV, LIV, 5 (Tentativa, por parte dos tessálios, de fazer os tebanos e lacedemônios concluir uma trégua para se prevenir dos "caprichos da Fortuna", *tà paráloga tēs týchēs*); XV, LVI, 3 (Vitória dos tebanos "contra toda expectativa", *paradóxōs*); XV, LXVII, 1 (De maneira inesperada, *paradoxos*, os lacedemôniosse desembaraçam de toda presença inimiga); XV, LXIX, 4 (Admiração por Cábrias devido à sua coragem e habilidade no comando, *thaumastheis*); XV, LXXX, 2 (Pelópidas tenta se igualar a Epaminondas e leva consigo Ismeneas, admirado por seu valor, *thaumazómenon*); XV, LXXII, 3 (Depois da derrota de Leuctras, os lacedemônios conseguem a primeira vitória fato surpreendente, *parádoxon*); XV, LXXII, 4 (Luta entre Cartago e a Sicília [Sob Dênis]: "contra toda expectativa" equiparam mais de duzentos navios, *paradóxōs*); XV, LXXVI, 1 (Temésion, tirano da Erétria, tomou Oropos

[possessão ateniense] mas a mesma lhe escapou “contra toda expectativa”, *paralógōs*); XV, LXXVII, 1 (Ano 365/4. Grécia em paz, mas as revoluções inesperadas, *parálogos*, mudaram a situação); XV, LXXXIII, 1 (Rapidez com que os cretenses cumprem ordens dos lacedemônios e evitam a tomada de sua pátria “contra toda a “expectativa”, *paradoxōs*); XV, LXXXIV, 2 (Mantinéia deixa escapar a vitória de maneira inesperada, *paradoxōs*); XV, LXXXVI, 1 (Luta entre duas infantarias: violentas e extraordinárias, *thaumastōus*); XV, XC, 2 (Rebelião contra os persas e traição na Capadócia, particularidades surpreendentes, *paradoxon*); XV, XCI, 7 (Datames admirado por seus talentos de estrategista, *thaumazómenos*); XV, XCII, 2 (Agesilau liderou os mercenários no Egito: admirado por sua coragem no comando, *tethaumasménōn*); XV, XCIII, 3 (Agesilau no Egito salva seus homens “contra toda expectativa”, *anelpístōs*).

LIVRO XVI (Edição inglesa *Loeb Classical*): O advento e a vida de Felipe da Macedônia

XVI, 2, 3 (Felipe refém em Tebas e educado por Epaminondas, *paradoxōs*); XVI, 5, 4 (A tirania de Dênis, o Jovem, *paradoxōs*); XVI, 9, 1 (Dion de Siracusa contra Dênis, o Jovem, “contra toda expectativa”, *anelpístōs*); XVI, 9, 3 (Sucesso inesperado de Dênis, *paradoxōs*); XVI, 11, 1 (Comemoração das cidades siracusanas pelo advento inesperado de Dion, *anelpístōs*); XVI, 11, 2 (Continuação, inesperado, *paradoxōs*); XVI, 12, 2 (Violação da trégua por Dion de maneira inesperada, *anelpístōs*); XVI, 18, 4 (Nipsius, general de Dion segue para Siracusa levando víveres, *anelpístōs*); XVI, 19, 1 (Nipsius consegue entrar em Siracusa e realizar um ataque inesperado, *paradoxōs*); XVI, 20, 4 (Súplica dos siracusanos para que Dion os poupe, *paradoxon*); XVI, 26, 1 (Gotas maravilhosas pingam no oráculo de Delfos e fenômenos estranhos acontecem, *paradoxon/thaumastōthēnaí*); XVI, 34, 2 (Revolta de Artabazo contra Artaxerxes. Cares, ateniense, induz os tebanos a contribuir com soldados, *thaumastón*); XVI, 46, 5 (Curiosidade geográfica sobre a região pelúsica no Egito, *paradoxou*); XVI, 57, 4 (Acontecimentos maravilhosos ocorridos no oráculo de Delfos, *thaumazoménēn*); XVI, 58, 6 (Intervenção da Divina Providência, *Theía Pronoía*, acontecimento miraculoso, *paradoxōs*); XVI, 59, 6 (Acordos de Felipe com os

gregos, formação do Conselho Anfictiônico, vence uma batalha inesperada na Guerra Sagrada, *anelpístōs*); XVI, 66, 2 (As conseqüências da impiedade e dos ultrajes de Delfos, *parádoxon*); XVI, 67, 1-4 (*Idem*, *parádoxos*); XVI, LXIII, 1-5. (*Idem*); XVI, LXV, 1-9 (Timoleonte tiranicida e fraticida, *parádoxous*); XVI, LXVIII, 1-7 (Acontecimento extraordinário com Timoleonte durante sua viagem à Sicília, *parádoxou*); XVI, LXXV, 1-4. (Cerco de Felipe a Perinto. Intervenção da Fortuna, *he tyché*, "contra toda a expectativa", *parádoxos*); XVI, 74, 2 (Cerco a Perinto, maneira admirável como os muros foram abertos, *thaumastoi*); XVI, 75 (A Fortuna do lados dos períntios, inesperada libertação, *hé týchē*); XVI, 76, 3 (A Fortuna não abandona os períntios, *toû teíchous*); XVI, 77, 3 (Inesperada confusão no território de Agrigento, *paradóxōs*); XVI, 84, 3 (Batalha de Queroneia, desenvolvimento inesperado, *parádoxon*); XVI, 87, 2-3 (Comemoração da batalha de Queroneia, *týchē/thaumásai*); XVI, 92, 2 (A Providência Divina, *Theía Pronoía*, comunica a Felipe sua morte próxima, ajudada pela Fortuna, *tēs týchēs*).

LIVRO XVII (Edição francesa *Les Belles Lettres*): A vida de Alexandre Magno XVII, III, 6 (Alexandre resolve os problemas na Grécia "contra toda a expectativa", *paradóxōs*); XVII, VI, 3 (Sobre Dario III o homem que a Fortuna colocou para lutar contra Alexandre, *tēs týchēs*); XVII, VII, 4 (O monte Ida, local onde as deusas foram julgadas por Páris. Fenômeno magnífico e extraordinário acontece ali, *parádoxon*); XVII, IX, 1 (Campanha de Alexandre na Trácia se deu de maneira inesperada, *anelpístōs*); XVII, X, 6 (Tebas se revolta contra Alexandre; seus habitantes se lembram da maneira miraculosa e inesperada da vitória de Leuctras, *thaumastōs/anelpístōs*); XVII, XX, 1 (Bárbaros combatiam com vigor e opunham sua coragem ao valor dos macedônicos; a Fortuna pôs os mais bravos para decidir a vitória, *hē týchē*); XVII, XXVII, 1 (Mudança extraordinária do curso da batalha, *paradóxōs*); XVII, XXVII, 6 (Tomada do litoral da Cilícia por Alexandre de maneira extraordinária, *paradóxōs*); XVII, XXIX, 4 (Memnon, o persa, corrompeu muitos gregos mas a Fortuna não permitiu que ele mostrasse seu valor. Adoeceu e morreu rapidamente, *hē týchē*); XVII, XXX, 2 (Ateniense admirado por sua bravura e talentos de estrategista, Carídemo, aconselhava o Grande Rei Dario III, *thaumazómenos*); XVII, XXXI, 6 (Alexandre atacado por grave doença mas um

médico o fez tomar um remédio, assim como a Fortuna, *tēn týchēn*, fez com que se curasse. Escapou “contra toda a expectativa”, *paradoxos*); XVII, XXXV, 7 (Situação horrível das mulheres de Dario: ultrajadas pela soldadesca, *tas hētychēkuías*); XVII, XXXVI, 1 (Mudança da Fortuna, *tēs týchēs*); XVII, XXXVI, 2 (*Idem*, *tēs týchēs*); XVII, XXXVII, 4 (Os prisioneiros persas mudam sua imagem de Alexandre ao vê-lo agir com piedade para com as mulheres de Dario “contra toda a expectativa”, *paradoxou*); XVII, XXXVIII, 5 (A Fortuna, *týchēn*, comanda os negócios humanos. É preciso sabedoria para lidar com tais situações); XVII, XL, 1 (Alexandre sepulta os mortos inclusive dos inimigos que admirava, *thaumasthéntas*); XVII, XLI, 1 (Cerco a Tiro “contra toda a expectativa”, *paradoxon*); XVII, XLI, 7 (Produção de vários outros prodígios, *paradoxa*); XVII, XLII, 3 (Cerco prolonga-se de maneira inesperada, *paráloga*, e Alexandre assume pessoalmente o comando das operações); XVII, XLVI, 2 (Cerco a Tiro e inveja da Fortuna, *tēs týchēs phthónon*); XVII, XLVI, 6 (Mudança incrível na vida de Abdolominos, simples morador de Tiro, *paradoxon*); XVII, XLVII, 5 (O homem acima citado tornou-se rei de Tiro. A população se maravilhou de sua sorte extraordinária, *paradoxon tēs týchēs thaumásantos*. Lição para àqueles que desconhecem as mudanças maravilhosas que a Fortuna opera, *tēs týchēs paradoxon*); XVII, XLIX, 4 (Ida de Alexandre e seus amigos ao santuário de Amon, Siwa. Sem água, a Divina Providência os salva miraculosamente, *anelpístōs sōtheísa theōn pronoía*); XVII, L, 4 (“Fonte do Sol” no santuário de Amon, extraordinária, *paradoxōs*); XVII, LII, 3 (Fundação da cidade de Alexandria no Egito, *thaumásion/thamastēn*); XVII, LIII, 4 (Palácio que Alexandre mandou construir em Alexandria: maravilhoso, *thaumastà*); XVII, LVI, 3 (Calma de Alexandre na véspera da batalha de Gaugamela, *thaumastōn*); XVII, LIX, 3 (Cassitas: admiração por sua superioridade física, *thaumazómenon*); XVII, LIX, 6-7 (Citas pilham as bagagens do acampamento macedônico. A surpresa, *paradoxou*, causa tumulto. Revolta dos prisioneiros; entretanto, Sisigambris, mãe de Dario faz apelo para que todos ficassem calmos. Ela não tinha confiança nessa extraordinária mudança da Fortuna e não queria arruinar o reconhecimento que Alexandre tinha por ela, *tēs týchēs*); XVII, LXVI, 2 (Alexandre toma posse do palácio de Susa. Os reis aquemênidas guardavam grande quantidade de tesouro para se proteger dos

golpes imprevistos da Fortuna, *ta paráloga tēs týchēs*); XVII, LXVI, 4 (Episódio do eunuco que chora por Dario: mudança da Fortuna, *tēs týchēs*); XVII, LXVI, 7 (Continuação. Filotas diz que foi a Divina Providência, *agathôu pronoía*, ou a vontade de um gênio, *daímonós*, que quis colocá-lo na situação de senhor da Ásia: não há qualquer *hýbris* nesse ato); XVII, LXVII, 5 (Alexandre avança contra os úxios. Os mesmos são tomados por grande pavor, *paradoxōs*); XVII, LXIX, 2 (Visão extraordinária dos gregos mutilados pelos persas, *paradoxon*); XVII, LXIX, 6 (Ultrajes infligidos pela Fortuna, *tēs týchēs*); XVII, LXXII, 6 (Palácio de Persépolis tomado por chamas. Punição pelos sacrilégios cometidos por Xerxes. O mais espantoso é que tal ato havia sido feito por uma mulher, *paradoxótaton*); XVII, LXXVII, 1 (Encontro de Alexandre com a rainha das Amazonas. Sua beleza e força física era extraordinária e admirada por sua bravura, *thaumazoménē*); XVII, LXXVII, 2 (Alexandre fica maravilhado, *thaumázontos*, com a chegada extraordinária dessa mulher, *paradoxon*); XVII, LXXX, 1 (Alexandre é salvo “contra toda expectativa”, *paradoxōs*); XVII, LXXXIX, 1 (Admiração pela grandeza de alma de Alexandre, *thaumásasa*); XVII, LXXXVI, 3 (Aventura extraordinária junto aos indianos, *paradoxo*); XVII, XCI, 4 (Instituições de justiça dos indianos são extraordinárias, *paradoxōs*); XVII, XCII, 3 (Cinquenta cachorros admiráveis que Alexandre recebe de presente, *thaumazómenos*); XVII, XCVII, 3 (Alexandre é salvo “contra toda expectativa”, *paradoxōs*); XVII, XCIX, 1 (Alexandre privado de todo socorro, resolve realizar uma ação extraordinária, *paradoxon*); XVII, C, 5 (Combate espantoso entre um macedônio, Koragos, e um ateniense, Dioxipos. Os dois se assemelhavam a deuses, *thaumazoménōn*); XVII, CI, 1 (Espetáculo extraordinário, *paradoxon*. A Fortuna não deixa que os homens permaneçam orgulhosos, *hē týchē*); XVII, CIII, 3 (Anabase. Acontecimentos extraordinários, *paradoxō*); XVII, CIII, 7 (Acontece algo maravilhoso com Ptolomeu, *paradoxon*, que alguns atribuem à Divina Providência, *theōn pronoian*: em um sonho, descobre um antídoto contra o veneno de uma cobra que estava causando várias mortes nas tropas); XVII, CVI, 6 (Marinheiros de Alexandre percorrem o Oceano de proporções extraordinárias, *paradoxōs*. Encontram grandes e extraordinárias baleias, *paradoxótaton*. Os marinheiros tocaram trombetas e elas fogem assustadas, *paradoxō*); XVII, CVII, 2 (Morte do indiano Calanos de maneira extraordinária,

parádoxon); XVII, CVII, 2 (Ele nunca adoeceu e pensou que a natureza, *phýseus*, e a Fortuna, *týchēs*, lhe haviam dado a felicidade suprema e por isso, decidiu deixar a vida voluntariamente); XVII, CVII, 4 (O povo corre para ver evento tão extraordinário, *parádoxon*); XVII, CVII, 5 (Muitos se espantaram com sua coragem e desprezo pela morte, *etháúmasan*); XVII, CVIII, 6 (Golpes imprevistos da Fortuna, *tà paráloga tēs týchēs*); XVII, CXII, 4 (O caldeu Belefantes prevê a morte de Alexandre: todos se espantam, *thaumazóntōn*); XVII, CXIV, 5 (Presságio funesto em que a Divindade, *tò theíon*, anuncia a morte do rei. Outros signos extraordinários, *tò sēmeîa parádoxa*, deixavam prever que Alexandre morreria); XVII, CXVI, 1 (Festas após o sepultamento de Hefaistion. O destino, *peprōménē*, avisa a Alexandre que seu tempo na terra estava chegando ao fim); XVII, CXVI, 3 (Um escravo entra no palácio e coloca o diadema real na cabeça: fato extraordinário, *parádoxon*); XVII, CXVI, 4 (Alexandre admira os caldeus, *etháúmaze*); XVII, CXVI, 5 (A divindade, *daimónion*, continua a mandar signos, *sēmeîon*, para Alexandre); XVII, CV, XVI, 7 (Alexandre recupera seu diadema real “contra toda a expectativa”, *anelpístōs*).

LIVRO XVIII (Edição francesa *Les Belles Lettres*): Anos 323/322-318/317. Os diádocos

XVIII, IX, 3 (Leóstenes possuía, para espanto geral, um grande exército, *paradóxōs*); XVIII, XIII, 4 (Prestes a perder a batalha para Leóstenes, a Fortuna deu aos macedônios uma extraordinária chance, *hē týchē to parádoxon*); XVIII, XVIII, 6 (Acordo dos atenienses com Antípatros: foram tratados, “contra toda a expectativa”, com humanidade, *para’elpída philanthrōpeutheítes*); XVIII, XXI, 3 (Tibron deveria renunciar a seus propósitos na Cirenaica quando recuperou a confiança de maneira inesperada, *paradóxon*); XVIII, XXII, 5 (Isauros preferem se matar a se entregar a Pérdicas (o que o espantou), *thaumásantes*); XVIII, XXV, 4 (Desespero do povo da Etólia com a invasão de Cratero. Todos estavam desesperados e com dificuldade de resolver seus problemas como se a divindade, *theōn*, tivesse pena deles. Mudança inesperada da situação, *tò parádoxon*, e logo Antípatros e Cratero fazem acordos com os etólios nas melhores condições possíveis); XVIII, XXVIII, 6 (Caráter agradável e generoso de Ptolomeu faz os

deuses, ficarem a seu lado e o salvarem miraculosamente, *paradóxōs*, dos mais graves perigos); XVIII, XXXV, 2 (Fenômeno imprevisto, *parádoxon*, acontece quando Pérδικas vai atravessar o Nilo com suas tropas para lutar contra Ptolomeu); XVIII, XL, 7 (Luta entre Eumeno e Antígono: seu exército tinha mais de dez mil soldados de infantaria pesada, mais da metade de valor admirável, *thaumastoi*); XVIII, XLI, 2 (Descrição da fortaleza Nora onde Eumeno estava acampado, *thaumastón/thaumastōs*); XVIII, XLI, 6 (Antígono resolve descumprir as ordens tomadas em Triparadisos de matar Eumeno decidindo não obedecer a mais ninguém: sabe que a Fortuna, *tēn týchēn*, muda rápido. Resolve também contornar um extraordinário local cheio de paliçadas para tentar conversar com Eumeno, *thaumastoís*); XVIII, XLIII, 1 (No Egito, Ptolomeu, “contra toda a expectativa”, *paradóxōs*, havia derrotado Pérδικas e proclamado o Egito uma terra “conquistada na ponta da lança”); XVIII, LIII, 1 (Eumeno: homem que conhecera extraordinárias mudanças de situação, *paradoxos/par’elpidas*); XVIII, LII, 5 (Tendo matado Cratero e Neoptólemo ao mesmo tempo, Eumeno foi obrigado a se refugiar. Mas um acontecimento inesperado, *parádoxos*, faz a situação mudar); XVIII, LIII, 7 (Com a ajuda da Fortuna, *tēs týchēs*, Eumeno recebeu um exército); XVIII, LXI, 5 (Eumeno em batalha salvo miraculosamente, *paradóxōs*); XVIII, LIX, 4 (Admiração geral, *ethaúmazon*, com as mudanças miraculosas da Fortuna, *tēs týchēs kai parádoxon*); XVIII, LXI, 5 (Quem não se espantaria com os altos e baixos da condição humana e o fluxo e refluxo da Fortuna, *tēs týchēs?* Diz Diodoro); XVIII, LIX, 6 (“O extraordinário, *parádoxon*, não é o ponto que se produz eventos inesperados, *parálogon*, mas que tudo o que acontece é inesperado, *anelpíston*. É por isso que se pode, a justo título, outorgar tal preço à História: relatando os altos e baixos e as mudanças que afetam as ações humanas, ela corrige a arrogância dos afortunados, *eitychoúntōn*, desse mundo e o infortúnio, *tēn atychían*, dos miseráveis”); XVIII, LXI, 4 (Eumeno prevê as reviravoltas da Fortuna, *tēs týchēs*); XVIII, LX, 4 (Visão extraordinária de Eumeno em um sonho, *parádoxon*); XVIII, LXII, 1 (Crescimento extraordinariamente rápido de Eumeno, *paradóxou*); XVIII, LXIII, 6 (Eumeno novamente e de maneira imprevista, *paradóxōs*, em uma situação perigosa); XVIII, LXVI, 3 (Democratas recuperam o poder em Atenas, “contra toda a expectativa”, *para’elpidas*); XVIII, LXVII, 4

(Fócion condenado à morte em Atenas: a Fortuna, *tēs týchēs*, que rege a sorte de todos os homens, é bem incerta”. Reverso da Fortuna, *atychías*); XVIII, LXX, 5 (Polipércon abre uma brecha nas muralhas: espanto geral, *parádoxos*); XVIII, LXXXI, 4 (Sofrimento extraordinário dos elefantes em uma batalha, *paradoxos*); XVIII, LXXII, 5 (Vitória surpreendente, *paradóxōs*, de Antígono graças à sua inteligência e sua competência como estrategista); XVIII, LXXIII, 4 (Eumeno escapa milagrosamente das mãos de Selêuco, *paradóxōs*).

LIVRO XIX (Edição francesa *Les Belles Lettres*): Anos 317/316-311/310: os diádocos

XIX, II, 6 (Admiração pela beleza e força do tirano Agatócles, *ethaúmaze*); XIX, IV, 5 (Guerra em Gela: Agatócles sava, “contra toda expectativa”, *paradóxōs*, um grupo de fugitivos); XIX, XI, 7 (Olímpia, mãe de Alexandre, não soube se comportar bem no auge, quando houve a mudança, teve o fim merecido por sua crueldade, *tychoûsa*); XIX, XVI, 3 (Luta entre os diádocos: acontecimento inesperado no cerco de uma cidade, *paradóxōs*); XIX, XXX, 10 (Batalha de Antígono: surpresa pela vitória, *parádoxon*); XIX, XXXII, 3 (Acontecimentos inesperados presenciados por Eumeno totalmente diferentes dos costumes gregos, *parádoxon*); XIX, XXXIV, 5 (Costumes indianos: objeto de admiração da multidão, *thaumastheînai*); XIX, XXXVI, 5 (Polipércon, única chance de salvação de Olímpia, foi arruinado “contra toda expectativa”, *paradóxōs*). XIX, XXXVIII, 3 (Discurso de Eumeno para suas tropas que se espantaram, *thauasántōn*. A proposta era inesperada, *parádoxon*: permanecer no deserto para impedir o avanço de Antígono); XIX, XXXVIII, 5 (As tropas de Antígono são surpreendidas pela decisão de Eumeno, *parádoxou*); XIX, XLIV, 1 (“Contra toda expectativa”, Eumeno e suas tropas são capturadas por Antígono, *paradóxōs*); XIX, XLV, 4, (Acontecimento da natureza extraordinário em Rodes, *paradóxōs*); XIX, XLVIII, 2 (Evágoras, homem de coragem e inteligência extraordinárias, *thauazómenon*); XIX, LVII, 3 (Cadeia montanhosa na região de Trípoli de Biblos e Sídon. Beleza extraordinária, *thauastōn*); XIX, LVIII, 7 (Guerra de Cassandro a todas as cidades da Cária. Ataque inesperado, *anelpístōs*); XIX, XC, 3 (Predição da morte de Selêuco pelos caldeus, *thauazómena*); XIX, CVIII, 3, (Luta de Agatócles contra Cartago,

acontecimento inesperado, *parálógos*); XIX, CVIII, 6 (Cartagineses ficam estupefatos com os ataques de Agatócles, *parádoxon*); XIX, CIX, 4 (Transformação inesperada dos rumos da guerra, *paradoxōs*).

LIVRO XX (Edição inglesa *Loeb Classical*): Anos 310-302, os diádocos e a história de Agatócles

XX, 3, 3 (Luta de Siracusa contra Cartago, *anélpiston*); XX, 5, 4 (*Idem*, *parádōxos*); XX, 5, 6 Eclipse no meio de uma importante batalha entre siracusanos e cartagineses na África, *parádōxōs*); XX, 8, 5 (Siracusa contra as cidades gregas, *thaumázontes*); XX, 9, 3 (Luta entre Siracusa e Cartago sob Agatócles, *parádoxon*); XX, 13, (*Idem*, *paralógōs*, *thausasiōtaton*); XX, 16, 7, (Ataque de Amílcar contra os siracusanos, *parádōxos*); XX, 30, 1 (A inconstância da Fortuna, *tês týchēs*, *parálogon*); XX, 34, 2 e 6 (Desacordo inesperado no meio dos siracusanos após estrondosa vitória sobre os cartagineses, *parádoxon*); XX, 42, 4 (Agatócles em Cirene e aliança com Ofelas, *parádoxon*); XX, 61, 7 (A luta entre Cartago e a Siracusa de Agatócles, agora na Sicília, *parádoxon*).

LIVROS HISTÓRICOS (FRAGMENTÁRIOS)

LIVRO XXI ²⁸⁴ (*Loeb Classical* Fragmentos): Anos 301/c. 305. A Sicília de Agatócles, os cartagineses e os diádocos

XXI, I, 4a, 1-3. (A profecia sobre a morte de Selêuco pelos caldeus, *týchēs*); XXI, IX, 11. (Captura de Agatócles, filho do rei Lisímaco, *tá parádoxa*, *tês týchēs*); XXI, XVII, 1-4. (Crítica ao historiador Timeu de Tauromênion, *thausásai*, e ao historiador Cálías de Siracusa).

LIVRO XXII (*Loeb Classical* Fragmentos): Anos 280/c. 269. Ataque dos gálatas ao Oriente. A Sicília e Pirro, Aníbal

XXII, XI, 2. (Inscrição de Pirro comemorando sua vitória, *méga thaûma*); XXII, XIII, 1-9. (Guerra entre Hierão e os marmetinos e a interferência cartaginesa, Aníbal, *he týchē*, *parádōxos*).

²⁸⁴ Edição dos livros XXI/XXVI de 2006 das Edições Budé também utilizada.

LIVRO XXIII (*Loeb Classical* Fragmentos): Anos 264/251. A Primeira Guerra Púnica, antecedentes

XXII, II, 1-2. (Primeira Guerra Púnica. Discussão do tratado entre romanos e cartagineses, *thaumázein*); XXII, XV, 1-5, 15, 7, 10-12. (Roma e Cartago e o papel do estrategista esparciata Xantipo, *ethaumaze*, *parádoxon*, *thaumástōn*).

LIVRO XXIV (*Loeb Classical* Fragmentos): Anos 250/241. A Primeira Guerra Púnica

XXIV, 1, 5-6. (Vitória de Cartago em Drepana, *parádoxon*); XXIV, XII, 1-3. (Crueldade da guerra choca os romanos, *parádoxon*); XXIV, XIII. (Final da Primeira Guerra Púnica, a Fortuna, *tychē*, mostra mudanças inesperadas, *anelpístōs*).

LIVRO XXV (*Loeb Classical* Fragmentos): Anos 241/238 ou 237/218-217. O período entre guerras e Segunda Guerra Púnica

XXV, 9 (A Fortuna, *týchē*, conduz os acontecimentos de maneira inesperada, *parádoxon*).

LIVRO XXVI (*Loeb Classical* Fragmentos): Anos 217/207. A Segunda Guerra Púnica, a Primeira Guerra Macedônica

XXVI, I, 1-3. (Sobre o sucesso e o fracasso dos homens, *ethaumazómenos*); XXVI, XIV, 12. (A crueldade de Aníbal após a vitória de Canas, *ethaumáze*); XXVI, 16. (Permissão concedida a Aníbal para remeter o corpo de Tibério Semprônio Graco para Roma, incertezas da Fortuna, *tyché*, admiração pelo valor, *thaumázon*): XXVI, XVIII (Sobre Arquimedes, *thaumásai*); XXVI, 24. (Sobre Asdrúbal, filho de Amílcar que, "contra toda a expectativa", foi para a Itália, recebeu assistência da Fortuna, *týchē*).

LIVRO XXVII (*Loeb Classical* Fragmentos): A Guerra Anibálica e os eventos na Sicília

XXVII, 4, 1-8. (Os costumes religiosos dos romanos. Acusações de impiedade contra Cipião Emiliano, *thaumásantes*): XXVII, 6-2. (Tratamento humanitário, *philoanthrópōs*, concedido por Cipião Emiliano ao rei Cífax); XXVII, 12, 1-2. (A

piedade dos romanos maravilha os cartagineses, *thaumázontes*); XXVII, 13, 14. (A glória é a porção do sucesso quando acompanhada pela moderação, *thumastòn*); XXVII, 16, 17. (Embora o editor pense que o texto esteja corrompido, a passagem traz os costumeiros comentários moralizantes de Diodoro que envolvem a Fortuna, a moderação e o papel humano diante das bruscas mudanças da vida [A propósito das Guerras Púnicas]).

LIVRO XXVIII (*Loeb Classical* Fragmentos): Luta entre Roma e Cartago

XXVIII, 12, 1 (Antíoco expressa surpresa com os interesses romanos na Ásia, *thaumázein*); XXVIII, 15, 1-4 (Embaixadores romanos na Grécia tentam aliança com Antíoco, *thaumázein*).

LIVRO XXIX (*Loeb Classical* Fragmentos): Luta de Roma contra Filipe V da Macedônia e os romanos no Egito

XXIX, 3. (Antíoco se arrepende de ter entrado em guerra contra os romanos por influência de Aníbal, *ethaúmaze*); XXIX, 8, 2 (Surpresas da Fortuna para Antíoco, *tà parádoxa tēs týchēs*); XXIX, 16 (Felipe V e a guerra com Roma, *anelpístos*); XXIX, 19 (Aníbal mantém um poderoso exército após a Segunda Guerra Púnica, *paradoxotáton*).

LIVRO XXX (*Loeb Classical* Fragmentos): Acontecimentos dos anos 171/186

XXX, 5 (Flaminius enviado como guia na guerra contra Filipe V para mostrar um caminho inesperado entre as montanhas (*parádoxōs*); XXX, 15 (Acontecimentos miraculosos no Egito com o jovem Ptolomeu, *thaumásein*); XXX, 21, 1 (Não há surpresa no fato de os macedônios terem sido derrotados pelos romanos, *thaumázein*).

LIVRO XXXI (*Loeb Classical* Fragmentos):

XXXI, 1 (Intervenção da Fortuna nos negócios humanos, *tēs týchēs*); XXXI, 1, 3, 1 (O poder da moderação é ideal tendo em vista as "surpresas da Fortuna" (*tà parádoxa tēs týchēs*); XXXI, 3, 2-3 (Deve-se aproveitar o auge do sucesso para agir com prudência [boa Fortuna, *eutycheithéntōn*]. É espantoso ignorar tal

verdade, *alēthē*); XXXI, 3, 4 (*Idem*, Fortuna, *tēs týchēs, eutýchēmasi*); XXXI, 1, 8, 13 (Triunfo de Paulo Emílio na Macedônia, organização de jogos esplêndidos, *thaumázontas*); XXXI, 10, 1 (Comentário sobre o livro de Demétrio de Falera *Sobre a Fortuna*); XXXI, 10, 2 (Poder da Fortuna de mudar o cálculo de cada um através de eventos inesperados, *parádoxois*); XXXI, 11, 2 (Perda, por Paulo Emílio, de seus dois filhos. Entretanto, pouco tempo depois, ocorrência de acontecimentos maravilhosos e inesperados, *thaumázein tò parálogon*, sua vitória sobre Perseu com a captura de seus bens. Mudança favorável da Fortuna, *tēs týchēs*); XXXI, 11, (*Idem*, *hē týchēs/ethaumázein*); XXXI, 12, 1 (Revezes inesperados da Fortuna para o rei Eumeno [168-166], *parádoxois/hē týchē*); XXXI, 13 (Atos de arrogância perpetrados pelo general dos bárbaros gauleses. Realizaram oferendas para os deuses que não as aceitaram. Isso não é surpreendente, embora tenham tido o inesperado sucesso da vitória apesar desse comportamento desumano, *thaumastòn/par'elpídas*); XXXI, 16, 1 (Certos empreendimentos de Antíoco foram considerados admiráveis, *thaumásiai*); XXXI, 16, 2 (Realização de jogos estupendos por Antíoco, *thaumástēn*); XXXI, (Continuação, *thaumázein*); XXXI, 18, 1 (Exílio de Ptolomeu e Demétrio [Demétrio Soter (162-150), filho de Seleuco] que o colocou em sérios apuros ao adornar-lhe com jóias reais prejudicando-o junto aos romanos, *thamástò/tò parádoxon*); XXXI, 22 (Disputa dinástica na Armênia, *thaumazoménon*); XXXI, 26, 2 (Elogio a Paulo Emílio e suas grandes conquistas e também por ter concedido liberdade para a Grécia, *thaumasthentas*); XXXI, 26, 3 (Referência a Cipião Emiliano [185-4/129] e sua vitória inacreditável na Numância, *paradoxós*); XXXI, 27, 5 (História de Emília, mulher do grande Cipião [o capítulo é posterior ao elogio da temperança e do equilíbrio da família], *thaumastòn*); XXXI, 27, 6 (Continuação, *thumasiōterón*); XXXI, 32, (Surpresas da Fortuna para os cidadãos de Priene, *tēs týchēs paráloga*); XXXI, 32 b (Embaixada romana no Oriente, *paradóxōs*), XXXI, 33 (Ptolomeu no exílio, *paradóxou*), XXXI, 45 (Castigo infligido aos cretenses por suas impiedades [saques aos templos], *paradóxōs*).

LIVRO XXXII (*Loeb Classical/ Fragmentos*):

XXXII, 10, 2 (Oráculo da Cilícia [santuário de Apolo Sarpedônio] transmite uma mensagem extraordinária, mas que ninguém acreditou, salvo quando o evento

ocorreu, *parádoxon*); XXXII, 10, 3 (Continuação, *paradóxo*); XXXII, 10, 7 (Continuação, *thaumazoúsē to parádoxon*).

LIVRO XXXIII (*Loeb Classical* Fragmentos):

XXXIII, 1, 2 (Costumes dos lusitanos, *ethaumastōthē*); XXXIII, 4a (Acontecimento inesperado em uma revolta contra o rei Demétrio, *parádoxon*); XXXIII, 7 (Viriato, ao se deparar com tantas riquezas, não se espantou por saber da inconstância da Fortuna, *thaumázōn/tēs týchēs*); XXXIII, 22 (Elogio ao general Hieráx e seu talento extraordinário, *thaumastòs*); XXXIII, 28b (Embaixada romana liderada por Cipião Emiliano ao Egito. A comitiva romana ficou maravilhada com o Egito, o Nilo e seus habitantes, *thaumazómēnon/thaumazontes, thaumastēn*).

LIVRO XXXIV/XXXV (*Loeb Classical* Fragmentos):

XXXIV/XXXV, 2, 25 (Sedição de escravos na Sicília. Evento surpreendente e inesperado, *anelpístōs kai paradóxo*s); XXXIV/XXXV, 2. 24b, 39 (História da irmã de Damófilos, reconhecida por sua *philantrōpía*, dava conforto para os escravos e seus parentes, *thaumastōs*); XXXIV/XXXV, 2, 41 (Sobre Eunus, sua riqueza e a mudança inesperada da Fortuna, *thaumásai/ tēs týchēs*); XXXIV/XXXV, 28, 2 (Alexandre II Zabinas: roubou templos mas a Divina Providência, *to daimónion*, persegue sempre os maus, *to týcheîn*); XXXIV/XXXV, 28, 3 (Continuação. Punição de Alexandre pela Divina Providência, *toû daimoníou*. Instabilidade e espanto diante de tal situação, *thaumázontes/tēs týchēs*); XXXIV/XXXV, 30c (Passagem corrompida mas que aparece o inesperado e a Fortuna, *tēs týchēs/paradóxo*s); XXXIV/XXXV, 32a (Jugurta admira a coragem dos romanos, *thaumásas*); XXXIV/XXXV, 33, 1 (História de Nasica [da família dos Cipiões], *thaumazómenos*); XXXIV/XXXV, 33 (Disputa da família com Catão).

LIVRO XXXVI (*Loeb Classical* Fragmentos):

XXXVI, 1, 2 (Rebelião de escravos surpreendente na Sicília, *paradoxos, parádoxon*); XXXVI, 2a (Conspiração de escravos na Nucéria; um senhor se apaixona por uma escrava, *parádoxos, parádoxon*); XXXVI, 4, 4 (Rebelião de escravos e o grande número de rebeldes, *parádoxos*); XXXVI, 5 (Rebelião de

escravos comandada por certo Atenion. Ataque inesperado, *anelpístōs*, a Lilibaion. Seu insucesso estava previsto pela astrologia o que espantou os rebeldes, *ethaúmazon*); XXXVI, Descrição de Triocala [perto de Acragas] e sua maravilhosa paisagem, *thaumastōs*. Intervenção da Fortuna na rebelião dos escravos, *hē týchē*).

LIVRO XXXVII (*Loeb Classical* Fragmentos):

XXXVII, 3, 3 (Mudança de costumes dos romanos. Antes das conquistas levavam uma vida frugal e moderada e, depois modo de vida suntuosos e luxuosos, *thaumazómenon*); XXXVII, 17 ([Referência incerta] ²⁸⁵ trata da importância do bem agir no sucesso (auge da dignidade e da fama) pois a Fortuna toma rumos inesperados, *paradóxōs*, *hē týchē*);

LIVRO XXXVIII/XXXIX (*Loeb Classical* Fragmentos):

XXXVIII/XXXIX, 5 (Signos enviados tanto pelo céu quanto pela terra de que determinados eventos ocorreriam, *thaumásion*); XXXVIII/XXXIX, 10 (Admiração demonstrada por Sila a Pompeu, *thaumásas*, *thaumázein*); XXXVIII/XXXIX, 20 (Pompeu na Sicília: sua administração foi marcada pela justiça o que maravilhou os siciliotas, *thaumázein*).

LIVRO XL (*Loeb Classical* Fragmentos):

XL, 5 (Conjuração de Catilina, *paradóxōs*).

Referências que Diodoro faz a historiadores em sua obra

Pierre Bertrac e François Chamoux chamam a atenção para os autores utilizados por Diodoro na composição de sua obra: Livro I, Agatárquides de Cnido, Apolodoro de Atenas, Cadmos de Mileto, Ctésias de Cnido, Éforo, Hecateu de Abdera, Hecateu de Mileto, Helânico de Lesbos, Matris de Tebas, Teopompo, Tucídides e Xenofonte. Livro II: Atenaios, Clitarco, Ctésias, Hecateu de Abdera, Heródoto e Jambolos. Livro III: Agatárquides, Artemiodoro de Éfeso e Dênis Skytobrachion. Livro IV: Calístenes, Éforo, Teopompo e Timeu. Livro V: Dosiadas,

²⁸⁵ Ver nota *Loeb Classical*, v. XII, p. 223, n. 2.

Éforo, Epimênides, Laostenidas, Filistos, Sosicrates, Timeu, Zenão de Rodes. Livro VI (frag.) Evêmero. Livro VII (frag.) Apolodoro de Atenas, Fabio Pictor, Teopompo. Livro X (frag.) Heródoto. Livro XI: Heródoto. Livro XII: Larissa, Teopompo, Tucídides, Timeu. Livro XIV: Anaxímenes, Anáxis, Atanas de Siracusa, Dionisodoros, Duris de Samos, Éforo de Cumas, Herméias de Metimna, Filistos e Xenofonte. Livro XVI: Calístenes, Demófilos, Dilos, Éforo de Cumas, Teopompo de Quios, Timeu. Livro XVII: não há nenhuma menção de historiador explícita de Diodoro ²⁸⁶. Livro XVIII: Jerônimo de Cárdia. Livro XX: Marsias de Pela, Timeu. Livro XXI: (frag.) Antandros, Cálias de Siracusa, Dilos, Psaon de Platéia, Timeu. Livro XXIII: (frag.) Filino de Agrigento, Filisto (?). Livro XXIV (frag.) Filinos. Livro XXVI (frag.) Menodotos de Perinto, Socilo de Élis. Livro XXXI: Políbio. Livro XXXII: (frag.) Políbio. Livro XL (frag.) Hecateu de Abdera. Eduard Schwartz estabeleceu uma lista das principais fontes utilizadas por Diodoro. (Ver *RE*, v. 9, p. 663.) Embora sejam importantes tais colocações, não foi meu interesse abordar à exaustão tais discussões já levadas a cabo pela filologia alemã com a *Einquelletheorie*. O objetivo do trabalho foi analisar a *Biblioteca Histórica per si* com todos os méritos e deméritos que a obra comporta. A inclusão desso quadro foi apenas para mostrar a magnitude das pesquisas realizadas por Diodoro para produzir sua *Biblioteca Histórica*.

²⁸⁶ GOUKOWSKY, editor do referido livro, “recuse (a) o abuso da hiper crítica estéril” e admita influência de um opúsculo anônimo editado sob o nome de *Epítome de Metz*. Este possui muitas concordâncias com o Livro XVI de Diodoro, que narra a epopéia de Alexandre Magno. Sabe-se, ainda, da existência de uma obra perdida de um historiador romano, Trogo Pompeu, em cuja obra teriam se baseado em outros autores da vida do Conquistador macedônico, como o próprio Diodoro, Quinto Cúrcio e também o redator anônimo do *Epítome de Metz*. Existem, ainda, concordâncias substanciais entre Diodoro e os fragmentos de Clitarco de Alexandria. (Ver GOUKOWSKY. Notice. In: *Bibliothèque Historique*. Livre XVII).

FONTES

ARISTÓTELES. *Investigación sobre los animales*. Madrid: Editorial Gredos, 1992. Introducción de Carlos García Gual. Traducción y notas de Julio Pallí Bonet.

_____. Dos princípios materiais fundamentais, n. 2. In: _____. *Metafísica*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Tradução grega de Vincenzo Cocco e notas de Joaquim de Carvalho. (Coleção Os Pensadores).

ARRIEN. *Histoire de l'Alexandre*. L'Anabase d'Alexandre le Grand et l'Inde suivi de "Flavius Arrien entre deux mondes" par Pierre Vidal Naquet. Traduction par Pierre Savinel. Paris, Les Éditions de Minuit.

_____. *Périple au Pont Euxin*. Paris, Les Belles Lettres, 1995.

_____. *L'Inde*. Paris: Les Belles Lettres, 2003, Traduction par Pierre Chantraine.

CTÉSIAS. *Histoires de l'Orient*. Paris: Les Belles Lettres, 1991. La Roue à Livres. Introduction, traduction et notes par Michel Casevitz. Préface de Pierre Vidal-Naquet.

DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, I, 1993. Introduction générale par François Chamoux et Pierre Bertrac. Texte établi par Pierre Bertrac et traduit par Yvonne Vernière. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, T. 2 Livre II, 2003. Texte établi et traduit par Bernard Eck. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, III, 1989. Texte établi et traduit par Bibiane Bommelaer. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, 2002. Tome VI, Livre XI, Texte établi et traduit par Jean Haillet. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XII, Texte établi et traduit par Michel Casevitz. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XIV, 2002. Texte établi et traduit par Martine Bonnet et Eric R. Bennett. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XV, Texte établi et traduit par Claude Vial. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XVII, 1976. Texte établi et traduit par Paul Goukowsky. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XVIII, 1978. Texte établi et traduit par Paul

Goukowsky. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, XIX, 1975. Texte établi et traduit par Françoise Bizière. *Naissance des dieux et des hommes. Bibliothèque Historique Livres I et II*. Paris: Les Belles Lettres, 1991. Introduction, traduction et notes par Michel Casevitz. Préface de Pierre Vidal-Naquet. *Bibliothèque Historique. Fragments. Livres XXI-XXVI*. Paris: Les Belles Lettres, 2006. Texte établi, traduit et commenté par Paul Goukowsky.

DIODORI SICULO. *Bibliothecae*. Liber XVI. Firenze: La Nuova Italia, 1969. Introduzione, testo e commento a cura di Marta Sordi.

DIODORUS OF SICILY. *Books I and II, 1-34*. v. I Cambridge/London: Harvard University Press, 1933. With an English translation by C. H. Oldfather. *Book II (continued) 35-IV, 58*. v. II. Cambridge/London: Harvard University Press, 1935. With an English translation by C. H. Oldfather. *Books IV(continued) 59-VIII*. .v. III. Cambridge/London: Harvard University Press, 1939. *Books IX-XII 40.*, v. IV. Cambridge/London: Harvard University Press, 1946. With an English translation by C. H. Oldfather. *Books XII 41-XIII*. v.V. Cambridge/London: Harvard University Press, 1950. With an English translation by C. H. Oldfather. *Books XIV-XV, 19*. v. VI. Cambridge/London: Harvard University Press, 1954. With an English translation by C. H. Oldfather. *Books XV. 20-XVI. 65*. v. VII. Cambridge/London: Harvard University Press, 1952. With an English translation by Charles L Sherman. *Books XVI. 66-95 and XVII*. V. VIII. Cambridge/London: Harvard University Press, 1963. With an english translation by C. Bradford Welles. *Books XVIII and XIX 1-65*. v. IX. Cambridge/London: Harvard University Press, 1947. With an English translation by Russel M. Geer. *Books XIX. 66-110 and XX*. v. X. Cambridge/London: Harvard University Press, 1954. With an English translation by Russel M. Geer. *Fragments of books XXI_ XXII*. V. XI. Cambridge/London: Harvard University Press, 1957. With an english translation by Francis R. Walton. *Fragments of books XXXIII-XL*. v. XII. Cambridge/London: Harvard University Press, 1967. With an english translation by Russel R. Walton.

DIODORUS SICULUS. *The reign of Philip II. The greek and Macedonian narrative from*

Book XVI. London: Bristol Classic Press, 1995. Introduction and commentary by E. I. McQueen.

ÉLIEN. *La personnalité des animaux*. II. Paris: Les Belles Lettres, 2002. Livres X à XVII. Traduit et commenté par Arnaud Zuker.

HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Maria de Fátima Silva e José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1994.

JUSTIN. *Abregés des Histoires Philippiques de Trogue Pompée*. Paris: Librairie Garnier Frères, s/d. Texte latin et traduction nouvelle de E. Chambry e Lucienne Thély-Chmabry.

MAGIE (LA). *Voix secrètes de l'Antiquité*. Textes traduits et présentés par Pascal Chavert et Anne-Marie Ozanam. Paris: Nil Éditions, 1994.

PARADOXÓGRAFOS GRIEGOS. *Rarezas e maravillas*. Madrid: Graedos, 1996. Introducción, traducción y notas de J. Gómez Espelosín.

PLINE (L'ANCIEN). *Histoire naturelle*. Paris: Les Belles Lettres, 1952. Livre VIII. Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout.

POLÍBIO. *História*. Brasília: UnB, 1996. Tradução de Mário da Gama Kury.

POLO, Marco. *O livro das maravilhas*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

PSEUDO-CALLISTHÈNE. *Le roman d'Alexandre*. Paris: Les Belles Lettres, 2004. La roue à Livres.

QUINTE-CURCE. *Histoires*. Paris: Les Belles Lettres, 1948. T. II (livres VII-X) Texte établi et traduit par H. Bardon.

BIBLIOGRAFIA INSTRUMENTAL E ESPECÍFICA

ADAM, Shenata. A importância da Núbia: um elo entre a África Central e o Mediterrâneo. In: MOKHTAR, G. (Org.). *História geral da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1980. v. II. A África antiga. (Comitê Científico Internacional para a Redação de uma História da África Unesco). Colaboração de Jean Vercoutter).

ALBRECHT, M. von. Diodor aus Agyrion. In: *Der Kleine Pauly*. (DKP). Manchen, 1979.

ALGANZA ROLDÁN, Minerva. *Narraciones de batallas en la Biblioteca Histórica de Diodoro de Sicilia*. Granada: Granada Unversidad, 1987. 361 p.

_____. Diodoro y el arte adivinatorio. Apuntes sobre el tratamiento de la mántica en la *Biblioteca Histórica*. In: *EFG*, II, 1986. S.113-122.

AMBAGLIO, Delfino. *La Biblioteca Storica di Diodoro Siculo. Problemi e metodo*. New Pr, 1995. Biblioteca di Athenaeum.

AOSPOROS, Demetra. A caça por glória dos barabaigs da Tanzânia. *National Geographic*, Brasil, São Paulo, Editora Abril, p. 86-103, jul. 2004.

BAÉZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros*. Das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BATTISTINI, Olivier; CHARVET, Pascal (Ed.). *Alexandre Le Grand*. Histoire et dictionnaire. Paris: Éditions Robert Laffont, 2004.

BATTISTINI, Olivier. Afrique. In: BATTISTINI, Olivier; CHARVET, Pascal (Ed.). *Alexandre Le Grand*. Histoire et dictionnaire. Paris: Éditions Robert Laffont, 2004.

_____. Arabie. In: BATTISTINI, Olivier; CHARVET, Pascal (Ed.). *Alexandre Le Grand*. Histoire et dictionnaire. Paris: Éditions Robert Laffont, 2004. `

BELMONT, Nicole. *Paroles païennes – mythes et folklore*. Paris: Imago, 1986.

BERNARDO, Bernardi. *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Lisboa: Edições 70, 1988.

BERND, Zilah. O maravilhoso como discurso alternativo. In: LEENHARDT, Jacques;

PESAVENTO, Sandra J. (Ed.). *Discurso histórico e narrativa*. Campinas: UNICAMP, 1996

BERTI, Nadia. Scrittori greci e latini di "Lybiká": la conoscenza dell'Africa settentrionale dal V al I secolo a.C. In: SORDI, Marta (Org.). *Geografia e storiografia nel mondo classico*. Milano: Vita e Pensiero, 1988.

BERTRAC, Pierre. La tradition manuscrite de Diodore de Sicile: sur une ouvrage posthume de Richard Laqueur. In: *REG*, Paris, Les Belles Lettres, 106, p. 195-213, jan./jun. 1993.

BIGWOOD, J. M. Diodorus and Ctesias. *Poenix. The Journal of the Classical Association of Canada*. Toronto: University of Canada, v. XXXIV, n. 3, p. 195-207, 1980.

BIZIÈRE, Françoise. Comment travaillait Diodore de Sicile. In: *Révue des Études Grecques. REG*, Paris, Les Belles Lettres, LXXXVII, p. 368-374, 1974.

_____. Notice. In: *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, 1975. I. XIX.

BONNET, Martine; BENNET, Eric R. Notice. In: DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique*. Paris: Les Belles Lettres, 2002. L. XIV.

BOTTÉRO, Jean. *Initiation à l'Orient ancien*. De Sumer à la Bible. Paris: Édition du

Seuil, 1992.

_____. *Mésopotamie. L'écriture, la raison et les dieux.* Paris: Gallimard, 1987.

BRIANT, Pierre. *Darius. Les perses et l'Empire.* Paris: Gallimard, 1992. Découvertes Gallimard.

_____. *Histoire de l'empire perse. De Cyrus à Alexandre.* Paris: Fayard, 1996.

BURDE, P. *Untersuchungen zur antiken Universalgeschichtsschreibung.* Dissertation. München, 1974.

BURKERT, Walter. *Die Griechen und der Orient.* München: C. H. Beck, 2003.

_____. *Les cultes à Mystères dans l'Antiquité.* Paris: Les Belles Lettres, 2003. (1^oedição 1987).

BURKERT, Walter. *Die orientalisierende Epoche in der griechischen Religion und Literatur.* Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, Vorgetragen am 8. mai, 1982, 1988. (Sitzungsbericht der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-historische Klasse).

BURTON, Anne. *Diodorus Siculus. Book I A Commentary.* Leiden: E. J. Brill, 1972.

CABANES, Pierre. *Le monde hellénistique. De la mort d'Alexandre à la paix d'Apamée. (323-188).* Paris: Éditions du Seuil, 1995.

CANFORA, Luciano. *A biblioteca desaparecida. Histórias da Biblioteca de Alexandria.* São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

CÀSSOLA, F. Diodoro e la storia romana. In: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt: Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung, ANRW.* De

Gruyter Berlin, II, 30. 1, 1982. p. 724-773.

CRAHAY, R. *La littérature oraculaire chez Hérodote*. Liège/Paris: Les Belles Lettres, 1956.

CARLIER, Pierre. *Le IV^e siècle grec. Jusqu'à la mort d'Alexandre*. Paris: Éditions du Seuil, 1995. Nouvelle Histoire de l'Antiquité.

CHAMOUX, François. Diodore de Sicile et la Lybie. *Quaderni di Archeologie della Lybia*, Roma, L'Erma di Bretschneider, p. 57-65, 1987.

CHAMOUX, François; BERTRAC, Pierre. Notice. In: Bibliothèque Historique. Paris: Les Belles Lettres, 1993. v. 1.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grec*. Paris: Éditions Klincksiek, 1968.

CYRULNIK, Boris (Ed.). *Si les lions pouvaient parler*. Essais sur la condition animale. Paris: Gallimard, 1988.

DAVID, Jean-Michel. *La république romaine*. De la deuxième guerre punique à la bataille d'Actium. 218-31 av. J.-C. Paris: Éditions du Seuil, 2000. Nouvelle Histoire de l'Antiquité.

DELORT, Robert. *Les animaux ont une histoire*. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

_____. La zoohistoire. In: CYRULNIK, Boris (Ed.). *Si les lions pouvaient parler*. Essai sur la condition animale. Paris: Gallimard, 1998.

DESANGES, Jehan. *Recherches sur l'activité des méditerranéens aux confins de l'Afrique*. Roma: École Française de Rome, 1978.

_____. Les grecs dans l'Afrique nilotique et érythréenne d'Alexandre à Cleopâtre. In: _____. *Recherches sur l'activité des méditerranéens aux confins de l'Afrique*. Roma: École Française de Rome, 1978. v. II.

_____. De la dynastie saïte aux conquêtes d'Alexandre. In: : _____. *Recherches sur l'activité des méditerranéens aux confins de l'Afrique*. Roma: École Française de Rome, 1978. v. II.

DESANGES, Jehan. Le périple d'Hannon. In: _____. *Recherches sur l'activité des méditerranéens aux confins de l'Afrique*. Roma: École Française de Rome, 1978. v. II.

DONADONI, Sergio (Org.). *O homem egípcio*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

DRIOTON, Étienne; VANDIER, Jacques. *Les peuples de l'Orient Méditerranéen. L'Égypte*. Paris: PUF, 1952. v. II. Coleção Clio.

DROYSEN, Johan Gustav. *Geschichte des Hellenismus. 1. Geschichte Alexanders des Großen. 2. Geschichte der Diadochen. 3. Geschichte der Epigonen*. Darmstadt: Primus Verlag, 1988.

_____. *Geschichte der Bildung des hellenistischen Staatensystemes*. 1843, p. 584 *apud* MOMIGLIANO, Arnaldo. *Problème d'historiographie ancienne et moderne*. Paris: Gallimard, 1983.

_____. *Geschichte des Alexanders des Grossen*. Darmstadt: Primus Verlag, 1998.

DUCREY, Pierre. *Guerre et guerriers dans la Grèce antique*. Paris: Payot, 1985.

FARRINGTON, B. *Diodorus Siculus. Universal historian*. Swansea, 1937, p. 5 *apud*

LENS-TUERO, Jésus. Sobre la naturaleza histórica de la Biblioteca Histórica de

Diodoro de Sicilia. In: _____. *Estudios sobre Diodoro de Sicilia*. Granada: Universidad de Granada, 1994.

FRIETEN, Heinrich Joseph. *De Agatarchide Cnidio*. Bonnae, 1803.

FROIDEFOND, Christian. *Le mirage égyptien dans la littérature d'Homère a Aristote*. Aix-em-Provence: Publications Universitaires de Lettres et Sciences Humaines, 1971.

GARLAN, Yvon. *Guerra e economia na Grécia antiga*. São Paulo: Papyrus, 1991.

GÄRTNER, Hans. Ephoros. In: *Der Kleine Pauly*: Lexicon der Antike in fünf Bänden. München: Deutscher Taschenbuc Verlag, 1979.

GEHRKE, Hans-Joachim. Introdução. *Geschichte des Hellenismus*. München: R. Oldenbourg Verlag, 1990.

GIOVANNELII-JOUANNA, P. La monographie consacré à Héraclès dans le livre IV de la Bibliothèque Historique de Diodore de Sicile: tradition et originalité. *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, Paris, Bd. 1, p. 83-109, 2001.

GODWIN, Peter. Os deuses devem estar loucos. A triste sina dos bosquímanos africanos. *National Geographic*, Brasil, São Paulo, Editora Abril, p. 72-99, fev. 2001.

GÓMEZ ESPELOSÍN, Espelosín, F. J.; LARGACHA, Antonio Pérez; GIRVÉS, Margarita Vallejo. *Terras fabulosas de la antiguidad*. Madrid: Universidad de Alcalá, 1994.

GÓMEZ ESPELOSÍN, Espelosín. Introducción. In: *Paradoxógrafos griegos*. Rarezas e maravillas. Madrid: Graedos, 1996.

GOLDHILL, Simon (Org.). *Being greek under Rome*. Cultural Identity, the second Sophistic and the development of Empire. United Kingdom: Cambridge University Press, 2001.

GOUKOWSKY, Paul. *Essai sur les origines du mythe d'Alexandre*. Nancy: Université de Nancy, 1978. 2 v.

_____. Notice. In: *Bibliothèque Historique*. Livre XVII. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

_____. Introduction. In: *Bibliothèque Historique*. Livre XVII. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

GRAF, Fritz. *La magie dans l'Antiquité gréco-romaine*. Idéologie et pratique. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

GRAF, Fritz. Magie, Magier. In: *Der Neue Pauly. Enzyclöpadie der Antike*. CANCIK, Hubert; SCHNEIDER, Helmuth. Stuttgart/Weimar: J. B. Metzler, (data?). Band 7, Lef-Men.

GRANT, Michael. *Greek and roman historian*. Information and misinformation. London/New York: Routledge, 1995.

GRIMAL, Nicolas. *Histoire de l'Égypte ancienne*. Paris: Fayard, 1998.

GUAL, Carlos Garcia. Introducción. In: ARISTÓTELES. *Investigación sobre los animales*. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

HART, George. O passado lendário. In: *Mitos egípcios*. São Paulo: Editora Moraes, 1992.

HARTOG, François. *Mémoire d'Ulysse*. Récits sur la frontière en Grèce ancienne. Paris: Gallimard, 1996.

_____. *A história de Homero a Santo Agostinho*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

HEGEL, Georg W. F. História filosófica. In: GARDINER, Patrick. *Teorias da história*. Lisboa: Fundação Calouste Goulbekian, [s.d.].

HEINE, Heinz. *Geschichte des Hellenismus*. Von Alexander bis Kleopatra. München: C. H. Beck, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1992. (1ª edição em 1959).

HOOKER, J. T. *Lendo o passado*. Do cuneiforme ao alfabeto. A história da escrita antiga. São Paulo: Edusp/Melhoramentos, 1996.

HOWATSON, Margaret. (Dir.). *Dizionario delle letterature classiche*. Torino: Giulio Einaudi, 1993.

JACOBY, Felix. *Abhandlungen zur Griechischen Geschichtsschreibung*. Leiden: E. J. Brill. Editado por Herbert Bloch. (Zu seinem 80. Geburtstag am 19. März 1956).

KI-ZERBO, J. (Org.). *História geral da África*. I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática/UNESCO, 1980.

LAQUEUR, Richard. Diodorea. In: *Hermes*. Zeitschrift für Klassische Philologie. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, November, 1958. 86. Band, Heft 3. 257-290.

LEAKEY, Richard E.; LEWIN, Roger. *O povo do Lago*. O homem: suas origens, natureza e futuro. Brasília: UnB, 1996.

LECLANT, J. O império de Kush: Napata e Meroé. In: MOKTHAR, G. *História geral da*

África. II. A África antiga. São Paulo: Ática/UNESCO, 1980.

LEGRAND, Ph-E. In: HERÓDOTE. *Histoires*. Paris: Les Belles Lettres, 1982. v. II.

LENS-TUERO, Jésus. *Estudios sobre Diodoro de Sicilia*. Granada: Universidad de Granada, 1994.

LÉVÊQUE, Pierre. *L'aventure grecque*. Paris: Armand Colin, 1964.

_____. *Animais, deuses e homens*. O imaginário das primeiras religiões. Lisboa: Edições 70, 1985. (Série: Perspectivas do Homem).

LÉVY, Edmond. *La Grèce au V^e siècle*. De Clithène à Socrate. Paris: Éditions du Seuil, 1995. (Nouvelle Histoire de l'Antiquité, v. 2).

LEWIS, Naphtali. *Greeks in Ptolomaic Egypt*. Case Studies in the Social History of the Hellenistic World. Oakville: American Society of Papyrologists, 2001.

MAGNOLI, Demétrio (Org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAPA do antigo Egito. *National Geographic Society*, Grandes povos do passado, abr. 2001.

MEISTER, Klaus. *Die griechische Geschichtsschreibung*. Von den Anfängen bis zum Ende des Hellenismus. Stuttgart/ Berlin/ Köln: W. Kolhammer, 1990.

_____. Diodorus Siculus. In: *Der Neue Pauly. Enzyklopädie der Antike*. Herausgegeben von Hubert Cancyk und Helmuth Schneider. Altertum Bd. III. Cl-Epi. Stuttgart & Weimar: J. B. Metzler, 1997. S. 592-594.

_____. *Die sizilische Geschichte bei Diodor von den Anfängen bis zum Tod des Agatokles*. Quellenforschungen zu Buch IV- XXI. Diss. München, 1967.

MENU, Bernadette. *Ramsés II. Soberano dos soberanos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002 (Série Descobertas editada pela Gallimard).

MESLIN, M. *Le merveilleux. L'imaginaire et les croyances em Occident*. Paris: Bordas, 1984.

MEYER, Ernst. Introdução. In: SCHLIEMMAN, Heinrich. *Ítaca, o Peloponeso e Tróia*. São Paulo: Ars Poética, 1992.

MINI CALDAS AULETE. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

MOKHTAR, G. (Org.). Introdução geral. In: _____. *História Geral da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1980. v. II. A África antiga.

MOMIGLIANO, Arnaldo. J.-G. Droysen entre les grecs et les juifs. In: _____. *Problème d'historiographie ancienne et moderne*. Paris: Gallimard, 1983.

_____. *Sagesses barbares. Les limites de l'hellénisation*. Paris: Gallimard, 1976.

_____. *Philippe de Macédoine. Essai sur l'histoire grecque au quatrième siècle*. Paris: Editions de L'Éclat, 1992. (1. edição, 1934).

_____. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Edusc, 2004.

MORELL, Virginia. Deserto de Danakil, Etiópia. O lugar mais cruel da terra. *National Geographic*, Brasil, São Paulo, Editora Abril, p. 116-135, out. 2005.

_____. Nilo azul. As águas sagradas da Etiópia. *National Geographic*, Brasil, São Paulo, Editora Abril, p. 43-44, dez. 2000.

MOSSÉ, Claude. *Alexandre o Grande*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

MOTA, Cynthia Cristina de Moraes. *A noção de thôma obra de Heródoto: uma discussão em torno do conceito de maravilhoso*. Belo Horizonte: FaFiCH, 2000. (Diss.).

PAPAVERO, Nelson; ABE, Jair Minoro. Categorias do ser e biologia. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, Instituto de Estudos Avançados, v. 6, n. 14, p. 143-156, 1992.

PÉDECH, Paul. *Historiens compagnons d'Alexandre*. Callisthène, Onésicrite, Néarque, Ptolémée, Aristobule. Paris: Les Belles Lettres, 1984.

_____. *La géographie des grecs*. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

POURSAT, Jean-Claude. *La Grèce préclassique*. Des origines à la fin du VI^e siècle. Paris: Éditions du Seuil, 1995. (Nouvelle Histoire de l'Antiquité, v. 1).

REALI, Giovanni. *História da filosofia antiga*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. v. III.

ROGERSON, John. *A Bíblia*. Terra, história e cultura dos textos sagrados. Madrid: Edições Del Prado, 1996. V. II: Os caminhos de Deus. (Coleção Grandes Impérios e Civilizações).

ROULAND, Norbert. *Roma, democracia impossível? Os agentes do poder na urbe romana*. Brasília: UnB, 1997.

ROUX, Georges. *La Mésopotamie*. Paris: Éditions du Seuil, 1995. (Nouvelle édition).

SACKS, Kenneth S. *Diodorus Siculus and the first century*. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 1990.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia

das Letras, 2001.

SALAMA, P. O Saara durante a Antigüidade clássica. In: MOKHTAR, G. (Org.). Introdução geral. In: _____. *História Geral da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1980. v. II. A África antiga.

SALES, José das Candeias. *As divindades egípcias*. Uma chave para a compreensão do Egito antigo. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

SCHMITT, Hatto H.; VOGT, Ernst. *Kleines Lexikon des Hellenismus*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 1993.

SCHWARTZ, Eduard. *Griechische Geschichtsschreiber*. Leipzig: Koehler/Amelang, 1957.

_____. Diodoros von Agyrion. In: *Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*. Stuttgart: J. B. Metzger Verlag, 1903. v. 9.

SCHWABACHER, W. Ephoros von Kyme. In: *Lexicon der Alten Welt*. Düsseldorf: Albatros Verlag, 2001.

SHERIF, M. N. A Núbia antes de Napata (3.100 a 750 antes da era cristã). In: MOKHTAR, G. (Org.). *História Geral da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1980. v. II. A África antiga.

SORDI, Marta (Org.). *Geografia e storiografia nel mondo classico*. Milano: Università Cattolica Milano, 1988. (Vita e Pensiero).

_____. *Il confine nel mondo classico*. Milano: Università Cattolica de Milano, 1987. (Vita e Pensiero).

_____. *Bibliothecae*. Liber Decimus Sextus. Firenze: La Nuova Itália, 1969.

(Introduzione, texto e commento a cura de Marta Sordi).

SPOERRI, Walter. *Späthellenistische Berichte über Welt, Kultur und Götter. Untersuchungen zu Diodor von Sizilien*. Basel, 1959.

_____. Diodoros. In: *Lexicon der Alten Welt*. Zurich/Stuttgart, 1965.

SPOERRI, Walter. Diodorus Siculus von Agyrion (Sizilien). In: *Lexicon der Alten Welt. (LAW)*. Zürich/Stuttgart, 1990.

STORER, Tracy I.; USINGER, Robert L.. *Zoologia geral*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979.

VERCOUTTER, Jean. *Em busca do Egito esquecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. (Série Descobrimientos da Editora Gallimard).

VIAL, Claude. *Les grecs. De la Paix d'Apamée à la bataille d'Actium, 188-31*. Paris: Éditions du Seuil, 1995. (Nouvelle Histoire de l'Antiquité, v. 5).

_____. Notice. In: Bibliothèque Historique. Paris: Les Belles Lettres, 1977.

VIDAL-NAQUET, Pierre. Diodoro e o Velho de Creta. In: _____. *Os gregos, os historiadores e a democracia. O grande desvio*. São Paulo: Cia. das letras, 2002.

VOGT, Ernst. Helenismus. In: SCHMITT, Hatto; VOGT, Ernst. *Kleines Lexikon des Hellenismus*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 1993.

VOLQUARSEN, Christian August. *Untersuchungen über die Quellen der griechischen und sizilischen Geschichten bei Diodor, Buch XI bis XVI*. Kiel: Schwers'sche Buchhandlung, 1868.

ZAYED, Abd El Hamid. Relações do Egito com o resto da África. In: MOKTHAR, G. *História geral da África. II. A África antiga*. São Paulo: Ática/UNESCO, 1980.

ZUCKER, Armand. Éléphants. In: BATTISTINI, Olivier; CHARVET, Pascal (Ed.). *Alexandre Le Grand*. Histoire et dictionnaire. Paris: Éditions Robert Laffont, 2004.

WALKER, C. B. F. O cuneiforme. In: HOOKER, J. T. (Org.). *Lendo o passado*. Do cuneiforme ao alfabeto. A história da escrita antiga. São Paulo: Edusp/Melhoramentos, 1996.

WEBSTER, Donovan. Grande vazão. Uma viagem pelo lendário mar de areia da Arábia. *National Geographic*, Brasil, São Paulo, Editora Abril, p. 30-57, fev. 2005.

WEEKS, Kent R. O Vale dos Reis. *National Geographic*, Brasil, São Paulo, Editora Abril, [s.d.]. Edição especial do colecionador.

WILL, Édouard. *Histoire politique du Monde Hellénistique*. (323-30 av. J.-C.) Paris: Éditions du Seuil, 2003. 2 v. (1ª edição em 1966/1967).

WIRTH, Gerhard. *Diodor und das Ende des Hellenismus*. Power and spirit. Sitzungsberichte der Österreichischen Akademie der Wissenschaften in Wien, SAWN, Wien, Philosophie, Historische Klasse, 600, 1993. 52 p.

_____. Éphoros von Kyme. In: SCHMITT, Hatto H.; VOGT, Ernst. *Kleines Lexikon des Hellenismus*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 1993.

WOELK, Dieter. *Ueber das Rote Meer*. Uebersetzung und Kommentar. Bamberg, 1966.